



# História da Educação no Rio Grande do Sul

25 anos de Asphe, entre memórias, trajetórias  
e perspectivas

Volume II

Fernando Ripe [Org.]



História da Educação no Rio Grande do  
Sul: 25 anos de ASPHE, entre memórias,  
trajetórias e perspectivas

## **FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL**

*Presidente:*

José Quadros dos Santos

### **UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL**

*Reitor:*

Evaldo Antonio Kuiava

*Vice-Reitor:*

Odacir Deonísio Graciolli

*Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:*

Juliano Rodrigues Gimenez

*Pró-Reitora Acadêmica:*

Flávia Fernanda Costa

*Chefe de Gabinete:*

Gelson Leonardo Rech

*Coordenadora da EducS:*

Simone Côrte Real Barbieri

### **CONSELHO EDITORIAL DA EDUCS**

Adir Ubaldino Rech (UCS)

Asdrubal Falavigna (UCS) – presidente

Cleide Calgaro (UCS)

Gelson Leonardo Rech (UCS)

Jayme Paviani (UCS)

Juliano Rodrigues Gimenez (UCS)

Nilda Stecanela (UCS)

Simone Côrte Real Barbieri (UCS)

Terciane Ângela Luchese (UCS)

Vania Elisabete Schneider (UCS)



# História da Educação no Rio Grande do Sul: 25 anos de ASPHE, entre memórias, trajetórias e perspectivas

Volume II

Fernando Ripe (Org.)



© do autor  
1ª edição 2021

Editoração: Giovana Letícia Reolon

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Universidade de Caxias do Sul  
UCS – BICE – Processamento Técnico

H673 História da educação no Rio Grande do Sul [recurso eletrônico]: 25 anos de ASPHE, entre memórias, trajetórias e perspectivas / organizador Fernando Ripe. – Caxias do Sul, RS: Educs, 2021.  
Dados eletrônicos (2 arquivo: volume 2).

ISBN 978-65-5807-112-9  
Apresenta bibliografia.  
Vários autores.  
Obra em volumes.  
Modo de acesso: World Wide Web.

1. Educação – Rio Grande do Sul – História. 2. Associações, instituições, etc. – História. I. Ripe, Fernando.

CDU 2.ed.: 37(816.5)(091)

Índice para o catálogo sistemático:

1. Educação – Rio Grande do Sul – História	37(816.5)(091)
2. Associações, instituições, etc. – História	374.73(091)

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária  
Ana Guimarães Pereira - CRB 10/1460.

Direitos reservados a:

**EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul**



Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bairro Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil  
Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil  
Telefone/Telefax: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR (54) 3218 2197  
Home Page: [www.ucs.br](http://www.ucs.br) – E-mail: [educs@ucs.br](mailto:educs@ucs.br)

**A revisão ortográfica desta obra é de responsabilidade dos autores e do organizador.**

# Sumário

## **Prefácio**

**De encontros, espaços e possibilidades investigativas, a Associação Sul-Riograndense de História da Educação (ASPHE)..... 8**

*Patrícia Weinduschadt*

*Terciane Ângela Luchese*

## **Apresentação**

**A busca pela lâmpada do conhecimento de Mnemosyne ..... 16**

*Fernando Ripe*

**Abrindo uma caixa de recordações: os 25 anos da ASPHE vividos como experiência..... 28**

*Julia Tomedi Poletto*

*Lucas Costa Grimaldi*

*Marcos Luiz Hinterholz*

**Etnia, etnicidade e História da Educação nos Encontros da ASPHE/RS: mirar em retrospectiva ..... 53**

*Patrícia Weiduschadt*

*Terciane Ângela Luchese*

**O Ensino Primário no meio rural em pesquisas abordadas nos eventos da ASPHE (1995-2019) ..... 78**

*José Edimar de Souza*

*Vania Grim Thies*

**Acervo, Arquivo, Patrimônio, Museu: as palavras e seus mistérios no tempo dos eventos de um campo de estudos..... 98**

*Vanessa Barrozo Teixeira Aquino*

*Maria Stephanou*

*Zita Possamai*

**Livros didáticos como fonte e objeto de pesquisa: um panorama das produções divulgadas nos anais da ASPHE e na Revista História da Educação.....123**

*Lisiane Sias Manke*

*Eliane Peres*

*Lucas de Souza Pedroso*

<b>Desenhando um lugar para a História da Educação Matemática na ASPHE .....</b>	<b>144</b>
<i>Elisabete Zardo Búrigo</i>	
<i>Diogo Franco Rios</i>	
<b>Espaço e Arquitetura Escolar: uma cartografia sul-rio-grandense (2000-2020).....</b>	<b>174</b>
<i>Estela Maris Reinhardt Piedras</i>	
<i>Tatiane de Freitas Ermel</i>	
<b>Religiosidade nos anais dos Encontros da ASPHE (1997-2019): um olhar a partir de investigações histórico-educativas .....</b>	<b>195</b>
<i>Maria Angela Peter da Fonseca</i>	
<i>Patrícia Weiduschadt</i>	
<b>As abordagens sobre contextos imigratórios ao longo dos 25 anos de anais da ASPHE .....</b>	<b>212</b>
<i>Elias Kruger Albrecht</i>	
<i>Karen Laiz Krause Romig</i>	
<i>Márcio Avila Barreto</i>	
<i>Simone Gomes de Faria</i>	
<b>O desafio da Revisão Sistemática de Literatura com estudos envolvendo a temática gênero e história das mulheres na Revista História da Educação.....</b>	<b>239</b>
<i>Daiane Dala Zen</i>	
<b>Um mapeamento das produções sobre Cultura Escolar e Cultura Material Escolar nos anais da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – ASPHE (1997 a 2019).....</b>	<b>254</b>
<i>Joseane Cruz Monks</i>	
<i>Leonardo Capra</i>	
<b>O uso de Impressos Periódicos nas investigações da ASPHE (1997-2019).....</b>	<b>274</b>
<i>Andrea Gonçalves dos Santos</i>	
<i>Chéli Nunes Meira</i>	
<i>Jaqueline de Gaspari Piotrowski</i>	
<i>Lislaine Sirsi Cansi</i>	
<i>Simôni Costa Monteiro Gervasio</i>	
<i>Tânia Nair Alvares Teixeira</i>	

<b>Revisão da literatura sobre Artes em eventos e periódicos da ASPHE (2010-2020).....</b>	<b>293</b>
<i>Clarice Rego Magalhães</i>	
<i>Estela Maris Reinhardt Piedras</i>	
<i>Lislaine Sirsi Cansi</i>	
<i>Liziane Nolasco Fonseca</i>	
<i>Raquel Azambuja Santos</i>	
<b>A arte nas capas da Revista História da Educação (RHE) – 1997-2020 .....</b>	<b>312</b>
<i>Lislaine Sirsi Cansi</i>	
<i>Liziane Nolasco Fonseca</i>	
<i>Simôni Costa Monteiro Gervasio</i>	
<b>A infância como um campo discursivo: perspectivas teórico-analíticas nos encontros da ASPHE .....</b>	<b>338</b>
<i>Fernando Ripe</i>	
<i>Giana Lange do Amaral</i>	
<i>Jeane dos Santos Caldeira</i>	
<b>Sobre autoras e autores .....</b>	<b>363</b>



## Prefácio

### **De encontros, espaços e possibilidades investigativas, a Associação Sul-Rio-Grandense de História da Educação (ASPHE)**

*Patrícia Weiduschadt  
Terciane Ângela Luchese  
Em setembro de 2021.*

*Guardar  
Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.  
Em cofre não se guarda coisa alguma.  
Em cofre perde-se a coisa à vista.  
Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por  
admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.  
(Antonio Cicero, 1996, p. 337).*

Como pesquisadores, em nosso fazer cotidiano somos instigados continuamente a publicar e dar a ver os resultados de nossas investigações, a conhecermos o campo, a considerarmos quem produziu algo que se interliga às nossas, enfim a compartilhar resultados. No contexto do Rio Grande do Sul, desde os anos 90 do século XX, os pesquisadores vinculados à História da Educação têm na ASPHE um lugar de encontro, de partilha, de aprendizagem que, como no poema escrito por Cicero (1996) nos marcou e que desejamos guardar. Guardar memórias e histórias dos 26 encontros, do conhecimento produzido e compartilhado, das pessoas que participaram no ontem e no hoje e que este e-book, de certo modo, apresenta sob forma de revisão da produção científica.

É importante reconhecer que uma associação científica que promove encontros anuais desde 1995 representa um espaço profícuo de trocas e construção de conhecimento científico. Mirar a ASPHE por esta perspectiva, como se admirando um calidoscópio, seria tão

apenas ver parte, importante certamente, mas não a única. Girar o calidoscópico, nos faz pensar nos encontros da ASPHE como os espaços acolhedores, de encontros afetivos e intelectuais, de partilha e construção coletiva de propostas de pesquisa, de outros eventos, de publicações. Entre a capital e o interior gaúcho, foram se constituindo relações, aproximações e muitas amizades. Amizades e admiração intelectual por pessoas queridas que saíram do lugar de leituras realizadas e se concretizaram na materialidade da vida de tantos pesquisadores.

Pausamos a escrita para não incorrer em erros, mas muitos nomes foram sendo acrescentados dos primeiros fundadores a seus orientandos, o grupo de investigadores foi crescendo. Outros jovens pesquisadores, engajados em pesquisas em diferentes níveis, da iniciação científica ao pós-doutorado, que circularam, marcaram presença e nos permitiram aprender mais por meio das apresentações, debates e convivências. Nós, autoras deste prefácio, nos constituímos como pesquisadoras tendo a ASPHE como referência. Primeiramente como estudantes e em poucos anos passamos a ter nossos orientandos também como participantes dos encontros. Além das pessoas das instituições gaúchas que pesquisavam temas da história da Educação, os encontros foram espaços profícuos para a interlocução temática com convidados do país e alguns do exterior. A diversidade de experiências, de conhecimentos e de itinerários formativos produziu um ambiente que foi marcado, ao longo dos anos, por uma acolhida marcada por afetos, por convivências e trocas.

Apresentar resultados de pesquisa e ter interlocutores, sim, um dos diferenciais também foi este. Um espaço de escuta, de fala, de troca, de construção coletiva. Como toda vivência humana, um lugar de potência, mas também de tensões. As assembleias, as mesas, as conferências, as sessões de trabalho. Todos os momentos muito enriquecedores para a produção e a constituição de um vir a ser

pesquisador. Nossa pertença se vincula aos sentidos que atribuímos ao que vivemos. A ASPHE se constituiu como espaço de encontro e troca, espaço de escuta, de acolhimento, de diálogo. Em que relações de amizade e de troca intelectual foram cimentadas. Mais do que um lugar para a divulgação científica, um momento constitutivo, de identificação com o fazer da pesquisa.

A vitalidade da História da Educação como pesquisa está, de certo modo, assentada nesses movimentos de organização que fecundam espaços de encontro, interlocução e de debate sobre os rumos das investigações. É reconhecida a renovação dos objetos, dos documentos, das metodologias e das categorias analíticas que temos colocado em jogo no ofício da pesquisa em História da Educação. Nossa posição de fronteira, de estarmos entre a História e a Educação não tem nos bastado e outros referenciais para a pesquisa, advindos da Sociologia, da Antropologia, da Psicologia, da Economia, da Filosofia, das Ciências Políticas, entre outros, tem servido para ampliar e fundamentar nossas análises. Se, de um lado, isso pode ser considerado fortaleza, de outro, é visto como dispersão acadêmica, multiplicidade, atomização de linhas de pesquisa, o que tem gerado a sensação de um processo de desagregação disciplinar, como referem Terrón, Fernández e Braga (2005).

Some-se, como atesta Pozo Andrés (2012, p. 38) um “sentimento de urgência da necessidade de reinventar a História da Educação para justificar sua presença nos currículos universitários”. Talvez, como a própria autora aconselha, seja

bom momento para acalmar-se, repousar e refletir sobre o início e o desenvolvimento das tradições historiográficas atuais e sobre sua pertinência e eficácia no momento presente. Este olhar nos permitirá apontar algumas propostas de futuro que ajudem nossa disciplina a sair da crise acadêmica – não a de pesquisa – em que ela se

encontra imersa, e a alcançar uma maior visibilidade social (POZO ANDRÉS, 2012, p. 42).

Nesse sentido, a importância de intervir, ou como atentamos, marcar presença por meio da pesquisa em História da Educação, mas também de seu ensino. Em tempos pragmáticos de velocidade, consumo, utilitarismo, eficácia/eficiência, aplicabilidade e qualidade, como a História da Educação pode disputar narrativas e contribuir para uma educação pública de qualidade? Desse modo, percebendo que narramos histórias, operando, como nos lembra Certeau (1982) na relação entre um lugar social (a disciplina), uma prática (a pesquisa) e seu resultado sob a forma de produção (a escrita). Consultando arquivos, selecionando e compilando documentos, ordenando-os, reescrevemos, revisamos os problemas do presente, transformamos os documentos em monumentos, como afirma Le Goff (1990), esculpindo evidências, articulando, produzindo sentido, narrando.

Por isso, é preciso “tomar a História como a arte de inventar o passado, a partir dos materiais dispersos deixados por ele” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 64), considerando as regras que lhe são próprias nessa produção. Pois como nos alertou Ginzburg

as fontes não são nem janelas escancaradas como acreditavam os positivistas, nem muros que obstruem a visão como pensam os cépticos: no máximo poderíamos compará-las a espelhos deformantes. A análise de distorção específica de qualquer fonte implica um elemento construtivo. [...] O conhecimento (mesmo o conhecimento histórico) é possível (GINZBURG, 2002, p. 44-45).

No ateliê do historiador, atentar para as “zonas opacas” e indícios como diz Ginzburg (2007), escovando a história a contrapelo como Walter Benjamin (1987) incitava a fazer, aprendendo a perguntar e a ler os testemunhos às avessas, ‘contra’ as intenções de

quem os produziu. Desse modo, entendemos juntamente com Albuquerque que história

não é processo único, mas fruto do cruzamento de diferentes processos, que não segue uma linearidade temporal, pois comporta a convivência entre diferentes temporalidades; uma história em busca de muitas possibilidades não realizadas, uma história do singular, do diferente (ALBUQUERQUE, 2007, p. 253–254).

E, para isso, é fundamental discutir nossa cultura profissional e nos desafiarmos cotidianamente no aprofundamento de nossas bases epistemológicas, de nossos referenciais teórico-metodológicos, abriremos nosso pensamento para a ambivalência, fugindo dos lugares comuns, lutando contra a mediocridade, criando as perguntas que nos são possíveis no tempo presente, no vivido, para que a urdidura do passado educacional possa ser tecido. É preciso saber pensar. E escrever. E perguntar. Este é nosso ofício. Muito aprendemos com o espaço de encontro que a ASPHE tem nos proporcionado. Que os jovens que estão chegando a nossa associação compreendam, apreendam e possam também perseverar neste espírito de construção coletiva.

Diante dessa renovação de pesquisadores ao longo da constituição da associação, consolidou-se o e-book comemorativo em alusão aos 25 anos da ASPHE. São movimentos de pesquisadores de várias gerações que decidiram olhar e mapear as publicações dos anais dos eventos e da revista História da Educação.

Esse mapeamento, composto de investigações em diferentes períodos, pode ser considerado como marcas constituídas dos trabalhos dos grupos de pesquisas, assim como de esforços individuais, que, ao mesmo tempo, abordaram uma perspectiva mais local, mas, que também, reverberaram em outros contextos maiores, como publicização do desenvolvimento das pesquisas em

eventos/periódicos nacionais e internacionais. Desse modo concordamos com Rolnik (1993, p. 244) ao abordar marcas constituídas em trajetórias pessoais e profissionais:

[...] Cada marca tem a potencialidade de voltar a reverberar quando atrai e é atraída por ambientes onde encontra ressonância (aliás muitas de nossas escolhas são determinadas por esta atração). Quando isto acontece a marca se reatualiza no contexto de uma nova conexão, produzindo-se então uma nova diferença (ROLNIK, 1993, p. 244).

Ao mapear as publicações nos anais e artigos da revista, realizado por pesquisadores que participam ativamente da associação, percebe-se um trabalho de levantamento e de aproximações dos textos, a partir das ressonâncias constituídas e que vão se engendrando em conexões com outras pesquisas. Ou seja, os mapeamentos realizados vieram da escolha de uma categoria analítica de determinada área mobilizada no campo da História da Educação e que têm íntima relação com a trajetória dos autores do e-book. As escolhas poderiam ser outras, mas estão entrelaçadas com as marcas dos autores que reconhecem nas publicações dos anais e dos artigos da revista, relações e conexões com as próprias marcas de suas trajetórias como pesquisadores.

A História da Educação, como presença, nesse estar entre a História e a Educação, partilhada entre o ofício da pesquisa e do ensino, provoca para que assumamos, em nosso cotidiano, com ética e seriedade, a produção de sentido por meio da análise dos processos educativos, ainda mais significativos nesses tempos sombrios.

É para uma formação que faça frente aos desmontes e ataques à ciência, à produção do conhecimento nas humanidades, ao pensamento crítico que precisamos permanecer firmes no propósito de apoiar nossas associações, a exemplo da ASPHE, coletivos que nos

representam, que são espaço para dividirmos nossos resultados de pesquisa, mas também para nos fortalecermos e resistirmos, com alguma sanidade, ao que estamos vivendo. Vida longa à ASPHE, gratidão e reconhecimento a todos e todas e a cada um/uma que invita esforços para permanecermos pesquisando e produzindo ciência neste país. Encerramos nosso convite à leitura dos textos do e-book com o intuito de perceber os balanços apresentados como reconhecimento da intensidade da produção, dos temas para guardarmos, para pensarmos e, também, para percebermos as brechas, os escapes e os anúncios possíveis para a continuidade da pesquisa em História da Educação. Como inspiram as palavras de Cicero (1996)

*Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,  
por isso se declara e declama um poema:  
Para guardá-lo:  
Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:  
Guarde o que quer que guarda um poema:  
Por isso o lance do poema:  
Por guardar-se o que se quer guardar.  
(Antonio Cicero, 1996, p. 337).*

## Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História**. A arte de inventar o passado. Bauru, SP: EDUSC, 2007.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CERTEAU, Michel. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CICERO, Antonio. **Poemas escolhidos**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996.
- GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**. Verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GINZBURG, Carlo. **Relações de força**. História, retórica, prova. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

POZO ANDRÉS, María del Mar del. Tradiciones e invenciones em historia de la educación: conectando presencias, tendências y audiencias. In: SIMÕES, Regina Helena Silva e GONDRA, José Gonçalves (org.). **Invenções, tradições e escritas da história da educação**. Vitória: EDUFES, 2012, p. 37 – 80.

ROLNIK, Sueli. Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético/estética/política no trabalho acadêmico. In: **Cadernos de subjetividade**. São Paulo, vol. 2, n. 1, p. 241-251, 1993.

TERRÓN, Aída, FERNÁNDEZ, Violeta e BRAGA, Gloria. La Enseñanza de la Historia de la Educación: cuanto de innovación? A modo de reflexión crítica. In: LORENZO, Manuel Ferraz (ed.). **Repensar la historia de la educación. Nuevos desafíos, nuevas propuestas**. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2005, p. 313 – 335.



# Apresentação

## A busca pela lâmpada do conhecimento de Mnemosyne<sup>1</sup>

*Fernando Ripe*

A memória, sem sombra de dúvidas, é a capacidade humana que possibilita a compreensão e a consciência do transcorrer do tempo. Essa possibilidade subjetiva permite conservar ideias ou imagens, reter informações e sensações, a partir de experiências individuais e coletivas anteriores, capazes de propiciarem mecanismos internos de buscas por respostas. Então, é por meio da memória que um conjunto de fatos, eventos e lembranças podem ser cativados, esquecidos ou mesmo modificados. Assim como a memória, a linguagem também é evocadora das lembranças e recordações, na medida que é com ela que expomos os fatos, os dados e os motivos que diretamente dizem respeito a uma determinada reminiscência.

Na mitologia grega, como forma de resistência ao esquecimento desafiado pelo tempo, a titânide Mnemosyne personifica a memória e a linguagem. Ainda que exista diferentes modos de contar a invenção desta deusa mitológica, um deles destaca a argúcia que ela tinha para utilizar as palavras e, assim, a fez ao seduzir Zeus por meio de histórias encantadoras. Por nove noites seguidas a divindade se ocupou de seus talentos para atrair e fascinar o grande deus do Olimpo. Depois de algum tempo e longe do conhecimento de outros deuses, Mnemosyne deu à luz nove musas, que seriam mais tarde conhecidas como as “Meninas da Memória”, as protetoras da Ciência, das Artes e das Letras. São elas: Calliope (Poesia Épica), Clio (História), Erato (Poesia Romântica), Euterpe (Música), Melpomene

---

<sup>1</sup> A apresentação deste volume da coletânea parte de uma livre inspiração em François Dosse (2004), que ao se utilizar de uma remota lenda mitológica ilustrou a concepção de que *história e memória* se relacionam de forma equivalente.

(Tragédia), Polymnia (Hinos), Terpsichore (Danças), Thalia (Comédia) e Urania (Astronomia).

Ao proteger a memória em oposição ao esquecimento, Mnemosyne acabou por figurar como a responsável por nomear todos os objetos existentes. Ela foi, deste modo, a criadora da linguagem. Sendo, inclusive, a encarregada para escrever um livro – protegido aos cuidados do deus do tempo Chronos – que narrava as histórias contadas pelas suas filhas musas. Deste feito, Mnemosyne representa a memória do passado. Ela é a própria alegoria da linguagem que a História se vale para sua escrita.

Rememorar, evocar acontecimentos e revivê-los, assim como, a utilização da linguagem e da escrita para lembrar (e dar lembrança) (a) o passado são práticas subjetivas. Cabendo tanto à História como à Memória a função – consciente ou inconsciente – de colecionar determinadas ideias, acontecimentos e sentidos de um pretérito interpretativo ou distorcido.

Atemporais e perduráveis, os mitos se constituem como elemento de educação, independentemente do tempo e do local de sua narrativa. A deusa da memória e da linguagem foi, por muitas vezes, representada na companhia de uma lâmpada do conhecimento. Essa personificação da memória e da linguagem é extremamente significativa para ilustrar a história no sentido oposto ao esquecimento. Decerto, é que não podemos retornar para aquilo que o tempo sucumbiu, mas podemos incidir luz aos fragmentos, individuais e coletivos. E, será essa a tarefa do historiador. Buscar se apoderar da luz emitida pela lamparina de Mnemosyne para dar foco ao passado. A luminescência produz fonte de claridade, realça perspectivas e elucida a inteligibilidade. Evidente que tal profusão de luz não reside em verdades mestras, na criação de gêneses impolutas, mas em condições de possibilidades de narrativas. A incapacidade de reaver a plenitude da lâmpada do conhecimento de Mnemosyne, faz com que a escrita da história seja a da “maleabilidade e do perfectível”, como nos alertou Jacques Le Goff (1990, p. 54).

Tomados pelo desejo de registrar o passado, de trazer à tona reminiscências, de perpetuar imagens, discursos, linguagens e escritas, o historiador se apropria de métodos e estabelece campos (teóricos, analíticos, temáticos, etc.). E esse foi o desafio aceito por um grupo de 36 pesquisadores da História da Educação que incidiram seus feixes de luz para focar o vigésimo quinto ano da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE).

A relevância dessa associação não se deve somente ao fato dela agregar os principais centros acadêmicos e de pesquisas em pós-graduação gaúchos, mas pelo pioneirismo em reunir docentes, estudantes e investigadores de temáticas latentes para a História e para a Educação, a fim de debater e validar métodos, teorias e sentidos das práticas de educabilidade aplicados ao longo do tempo.

Vivemos tempos insólitos, repletos de incertezas que cedem lugar para novos desafios. E, eis aqui um grande desafio. O desafio de entender o passado educativo. Talvez, possamos nos encorajar a partir do mito de Mnemosyne, repleto de relações humanas e fantásticas, mas que alegoricamente acende a ideia de que podemos ser heróis da nossa própria história. De revelarmos o quanto fazemos parte de um grupo, que hoje comemora 25 anos de crescimento, de amadurecimento e êxitos.

Desta feita, a presente coletânea reúne trabalhos que versam sobre a produção de variados temas historiográficos ao longo de vinte e cinco encontros da ASPHE sediado e acolhido em distintas cidades do Rio Grande do Sul. Trata-se da reunião de pesquisadores e pesquisadoras atentos(as) na reconstituição e na discussão das trajetórias de sujeitos, instituições, práticas e discursos educativos organizados por meio de temáticas comuns. Instigados a produzir balanços historiográficos, demonstrar estados da arte, compor panoramas, configurar cartografias, ordenar campos, entre outras possibilidades de alinhamentos de temas similares e convergentes, compuseram-se os quinze capítulos que registram memórias entrelaçadas por pontos de contato e teceram um cenário de reminiscências da ASPHE.

O texto que abre a coletânea – parceria entre os autores Julia Tomedi Poletto, Lucas Costa Grimaldi e Marcos Hinterholz – revela, na efeméride que marca os 25 anos da ASPHE, a produção de um exercício reflexivo sobre o movimento no qual associação se volta para si mesma e revisita os seus papéis, suas anotações, seus arquivos, enfim, o guardado do vivido. Para este trabalho coletivo, a colaboração parte justamente do gesto de abertura de uma caixa de recordações. Tratar-se-ia de um conjunto de documentos guardados e organizados pela professora Maria Helena Câmara Bastos, sócia fundadora da ASPHE, e doados ao Arquivo da Faculdade de Educação da UFRGS. Nesta caixa se identifica as atas da associação, anotações avulsas, anais e documentos dos encontros, cartas circulares e outras materialidades. A partir destas fontes, a análise destaca três eixos principais: os objetivos como associação, enunciados ao longo dos diferentes encontros; as temáticas discutidas nas conferências de abertura e mesas redondas; os simpósios temáticos e as sessões de apresentação de trabalhos. Como resultado deste levantamento, os autores concluem que a Associação, em seu primeiro jubileu de existência, foi promotora de experiências acadêmicas, de acolhimento e constituição de novos pesquisadores, bem como espaço de formação continuada.

O próximo texto é de Patrícia Weiduschadt e Terciane Ângela Luchese, que apresentam um levantamento das comunicações apresentadas ao longo dos encontros da ASPHE, que tiveram como centralidade a categoria da etnicidade e educação. Como caminho metodológico, as autoras realizaram análise documental visualizando a presença das etnias estudadas, constatando a predominância do grupo imigratório europeu, como alemães e italianos, e pouca expressividade de trabalho relativo à etnia indígena e negra. Notadamente a História Cultural influenciou as perspectivas desses trabalhos, promovendo tanto a ampliação da discussão da etnicidade e escolarização de grupos étnicos, como observando as singularidades e

particularidades por meio da negociação da identidade e tensionamentos no processo educacional dos referidos grupos.

Na sequência, José Edimar de Souza e Vania Grim Thies, identificaram e mapearam o tema do ensino primário no meio rural em pesquisas abordadas nos eventos da Asphe, no período de 1995 a 2019. A partir da busca por palavras-chaves (escola rural, escola primária rural, professor(a) rural, docência no meio rural, escola normal rural) nos anais dos encontros, os autores localizaram 34 trabalhos com a temática do ensino primário no meio rural. A partir dessa constatação, verificou-se que, embora a temática apareça debatida de forma transversal nos trabalhos, em nenhum dos encontros o tema figurou como principal.

O quarto texto, escrito por Vanessa Barrozo Teixeira Aquino, Maria Stephanou e Zita Possamai, apresenta um levantamento quanti e qualitativo da presença de temáticas vinculadas aos seguintes termos: Acervo, Arquivo, Patrimônio e Museu, elaborado a partir dos resumos dos trabalhos que integram os Anais dos Encontros da ASPHE entre 1997 e 2019. A partir do inventário, as autoras identificaram a presença de um movimento gradual de inserção desses termos nas pesquisas apresentadas, sobretudo a partir do 13º Encontro da ASPHE (2007), que inclusive teve como tema central “Acervos e História da Educação”. Destaca-se, nesse capítulo, a ideia de que a recorrência desses termos comparece em processos simultâneos de consolidação de grupos de pesquisa em História da Educação no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, que compartilham suas descobertas e investigações no âmbito das discussões no espaço dos encontros da ASPHE, especialmente sobre salvaguarda e preservação de acervos de diferentes tipologias.

Na continuidade, o capítulo escrito por Lisiane Sias Manke, Eliane Peres e Lucas de Souza Pedroso revela um panorama das produções que envolvem a história do livro didático divulgadas nos

Anais da ASPHE e na Revista História da Educação (RHE), no período de 1997 a 2020. O corpus consultado pelos autores foi constituído por 2039 artigos, sendo 1240 nos Anais dos encontros da ASPHE e outros 799 na RHE. Como metodologia de análise foram empregados o ordenamento e a contabilização das publicações a partir do título, na sequência a leitura dos resumos e, por fim, o estudo do texto completo. Deste modo, resultou em 114 artigos selecionados para o balanço e análise final, os quais permitiram a identificação das problemáticas mais privilegiadas e as principais tendências de abordagem sobre a história dos livros didáticos, a recorrência das pesquisas e as principais instituições responsáveis pelas publicações envolvendo a temática.

Subsequente, temos o texto de Elisabete Zardo Búrigo e Diogo Franco Rios que como o título do capítulo anuncia pretendem “desenhar” um lugar para a História da Educação Matemática nos encontros da ASPHE. Ao constatarem a existência de múltiplos diálogos entre os historiadores da educação e os educadores matemáticos preocupados com os processos de ensinar e aprender matemática em perspectiva histórica, os autores conferem essa interrelação como sendo um espaço potente para se pensar o que se tem feito até o momento e o quanto ainda se pode avançar na produção historiográfica relativa aos diversos aspectos da matemática, enquanto disciplina escolar. Os autores chamam a atenção para a presença constante e crescente de textos que tratam do ensino escolar da matemática ou das matemáticas nos encontros da ASPHE. Do mesmo modo, identificam a existência de algumas tendências ao longo dos últimos anos, procurando explicá-las não somente por meio dos eventos da ASPHE, mas também pela existência e a constituição de programas de pós-graduação e de grupos de pesquisa.

O capítulo apresentado por Estela Maris Reinhardt Piedras e Tatiane de Freitas Ermel discorre sobre os espaços escolares e a

arquitetura escolar como elementos-chave no âmbito da História da Educação. Neste texto, as autoras analisam a produção sobre essa temática tendo como base dois tipos de documentação: os Anais dos Encontros da Associação Sul-Rio-Grandense de História da Educação, e os artigos científicos da revista História da Educação, também vinculada a essa associação, publicadas nos anos 2000 a 2020. Para tanto, consideram algumas variáveis para uma análise de cunho qualitativo, trazendo dados quantitativos, tais como: ano de publicação; país de procedência dos autores; idioma; palavras-chave; país/região de estudo; recorte temporal; nível de ensino; referencial teórico e metodológico; uso de imagens e, finalmente, as interseções com outras áreas e temáticas. Ao encontrarem uma presença “antiga” e, de certo modo, contínua de pesquisas sobre a temática, caracterizam ambos os espaços como pioneiros e como lócus de atualizações.

O oitavo texto desta coletânea foi escrito por Maria Angela Peter da Fonseca e Patrícia Weiduschadt. Nele as autoras buscam evidenciar a categoria religiosidade presente nas comunicações dos anais dos encontros da ASPHE, a partir de um levantamento que considera a divisão dos trabalhos em relação às diferentes confessionalidades. Apesar dos números não serem expressivos quantitativamente se observa regularidades nessa categoria, ao longo dos anos, bem como a potencialidade daquelas pesquisas que puderam ser ampliadas a partir da perspectiva da História Cultural. Chamam a atenção, as autoras, o fato de o objeto da religiosidade ter se consolidado por meio de categorias de análise, a saber: das instituições educativas, da memória, da mescla do público x privado, dos impressos, das práticas e das ideias filosóficas.

Na sequência, temos o texto produzido por Elias Kruger Albrecht, Karen Laiz Krause Romig, Márcio Avila Barreto e Simone Gomes de Faria. De acordo com os autores, o principal objetivo foi fazer um levantamento historiográfico dos anais dos Encontros da

ASPHE acerca de pesquisas que perscrutam temáticas que envolvem a imigração. Não obstante, os autores discutem as dicotômicas abordagens feitas sobre a temática de imigração ao longo dos 25 anos de Anais deste evento, elucidando teóricos e abordagens que marcaram o campo de pesquisa da História da Educação no que diz respeito aos contextos imigratórios. Neste limiar, a metodologia do trabalho contou com a análise documental, em que foram investigados todos os Anais deste Evento. A partir desse levantamento foi possível ver a quantidade de trabalhos, suas abordagens e contribuições para o campo da História da Educação.

Daiane Dala Zen, por sua vez, reflete sobre as questões de gênero e a História das Mulheres a partir das publicações disponíveis no repositório da revista História da Educação, por meio da metodologia da Revisão Sistemática de Literatura (RSL). Para a autora, a RHE é um exemplo de periódico que tem como objetivo a disseminação de conhecimentos relativos ao campo da história e historiografia da educação. A seleção da autora revelou o total de 20 artigos que tratam indiretamente de pontos ligados às questões de gênero e sobre a Histórias das Mulheres, conectadas em assuntos envolvendo a História da Educação. Para a autora, independentemente da existência de silenciamentos sobre estas questões, é importante mencionar o quanto estas áreas devem assumir o compromisso pela cidadania e pelos direitos humanos, uma vez que, incluir as mulheres por intermédio de uma abordagem de gênero é descortinar a História da Educação.

Na continuidade, temos o capítulo desenvolvido por Joseane Cruz Monks e Leonardo Capra, em que se apresenta um levantamento quantitativo dos textos que foram publicados nos anais dos encontros da ASPHE e que contemplam de forma explícita os termos ‘cultura escolar’ e/ou ‘cultura material escolar’ em seus títulos, resumos ou palavras-chave. Os autores atestam, neste inventário, a existência de



recorrência da metodologia baseada na análise documental, a presença marcante de elementos da história oral, principalmente na utilização de entrevistas que subsidiam reflexões sobre a memória, a história de instituições e da materialidade que as constituíram historicamente. Do mesmo modo, afirmam que foi possível identificar a estrutura de um referencial teórico padrão que divulga as noções de cultura escolar e cultura material escolar.

O uso de impressos periódicos nas investigações da ASPHE, entre os anos de 1997 e 2019, foi o objeto de interesse dos atores Andrea Gonçalves dos Santos, Chéli Nunes Meira, Jaqueline de Gaspari Piotrowski, Lislaine Sirsi Cansi, Simôni Costa Monteiro Gervasio e Tânia Nair Alvares Teixeira. Neste texto, apresenta-se um inventário dos anais dos encontros da ASPHE, por meio da busca por descritores pré-estabelecidos que divulgavam impressos periódicos, como jornais e revistas, analisando principalmente as abordagens teórico-metodológica empregadas. Foi possível, pelos autores, a identificação de algumas tipologias de impressos mais recorrentes, o que demonstra, se tratar de uma temática potente e latente entre os pesquisadores que participaram dos encontros da ASPHE.

O próximo texto, de autoria de Clarice Rego Magalhães, Estela Maris Reinhardt Piedras, Lislaine Sirsi Cansi, Liziane Nolasco Fonseca e Raquel Azambuja Santos, apresenta uma investigação sobre as publicações relacionadas à Arte na segunda década da ASPHE. A análise foi demarcada com ênfase entre os anos de 2010 e 2020 buscando evidenciar a participação e importância da Arte na História da Educação. Através de pesquisa bibliográfica as autoras utilizaram como fontes principais os anais dos eventos da Associação, bem como as publicações da Revista de História da Educação (RHE). Como resultado, perceberam um maior número de comunicações sobre o tema “arte” nos anais da ASPHE do que em relação aos artigos já publicados na RHE.

No capítulo seguinte, Lislaine Sirsi Cansi, Liziane Nolasco Fonseca e Simôni Costa Monteiro Gervasio realizam uma problematização sobre as capas da Revista História da Educação, produzida e editada pela Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE). A análise abarca a coleção da Revista, com foco nas dez primeiras capas publicadas e, em especial, na última (de 2018), devido a sua representatividade e considerando que a partir de 2019, com o fluxo contínuo de publicação, foi adotado o uso de capa padronizada. Nesse sentido, interessava pensar no uso de imagens e as possíveis intenções que tais escolhas representam em cada uma das capas analisadas, considerando se tratar de um veículo de comunicação de pesquisas relacionadas ao campo da História da Educação. Para as autoras, há a presença de imagens de diferentes gêneros artísticos, evidenciando como a arte pode estar ligada à História da Educação, seja como fonte, registro, comunicação ou outros, incluindo reproduções de obras de arte, fotografias, cartões postais e composições gráficas que se relacionam com a temática historiográfica da Revista, bem como fazem alusão ao contexto escolar e suas representações.

Finalizando a coletânea, o texto de Fernando Ripe, Giana do Amaral e Jeane dos Santos Caldeira destaca como e de que forma os historiadores e historiadoras da educação desta associação têm abordado o tema da infância. Como problematização, apresenta-se o conceito de infância como potencial formador de um campo discursivo. Para tanto, os autores observaram as perspectivas teórico-analíticas de 50 pesquisas que foram apresentadas ao longo desses 25 anos de encontros da ASPHE, percebendo, sobretudo, se os estudos publicados na forma de resumos e/ou textos completos mantiveram um alinhamento sistemático quanto aos períodos focalizados, sobre a homogeneidade dos suportes conceituais, bem como aos procedimentos analíticos que foram adotados nestas pesquisas.

Os textos que integram esta coletânea se constituem como qualificada amostragem do que vem sendo pesquisado e apresentado tanto nos encontros da ASPHE, como na Revista História da Educação. Ao intitular este livro por “História da Educação no Rio Grande do Sul: 25 anos de ASPHE, entre memórias, trajetórias e perspectivas”, buscou-se agregar o maior número de pesquisadores associados, em especial reunindo jovens e experientes pesquisadores de diferentes “gerações”. À luz de Menemosyne, este grupo de associados/pesquisadores, compartilhou métodos investigativos, estilos de escritas, distintas temáticas de interesse, abarcando, inclusive, variadas temporalidades. Assim, incidem aqui memórias e linguagens, conferindo aos textos o interesse em contribuir com o campo da História da Educação Sul-rio-grandense.

A qualidade dos textos que compõem esta coletânea atesta o vigor e efervescência que a pesquisa histórica sobre os sujeitos, os patrimônios, as práticas educativas e as instituições escolarizadas requerem. Ao concluir este texto de Apresentação, descrevo não somente minha alegria pela colaboração de 36 autores/parceiros/amigos, mas também afirmo o convite para que os leitores conheçam os Encontros desta Associação, cuja finalidade extrapolou a de divulgação acadêmica e científica do campo da História da Educação e se constituiu como um espaço de carinho, afeto e amizade, enfim de História de Vidas.

A todos e todas, uma boa leitura!

## Obras Consultadas

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique. Introdução: Em que Pensam os Historiadores? In: BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique (Org). **Passados recompostos**: campos e canteiros da história. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora FGV, 1998, p. 21-61.

- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- FARGE, Arlette. **Lugares para a História.** Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos.** CPDOC/FGV: Rio de Janeiro, vol.5, nº10, 1992, p. 200-215.
- RIOUX, Jean-Pierre. A Memória Colectiva. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-Françoise. **Para uma História Cultural.** Lisboa: Estampa, 1998, p. 308-332.
- DOSSE, François. A Oposição História/Memória. In: DOSSE, François. **História e Ciências Sociais.** São Paulo: EDUSC, 2004, p. 169-191.

# **Abrindo uma caixa de recordações: os 25 anos da ASPHE vividos como experiência**

*Julia Tomedi Poletto  
Lucas Costa Grimaldi  
Marcos Luiz Hinterholz*

## **Introdução**

Ao completar 25 anos, a Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE) carrega consigo experiências, memórias e histórias daqueles que fizeram e fazem parte da sua constituição. Inúmeras são as possibilidades de análise da ASPHE e de seu tempo de existência e continuidade. Para a presente reflexão, utilizamos como fontes documentos escritos, tais como anais, atas, circulares e anotações avulsas, identificados em uma caixa de recordações generosamente doada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Helena Câmara Bastos<sup>1</sup>, uma das sócias fundadoras, ao Arquivo da Faculdade de Educação da UFRGS.

Em um exercício reflexivo, buscamos olhar para os movimentos da ASPHE ao longo desses anos, desde as articulações que lhe deram origem até o seu desenvolvimento e consolidação, atentando para os objetivos dos encontros, as temáticas trabalhadas e as comunicações apresentadas, na tentativa de compreender a ASPHE que fomos e a ASPHE que quisemos ser.

Em muitos momentos, este nosso trabalho nos pareceu demasiado descritivo, ainda que reconhecêssemos a importância da sistematização dessas informações e a construção de quadros que

---

<sup>1</sup> Em dezembro de 2019, a professora Maria Helena Bastos doou para o Arquivo de Memórias da Faculdade de Educação da UFRGS diversas caixas com documentos pessoais, livros, encadernações e folhas avulsas. Sobre a ASPHE, foi doado 1 caixa que documenta todos os encontros da associação, além de 4 pastas sobre a Revista História da Educação e documentos financeiros.

permitam uma visualização de conjunto desses 25 anos de Associação. De fato, esse levantamento possui um valor em si mesmo, e se fará notar neste texto. Porém, na medida em que esses dados iam tomando forma, fomos entrevendo possibilidades de interpretação. Esse exercício reflexivo foi nos dando a ver contornos, permitindo apreender novos sentidos, potencialidades e imagens sobre a nossa ASPHE.

Este novo olhar e as análises dele decorrentes não seriam possíveis a partir da mera observação empírica daquela caixa de memórias por nós aberta. Como pesquisadores, sabemos a importância das lentes teóricas e dos instrumentais analíticos para que possamos dizer com as fontes, falar a partir desses vestígios do passado. Foi então que consideramos que a noção de experiência poderia ser potente na agitação de todas aquelas informações que, num primeiro momento, nos tinham parecido tão descritivas, nos permitindo nomear e ver o que é visível, mas nem sempre é visto. Como nos lembra Foucault (2014), “há momentos na vida em que a questão de saber se é possível pensar de forma diferente da que se pensa e perceber de forma diferente da que se vê é indispensável para continuar a ver ou refletir” (*idem*, p.191). Foi assim que o conceito de experiência sinalizou para a possibilidade de alcançar sentidos da ASPHE em sua dimensão vivida, pensá-la como espaço de trocas, de interação, de encontro, no sentido pleno desta palavra, enfim, como possibilidade de formação continuada para estudantes, professores e pesquisadores em História da Educação.

Há que se considerar, no entanto, a plurivocidade da noção de experiência, sobretudo no campo da educação, onde distintos paradigmas fizeram e fazem uso desse conceito em suas investigações. Para a presente reflexão nos alinhamos à perspectiva proposta por Larrosa (2002), que parte de uma crítica à desconfiança do discurso científico em relação à experiência, reduzida à empiria sobre a qual

incide o método da ciência objetiva. São esforços de apropriação racional do mundo, tentativas de dominá-lo por meio de séries e regularidades. O autor chama essa ciência de experimental, justamente porque nela a noção de experiência converte-se em experimento, etapa do caminho seguro e previsível que conduz à verdade científica. Uma verdade objetiva, genérica, cumulativa e externa ao homem.

Mas há outro sentido para a experiência, que não está fora de nós e que não pode ser separado do indivíduo que a encarna. Um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Atento ao poder das palavras, Larrosa (*idem*) vai buscar na etimologia a força da noção de experiência. No Latim, encontrou *experiri*, (provar, experimentar) e o radical *periri*, que se encontra também em *periculum* (perigo). Na raiz indo-européia *per* e em derivações gregas notou a ideia de travessia, de passagem, de percorrido. Nas línguas modernas, identificou o mesmo *ex* de *experiência* em *ex-terior*, *es-trangeiro*, *ex-ílio*, *es-tranho* e *ex-istência*. Todas essas expressões remetem a um ser sujeitado ao devir, aberto às singularidades e contingências, sem ponto de partida ou chegada pré-determinados. Um ser sempre em construção.

É assim que Larrosa (*idem*), pensando o fenômeno educativo, traz a dimensão da experiência como um saber construído ao longo da vida, na forma como reagimos ao que nos acontece e como vamos dando sentido “ao acontecer do que nos acontece” (*idem*, p.27). Segundo o autor, ao se limpar o termo experiência da contaminação empírica e metodologizante conferida pelo cientificismo, pode-se vislumbrar outras possibilidades de operá-lo, sobretudo no debate educacional. Um saber que configura as formas singulares de estar no mundo, as personalidades e as sensibilidades.

É com este olhar, portanto, que nos lançamos a pensar a ASPHE, abrindo uma caixa de recordações, sistematizando os vestígios nela encontrados e buscando ver nesse passado uma

associação que produziu, mais do que conhecimento, experiências e possibilidades de afetamentos, de marcas, de efeitos na formação daqueles que a construíram ou que por ela passaram. Um olhar para o visível e o óbvio, buscando novos modos de ver e dizer.

## **Sentidos e propósitos da ASPHE: os objetivos dos encontros**

Ao abrirmos a caixa guardada pela Prof.<sup>a</sup> Maria Helena, alguns questionamentos ressoaram: quais os sentidos e propósitos da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação? Quais os objetivos dos seus encontros? Quais condições para sua criação e finalidade? Em um primeiro momento, inspirados em Foucault (2017), analisamos as condições de possibilidade para a criação da ASPHE enquanto associação, tendo como foco o material salvaguardado.

Embora o primeiro encontro da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação tenha sido realizado no ano de 1997, o embrião do que seria a ASPHE era gestado anos antes. No conjunto documental em tela, encontramos folders, convites de simpósios temáticos e seminários que remontam à década de 1990. Dentre eles, destacamos o convite com a programação do Seminário – “Perspectivas metodológicas da investigação em História da Educação”, evento promovido pelo grupo HISTEDBR na UNICAMP, focado na historiografia da educação. O seminário contou com conferências dos professores Ciro Flamarion Cardoso, Renato Janine Ribeiro, Marco Aurélio Garcia, Hector Ruben Cucuzza.

A presença desse documento em meio aos guardados da ASPHE dá indícios da forte relação dos fundadores, no caso da prof. Maria Helena, com outras sociedades e grupos em um momento de afirmação e consolidação do campo da História da Educação no Brasil. Cabe destacar que a criação do *GT 02- História da Educação da ANPED*, em 1984, e o grupo HISTEDBR, em 1986, pelo professor



Dermeval Saviani na UNICAMP, foram importantes para que, em 1995, se criasse o GT História da Educação-RS. Uma carta circular informa a criação do grupo em dezembro de 1995 e traz os nomes dos pesquisadores que compareceram na reunião: Jaime Giolo, Flávia Werle, Beatriz Fischer, Julieta Desaulniers, Berenice Corsetti, Elomar Tambara, Maria Helena Bastos e Lúcio Kreutz.

Um dos objetivos da recém-criada sociedade dizia respeito à socialização das pesquisas empreendidas no âmbito da História da Educação do Rio Grande do Sul. No encontro realizado em 1996, a pauta indicava algumas questões que se tornariam cruciais para os membros da sociedade:

- a) Temos noção do que vem sendo produzido no RS em História da Educação?
- b) Temos conhecimento como estão os diversos acervos e levantamentos de fontes em História da Educação no RS e podemos socializar resultados e informações?
- c) podemos, talvez, realizar um trabalho planejado e integrado em relação às fontes, constituindo um banco de dados comum?
- d) promovermos encontros regionais de História da Educação para:  
Apresentar e discutir nossa produção?
- e) Promover a reflexão teórica sobre tendências, impasses e avanços da historiografia educacional? (ASPHE, 1996, p. 1).

As questões apresentadas para discussão dos professores no âmbito do *GT História da Educação-RS* abordam a necessidade de socialização das pesquisas, levantamento de fontes e acervos e a criação de encontros regionais para circulação dessa produção. Ademais, a circular de 1996 traz a possibilidade de realização do primeiro evento, ainda em 1996. Este encontro seria uma oportunidade para discussão das pesquisas e também espaço para reflexão teórica com o Prof. Justino Magalhães sobre “a questão das

fontes; as tendências da historiografia hoje e oportunidade para publicarmos nossas apresentações” (ASPHE, 1996, p. 1).

Além das questões apresentadas e da possibilidade de se criar um encontro, a carta circular traz um questionamento acerca da natureza da associação e sua vinculação: “Caso resolvermos formar o Grupo Regional em História da Educação, queremos vinculação com o grupo de Estudos e Pesquisas “História, Educação e Sociedade no Brasil?” (ASPHE, 1996, p. 1). Em outra circular encontrada no arquivo pessoal, datada do final de 1996, o professor Lúcio Kreutz realiza uma síntese dos encontros anteriores e anuncia a realização do primeiro encontro no ano de 1997, além de citar a vinculação da ASPHE com o grupo HistedBR.

No contexto do final dos anos 1990, o campo da História da Educação se fortalecia. Na Ata de 18 de novembro de 1999 podemos ver os cruzamentos da sociedade em âmbito nacional:

[...] Foi solicitado ao Prof. Lúcio Kreutz, pelo presidente da ASPHE, que fizesse um relato sobre a criação da Sociedade Brasileira de História da Educação, o que foi feito pelo Prof. Lúcio Kreutz, que foi escolhido como representante da região Sul, na Sociedade Brasileira. O Prof. Lúcio Kreutz destaca o papel da ASPHE como referência nacional para a própria criação da SBHE.

Podemos notar que a ASPHE emerge como uma associação regional que buscava socializar as pesquisas realizadas no Rio Grande do Sul. Devido à circulação dos seus membros, podemos inferir que a sociedade extrapolou esses limites e foi importante para a criação de outras sociedades e também de revistas especializadas na área.

Observando a documentação, percebemos que os objetivos dos encontros estavam em harmonia com o objetivo principal da sociedade: ser um instrumento de referência e socialização das pesquisas em História da Educação no Rio Grande do Sul.

Além disso, os objetivos dos encontros mudavam à medida que aconteciam o intercâmbio de discussões nas assembleias. Em 2005, dez anos após a realização do primeiro grupo de trabalho, o encontro da sociedade intitulado “ASPHE: o que temos sido e o que queremos ser” refletia sobre o papel da sociedade, suas fragilidades e potências. Na ata da assembleia geral do encontro, os professores refletiam sobre o que consideravam importante manter: “constituir-se em espaço de acolhimento para os iniciantes e como espaço de formação profissional” (ASSEMBLEIA GERAL ASPHE, 2005, p. 2). No ano de 2006, um folder de divulgação trazia como finalidade: “Refletir acerca da produção em história da educação, tendo a ASPHE como local de referência; Avaliar a produção do conhecimento na área considerando o tema infância como objeto de estudo; Promover a formação continuada dos pesquisadores em História da Educação”. Tanto no documento de 2005 quanto no de 2006, percebemos um desejo em congregar todos os pesquisadores do campo de História da Educação no Rio Grande do Sul para fortalecer esse espaço de referência e acolhimento.

Nesses 25 anos, os objetivos da sociedade e dos encontros foram mudando. Porém, podemos inferir que promover a formação continuada dos pesquisadores da área foi uma das finalidades da associação desde seus primeiros anos. Além disso, destacamos a reflexão acerca da produção do campo, tendo a ASPHE como referência e também como espaço que oportuniza trocas, intercâmbios e que congrega pesquisadores, mestrandos, doutorandos e graduandos, envolvidos com pesquisas em História da Educação.

## **A ASPHE e as temáticas discutidas nos Encontros**

Seguindo nossa análise, dirigimos agora o nosso olhar para as temáticas trabalhadas nos Encontros da ASPHE. A sistematização realizada no *Quadro 1* nos permitiu uma visão panorâmica dos 25

anos da Associação por meio dos temas gerais de cada ano, das mesas, das conferências de abertura, dos cursos ministrados e das comunicações apresentadas. Para além da diversidade de assuntos discutidos, foi possível notar o grande intercâmbio entre pesquisadores de distintas instituições do país e do mundo, reforçando a ideia já discutida no segmento anterior, qual seja, a de que a ASPHE, a despeito do seu caráter regional, sempre esteve em sintonia com os principais debates, movimentos e tendências nacionais e internacionais da História da Educação.

**Quadro 1 – Encontros da ASPHE (1997-2019)**

<b>Ano/Local</b>	<b>Tema geral / Temas das conferências, mesas redondas e painéis</b>
<b>1997</b> <i>São Leopoldo</i> <i>(UNISINOS)</i>	<b>Tema Geral:</b> não houve <b>Comunicações apresentadas:</b> 20 trabalhos apresentados. <i>Pela programação apresentada, entende-se que foram 3 momentos de comunicações, sendo cada momento coordenado por um professor.</i>
<b>1997</b> <i>Santa Maria</i> <i>(UFSM)</i>	<b>Tema Geral:</b> <i>Memória e História da Educação: questões teóricas e metodológicas-</i> <b>Comunicações apresentadas:</b> <i>Anais indisponíveis.</i>
<b>1998</b> <i>Santa Maria</i> <i>(UFSM)</i>	<b>Tema Geral:</b> <i>Imprensa Pedagógica</i> <b>Comunicações apresentadas:</b> <i>5 trabalhos apresentados.</i> <i>Nos anais não consta programação.</i>
<b>1999</b> <i>Santa Maria</i> <i>(UFSM)</i>	<b>Tema Geral:</b> não houve <b>Mesa I:</b> <i>Estado atual e perspectivas para a pesquisa em História da Educação no Brasil – Prof. Luciano Mendes e Prof. Fernando Kieling</i> <b>Mesa II:</b> <i>A constituição do campo educacional no Brasil – a intervenção dos quadros médicos no século XIX. – Profa Maria Helena de Câmara Bastos e Prof. José Gonçalves Gondra</i> <b>Comunicações apresentadas:</b> <i>14 trabalhos apresentados. Nos anais não constam simpósios temáticos ou sessões de comunicações. No sumário, constam os títulos dos trabalhos apresentados e, pela programação, percebe-se que foram 3 momentos de comunicações, mas não consta se foram em sessões ou de que forma ocorreram.</i>

Ano/Local	Tema geral / Temas das conferências, mesas redondas e painéis
<p><b>1999</b> Passo Fundo (UPF)</p>	<p><i><b>Mesa I:</b> História das instituições escolares – Profa. Ester Buffa e Profa. Julieta Desaulniers</i></p> <p><i><b>Mesa II:</b> A Escola Elementar e a Instrução Pública no século XIX – Profa. Carlota Botto e Flávia Werle</i></p> <p><i><b>Comunicações apresentadas:</b> 17 trabalhos apresentados. Nos anais não constam simpósios temáticos, mas a programação aparece com a divisão dos trabalhos em cada dia de comunicação, sendo:</i></p> <p><i>1º dia – instrução pública, educação pública, etc.</i></p> <p><i>2º dia – histórias de vida, educação da mulher, etc.</i></p>
<p><b>2000</b> Santa Maria (UFSM)</p>	<p><i><b>Tema Geral:</b> Processos identitários, educação, religião e etnia</i></p> <p><i><b>Comunicações apresentadas:</b> Anais indisponíveis.</i></p>
<p><b>2001</b> Pelotas (UFPEL)</p>	<p><i><b>Tema Geral:</b> Pesquisas em História da Educação: Perspectivas Comparadas</i></p> <p><i><b>Mesa I:</b> Limites e Possibilidades no Campo da História da Educação Comparada – Profa. Diana Vidal (USP) e Sílvia Gvirtz (Buenos Aires)</i></p> <p><i><b>Mesa II:</b> Perspectivas para um intercâmbio Internacional na área de História da Educação – Prof. Demerval Saviani (UNICAMP) e Prof. Antônio Carlos Correa (Lisboa)</i></p> <p><i><b>Comunicações apresentadas:</b> 20 trabalhos apresentados. Nos anais não constam simpósios temáticos ou sessões de comunicações. No sumário, constam os títulos dos trabalhos apresentados e, pela programação, percebe-se que foram 2 momentos de comunicações, mas não aparecem se foram em sessões ou de que forma ocorreram.</i></p>
<p><b>2002</b> Gracioso</p>	<p><i><b>Tema Geral:</b> Iconografia e pesquisa histórica</i></p> <p><i><b>Comunicações apresentadas:</b> 26 trabalhos apresentados.</i></p> <p><i>Não consta programação do evento. Apenas títulos no sumário e os textos em si, os trabalhos.</i></p>
<p><b>2003</b> Ponto Alegre (PUCRS)</p>	<p><i><b>Tema Geral:</b> História da Educação, Literatura e Memória</i></p> <p><i><b>Mesa I:</b> Literatura e História da Educação – Profa. Regina Ziberman (PUCRS) e Profa. Sandra Jatahy Pesavento (UFRGS)</i></p> <p><i><b>Mesa II:</b> Memória e Pesquisa Autobiográfica – Profa. Eliane Maria Teixeira Lopes (UFMG) e Jorge Luís da Cunha (UFSM)</i></p> <p><i><b>Comunicações apresentadas:</b> 37 trabalhos apresentados. Nos anais não constam simpósios temáticos ou sessões de comunicações. No sumário, constam os títulos dos trabalhos apresentados e, pela programação, percebe-se que foram 2 momentos de comunicações, mas não consta se foram em sessões ou de que forma ocorreram.</i></p>

Ano/Local	Tema geral / Temas das conferências, mesas redondas e painéis
<p align="center"><b>2004</b> Gravado</p>	<p><b>Tema Geral:</b> <i>História da Cultura Escolar: escritas e memórias ordinárias</i></p> <p><b>Mesa I:</b> <i>Cultura escolar, escritas e memórias: possibilidades da pesquisa em História da Educação – Prof. Beatriz Fischer (UNISINOS); Profa. Eliane Peres (UFPEL); Profa. Maria Helena Câmara Bastos (PUCRS)</i></p> <p><b>Mesa II:</b> <i>Cultura escolar, escritas e memórias: possibilidades da pesquisa em História da Educação – Prof. Elomar Tambara (UFPEL); Profa. Flávia Werle (UNISINOS); Profa. Maria Stephanou (UFRGS).</i></p> <p><b>Comunicações apresentadas:</b> 27 trabalhos apresentados. Nos anais não constam simpósios temáticos ou sessões de comunicações. No sumário, constam os títulos dos trabalhos apresentados e, pela programação, percebe-se que foram 2 momentos de comunicações, mas não aparecem se foram em sessões ou de que forma ocorreram.</p>
<p align="center"><b>2005</b> São Leopoldo (UNISINOS)</p>	<p><b>Tema Geral:</b> – <i>História da Educação na Formação do Educador – A Contribuição dos 10 Anos da ASPHE</i></p> <p><b>Conferência:</b> <i>História da Educação: disciplina escolar de formação de professores: currículo, livros escolares, perfil docente e produção na área – Profa. Clarice Nunes (UFF)</i></p> <p><b>Painel 1:</b> <i>Ensino da disciplina História da Educação nas Universidades e IES do Rio Grande do Sul: ontem e hoje – Elomar Tambara e Eduardo Arriada (UFPEL); Miguel Orth (Unilasalle); Maria Helena Câmara Bastos (PUCRS); Maria Stephanou (UFRGS); Berenice Corsetti e Flávia Werle (UNISINOS); Claudemir de Quadros (UNIFRA); Jorge Luiz Cunha (UFMS); Anna Rosa Santiago (UNIJUI)</i></p> <p><b>Painel 2:</b> <i>Retrospectiva da ASPHE como associação científica no campo da educação: contribuição das diferentes gestões – Maria Helena Câmara Bastos (PUCRS); Jorge Luiz Cunha (UFMS); Elomar Tambara (UFPEL); Lúcio Kreutz (UNISINOS)</i></p> <p><b>Comunicações apresentadas:</b> 59 trabalhos apresentados. Nos anais não constam simpósios temáticos ou sessões de comunicações. No sumário, constam os títulos dos trabalhos apresentados e, pela programação, percebe-se que foram 5 momentos de comunicações, mas não aparecem se foram em sessões ou de que forma ocorreram.</p>
<p align="center"><b>2006</b> Santa Maria (Centro Univ. Franc.)</p>	<p><b>Conferência:</b> <i>História da educação brasileira: formação do campo, tendências e vertentes investigativas – Prof. Carlos Monarcha (UNESP Araraquara)</i></p> <p><b>Palestra:</b> <i>A infância e a compreensão do seu desenvolvimento – Prof. António Gomes Ferreira (Universidade de Coimbra)</i></p> <p><b>Comunicações apresentadas:</b> 51 trabalhos apresentados. Nos anais não constam simpósios temáticos ou sessões de comunicações. No sumário, constam os títulos dos trabalhos apresentados e, pela programação, percebe-se que foram 2 momentos de comunicações, mas não aparecem se foram em sessões ou de que forma ocorreram.</p>

Ano/Local	Tema geral / Temas das conferências, mesas redondas e painéis
<p style="text-align: center;"><b>2007</b> Porto Alegre (UFRGS)</p>	<p><b>Tema Geral:</b> Guardar para mirar: acervos e história da educação  <b>Conferência:</b> Acervos e pesquisas em história da educação: das vitrines do progresso aos desafios da conservação digital – Profa Márcia Razzini (USP)  <b>Conferência:</b> Memórias de formação do escritor no acervo literário de Érico Veríssimo – Prof.<sup>a</sup> Maria da Glória Bordini  <b>Comunicações apresentadas:</b> 67 trabalhos apresentados. Nos anais não constam simpósios temáticos ou sessões de comunicações. No sumário, constam os títulos dos trabalhos apresentados e, pela programação, percebe-se que foram 3 momentos de comunicações, mas não aparecem se foram em sessões ou de que forma ocorreram.</p>
<p style="text-align: center;"><b>2008</b> Pelotas (UFPEL)</p>	<p><b>Tema Geral:</b> Cultura Material Escolar: memórias e identidades  <b>Conferências:</b> Cultura material escolar: memórias e identidades – Profa Ana Chrystina Venancio Mignot – UERJ); Cultura, escola e cidadania – Profa. Claudia Maria Costa Alves (UFF); As gentis patricias’: memória, identidade e imagem feminina nos anos iniciais do século XX – Profa. Jane Soares de Almeida (UMESP)  <b>Comunicações apresentadas:</b> 59 trabalhos apresentados. Nos anais não constam simpósios temáticos ou sessões de comunicações. No sumário, constam os títulos dos trabalhos apresentados e, pela programação, percebe-se que foram 3 momentos de comunicações, mas não aparecem se foram em sessões ou de que forma ocorreram.</p>
<p style="text-align: center;"><b>2009</b> Caxias do Sul (UCS)</p>	<p><b>Tema Geral:</b> Infâncias, Cultura Escrita e História da Educação  <b>Conferências de:</b> Profa. Verônica Sierra Blas; Profa. Ana Maria Galvão; Prof. Moysés Kuhlmann Jr. [os anais não trazem o título]  <b>Comunicações apresentadas:</b> 79 trabalhos apresentados. Nos anais não constam simpósios temáticos ou sessões de comunicações. No sumário, constam os títulos dos trabalhos apresentados e, pela programação, percebe-se que foram 2 momentos de comunicações, mas não aparecem se foram em sessões ou de que forma ocorreram.</p>
<p style="text-align: center;"><b>2010</b> Porto Alegre (UFRGS)</p>	<p><b>Tema Geral:</b> Patrimônio e História da Educação  <b>Mesa com ex-presidentes da ASPHE:</b> A ASPHE como patrimônio e o Patrimônio da ASPHE  <b>Conferência:</b> Educação para o Patrimônio: algumas contribuições museológicas – Prof.<sup>a</sup>. Zita Possamai (UFRGS)  <b>Comunicações apresentadas:</b> 69 trabalhos apresentados. 10 sessões de trabalhos apresentados, com temáticas variadas. Sessão 1 – histórias de professores / Sessão 2 – cultura escrita / Sessão 3 – inspeção, ensino matemática, ensino rural / Sessão 4 – fotografias, corpo leitor, imagens / Sessão 5 – história das mulheres, formação acadêmica / Sessão 6 – civilidade, religião / Sessão 7 – leitura, livros didáticos, literatura / Sessão 8 – avaliação, relatórios / Sessão 9 – revistas e periódicos / Sessão 10 – história de vida de professores, etc.</p>

Ano/Local	Tema geral / Temas das conferências, mesas redondas e painéis
<p align="center"><b>2011</b> Santa Maria (UFSM)</p>	<p><b>Tema Geral:</b> História da Educação: campos e fronteiras  <b>Conferência:</b> História da Educação: campos e fronteiras – Prof. Silvio Marcus de Souza Correa (UFSC)  <b>Comunicações apresentadas:</b> 82 trabalhos apresentados.  Nos anais não constam simpósios temáticos ou sessões de comunicações. No sumário, constam os títulos dos trabalhos apresentados e, pela programação, percebe-se que foram 2 momentos de comunicações, mas não aparecem se foram em sessões ou de que forma ocorreram.</p>
<p align="center"><b>2012</b> Ponto Alegre (PUCRS)</p>	<p><b>Tema Geral:</b> Jean-Jacques Rousseau (1712-2012): modernidade, história e educação  <b>Conferências:</b> Jean-Jacques Rousseau: três séculos de história da educação – Prof. Claudio Almir Dalbosco (UPF); Jean-Jacques Rousseau e a moral laica (Prof. Luiz Carlos Bombassaro (UFRGS)  <b>Comunicações apresentadas:</b> 71 trabalhos apresentados.  Nos anais não constam simpósios temáticos ou sessões de comunicações. No sumário, constam os títulos dos trabalhos apresentados e, pela programação, percebe-se que foram 2 momentos de comunicações, mas não aparecem se foram em sessões ou de que forma ocorreram.</p>
<p align="center"><b>2013</b> Pelotas (UFPEL)</p>	<p><b>Tema Geral:</b> História da Educação e Culturas do Pampa: diálogos entre Brasil e Uruguai  <b>Mesa:</b> História da Educação e Culturas do Pampa: diálogos entre Brasil e Uruguai – Profa. Andrea Cantarelli (Presidente da Sociedade Uruguiaia de História da Educação e Profa. na Universidad de la Republica); Prof. Wenceslau Gonçalves Neto (UFU)  <b>Mesa:</b> Relações entre Brasil e Uruguai: relatos de pesquisa em História da Educação – Prof. Agapo Palomeque (membro da Sociedade Uruguiaia de História da Educação) Prof.<sup>a</sup> Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento (UNIT); Prof. Eduardo Arriada (UFPEL)  <b>Mesa:</b> Questões teóricas em pesquisas regionais – Profa. Andrea Cantarelli (Presidente da Sociedade Uruguiaia de História da Educação e Profa. na Universidad de la Republica); Prof. Jorge Nascimento (UFS)  <b>Mesa:</b> Questões metodológicas em pesquisas regionais – Prof. Wenceslau Gonçalves Neto (UFU); Profa. Terciane Ângela Luchese (UCS)  <b>Comunicações apresentadas:</b> 95 trabalhos apresentados. 12 sessões de comunicação. Não constam simpósios temáticos, mas os assuntos podem ter sido unidos por temas próximos. Sessão 1 – memória, trajetórias / Sessão 2 – impressos, protocolos de leitura, livros didáticos / Sessão 3 – Revistas, Literatura, Intelectuais / Sessão 4 – museus e acervos / Sessão 5 – cartas, cartilhas, cadernos / Sessão 6 – instituições educativas / Sessão 7 – diários de professores, diários de classe, cultura escrita / Sessão 8 – ensino secundário, ensino superior / Sessão 9 – alfabetização, imprensa pedagógica / Sessão 10 – história da educação, história da enfermagem, educação física / Sessão 11 – escolas étnicas, imigração / Sessão 12 – cultura escolar; instituições educativas, banco de dados.</p>



Ano/Local	Tema geral / Temas das conferências, mesas redondas e painéis
<p style="text-align: center;"><b>2014</b> Porto Alegre (UFRGS)</p>	<p><b>Tema Geral:</b> <i>História &amp; Imagem na Educação</i>  <b>Conferência de abertura</b> com Prof.<sup>a</sup> Ana Maria Mauad [os anais não trazem o título]  <b>Mesa:</b> <i>Imagem, Memória e Narratividade</i> – Profa. Rita P. Peixe e Profa. Juraci Cavalcanti  <b>Mesa:</b> <i>A imagem fotográfica e sua potência nos estudos de História da Educação</i> – Prof. Eduardo Arriada e Prof.<sup>a</sup> Beatriz Daudt Fischer  <b>Conferência de encerramento</b> com Prof.<sup>a</sup> Rachel Abdala[3]  <b>Comunicações apresentadas:</b> 91 trabalhos apresentados. 9 sessões de comunicações. Não constam simpósios temáticos, mas, ao que tudo indica, foi feita uma aproximação das pesquisas para a separação das sessões. Sessão 1 – museus / Sessão 2 – espaços / Sessão 3 – cultura escrita, fotografias, / Sessão 4 – ensino da matemática, disciplina e inspeção escolar / Sessão 5 – práticas de leitura e escrita, revistas / Sessão 6 – formação docente, magistério, / Sessão 7 – instituições educativas / Sessão 8 – cartilhas, cadernos / Sessão 9 – gênero, impressos estudantis, infância.</p>
<p style="text-align: center;"><b>2015</b> Caxias do Sul (UCS)</p>	<p><b>Tema Geral:</b> <i>Etnias, Culturas e História da Educação</i>  <b>Conferência de Abertura:</b> <i>Educação para as Relações Étnico-Raciais</i> – Profa. Neusa Gusmão (UNICAMP)  <b>Mesa:</b> <i>Processos escolares e Imigração no Brasil</i> – Prof.<sup>a</sup> Zeila Brito Fabri de Marini (USP); Prof. Jorge Cunha (UFMS); Prof. Alberto Barausse (Univ Del Molise)  <b>Mesa:</b> <i>Relações Étnico-Raciais e História da Educação</i> – Prof.<sup>a</sup> Iara Tatiana Bonin (ULBRA); Prof. Marcos Vinícius Fonseca (UFOP)  <b>Mesa:</b> <i>Culturas e História da Educação</i> – Prof.<sup>a</sup> Maria Stephanou (UFRGS); Maria Helena Câmara Bastos (PUCRS)  <b>Comunicações apresentadas:</b> 67 trabalhos apresentados. 13 sessões, entendidas como simpósios. São eles: Sessão 1 – História da Educação: acervos e museus / Sessão 2 – História da Educação: Ensino Médio e Ensino Superior/ Sessão 3 – História da Educação e as Práticas de Leitura e Escrita/ Sessão 4 – História das Instituições Escolares / Sessão 5 – História da Educação: periódicos e imprensa / Sessão 6 – História da Educação e Cultura Material / Sessão 7 – História da Educação e Políticas Públicas / Sessão 8 – História da Educação e Formação Docente / Sessão 9 – História da Educação, Etnias e Culturas 1 / Sessão 10 – História da Educação, textos, leituras e escritas / Sessão 11 – História da Educação das crianças aos adultos / Sessão 12 – História da Educação e Contextos Históricos / Sessão 13 – História da Educação, Etnias e Culturas 2</p>

Ano/Local	Tema geral / Temas das conferências, mesas redondas e painéis
<p style="text-align: center;"><b>2016</b> Bagé (UNIPAMPA)</p>	<p><b>Tema Geral:</b> <i>História da Educação e Políticas Educacionais: 20 anos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira</i></p> <p><b>Conferência de Abertura:</b> <i>Os Vinte Anos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Prof. Demerval Saviani (UNICAMP); Profa. Maria Beatriz Luce (UFRGS)</i></p> <p><b>Mesa:</b> <i>“História da Educação e Políticas Educacionais: desafios contemporâneos – Prof. José Luís Sanfelice- UNIVAS; Prof. Claudemir de Quadros (UFMS)</i></p> <p><b>Mesa:</b> <i>Políticas Educacionais e as Diretrizes para a Formação de Professores – Prof.ª Berenice Corcetti- UNISINOS; Porfa. Natália Gil (UFRGS).</i></p> <p><i>Conferência de Encerramento: “História e Políticas dos Projetos de Educação Brasileira (Século XX e XXI)” (Cynthia Greive- UFMG)</i></p> <p><b>Comunicações apresentadas:</b> <i>78 trabalhos apresentados. Não houve simpósios temáticos. As comunicações foram divididas em sessões, sendo 2 no primeiro dia e 2 no segundo dia.</i></p>
<p style="text-align: center;"><b>2017</b> Rio Grande (FURG)</p>	<p><b>Tema Geral:</b> <i>Gênero e Memória: Mulheres da/na História da Educação</i></p> <p><i>Palestra de abertura: Educar para quê? Por quem? Mulheres na baila – Prof.ª Dra. Isabel Maria da Cruz Lousada (Universidade Nova de Lisboa)</i></p> <p><b>Mesa:</b> <i>Gênero e Memória: Mulheres na/da História da Educação – Prof.ª Amanda Motta Castro (FURG); Prof.ª Michelle Vasconcelos Oliveira do Nascimento (FURG)</i></p> <p><b>Conferência:</b> <i>Gênero e Memória: Mulheres na/da História da Educação no Rio Grande do Sul (Prof. Dr. Elomar Tambara (UFPEL)</i></p> <p><b>Comunicações apresentadas:</b> <i>67 trabalhos apresentados. Não constam simpósios temáticos. A temática do evento foi gênero e memória e, na introdução dos anais, consta que o foco do evento foi na partilha de pesquisas dentro das categorias de memória e gênero. Pela leitura dos títulos das apresentações e de como foram divididas as sessões, percebe-se que as pesquisas foram organizadas da seguinte maneira:</i></p> <p><i>1º DIA – 4 SESSÕES. 1ª sessão mais voltada às representações do feminino; 2ª sessão com pesquisas em torno da cultura escrita, impressa, periódicos; 3ª sessão: colégios femininos, cultura escolar; 4ª sessão: Memórias, narrativas, sensibilidades.</i></p> <p><i>2º DIA – 3 SESSÕES: 1ª sessão: acervos, museus, fotografias; 2ª sessão: imprensa, universidade, reforma do ensino, etc; 3ª sessão: variadas temáticas.</i></p>

Ano/Local	Tema geral / Temas das conferências, mesas redondas e painéis
<p align="center"><b>2018</b> São Leopoldo (UNISINOS)</p>	<p><b>Tema Geral:</b> <i>História da Educação: sensibilidades, patrimônio e cultura escrita</i></p> <p><b>Conferência:</b> <i>Ideas para una mirada al espacio escolar desde la historia de las emociones (siglos XIX-XX – Prof. Pablo Toro Blanco (Universidad Alberto Hurtado)</i></p> <p><b>Mesa:</b> <i>História da Educação, Cultura Escrita e Sensibilidades – Prof. Marcos Aurelio Taborda de Oliveira (UFMG); Profa. Maria Teresa Santos Cunha (UDESC); Lucas Costa Grimaldi (UFRGS).</i></p> <p><b>Mesa:</b> <i>História da Educação, Patrimônio e Cultura Escrita –Profª. Vania Grim Thies (UFPEL); Maria Celi Chaves Vasconcelos (UERJ); Rodrigo Manoel Dias da Silva (UNISINOS)</i></p> <p><i>Comunicações apresentadas: 84 trabalhos apresentados. 7 simpósios temáticos: História da Educação, Gestão e Políticas / Etnias e Movimentos Sociais na História da Educação / Fontes e Métodos em História da Educação / Histórias das Instituições e Práticas Educativas / História, Memória e História da Educação / Escritas, impressos e Intelectuais na e da História da Educação / Patrimônio Educativo e Cultura Escolar.</i></p>
<p align="center"><b>2019</b> Bagé (UNIPAMPA)</p>	<p><b>Tema Geral:</b> <i>História da Educação e Democracia: desafios e conquistas</i></p> <p><b>Conferência:</b> <i>Educação e democracia no início da República brasileira: abordagem comparada a partir da legislação – Prof. Wenceslau Gonçalves Neto (UFU)</i></p> <p><b>Conferência:</b> <i>Papel da Democracia para/na compreensão da História da Educação Brasileira – Prof.ª Rosa Lydia Teixeira Corrêa (PUC Paraná)</i></p> <p><b>Comunicações apresentadas:</b> <i>71 trabalhos apresentados. 8 eixos (ao que tudo indica, algo que se assemelha aos simpósios temáticos) Os eixos/simpósios são eles: Eixo 1: História da Educação, Gestão e Políticas/ Eixo 2: História da Educação, Etnia e Movimentos Sociais/ Eixo 3: História da Educação, Fontes e Métodos / Eixo 4: História da Educação, Instituições e práticas / Eixo 5: História da Educação e Memória / Eixo 6: História da Educação, Escritas, Impressos e Intelectuais / Eixo 7: História da Educação, Patrimônio Educativo e Cultura Escolar / Eixo 8: História da Educação e Acervos</i></p>

**Fonte:** elaborado pelos autores.

Como já citado, a criação da ASPHE se deu num contexto de afirmação e fortalecimento da História da Educação no Brasil. Neste sentido, o *Quadro 1* também permite notar a recorrência, nas temáticas dos encontros, de reflexões sobre esse campo de pesquisa, seus limites e suas possibilidades. É o caso de uma mesa de discussão

de 1999, intitulada *Estado atual e perspectivas para a pesquisa em História da Educação no Brasil* e o encontro de 2001, que trouxe como tema geral *Pesquisas em História da Educação: Perspectivas Comparadas*. O mesmo evento contou com duas mesas desdobrando a discussão: *Limites e Possibilidades no Campo da História da Educação Comparada* e *Perspectivas para um intercâmbio Internacional na área de História da Educação*. O encontro de 2005, por sua vez, abordou *A Contribuição dos 10 Anos da ASPHE*, contando com um painel cuja proposta foi realizar um balanço sobre a atuação da associação, intitulado *Retrospectiva da ASPHE como associação científica no campo da educação: contribuição das diferentes gestões*. Nos anos seguintes, as reflexões sobre o campo de pesquisa seguiram comparando, notadamente com a conferência *História da educação brasileira: formação do campo, tendências e vertentes investigativas* (2006), e com os temas gerais *História da Educação: campos e fronteiras* (2011) e *História da Educação e Democracia: desafios e conquistas* (2019).

Diretamente relacionadas às reflexões sobre o campo, pode-se notar uma recorrência de temáticas sobre as dimensões teórico-metodológicas da pesquisa. Já nos primeiros encontros, a discussão intitulada como *Memória e História da Educação: questões teóricas e metodológicas* (1997) surgiu como tema geral. Foram frequentes, nos anos seguintes, as temáticas relacionadas ao uso das imagens como fontes e sua metodologia, como em *Iconografia e pesquisa histórica* (2002), *História & Imagem na Educação* (2014) e as mesas *Imagem, Memória e Narratividade* e *A imagem fotográfica e sua potência nos estudos de História da Educação* (2014). Por fim, no encontro de 2013, foram compostas duas mesas, uma delas intitulada *Questões teóricas em pesquisas regionais* e a outra de *Questões metodológicas em pesquisas regionais*.

Há que se notar ainda o comparecimento de grandes temas de pesquisa em História da Educação, dando a ver a diversidade das investigações em nosso meio e o diálogo com as tendências historiográficas e as investigações no campo das humanidades de modo mais amplo. Nestes 25 anos de ASPHE abordou-se, entre outros temas: imprensa pedagógica (1998); História das instituições escolares (1999); Processos identitários e etnias (2000; 2017); Literatura e História da Educação (2003); Cultura escolar (2004); Cultura escrita (2004; 2009; 2018); Acervos (2007); Cultura material escolar (2008); Gênero (2008; 2017); Infâncias (2006; 2009); Patrimônio (2010; 2018); Sensibilidades (2018). Embora os encontros da ASPHE sejam de caráter regional, a discussão deste e de outros temas contou com a presença de expoentes nacionais e internacionais da História da Educação, como o Prof. António Gomes Ferreira/Universidade de Coimbra (2006); Prof.<sup>a</sup> Carlota Boto/USP (2006); Prof. Demerval Saviani /UNICAMP (2001); Prof.<sup>a</sup> Sandra Jatahy Pesavento/UFRGS (2003); Prof.<sup>a</sup> Maria Teresa Santos Cunha (UDESC); Prof.<sup>a</sup> Verônica Sierra Blas/Universidade de Alcalá de Henares (2009); Prof.<sup>a</sup> Cynthia Greive/UFGM (2016); Prof.<sup>a</sup> Dra. Isabel Maria da Cruz Lousada/Universidade Nova de Lisboa (2017); Prof. Pablo Toro Blanco/ Universidad Alberto Hurtado (2018).

Como último aspecto dessa nossa mirada para as temáticas discutidas ao longo dos Encontros da ASPHE, cabe destacar que o objetivo dos fundadores da Associação de promover a formação continuada de pesquisadores e professores de História da Educação reverberou ao longo dos anos. O encontro de 2005 é bastante emblemático neste sentido ao trazer como tema geral a *História da Educação na Formação do Educador*. Além disso, o mesmo ano contou com duas conferências, a primeira delas intitulada *História da Educação: disciplina escolar de formação de professores: currículo, livros escolares, perfil docente e produção na área* e a segunda

chamada de *Ensino da disciplina História da Educação nas Universidades e IES do Rio Grande do Sul: ontem e hoje*. Outro denotador da dimensão formativa dos encontros foram os cursos ministrados ao longo dos anos. Como exemplos temos *Por Uma História da Cultura Escolar: memórias e escritas ordinárias*, ministrado pela Prof.<sup>a</sup> Maria Teresa Santos Cunha (UDESC), em três aulas, no encontro da ASPHE de 2004. Em 2006, proferido pela Prof.<sup>a</sup> Carlota Boto, foi oferecido o curso *História da Infância e moderna civilização escolar*. Já em 2009, foi a vez da Prof.<sup>a</sup> Verônica Sierra Blas ministrar o *Curso de Estudos em Cultura Escrita*, com duração de 20 horas.

Por meio desse inventário dos temas gerais de cada ano, das mesas, das conferências de abertura e dos cursos ministrados foi possível perceber a abrangência e a pluralidade dos assuntos explorados pela ASPHE em seus encontros anuais. A partir dessa análise, foi possível reconhecer na Associação um espaço de intercâmbio entre pesquisadores e em sintonia com as tendências historiográficas da educação no que diz respeito às temáticas, aos referenciais teórico-metodológicos e a preocupação em promover a formação continuada de profissionais que atuam no campo de ensino e pesquisa. Realizadas estas considerações, a partir de agora voltamos nossa atenção para os trabalhos submetidos e apresentados nos Encontros.

## **Um olhar para as comunicações e os simpósios temáticos**

Se, até o momento, refletimos sobre os objetivos e as temáticas gerais dos encontros da ASPHE, é chegada a hora de analisarmos alguns aspectos acerca das comunicações e dos trabalhos apresentados nesses eventos. Para essa análise, atentamos de modo especial para o número e os títulos das comunicações, com o intuito de identificar o

volume de trabalhos e os assuntos que, de maneira geral, circularam nesses Encontros.

Se “o lugar de onde se olha condiciona não somente o que se vê, mas também como se vê o que se vê” (VIÑAO-FRAGO, 2008, p. 15), ousamos dizer que o exercício analítico realizado nos permitiu ver a ASPHE para além daquilo que, como participantes dos Encontros, *enxergávamos*. No lugar de pesquisadores e apresentadores de comunicações nos últimos anos, percebemos o intenso fluxo de trabalhos submetidos. Todavia, ao sistematizarmos e nos debruçarmos sobre esses dados, desde o primeiro encontro realizado, novas percepções foram possíveis.

Voltemos mais uma vez o nosso olhar para o *Quadro 1*. Nele verificamos o crescimento das participações nos encontros ao longo dos anos e os movimentos no sentido de organizar as comunicações. Nas primeiras sete edições, o número de trabalhos girava em torno de 15 a 20. Já em 2005, no 11º Encontro, é possível notar uma significativa ampliação deste número, totalizando 59 submissões aceitas. Curiosamente essa expansão ocorreu no encontro que celebrou os 10 anos de existência da ASPHE, no qual foram realizados painéis com professores de diferentes universidades do Rio Grande do Sul. Nesta mesma oportunidade, fez-se uma retrospectiva do trabalho da Associação, tendo como painelistas os sócios fundadores *Maria Helena Câmara Bastos (PUCRS)*; *Jorge Luiz Cunha (UFSM)*; *Elomar Tambara (UFPEL)*; *Lúcio Kreutz (UNISINOS)*. O maior número de participações no ano em questão nos leva a pensar na forma como a ASPHE foi se consolidando e legitimando como associação científica na área.

Nos anos que se seguem a 2005, percebe-se uma continuidade no aumento do número de comunicações, o que igualmente nos leva a refletir sobre o crescimento de pesquisas relacionadas ao campo da História da Educação e o amadurecimento e afirmação da ASPHE.

Quantas pesquisas com resultados parciais ou finais puderam ser compartilhadas durante esse período? Quantas fontes e referenciais bibliográficos foram socializados? Quantos estudos foram disponibilizados à comunidade acadêmica, inclusive com textos completos apresentados nos anais de cada encontro? Quantos jovens pesquisadores puderam ter sua primeira experiência de apresentação de trabalho num desses encontros? Essas interrogações foram formuladas a partir do exercício analítico dos anais e, em especial, da leitura dos títulos das comunicações dos encontros, nos fazendo pensar no legado da ASPHE para a historiografia da educação.

Ainda sobre o aumento da quantidade de trabalhos apresentados, importa dizer que, em 2013, o 19º Encontro registrou o maior número de submissões aprovadas, totalizando 95. Estas foram divididas em 12 sessões, aparentemente organizadas pela proximidade dos assuntos, e indicam a multiplicidade de temáticas e de estudos historiográficos possíveis, conforme se observa no *Quadro 1*. Pela leitura dos títulos e a possibilidade de acesso aos textos na integralidade, reforça-se a percepção da relevância da ASPHE como espaço de partilha de pesquisas para o campo da História da Educação e a socialização de estudos com a comunidade científica.

De 2013 até 2019 tem-se uma média de 80 comunicações por evento. Trata-se de um fluxo considerável de trabalhos, considerando a especialidade da área, o caráter regional dos encontros e a obrigatoriedade de submissão de textos completos. Há que se considerar ainda que esses números traduzem o acolhimento às produções tanto de antigos quanto de novos pesquisadores que têm se aproximado da História da Educação, sinalizando as potencialidades do campo. Uma mirada para os títulos das comunicações apresentadas permite notar que nem sempre a temática geral do evento foi contemplada nesses trabalhos. Tal observação reforça a ideia da acolhida de participantes de perfil diverso, desde trabalhos de alunos



de iniciação científica até pesquisas concluídas por doutores e pós-doutores, evidenciando a pluralidade de investigações e o caráter de fomento à pesquisa proporcionado pela ASPHE.

Seguindo com nossa reflexão sobre os trabalhos submetidos, e no que diz respeito ao modo de apresentação dessas comunicações, é válido pontuar que não se identificou um modelo padrão, uma nomenclatura oficial ou a organização por eixos temáticos fixos ao longo dos anos. Como já dito, nas primeiras edições, o número de inscritos era bem menor e as comunicações, ao que tudo indica, ocorriam em uma única sessão, muito provavelmente para todos os participantes. Em 1999, no 5º Encontro, percebe-se um aparente esforço em concentrar os 17 trabalhos pelas temáticas apresentadas em dois dias. No primeiro deles, assuntos acerca da instrução e da educação pública foram debatidos. Já o segundo dia foi dedicado às histórias de vida e a educação da mulher. Supomos que esse pode ter sido o primeiro movimento no sentido de organizar os trabalhos apresentados a partir de temáticas semelhantes.

Sessões de comunicação, simpósios temáticos, comunicações e eixos foram as diferentes nomenclaturas utilizadas no decorrer desses 25 anos para sinalizar a forma como os trabalhos seriam divididos e apresentados. Independente do nome utilizado, o objetivo parece ter sido semelhante para essas denominações: concentrar as pesquisas segundo os objetos de estudo analisados. Aproximar as temáticas ajudaria a tornar os encontros mais profícuos e com boas interlocuções? Assim como ocorrem em tantos outros eventos de cunho acadêmico, muito provavelmente essas foram as escolhas realizadas pela ASPHE, em especial quando a quantidade de comunicações começou a ser expressiva. Para se ter uma ideia, no 16º Encontro da ASPHE, em 2010, pela primeira vez foram organizadas sessões de comunicação. Uma análise dessas divisões dá a ver o esforço da equipe organizadora em reunir trabalhos com temáticas

aproximadas. Apesar de alguns títulos aparentemente *destoarem* daquilo que estava previsto para a sessão, verifica-se uma consonância e pontos de contato entre os assuntos a serem debatidos. Dessa forma, mais do que *julgar* ou buscar uma correspondência fiel a temas pré-determinados, entendemos que a ASPHE carregou consigo ao longo destes 25 anos o propósito de acolher as diferentes investigações, mais uma vez evidenciando o cunho formativo da Associação e do evento. Ao debruçarmo-nos sobre as apresentações feitas nos encontros, sem a intenção de esgotar análises – até pela gama de possibilidades de investigações que cada comunicação permite – reconhecemos os “rastros do que fomos” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 97) e os indícios daquilo que quisemos ou pudemos ser.

Seguindo o fio cronológico, observa-se que foi a partir do 21º Encontro, em 2015, que as comunicações passaram a ser divididas em simpósios. É interessante notar que os títulos destes indicam os assuntos que têm sido foco de pesquisas na área da História da Educação. Dentre os simpósios oferecidos, destacam-se: *História da Educação: acervos e museus; História das Instituições Escolares; História da Educação e a Cultura Material*, etc. Em especial, a temática *História da Educação, Etnias e Culturas* foi estruturada em dois simpósios, visto o número de trabalhos inscritos nessa categoria.

Chegando em 2019, no 25º Encontro, observa-se o uso da nomenclatura *Eixo*, o que sugere nova tentativa de padronização. No referido ano, todos os eixos iniciaram com *História da Educação*, atrelados a uma temática. Exemplo: *Eixo 5 – História da Educação e Memória; Eixo 8 – História da Educação e Acervos*. A escolha dos eixos, assim como observado em anos anteriores, por meio das ditas sessões ou simpósios, sinaliza para o crescimento do campo de pesquisa e, também, para a consolidação de determinadas temáticas. Além disso, a opção por iniciar o nome de todos os eixos por *História da Educação* parece ter sido uma forma de reforçar aquilo que tem

sido o propósito da ASPHE desde sua fundação em 1996: tornar o campo da História da Educação visível, conhecido e possível para uma comunidade científica cada vez maior.

### **Para deixar a *caixa aberta*...**

Ao refletir sobre as relações entre sociabilidade e intelectualidade, Sirinelli (2003) destaca os laços, as redes, as adesões, as amizades, as fidelidades, as influências, as cisões, os debates e as posições tomadas no âmbito de agrupamentos que caracterizam o meio intelectual. Para o autor, a observação de um microcosmo como esse é precioso para a análise do movimento e da fermentação das ideias, de relações afetivas, espaço e viveiro de relações sociais (SIRINELLI, 2003, p. 249). Em 25 anos de existência, a ASPHE, especialmente a partir de seus encontros anuais, foi promotora de inúmeras experiências formativas, marcadas pelo intercâmbio de referenciais teóricos e metodológicos, socialização de acervos e possibilidades investigativas, laboratório para novos pesquisadores e possibilidade de formação continuada para os que trabalham com ensino e todos aqueles que, de algum modo, se interessam pelas temáticas da História da Educação.

Como resultado desse nosso gesto de *abrir a caixa* guardada pela professora Maria Helena, buscamos aqui partilhar percepções sobre uma Associação que contribuiu para nos constituir como historiadores da educação, e como passamos a entendê-la e a atribuir-lhe novos sentidos. Por meio das análises empreendidas, foi possível identificar os movimentos que a consolidaram como comunidade científica e seus aportes para a área. Ao nos dedicarmos a essa retrospectiva, compreendemos que a ASPHE contribuiu, entre outras coisas, para a afirmação e consolidação no campo da História da Educação no Rio Grande do Sul e no Brasil, tendo entre suas principais características ser um espaço formativo e de acolhimento.

Pensar a ASPHE como experiência significou, para nós, atentar para as possibilidades de afetar-se, transformar-se, inquietar-se, subjetivar-se. Uma mirada que procurou entrever formas possíveis de expor-se e ser tocado por essa comunidade acadêmica. Um olhar que buscou imaginar possibilidades de reverberação sobre aqueles que construíram a ASPHE e com ela interagiram, vivendo-a. Como nos lembra Larrosa (2002), o saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. A experiência não pode ser pensada, como no conhecimento científico tradicional, fora de nós, mas como configuradora de personalidades, do caráter, das sensibilidades, ou seja, como “uma forma humana singular de estar no mundo” (*idem*, p.27).

Por fim, o olhar para os 25 anos da ASPHE a partir da noção de experiência nos permitiu pensar a Associação na sua existência não a partir de uma essência ou origem, mas nas suas singularidades, na imanência e contingência de sua própria história. É por isso que entendemos que é preciso *deixar a caixa aberta*, para novos olhares sobre nossa existência até aqui e para novos gestos de guardar. Neste sentido, retomamos a etimologia da palavra *experiência* apresentada na introdução deste texto, que nos remete às ideias de prova, de perigo, de travessia e de trajeto percorrido. O olhar para o passado nos faz assim pensar na ASPHE como devir, sem garantias de caminho seguro ou previsível, mas com uma postura sempre disposta ao desconhecido e a vastidão das possibilidades. Vida longa à ASPHE!

## Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **O tecelão dos tempos**: novos ensaios de teoria da História. São Paulo: Intermeios, 2019.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder (1982). In: \_\_\_\_ Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade. **Ditos & Escritos IX**. Rio de Janeiro: Forense, 2014, p. 118-140.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: paz e terra, 2017.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

VIÑAO-FRAGO, Antonio. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Cadernos à vista: Escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.p. 15-33.

# **Etnia, etnicidade e História da Educação nos Encontros da ASPHE/RS: mirar em retrospectiva**

*Patrícia Weiduschadt  
Terciane Ângela Luchese*

## **Considerações iniciais**

Os estudos em História da Educação mobilizadores do conceito de etnia estão presentes nos Encontros da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE) desde sua primeira edição. Um dos fundadores da associação, o professor Lúcio Kreutz<sup>1</sup> já realizava investigações dessa temática e em sua tese havia elaborado a relação entre os processos escolares, os imigrantes alemães e o professor paroquial. Para além dele, outros fundadores e associados foram perscrutando a relação entre educação e etnicidade no contexto gaúcho. Desse modo, o intuito deste texto é discutir o conceito de etnia e etnicidade, tomando como mote empírico os Anais dos Encontros da ASPHE.

Neste sentido, traçamos um caminho metodológico orientado para a produção de um capítulo nesse e-book comemorativo que deseja rememorar o que já foi produzido, bem como refletir sobre as potencialidades e caminhos possíveis para a história da educação e sua relação com etnia e etnicidade. Da pauta que nos foi proposta a partir das publicações em anais de evento da ASPHE, ao longo dos seus 25 anos, e ou a partir das publicações na revista História da Educação, que temáticas fossem levantadas e analisadas. Pelas pesquisas que

---

<sup>1</sup> Lúcio Kreutz defendeu a tese intitulada “Magistério e imigração alemã. O professor paroquial católico teuto-brasileiro do Rio Grande do Sul no movimento da restauração” em 1985, na PUC/SP, sob a orientação do Professor Dr. Luiz Antônio da Cunha.

desenvolvemos e orientamos, nossa escolha foi a de problematizar a categoria etnia/etnicidade, tendo como fonte os anais dos eventos.

Para tal, realizamos uma seleção dos trabalhos apresentados com seus respectivos autores a cada Encontro e, a partir disto, buscamos perceber os grupos étnicos envolvidos e considerados como objetos das investigações socializadas nas produções dos anais. De forma geral, observamos algumas categorias de análise que emergiram, bem como, os principais referenciais teóricos que foram mobilizados e o conjunto documental privilegiado pelos autores. Com isso, foi possível discutirmos a categoria de etnicidade e as imbricações que este constructo teórico teve ao longo das publicações nos anais do evento da ASPHE.

Para tanto, fizemos um trabalho de levantamento de artigos e comunicações que tivessem a categoria etnicidade presente, observando os diferentes grupos étnicos e imigratórios, na perspectiva metodológica da análise documental histórica. Para tanto, nos apoiamos em Cellard (2010) e Bacellar (2008) em que adverte aos cuidados para essa empreitada. Bacellar (2008) nos diz que é preciso entender o contexto porque nenhum conjunto documental é neutro, ele carrega as intencionalidades daqueles que os produziram. Nesse interim, os anais foram produzidos a partir da própria constituição do campo historiográfico da associação da ASPHE, que foram balizados, especialmente, com pesquisas mobilizadas por pesquisadores com interesses específicos. Tomando como exemplo, percebemos que a categoria etnicidade foi mais discutida a partir da constituição de grupos imigratórios europeus. Grupos esses que marcaram a colonização da região sul do Brasil e que deram especial atenção à escolarização. Na mesma direção, Cellard (2010) aponta para a importância da contextualização do documento, a sua produção e a conjuntura, bem como saber quem eram os autores e sua pertença e ainda, destaca como ser de valor entender a natureza do documento.

Então, podemos destacar que a massa documental apresentada em forma de levantamento é, na sua grande maioria, realizada por grupos de pesquisa de História da Educação, em certa medida, envolvidos com questões teóricas e metodológicas relacionadas a etnicidade.

### **Um olhar para os Encontros da ASPHE: perscrutando o tema Etnia e História da Educação**

Como mencionamos, a trajetória acadêmica do pesquisador Lúcio Kreutz se concretizou a partir do estudo dos processos imigratórios e da organização católica de imigrantes alemães, firmados no campo da História da Educação. Consideramos que ele exerceu papel central como orientador de estudos de outros pesquisadores que se somaram a publicação de trabalhos nos eventos da associação. Assim, foi de especial relevância os trabalhos orientados por Kreutz abordando diferentes grupos étnicos, além dos alemães, também suas investigações se debruçaram aos italianos e poloneses, na construção de pesquisas que vinculassem processos migratórios, educação e etnicidade.

Para além das contribuições de Kreutz, é necessário reconhecer que na fase inicial da constituição da ASPHE, outros pesquisadores, de certa forma, estimularam a presença de estudos que privilegiaram esse conceito, a exemplo do professor Elomar Tambara, um dos fundadores da ASPHE. Mesmo que em sua formação as suas investigações não estivessem centradas em processos imigratórios, como orientador se dedicou a aceitar e incentivar o campo investigativo étnico, como também foi um dos primeiros a publicar um trabalho sobre a etnia negra. Poder-se-ia citar outros pesquisadores da primeira geração, aqueles envolvidos com o início da fundação da ASPHE e que estimularam bastante esse campo de pesquisa, tanto com investigações individuais, como àquelas em orientação. É o caso



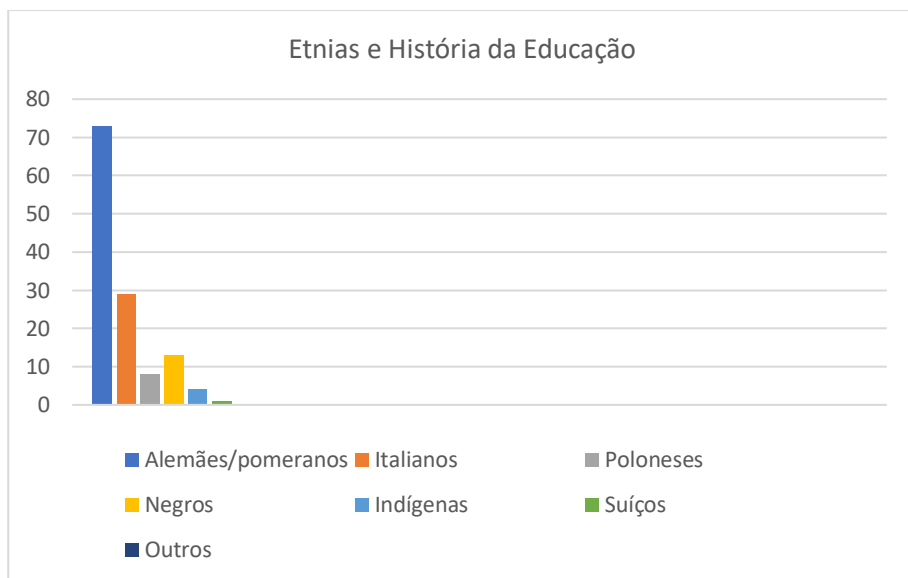
do professor Jorge Cunha, das professoras Beatriz Daudt Fischer, Maria Helena Câmara Bastos e Maria Stephanou. Todos, em alguma escala, contribuíram para o desenvolvimento de estudos que vinculassem análises relacionando História da Educação e Etnia.

Diante desses dados, percebe-se que esse conceito vinha à baila nas comunicações publicadas, relacionadas com pesquisas desenvolvidas. Em grande parte, deveu-se a realidade imigratória do estado do Rio Grande do Sul, ao seu processo histórico e, também, a certa consolidação no momento da fundação da associação de estudos sobre imigração no campo da História. Desse modo, a História da Educação, como campo, buscou problematizar os estudos imigratórios, tendo como âncora o conceito de etnicidade numa perspectiva da História Cultural. A maioria dos estudos segue um alinhamento mais próximo com esta base teórica.

Como já foi dito, foi realizado um levantamento que se encontra em apêndice, organizado por encontros em que listamos o nome de autor e o título. A partir desse procedimento pode-se identificar a representatividade dos distintos grupos étnicos e as abordagens apresentadas.

Com relação à distribuição dos trabalhos por grupos étnicos, o que predomina – com maior número de apresentações – é de alemães, seguida pelo grupo de italianos. Apresentamos no gráfico a seguir a distribuição por grupos étnicos:

**Gráfico 1 – Apresentações nos Encontros da ASPHE**



**Fonte:** organização das autoras

Podemos observar por essa distribuição que há o predomínio de imigrados europeus: alemães/pomeranos, italianos, poloneses e suíços. A imigração europeia, com forte presença no contexto do Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, foi objeto da grande maioria dos estudos com foco nos processos educacionais relacionados pela perspectiva da etnicidade. Observamos que é justificável essa busca dentro da realidade imigratória europeia, já que os grupos alemães/pomeranos, italianos, poloneses e suíços tinham iniciativas educacionais singulares e sistematizadas. Portanto, geraram possibilidades de investigações, por meio de uma gama diversificada de documentos, a exemplo de material escolar, regimentos comunitários, imprensa estrangeira, entre outros.

É importante destacarmos que trabalhos investigativos publicados nos anais acerca dos grupos afros e indígenas foram mais escassos e esparsos ao longo da realização dos encontros.

Nos primeiros encontros dois trabalhos são significativos e foram apresentados por Elomar Tambara<sup>2</sup> e Agostinho Dela Vechia<sup>3</sup>, ao mostrar a interrelação entre a constituição histórica dos negros no estado do RS e o pouco acesso deles à educação. Esses trabalhos se situam no recorte temporal do século XIX, ao discutir especificamente a questão da escravidão.

No entanto, outros trabalhos mostram de forma mais direta o processo étnico e as formas de entender as estratégias desse grupo para acessar a educação. São trabalhos que buscaram dar voz aos desfavorecidos e as formas encontradas para se ter acesso a uma formação educativa, por meio da imprensa negra e por meio de memórias de professoras negras. Também foram abordadas instituições educativas assistenciais com protagonismo de mulheres negras na direção<sup>4</sup>.

Em relação aos indígenas, apesar dos poucos trabalhos publicados, é relevante destacar algumas produções. As investigações buscaram problematizar a questão indígena em impressos, na educação escolar, nas atividades museológicas, bem como discutir o entrelaçamento de aspectos educacionais nas reduções jesuíticas<sup>5</sup>.

---

<sup>2</sup> O processo de (de)formação da negritude no Rio Grande do Sul no século XIX. In: I Asphe, 1996.

<sup>3</sup> Agostinho Dela Vechia – Educação dos escravos. In: III Asphe, 1998

<sup>4</sup> Dirceu de Souza Sarter – Etnicidade e memória- etnia negra In: V Asphe, 1999. Jacira Reis da Silva – Vozes de mulheres negras: a luta por educação através do jornal “A Alvorada”. In: IX Asphe, 2003. Jacira Reis da Silva, Karine de Freitas Mattes, Luciane Kmmment da Silva- Memórias que fazem história: escritos de mulheres negras na luta por educação através do jornal “A Alvorada”. In: X Asphe, 2004. Lucia Regina Pereira- vidas em recortes – professoras negras. In: XI Asphe, 2005. Jeane dos Santos Caldeira e Giana Lange do Amaral – Uma “Mãe Preta” na assistência caritativa de crianças desvalidas nas cidades de Pelotas e Bagé/RS (1901 – 1930): a atuação de Luciana Lealdina de Araújo. In: XXII Asphe, 2016.

<sup>5</sup> Maria Aparecida Bergamaschi- Educação Escolar Indígena No Brasil: o movimento de apropriação nas formas de fazer a escola. In: XI Asphe, 2005. Tatiane Ermel: O Indígena Brasileiro na Revista do Ensino/RS (1951-1978). In:

Pontuamos essas referências com menor recorrência, ao chamar atenção para ampliar o investimento de pesquisas de história da educação para esses grupos no que tange a construção étnica educativa.

Em relação às temáticas, a categoria etnia é entrelaçada com análises que privilegiam os processos escolares, sendo ainda relacionados com: materiais didáticos, especialmente livros; gênero; diferenças étnicas e culturais; professores e professoras; arquitetura escolar; memória; currículo; nacionalização do ensino; religiosidade, entre outros.

Atentando para os movimentos teóricos presentes nas análises de diferentes textos, percebemos que, assim como no campo historiográfico, foi necessário avançar nas problematizações dos aspectos de diferentes grupos imigratórios. A proposta de pensar as singularidades e as especificidades de cada grupo, assim, como, entendê-los numa visão mais localizada dos elementos do contexto em que viviam foi um procedimento analítico que passou a adensar as investigações. Para superar uma visão romântica e diletante dos estudos de grupos imigratórios comuns entre memorialistas, as investigações desse campo precisaram ser apoiadas por outras áreas, para além da História, envolvendo Antropologia, Sociologia, entre outras. E a análise historiográfica da educação entre os grupos étnicos foi adensada, aprofundada, novas abordagens, documentos e mesmo problemas definiram objetos que permitiram pensar a História da Educação por um matiz étnico.

Dessa forma, consideramos que a categoria etnia, associada a outros conceitos como o de cultura escolar, foi de relevância e mobilizou significativa renovação nos estudos. As contribuições

---

XII Asphe, 2006. Natália Thielke – “Oh Jesus! Oh Maria!” A Educação nas Reduções Jesuítico-Guaranis da Província Jesuítica do Paraguai – 1682/1768. In XXI Asphe, 2015. Roberta Madeira de Melo, Zita Possamai- Museus e Povos Indígenas: algumas experiências. In: XXIV Asphe, 2018.

teóricas advindas do campo antropológico e sociológico ampliaram o olhar investigativo, tensionaram e produziram desdobramentos analíticos. Assim, a etnicidade passou a ser pensada numa perspectiva relacional e identitária.

A cultura, ou melhor, as culturas (HALL, 1997) são desencadeadoras de confrontos, interações e são dinâmicas, as diferenças culturais se entrecruzam no processo educacional, promovendo formas de viver e de pensar que se distinguem e são marcantes para a nomenclatura étnica. Se, em tempos pretéritos, a etnicidade foi pensada como algo natural, vinculado a um presumido vínculo de sangue, de traços fenotípicos, de relações embasadas na partilha da mesma religião, língua e pertencimentos regionais, ou seja, de uma visão essencialista de identidade étnica, o caminho traçado por Barth (2011) e outros permitiu pensar em uma dimensão mais fluida, móvel e dinâmica de etnicidade. Como resultado de um processo construído no tempo e em contextos culturais dinâmicos, a etnicidade e sua atribuição resulta de processo de marcações simbólicas e de sentido.

A identidade étnica, nesse caso, está entrelaçada com o pertencimento étnico. Para tanto, percebemos que os estudos apoiados em Barth (2011), que postula que a etnicidade é construída e legitimada pelo sentido de pertença nos grupos, ou seja, precisam ser compartilhados valores e representações evidenciadas por crenças comuns no pertencimento étnico a determinado grupo social auxiliam a fugir do pensamento essencialista da constituição histórica educativa desses grupos, que foram objeto em inúmeras investigações. Barth ainda nos auxilia na mobilização do pertencimento étnico ao definir esses grupos com características gerais em comum: eles se auto atribuem uma origem e são reconhecidos localmente como distintos.

Esse princípio de auto atribuição está mais centrado no reconhecimento do grupo do que ele não é, do que os elementos que,

teoricamente, os padronizam. A identidade é construída, na medida em que os grupos enxergam as suas características étnicas pontuadas pelas diferenças culturais e de traços distintivos (HALL, 2011) em relação a outros grupos e ainda, em muitos casos, acreditam que essas características nasceram de forma essencial (WOODWARD, 2000).

O que se quer enfatizar é que os grupos, no pertencimento, não conseguem buscar a igualdade, mas procuram se livrar das possíveis diferenciações. Poutignat e Streiff-Fenart (2011) compreendem que a etnicidade e o pertencimento étnico são um processo em movimento e não a cultura congelada de aspectos que classificam determinados grupos sociais.

[...] A etnicidade não é vazia de conteúdo cultural (os grupos encontram ‘cabides’ nos quais pendurá-la), mas ela nunca é também a simples expressão de uma cultura já pronta. Ela implica sempre um processo de seleção de traços culturais dos quais os atores se apoderam para transformá-los em critérios de consignação ou de identificação com um grupo étnico. [...]. (POUTIGNAT E STREIFF-FENART, 2011, p. 129).

É possível percebermos que o processo de construção étnica se dá pela diferenciação e aproximação, são processos constituídos histórico, social e culturalmente pelas comunidades. Poutignat e Streiff-Fenart entendem que a demarcação entre membros e não membros de um grupo é o que marca a constituição do pertencimento étnico. Além disto, nós e eles, em oposição e diferenciação são pontos que mobilizam a alteridade. O que pode definir o grupo étnico são as fronteiras étnicas e não necessariamente seu conteúdo cultural interno (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 2011). Diante desses postulados a categoria da etnicidade pode ser mobilizada em investigações com problematizações mais abrangentes.

Ainda nessa direção de ampliação do uso do conceito, Lesser (2015) reforça que os grupos de imigrantes, em sua maioria,

utilizaram-se de jornais, cinema, música, comida, clubes e associações, dentre outras formas de expressão cultural para constituir, difundir e vincular-se às culturas étnicas. E poderíamos acrescentar, também de escolas. Assim muitas fontes e lócus podem ser estudados para impulsionar as investigações que se valem do conceito da etnicidade.

Conzen *et.al.* (1992) refere a um processo de invenção da etnicidade marcada por relações de poder, por construções simbólicas que incluem e excluem, atribuindo diferentes sentidos às tradições. Hobsbawn (2014) também menciona que os processos de reconhecimento das tradições nacionais são vistos como inventados e renovados de tempos em tempos, por meio de interesses e negociações entre aqueles que pertencem e não pertencem a um determinado grupo. Ademais, não há homogeneidade, como afirmar Conzen *et.al.* (1992, p. 5) com relação aos grupos de imigrantes:

Os próprios grupos de imigrantes não eram homogêneos. Eles foram divididos por combinações variadas de origem regional, dialeto, classe, política e religião. Debates internos e lutas sobre a natureza da etnia emergente do grupo foram inevitáveis. Um dos propósitos das tradições inventadas era fornecer símbolos e slogans que pudessem unificar o grupo apesar de tais diferenças<sup>6</sup>.

As negociações são parte do processo que se dá não apenas entre o grupo de imigrantes internamente, ou entre o grupo e a cultura dominante, mas também entre vários grupos de imigrantes. Assim,

---

<sup>6</sup> No original: “Immigrant groups themselves were by no means homogeneous. They werw divided by varying combinations of regional origin, dialect, class, politics, and religion. Internal debates and struggles over the nature of the group’s emerging ethnicity were inevitable. One of the purposes of invented traditions was to provide symbols and slogans which could unify the group despite such differences” (CONZEN *et.al.*, 1992, p. 5).

como reconhece Kreutz (2014) o pertencimento étnico é processo, concorre na constituição de sujeitos e grupos. Como elemento constituinte de práticas socioculturais, o étnico produz diferenciações sociais, influencia na percepção e modo de vida, contribui para a construção de representações e mediando, organizando a vida. Etnia nos permite dar significado às relações de poder que se estabelecem, inclusive nos processos escolares. Por fim, importante considerar que “as areias movediças da nacionalidade e da etnicidade revelam-se frequentemente nas discussões sobre a conveniência de se receber determinados grupos de imigrantes” (LESSER, 2001, p. 20) o que nos abre um interessante leque de possibilidades investigativas para pensar a produção discursiva das etnicidades cruzadas com a perspectiva da brasilidade, em meio a eugenia e outros pressupostos que também marcaram ponto na escolarização.

### **Considerações finais ou das múltiplas possibilidades para a pesquisa em História da Educação e Etnia**

Ao longo dos encontros da Asphe foi se delineando aspectos que modificaram e amadureceram as discussões acerca da etnia. Alguns pontos em comum dos trabalhos apontam como resultado os esforços realizados pelos grupos étnicos em encontrar formas de organização educativa, seja por meio da escolarização ou por formação comunitária. O sentimento de comunidade e de pertencimento foi determinante para a constituição de projetos educativos, de resistências, de adaptações e de negociações.

Ao pensar a categoria da etnicidade como socialmente construída, não se pode desvincular que a nomeação e o pertencimento são ancoragens importantes para pensarmos o processo histórico da educação e, em especial, da escolarização. A etnia é situacional e variável. De acordo com as necessidades e as oportunidades os grupos podem se adaptar a diferentes projetos que



possam favorecer a constituição de benefícios da formação do capital cultural.

Esse texto, por meio de levantamento de dados dos encontros e da análise documental histórica, tentou mostrar a relevância possível de ampliação e aprofundamento de estudos considerando outros grupos étnicos – seja de imigrantes ou de povos originários, assim como dos negros, etnia pouco discutida na socialização dos encontros da ASPHE.

Antes de tudo buscamos, por meio desse escrito, registrar provocações para a ampliação das pesquisas que entrelaçam a convivência de diferentes grupos étnicos e o processo histórico educativo, observando os tensionamentos, os acordos, as perspectivas de convivência e troca.

Cabe destacarmos que há muito a ser feito. Necessita-se maior aprofundamento dos estudos em diferentes contextos espaciais – já que os imigrantes europeus, por exemplo, criaram e mobilizaram algumas estratégias distintas para garantir a escolarização em espaços outros. Movimentos que precisaram de negociação e convivência e que favoreceram ou não uma dinâmica de atribuição de sentido ou, ainda, de apagamento dos vínculos étnicos. Há ainda potencial em suspender os recortes nacionais e pensar em entrelaçamentos transnacionais, para além das fronteiras da nação.

Outros grupos étnicos, como negros e indígenas precisam ter suas histórias da educação problematizadas de forma mais sistemática no campo e em nossa Associação, a ASPHE. Ainda percebemos muitas outras possibilidades com os grupos minoritários de imigrantes com processos escolares e marcações religiosas distintas, caso de árabes e ou judeus, por exemplo. Fica o convite e que novas pesquisas em História da Educação e Etnia se concretizem!

## Referências

- BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PÍNSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**, 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 23-80.
- BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**: seguidos de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. 2 ed. São Paulo, Unesp, 2011.
- CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 295-316.
- CONZEN, K. N. et al. (eds.). The Invention of Ethnicity in the United Sates. In: **Journal of America Ethnic History** 1, 1992, p. 3 – 41.
- HANNERZ, U. Fluxos, fronteiras, híbridos. In: **Mana**, Rio de Janeiro, vol. 3, nº 1, 1997, p. 7 – 39.
- HOBSBAWN, E. e RANGER, T.. Introdução: a invenção das tradições. In: **A Invenção das Tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2014, 9ª ed., 09-23.
- LESSER, J. **A invenção da brasilidade**. Identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração. São Paulo: ed. UNESP, 2015.
- HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre, UFRGS, v. 22, nº 2, jul. – dez. 1997, p. 15 – 46.
- HALL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2011.
- KREUTZ, L. Identidade étnica e processo escolar. In: LUCHESE, T. Â.. **História da escola dos imigrantes italianos em terras brasileiras**. 1. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2014.,35-56.
- POUTIGNAT, P. e STREIFF-FENART, J. **Teorias da Etnicidade**. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. 2 ed. São Paulo: Ed. da UNESP, 2011.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (org). **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

## Apêndice

**Quadro 1** – Levantamento das apresentações com o tema Etnia nos Encontros da ASPHE

Encontro/ Ano	Autor	Título da apresentação
1º Encontro 1997	Lúcio Kreutz	EDUCAÇÃO E ETNIA: PERSPECTIVAS PARA UMA LEITURA NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EDUCAÇÃO E ETNIA- PESQUISAS DO NÚCLEO DE ESTUDOS TEUTO BRASILEIROS
	Elomar Tambara	0 PROCESSO DE (DE)FORMAÇÃO DA NEGRITUDE NO RIO GRANDE DO SUL NO SÉCULO XIX
	Dagmar Meyer	PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DA MULHER NA ALEMANHA: RELATOS DE UM ESTAGIO
III ASPHE 1998	Agostinho Dela Vechia	EDUCAÇÃO DOS ESCRAVOS
	WOLF, Rita Dolores. MEYHR, Dagmar E. E.	CONCEPÇÕES DE PROFESSORES E DE PROFESSORAS NO JORNAL DEUTSCHPOST – RS (1906-1915) LÚCIO KREUTZ – DIFERENÇAS ÉTNICAS E EDUCAÇÃO: UMA CONSTANTE RELAÇÃO DE CONFLITOS NILO KOLLING – EDUCAÇÃO E ESCOLAS EM CONTEXTOS DE IMIGRAÇÃO POMERANA NO SUL DO RS
IV ASPHE 1999	Lúcio Kreutz	DIFERENÇAS ÉTNICAS E EDUCAÇÃO: UMA CONSTANTE RELAÇÃO DE CONFLITOS
	Nilo Bidone Kolling	EDUCAÇÃO E ESCOLAS EM CONTEXTOS DE IMIGRAÇÃO POMERANA NO SUL DO RS
V Encontro 1999	Dagmar Meyer	ARQUITETURA DE UM REGIME DE REPRESENTAÇÃO CULTURAL ESCOLA ELEMENTAR TEUTO-BRASILEIRA- EVANGÉLICA NO RIO GRANDE DO SUL (1909-1939)
	Dirceu de Souza Sarter (UFMS)	ETNICIDADE E MEMÓRIA

VII Encontro 2001	Lúcio Kreutz	UM PASTOR ELABORANDO E IMPRIMINDO MATERIAL DIDÁTICO: DESVIO DE FUNÇÃO?
IX Encontro 2003	Jacira Reis da Silva.	VOZES DE MULHERES NEGRAS: A LUTA POR EDUCAÇÃO ATRAVÉS DO JORNAL "A ALVORADA"
	Maria Angela Peter da Fonseca	GUTEN TAG! ICH HOFFE DASS WIR EINEN GUTEN UNTERRICHT HABEN! " UMA ESCOLA TEUTO-BRASILEIRA URBANA EM PELOTAS
X Encontro 2004	Lúcio Kreutz	CURRÍCULO ESCOLAR, CULTURAS E IMPOSIÇÃO DA LÍNGUA
	Maria Angela Peter da Fonseca e Elomar Tambara:	"ES IST VERBOTEN. WIR DÜRFEN NICHAT MEHR DEUTSCH SPRECHEN, WARUM? VILLEICHT---FECHA UMA ESCOLA TEUTO-BRASILEIRA EM PELOTAS
	Jacira Reis da Silva, Karine de Freitas Mattes, Luciane Kmmment da Silva	MEMÓRIAS QUE FAZEM HISTÓRIA: ESCRITOS DE MULHERES NEGRAS NA LUTA POR EDUCAÇÃO ATRAVÉS DO JORNAL "A ALVORADA"
XI Encontro 2005	Terciane Ângela Luchese	AS ESCOLAS COMUNITÁRIAS ÉTNICAS ENTRE IMIGRANTES ITALIANOS NO RIO GRANDE DO SUL
	Patrícia Weiduschadt	AS FONTES NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO – UM ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA TEUTO-BRASILEIRA NO INTERIOR DE PELOTAS
	Marli de Oliveira Costa	AS MARCAS DA ESCOLA NA VIDA DAS CRIANÇAS: EXPERIÊNCIAS EM UMA COMUNIDADE DE COLONIZAÇÃO ITALIANA / CRICIÚMA – SC
	Lucia Regina Pereira	VIDAS EM RECORTES – PROFESSORAS NEGRAS
	Maria Angela e Elomar Tambara	<i>NON SCHOLAE SED VITAE DISCIMUS</i> A AÇÃO DE UM PROFESSOR NA ESCOLA TEUTO-BRASILEIRA TRÊS VENDAS – PELOTAS – 1934/1938

	Celia Carmen Martinson	O PROFESSOR NAS ESCOLAS DE IMIGRANTES ALEMÃES – JOAÇABA (1917-1938)
	Maria Aparecida Bergamaschi	EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NO BRASIL: O MOVIMENTO DE APROPRIAÇÃO NAS FORMAS DE FAZER A ESCOLA
	Cristiane Seiber Schneider	O PROFESSOR PAROQUIAL E O PROFESSOR ATUAL: O MAGISTÉRIO NAS ÁREAS DE IMIGRAÇÃO ALEMÃ
XII Encontro 2006	Suelen de Lima Bach e Elomar Tambara-	COELHO DE SOUZA E A NACIONALIZAÇÃO DO ENSINO NO RIO GRANDE DO SUL: AÇÃO POLÍTICO-ESCOLAR
	Maria Angela e Elomar Tambara	COLLEGIO ALLEMÃO DE PELOTAS. CURRÍCULO BILÍNGUE?
	Terciane Ângela Luchese	ESPAÇOS ESCOLARES NA REGIÃO COLONIAL ITALIANA DO RIO GRANDE DO SUL: DAS ESCOLAS DE IMPROVISO ÀS ESCOLAS PLANEJADAS
	Patrícia Weiduschadt	SÍNODO DE MISSOURI E A FUNDAÇÃO DO PRIMEIRO SEMINÁRIO EM SÃO LOURENÇO DO SUL (1903-1905)
	Leomar Tesche	O JORNAL GERAL PARA O PROFESSOR NO RIO GRANDE DO SUL: A ESCOLA E O TURNEN
	Tatiane Ermel	O INDÍGENA BRASILEIRO NA REVISTA DO ENSINO/RS (1951-1978)
XIII Encontro 2007	Lúcio Kreutz:	CAMINHOS PERCORRIDOS E ARTICULAÇÕES PARA LOCALIZAR E PRESERVAR FONTES RELATIVAS AO PROCESSO ESCOLAR DOS IMIGRANTES ALEMÃES NO RIO GRANDE DO SUL
	Luciane Wilke Freitas Garbosa	ENSINO DE MÚSICA NAS ESCOLAS TEUTO-BRASILEIRAS DA DÉCADA DE 30: <i>ES TÖNEN DIE LIEDER... E KOMMT UND SINGET!</i>
	Luciane Sgarbi Grazziotin; Márcia Souza da Fonseca; Liane Beatriz Moretto Ribeiro	ITALIANIDADE: ENTRELACANDO HISTÓRIAS E MEMÓRIAS

	Maria Angela Peter da Fonseca	VOCÊ FALAVA ALEMÃO NO COLLEGIO? QUANDO? EM 1913 E EM 1923?
	Monia Kothe	LOUVAI CANTANDO: O CANCIONEIRO DA ESCOLA TEUTOBRASILEIRA
	Patrícia Weiduschadt e Elomar Tambara	LIVROS DIDÁTICOS NAS ESCOLAS POMERANAS
	Tatiane dos Santos Virtuoso	ESCOLAS E PROFESSORES: LUTAS DE REPRESENTAÇÕES EM MEIO AOS ÍTALO- BRASILEIROS (1900-1945)
	Terciane Ângela Luchese	RELIGIÃO E ESCOLARIZAÇÃO: A ATUAÇÃO DAS CONGREGAÇÕES NA REGIÃO COLONIAL ITALIANA, RS – 1875 A 1930
XIV Encontro 2008	Patrícia Weiduschadt	O SÍNODO DE MISSOURI E A REVISTA “PEQUENO LUTERANO” NO CONTEXTO POMERANO: EDUCAÇÃO DOUTRINÁRIA, HIGIENISMO E REDE DE LEITORES (1932- 1952)
	Terciane Ângela Luchese e Lúcio Kreutz	TEMPOS DE VIDA, TEMPOS DE ESCOLA: INDÍCIOS PARA PENSAR A RELAÇÃO IDADE/FREQÜÊNCIA NAS ESCOLAS DA REGIÃO COLONIAL ITALIANA, 1875 A 1930
	Dóris Bittencourt Almeida, Alice Rigoni Jacques e Maria Helena Camara Bastos	DO DEUTSCHER HILFSVEREIN AO COLÉGIO FARROUPILHA: ENTRE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS (1858-2008)
	Isabel Conti Schilling	OS TRAÇOS DA IDENTIDADE CULTURAL POLONESA NAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS DA ESCOLA CASEMIRO STACHURSKI
	Marcos Cerutti e Beatriz Fischer	HISTÓRIAS DE IMIGRANTES SUÍÇOS NO RIO GRANDE DO SUL: FRAGMENTOS PARA FUNDAMENTAR FUTURA ESCRITA DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM CARLOS BARBOSA
XV Encontro 2009	Patrícia Weiduschadt	A NACIONALIZAÇÃO DO ENSINO NO CONTEXTO IMIGRATÓRIO
	Luciane Wilke Freitas Garbosa	ENSINO DE MÚSICA NO DEUTSCHES EVANGELISCHES LEHRERSEMINAR: CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MUSICAL NO BRASIL

	Terciane Angela Luchese e Lúcio Kreutz	INDÍCIOS DA CULTURA ESCOLAR NA REGIÃO COLONIAL ITALIANA DO RS: ENSINAR E APRENDER EM PORTUGUÊS
	Carmo Thum e Elisa Camelato	HISTÓRIA DE VIDA: MEMÓRIA E EDUCAÇÃO
	Cristiane Aparecida Ghisleri Giani Rabelo	LA BAMBINA ITALIANA ALLA SCUOLA: UM LIVRO ESCOLAR PRESCREVENDO A CONDUTA FEMININA PARA FILHAS DE IMIGRANTES ITALIANOS NO SUL DE SANTA CATARINA NO FINAL DO SÉCULO XIX
	Eliane Mimesse Prado Elaine Cátia Falcade Masch	O INÍCIO DA ESCOLARIZAÇÃO PRIMÁRIA NO FINAL DO SÉCULO XIX EM DOIS NÚCLEOS COLONIAIS ITALIANOS
	Alice Rigoni Jacques Tatiane de Freitas Ermel	VELHO CASARÃO: UM ESTUDO SOBRE O KNABENSCHULE DES DEUTSCHES HILFSVEREIN (COLÉGIO FARROUPILHA) EM PORTO ALEGRE (1895 – 1962)
	Francine Adelino Carvalho	UMA CONSTRUÇÃO DE PALAVRAS E IMAGENS: A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA COLEÇÃO O MUNDO DA CRIANÇA (DÉCADA DE 50 DO SÉCULO XX)
XVI Encontro 2010	Isabel Spies Lúcio Kreutz	TUNÁPOLIS, SC (1954-1974): UMA ANÁLISE DO PROCESSO ESCOLAR NO CONTEXTO DE MIGRAÇÃO ALEMÃ
	Patrícia Weiduschadt Beatriz T. Daudt Fischer	PRÁTICAS E MODOS DE LEITURA NA REVISTA O PEQUENO LUTERANO
XVII Encontro 2011	Jorge Luiz da Cunha, Caroline Fabiane Candeloni, Karla Raquel Erstling, Sandy Müller Soares, Taiana Flores de Quadros, Jocemar Flores de Quadros	A HISTÓRIA DA ESCOLARIZAÇÃO DO NEGRO NA PRIMEIRA REPÚBLICA (1889-1930), SOB UMA REFLEXÃO NOS DIAS ATUAIS

	Patrícia Weiduschadt	INTERLOCUÇÃO DOS LEITORES NA REVISTA O PEQUENO LUTERANO
	Terciane Ângela Luchese, Lúcio Kreutz	LIVROS DE LEITURA DAS ESCOLAS ÉTNICO-COMUNITÁRIAS ITALIANAS (1922 A 1938)
	Maria Angela Peter da Fonseca	A MÚSICA EM UM COLLEGIO TEUTO-BRASILEIRO URBANO PELOTAS – RS (1898-1942)
	Lucas Costa Grimaldi-	O JORNAL DAS BAND DA DEUTSCHE HILFSVEREINSSCHULE E AS ESCRITAS ESCOLARES SOBRE A IMIGRAÇÃO ALEMÃ (1929-1938)
	Fabrício Rigo Nicoloso, Jorge Luiz da Cunha	POLÍTICAS PÚBLICAS, EDUCAÇÃO E IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO RIO GRANDE DO SUL (1889-1945)
XVIII Encontro 2012	Maria Angela Peter da Fonseca Elomar Antonio Callegaro Tambara	A FORMATAÇÃO DE UM PERFIL DISCENTE NAS DEUTSCHE SCHULEN URBANAS DE RIO GRANDE E PELOTAS (1933-1938)
	Luciane Sgargi Graziottin Joana Frank	DO SCHÜLER-ZEITUNG AO O ATENEU, MARCAS DA CULTURA ESCOLAR NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS (1964 A 1973)
	Lucas Costa Grimaldi	MEMORIAL DO DEUTSCHER HILFSVEREIN AO COLÉGIO FARROUPILHA: UM LUGAR DE MEMÓRIAS DA ESCOLA (2002-2012)
	Jordana Timm, Lucio Kreutz	MEMÓRIAS DE PROFESSORAS: A FORMAÇÃO E A ATUAÇÃO DOCENTE NO CONTEXTO DA ITALIANIDADE, 1927-1932
	Milene Moraes de Figueiredo	O KINDERGARTEN DO DEUTSCHER HILFSVEREIN: O JARDIM DE INFÂNCIA DA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE ALEMÃ DE PORTO ALEGRE/RS (1911 – 1929)
	Patrícia Weiduschadt	REVISTA O PEQUENO LUTERANO: USO PEDAGÓGICO NO TESTEMUNHO DE PROFESSORES E REDATORES
XIX Encontro 2013	Rozele Borges Nunes	DIVERSIDADE CULTURAL NA ESCOLA: UM ESTUDO COM ÊNFASE NO PROCESSO COLONIZATÓRIO POLONÊS EM DOM FELICIANO/RS



	Danilo Kuhn da Silva	A LÍNGUA E A CULTURA POMERANA NA ESCOLA GERMANO HÜBNER ATRAVÉS DO PROJETO POMERANDO
	Lucas Costa Grimaldi	À SOMBRA DAS TRÊS FIGUEIRAS: O NOVO COLÉGIO FARROUPILHA (PORTO ALEGRE/RS – 1962)
	Maria Angela Peter da Fonseca; Elomar Antonio Callegaro Tambara	A TENDÊNCIA GREGÁRIA DOS IMIGRANTES ALEMÃES E TEUTO-BRASILEIROS EM PELOTAS – SÉCULO XIX
	Adriano Malikoski	ESCOLAS ÉTNICAS POLONESAS NO RIO GRANDE DO SUL 1875 – 1939
	Gelson Leonardo Rech	JORNAL STELLA D’ITALIA E A DEFESA DAS ESCOLAS ITALIANAS DE PORTO ALEGRE (1902-1904)
	Jordana Timm e Lúcio Kreutz	MEMÓRIAS DA PROFESSORA VANDA LIDE SCHUMACHER SOLDATELLI SOBRE A RELAÇÃO ESCOLA-COMUNIDADE, NA ANTIGA REGIÃO DE IMIGRAÇÃO ITALIANA/RS, 1941-1973
	José Edimar de Souza; Luciane Sgarbi S. Grazziotin	OS PRIMEIROS TEMPOS DE ESCOLA EM LOMBA GRANDE: ESCOLA DA COMUNIDADE EVANGÉLICA LUTERANA (1834-1881)
	Cássia Raquel Beiersdorf; Patrícia Weiduschadt	PRÁTICA DOCENTE EM UMA ESCOLA PAROQUIAL DE ARROIO DO PADRE – RS (1950-1960)
XX Encontro 2014	Felipe Rodrigo Contri Paz	A RAÇA NO DISCURSO ESCOLAR: AS IMPLICAÇÕES DO ESTUDO DOS TIPOS HUMANOS NO CURRÍCULO DO INSTITUTO SÃO JOSÉ-RS
	Maria Angela Peter da Fonseca e Elomar Antonio Callegaro Tambara	AÇÕES DE EMPREENDEDORISMO EDUCACIONAL E O CUIDADO COM O DEUTSCHTUM: PELOTAS – SÉCULO XIX
	Celine Lehmann Escher Almeida e Maria Stephanou	IMAGENS E PROTOCOLOS DE LEITURA: ESTUDO ACERCA DAS CAPAS DO ALMANAQUE DER FAMILIENFREUND (RS, 1912-1956)

	Danilo Kuhn da Silva	PROJETO POMERANDO: MAIS CULTURA POMERANA NAS ESCOLAS
	Gelson Leonardo Rech	O INSTITUTO ÍTALO-BRASILEIRO DANTE ALIGHIERI DE PORTO ALEGRE
	Milene Moraes de Figueiredo	A NACIONALIZAÇÃO DO ENSINO NO GINÁSIO TEUTO-BRASILEIRO FARROUPILHA: ANÁLISE DAS CORRESPONDÊNCIAS ENTRE A ESCOLA E AS INSTÂNCIAS ESTADUAIS E FEDERAIS (1937-1945)
	Adriano Malikoski e Lúcio Kreutz	ESCOLARIZAÇÃO DA INFÂNCIA EM COMUNIDADES ÉTNICAS POLONESAS NO RIO GRANDE DO SUL (1875-1939)
	Fabiana Regina da Silva e Jorge Luiz da Cunha	PROCESSOS EDUCACIONAIS ESCOLARES NA NACIONALIZAÇÃO COMPULSÓRIA: RELAÇÕES INTERÉTNICAS NA REGIÃO DO MÉDIO ALTO URUGUAI – RS (1938-1945).
XXI Encontro 2015 temática ETNIAS, CULTURAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	Patrícia Weiduschadt	ACERVOS ESCOLARES NA ESCOLA RIACHUELO EM PELOTAS- ESCRITURAÇÃO ESCOLAR (1973- 1995)
	Felipe Rodrigo Contri Paz, Zita Rosane Possamai	IMPRESSOS RACIAIS: COMPÊNDIOS VISUAIS DOS MUSEUS ESCOLARES (1920-1940)
	Celine Lehmann Escher Almeida, Maria Stephanou	PRÁTICAS DE LEITURA, INTERVENÇÕES EDITORIAIS E ESPAÇO GRÁFICO NO ALMANAQUE DER FAMILIENFREUND (RS – 1912, 1931, 1956)
	Renata Brião de Castro	SALVAGUARDA DE ARQUIVOS ESCOLARES: UM OLHAR ACERCA DA ESCOLA GARIBALDI
	Julia Tomedi Poletto	SILENCIAMENTOS E PERTENCIMENTOS: A ETNICIDADE PRESENTE NO PROCESSO IDENTITÁRIO DO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS (1956 – 1972)
	Fabiana Regina da Silva, Jorge Luiz da Cunha	PROCESSOS EDUCACIONAIS POLONO-BRASILEIROS EM FREDERICO WESTPHALEN – RS NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX: SOCIEDADE ESCOLAR MARECHAL JOSEF PILSUDSKI
	Maria Angela Peter da Fonseca	LEMBRANÇAS DE FRAU HOFMEISTER. COLLEGIO ALLEMÃO DE PELOTAS, RS: 1916-1920

	Marli de Oliveira Costa	ETNIAS E CULTURA ESCOLAR: COMUNIDADES DE IMIGRAÇÃO POLONESA E ITALIANA EM CRICIÚMA-SC (1900-1930)
	Natália Thielke	“OH JESUS! OH MARIA!” A EDUCAÇÃO NAS REDUÇÕES JESUÍTICO-GUARANIS DA PROVÍNCIA JESUÍTICA DO PARAGUAI – 1682/1768
	Elaine Cátia Falcade Maschio	O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA COLÔNIA ITALIANA DE NOVO TYROL EM FINS DO SÉCULO XIX
	Gelson Leonardo Rech	GINO BATTOCCHIO E AS AULAS GRATUITAS DE ITALIANO NO COLÉGIO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO (1933 – 1940)
XXII Encontro 2016	Cássia Neivert e Regiana Blank Wille	A REFORMA LUTERANA NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MUSICAL
	Gabriela Corrêa Lopresti, Isabella Ferreira Cardoso, Renata dos Santos Alves e Carmo Thum	A BASE DIVERSIFICADA DO CURRÍCULO COMO CONSTRUÇÃO DIDÁTICA E VALORIZAÇÃO DA CULTURA POMERANA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO
	Gelson Leonardo Rech	ESTRATÉGIAS PARA A PROMOÇÃO DA ITALIANIDADE EM PORTO ALEGRE: CULTURA E ESCOLA (1928-1938)
	Jeane dos Santos Caldeira e Giana Lange do Amaral	UMA “MÃE PRETA” NA ASSISTÊNCIA CARITATIVA DE CRIANÇAS DESVALIDAS NAS CIDADES DE PELOTAS E BAGÉ/RS (1901-1930): A ATUAÇÃO DE LUCIANA LEALDINA DE ARAÚJO
	Leticia Sell Storch e Vania Grim Thies	LEMBRANÇAS DE BATISMO: A CULTURA ESCRITA EM TRÊS GERAÇÕES DE UMA FAMÍLIA POMERANA
	Maria Angela Peter da Fonseca e Elomar Antonio Callegaro Tambara	DEUTSCHE SPRACHSCHULE IN VIER HEFTEN: OS LIVROS DIDÁTICOS DE REINHARD HEUER, DIRETOR DO COLLEGIO ALLEMÃO DE PELOTAS (1916-1925)
	Renata Brião de Castro e Patrícia Weiduschadt	ASPECTOS DA NACIONALIZAÇÃO DO ENSINO NA ESCOLA GARIBALDI (PELOTAS/RS)

	Alice Rigoni Jacques –	TUDO PELO BRASIL IMORTAL: O PROCESSO DE NACIONALIZAÇÃO NO ENSINO PRIMÁRIO DO COLÉGIO FARROUPILHA/POA-RS (1937-1945)
XXIII Encontro 2017	Elias Kruger Albrecht; Daiana Dillmann Zarnott e Patrícia Weiduschadt	REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO EM UMA CARTILHA ALEMÃ PARA ESCOLAS ALEMÃS NO BRASIL (1924-1927)
	Gelson Leonardo Rech	MAGISTÉRIO E ABNEGAÇÃO: PROFESSORAS DAS ESCOLAS ÉTNICAS ITALIANAS DA CAPITAL DO RIO GRANDE DO SUL (1877-1938)
	Graciela Elizabeth Teixeira Agache	AS PROFESSORAS E O ENSINO DE MATEMÁTICA NO COLÉGIO CONCÓRDIA DE PORTO ALEGRE ENTRE 1902-1942
	Maria Ângela Peter da Fonseca e Elomar Antonio Callegaro Tambara	PROFESSORAS NO CORPO DOCENTE DO COLLEGIO ALEMÃO DE PELOTAS-RS (1909-1933)
	Maria Stephanou e Amanda Backes	KAUE-KALENDARZ LUDU: PRÁTICAS DE LEITURA E ESTRATÉGIAS EDITORIAIS DE UM ALMANAQUE EM LÍNGUA POLONESA PUBLICADO NO SUL DO BRASIL (PARANÁ, 1939-1972)
	Milene Moraes de Figueiredo	AS PERMANÊNCIAS E RESSIGNIFICAÇÕES DO ROMANTISMO ALEMÃO NA FORMAÇÃO DE UM PERTENCIMENTO IDENTITÁRIO COLETIVO NO COLÉGIO FARROUPILHA (1886-1938)
	Terciane Ângela Luchese	PRÁTICAS EDUCATIVAS NO JORNAL IL CORRIERE D'ITÁLIA, RS, BRASIL (1913-1927)
	Renata Brião de Castro e Patrícia Weiduschadt	BREVES REFLEXÕES SOBRE AS ESCOLAS ÉTNICAS ITALIANAS EM PELOTAS/RS: FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX
	Adriano Malikoski	ASSOCIAÇÕES E SOCIEDADES E A ORGANIZAÇÃO DAS ESCOLAS DA IMIGRAÇÃO POLONESA NO RIO GRANDE DO SUL (1886-1937)

XXIV Encontro 2018  Teve simpósio temático: Etnias e Movimentos Sociais na História da Educação	Jeane Caldeira	INTELECTUAIS NEGROS E EDUCAÇÃO: FUNDAÇÃO E MANUTENÇÃO DO ASILO ÓRFÃS SÃO BENEDITO (INÍCIO DO NO SÉCULO XX)
	Renata Brião de Castro, Alberto Barausse	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ESCOLAS ITALIANAS EM PELOTAS (RS) ENTRE O FINAL DO SÉCULO XIX E O INÍCIO DO XX
	Circe Mary Silva da Silva	UMA ESCOLA NORMAL ALEMÃ NO HEMISFÉRIO SUL (1910-1925)
	Maria Angela Peter da Fonseca	A CULTURA ESCOLAR DA DEUTSCHE SCHULE URBANA COLLEGIO RIO- GRANDENSE DO RIO GRANDE (1935-1936)
	Maria Stephanou Amanda Backes Kauer Caroline Adamski Ribeiro	APRENDIZADO DO POLONÊS E DO PORTUGUÊS EM ESCOLAS ÉTNICAS POLONESAS: GRAMÁTICA DAS PALAVRAS, DA LIÇÃO E DA IDENTIDADE (BRASIL, DÉCADAS DE 1920 E 1930)
	Roberta Madeira de Melo, Zita Possamai	MUSEUS E POVOS INDÍGENAS: ALGUMAS EXPERIÊNCIAS
	Elias Kruger Albrecht Patrícia Weiduschadt	LER, CANTAR E FAZER CONTAS”: MEMÓRIAS DAS PRÁTICAS ESCOLARES EM ESCOLAS SINODAIS (1932- 1945)
	Jaqueline Peres Dewes	PONTES PARA A POLONIDADE: DIMENSÕES EDUCATIVAS EM MEMÓRIAS DE POLONESES EM PORTO ALEGRE (1932- 2017)
	Leticia Sell Storch Vania Grim Thies Milena Venzke Kaad	AS CARTAS DE PROTEÇÃO COMO ARTEFATOS DA CULTURA ESCRITA NA TRADIÇÃO POMERANA
	Terciane Ângela Luchese	UMA GRAMÁTICA DE ITALIANO IMPRESSA NO RIO GRANDE DO SUL: APROXIMAÇÕES DA HISTÓRIA DO LIVRO ESCOLAR PRODUZIDO PARA AS ESCOLAS ITALIANAS (1896)

XXV Encontro 2019  Eixo 2: etnia e movimentos sociais	Patrícia Duarte Pinto	LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA: UMA ANÁLISE DE NARRATIVAS SOBRE A ESCRAVIDÃO
	Karen Laiz Krause Romig	O RITO DA CONFIRMAÇÃO LUTERANA E A ESCOLARIZAÇÃO DE DESCENDENTES POMERANOS NO PERÍODO DE 1945 A 1970 EM CANGUÇU – RS: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES DE PESQUISA
	Elisabeth da Rosa Conill	ASSOCIAÇÃO CULTURAL ÍTALO-BRASILEIRA (ACIB): LÍNGUA E CULTURA ITALIANA EM PELOTAS, RS
	Maria Angela Peter da Fonseca	VISITAS DE VIAJANTES ALEMÃES AO COLLEGIO ALLEMÃO DE PELOTAS (1920-1930)
	Elias Krüger Albrecht	O BILINGUISMO COMO METODOLOGIA PARA ENTREVISTAS DE HISTÓRIA ORAL
	Renata Brião de Castro, Alberto Barausse	TRANSNACIONALIDADE E ENSINO: A TRAJETÓRIA DE UMBERTO ANCARANI ENTRE A EUROPA E O BRASIL NAS ESCOLAS ITALIANAS NO EXTERIOR
	Patrícia Weiduschadt	REVISTA PEDAGÓGICA DO SÍNODO DE MISSOURI: UNSERE SCHULE (1933-1936)
	Leticia Sell Storch, Vania Grim Thies	A CULTURA ESCRITA EM CADERNOS ESCOLARES E NÃO ESCOLARES DE UM PASTOR/PROFESSOR POMERANO
	Nathalie Rosario Jardim	PROFESSORA “TORTURADA” PELA COR: PROBLEMATIZAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO CONTEXTO DA DÉCADA DE 1950 NO RIO GRANDE DO SUL
Jeane dos Santos Caldeira	A ALVORADA: IMPRENSA NEGRA PELOTENSE E A ASCENSÃO DOS NEGROS ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX	

**Fonte:** organizado pelas autoras.

# O Ensino Primário no meio rural em pesquisas abordadas nos eventos da ASPHE (1995-2019)

*José Edimar de Souza  
Vania Grim Thies*

## Considerações Iniciais

A escrita da história, como prática, representa uma possibilidade para ler, traduzir e interpretar vestígios do passado (LOPES; FARIA FILHO; VEIGA, 2000). A partir do modo como o historiador analisa as evidências do seu objeto, o mesmo pode investigar e explorar a natureza do objeto, sendo possível recompor o passado a partir de vestígios que se apresentam de forma a possibilitar constituir a matéria da história

[...] el historiador no se limita a revivir pensamientos pasados, los revive em el contexto de su próprio conocimiento y, por tanto, al revivirlos, los critica, forma sus propios juicios de valor, corrigiendo los errores que pueda advertir em ellos; esta crítica de los pensamientos cuya historia traza no es algo secundário a la tarea de trazar su historia, sino condición indispensable al conocimiento histórico mismo, pues todo pensar es pensar crítico; y éste es el sentido em el que se disse que el historiador recrea la historia (ROLDAN, 2005, p.161).

Os processos de escolarização representam as práticas sociais estabelecidas pelos sujeitos em um determinado espaço e tempo. O processo de escolarização aqui investigado está engendrado e faz parte de uma complexa engrenagem cultural e social. Desse modo, o ensino primário no meio rural, analisado a partir da perspectiva da História Cultural, buscou compreender relações entre o contexto histórico e a produção de conhecimento sobre esta temática publicada nos anais

dos Encontros da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE).

No início do século XX percebiam-se ainda, a continuidade, no Rio Grande do Sul, de aspectos que marcaram o ensino no século XIX, no qual a escolarização destinava-se aos filhos de alguns homens de posses que contratavam professores particulares para instruí-los, bem como a presença de Aulas de estudos elementares. Para Souza (2020), o pouco investimento do Estado em educação e de modo geral, uma educação no espaço rural, possibilitou a construção de uma identidade específica de valor étnico, cultural e agrícola nas diferentes comunidades rurais.

O século XX também assistiu a inúmeras transformações, no que se refere ao espaço rural, o Brasil passou de uma sociedade eminentemente agrária a uma sociedade industrial, e a cidade assumiu a posição de guia, de modelo dos paradigmas culturais e sociais. Almeida (2007) argumenta que as mudanças econômicas e sociais promoveram transfigurações identitárias e, portanto, afirmou-se uma tendência de construção de identidades urbanas, associando a cidade o *status* de progresso.

Nas primeiras décadas do século XX, o paradigma republicano promoveu uma reestruturação do Estado que buscava na escolarização uma possibilidade alternativa para acompanhar as transformações que vivia o país nessa época. O crescimento urbano e industrial que marcou a década de 1930 produziu na população rural aspiração de “[...] ver se seus filhos poderiam, uma vez fora da zona rural, escapar do serviço físico bruto”. A questão fundamental da escola continuava sendo “de ensinar a ler, escrever e calcular” (GHIRARDELLI JUNIOR, 2009, p. 39). A função da instrução salientava-se frente aos novos paradigmas que se projetavam na ótica da formação geral e o desenvolvimento humano do ser humano como um sujeito pátrio, ativo e atuante.



Na década de 1950, a obra “A escola primária rural”, de Ruth Ivoty Torres da Silva, publicado em 1951, pela Editora Globo, tornou-se um documento significativo para compreender a história da educação no meio rural no Rio Grande do Sul, de acordo com Almeida e Grazziotin (2013, p. 134), “percebe-se que compilou seus escritos em uma obra que contempla reflexões acerca das grandes questões que envolviam a educação rural.”. Nesse sentido, constituiu-se em um apoio importante para os professores rurais que nem sempre, possuíam formação docente. Dewes e Souza (2021) argumentam que havia uma expectativa de que os professores rurais pudessem contribuir para construção de um projeto de nação, patriótico e que garantisse a continuidade do republicanismo. Segundo Ruth Ivoty Torres da Silva (1951)

A escola primária de zona rural [...] tem necessariamente as mesmas finalidades da nossa escola comum, sendo sua função precípua a educação integral. Cabe-lhe oferecer um ensino que responda às necessidades e às características da vida regional, a fim de adaptar o indivíduo às realidades locais e fixa-lo no meio, capacitando-o a reagir vitoriosamente sobre o mesmo (SILVA, 1951, p. 17).

Identifica-se que entre as décadas de 1950 e 1960 o desenvolvimento de atividades rurais nas escolas primárias sugeriam atividades comuns, com conteúdo básico e específico com propósito instrutivo e vocacional. No início dos anos 60, desenvolvem-se procedimentos administrativos tendentes à descentralização do ensino primário. Além disso, nesse período o projeto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional é longamente debatido e tramita no Congresso Nacional de 1948 a 1961 (WERLE, 2005).

Na década de 1960 as mudanças profundas, no contexto político, repercutiram diretamente no sistema educacional. Com a renúncia de Jânio Quadros e a deposição de João Goulart, o país esteve exposto a

uma série de mobilizações que demonstraram a existência de um nível de consciência por parte de sua população. No setor econômico, a partir de 1964 o país conheceu um “modelo capitalista periférico, associado e subalterno”, cujo efeito foi sentido nas transformações sociais que modificaram as práticas educacionais a partir da DIMEP – Divisão de Municipalização do Ensino Primário (VECCHIA; HERÉDIA; RAMOS, 2008, p. 28).

No final da década de 1960 princípios e leis complementares expressaram aspectos presentes na legislação anterior, porém a Constituição Federal de 1967 e as leis complementares de 1969 estabeleceram a obrigatoriedade do ensino às crianças de sete a catorze anos, bem como a proposta do tecnicismo, orientou a produtividade e eficiência do ensino se percebendo nos princípios da Lei 5692/71. A LDB de 1971 permaneceu treze anos no Congresso, portanto, negando-se a possibilidade da discussão e construção pelo poder legislativo, sendo aprovada sem nenhum veto presidencial (GHIRARDELLI JUNIOR, 2009).

Na década de 1980, período denominado transição democrática, a administração municipal adotou uma proposta de política decorrente da situação conjuntural em que se encontrava o país. “O nosso país ganhou uma nova Constituição em 1988 – mais generosa quanto a direitos sociais [...]” (GHIRARDELLI JUNIOR, 2009, p. 169). Essa proposta, sustentada na melhoria da qualidade do processo de aprendizagem, foi uma das metas principais do ensino no período ampliando a obrigatoriedade do ensino e de uma educação básica para o desenvolvimento humano.

Ribeiro e Antonio (2007) argumentam que ao longo da história, aplicaram-se vários programas para educação rural, porém o modelo de escola rural que tem predominado na nossa história é constituído, quase que em sua maioria, de classes multisseriadas de 1ª a 4ª série do ensino fundamental, a cargo de professores leigos, ou com menor

tempo de formação que os professores das escolas urbanas. Nesse sentido, o objetivo desse trabalho foi analisar as produções identificadas à temática do ensino primário no meio rural publicados nos anais dos Encontros da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE), entre 1995-2019, buscando compor uma cartografia de pesquisa.

Segundo Ferreira (2002, p. 258), construir uma possível cartografia considera a intenção de pesquisar e também discutir as produções acadêmico-científicas “[...] em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições [...]” estão sendo desenvolvidas as pesquisas. A construção de um “estado do conhecimento” compreender ainda “[...] categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica” (MOROSINI; FERNANDES, 2014, p. 155).

É importante destacar que sobre a temática do ensino primário em nível nacional há muitas publicações, valendo-se de instrumentos que contemplam instituições/periódicos e as tradicionais buscas em bancos de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Destacamos, algumas obras que se aproximam da discussão que propomos neste trabalho, como: Souza-Chaloba (2019), sobre o ensino primário; Souza-Chaloba, Celeste Filho e Mesquita (2020) que, guardadas as singularidades regionais, apresentam um desenho das pesquisas sobre a formação e prática de professores rurais nas duas últimas décadas. Especificamente, referente a produção da região sul do Brasil, citamos o trabalho de Bastos, Bencostta e Cunha (2004) e Bastos, Tambara e Kreutz (2002)

que fizeram um primeiro mapeamento da produção científica na área da História da Educação mesmo não distinguindo a ênfase nas pesquisas sobre o meio rural.

O estudo de Bastos, Bencostta e Cunha (2004) trouxeram evidências da ampliação e inclusão de temas que nem sempre foram vinculados aos estudos da história da educação. E ainda sinalizam aos pesquisadores que a temática da educação rural, da história da adolescência e de investigações dedicadas aos períodos anteriores ao século XVI ainda representam pouco interesse como objeto de investigação. Além disso, a temática do ensino rural<sup>1</sup> não se destaca entre os temas examinados, mesmo que seja discutido no conjunto dos artigos, dissertações e/ou teses que foram analisadas.

Em estudo da produção do conhecimento sobre a História da Educação no Rio Grande do Sul, Bastos (2002), argumenta que é significativa ausência de pesquisas sobre a temática da educação rural a partir de um levantamento de mais de 90 trabalhos. Sobretudo, carecem de investigações em “[...] visão mais ampla – que avance das iniciativas coloniais alemães e italianas”. Indicando dissertação de

---

<sup>1</sup> Considerando os resultados apresentados, na região sul, em 2004, havia 20 estudos sobre ensino primário, do conjunto dos 686 objetos analisados entre os anos 1980-2000. No âmbito da produção do conhecimento sobre a temática, em perspectiva mais alargada, destacamos o trabalho de Carvalho e Castro (2014); bem como o estudo de Lionetti, Civera e Werle (2013), que reúnem resultados de investigações de diferentes pesquisadores em contexto latino-americano. O trabalho de Werle, López e Triana (2018), apresenta temática das práticas de escolarização rural em diferentes experiências na relação com o ensino na América Latina. Outros dois trabalhos ainda se destacam contemplando resultados de uma ação mais aprofundada em dimensão internacional, sobretudo tangenciando o aspecto da formação e das relações de trabalho dos professores rurais, que podem ser conferidos em Werle (2007; 2010) e Werle e Metzler (2009). Ainda sobre a educação rural, indicamos o trabalho de Lima e Musial (2016) que problematiza a questão rural em dimensões institucionais, das trajetórias de professores e alunos a partir da experiência de práticas educativas. Sobre o ensino primário e a história da escola no Rio Grande do Sul, citamos os estudos de Souza (2020); Almeida e Grazziotin (2016) e Ripe, Souza e Oliveira (2019).

mestrado defendida por Almeida (2001) e o estudo das pesquisas de Dorneles e Marques (2000), com ênfase na educação do campo.

No caso da Educação do Campo, fomentada no final de 1990 no cenário nacional, pensar o tema da educação implica pensar não apenas nas bases para o 3º milênio, mas no passado; pensar na história de uma exclusão e ao mesmo tempo de uma resistência que merecem serem lembradas. E indiferente de compor uma história da educação rural ou do campo, concordamos com Demartini (2002) quando argumenta que é necessário construir uma outra teoria da história, “que devolva ao passado a sua capacidade de revelação”, que reanime o sofrimento humano e amenize as mazelas das desigualdades sociais, para que isso ocorra é preciso ter um “projeto de memória e de denúncia” (DEMARTINI, 2002, p. 134). Pensar a escola no campo nos remete ao espaço natural da constituição histórica e cultural do Brasil. A estrutura urbana tal como está posta, sedimentada na cultura, foi e é fruto da presença estrangeira e emigrante e isso se reflete na escola. Nesta lógica, pensar professores com formação e práticas pedagógicas urbanas era adequado a este modelo porque atendia uma parcela mínima da sociedade (SOUZA, 2019).

Desde os tempos em que as classes não eram seriadas e os alunos estudavam todos nas escolas isoladas, as práticas pedagógicas eram permeadas pelo fazer pedagógico das escolas urbanas. O grande desafio dos anos cinquenta, do século XX, foi marcado por diferentes processos de qualificação do trabalho nas escolas, através do processo de ruralização do campo, bem como projetos específicos que procuraram radicar a população no campo. A escola rural, destes primeiros tempos, mesmo que aperfeiçoasse o trabalho com os conhecimentos e a escola organizada em disciplinas, atendia ao modelo perverso da sociedade capitalista, principalmente no que contribuía para o êxodo rural.

Em estudos mais recentes sobre o mapeamento da produção em revistas especializadas sobre a educação rural, Ivashita (2020) analisou quatro periódicos da área da educação, especialmente, destacou a Revista de História da Educação, da ASPHE, indicando a quase inexistente publicação de trabalhos vinculados ao tema. Nesse sentido, no conjunto da análise, a região sul representa apenas 27% das publicações, destacando-se 19 trabalhos, de sete instituições (UEM, UFPel, UNICENTRO, UCS, UNISINOS, UEL e UFRGS). Se analisarmos apenas o Rio Grande do Sul, os resultados são menores, contando com apenas 11 trabalhos publicados entre 1997-2019. Destaca-se que não há nenhum trabalho sobre a referida temática publicado na Revista Brasileira de História da Educação. Ivashita (2020) ainda conclui que as publicações se intensificam a partir de 2009 e que as temáticas se desdobram a partir do recorte temporal de 1930 a 1960 evidenciando aspectos como a relação com as escolas isoladas, formação de professores e educação para o trabalho<sup>2</sup>.

Desse modo, há um campo de estudos que ainda carece de investigações, pelo menos referente a socialização de estudos já realizados por pesquisadores da região sul em eventos sobre a temática do meio rural e do ensino primário nesse contexto. No que se refere a produção específica publicada nos anais dos Encontros da ASPHE a realização deste trabalho possibilitou identificar e mapear as linhas de investigação, as instituições à que se vinculam, os grupos de pesquisa, as escolhas teóricas e metodológicas, bem como o repertório

---

<sup>2</sup> Para Lima (2020) apenas 4 trabalhos sobre a temática da educação rural foram publicados nos Congressos Brasileiros de História da Educação, entre 2000-2017, promovidos pela Sociedade Brasileira de História da Educação. Indicam a produção de pesquisadores vinculados: UNIJUI, UCS, UNISINOS, UFRGS. Costa e Souza-Chaloba (2020) evidenciam que sobre a temática da formação e o trabalho de professores rurais (entre 2001-2018), identificados à teses e dissertações, apenas 4 trabalhos publicados pelas seguintes universidades: UFPel, UNISINOS, UFRGS, PUC-RS enfatizaram a temática do rural.

que aprofundam tais produções, como passamos a discutir na próxima seção.

### **O Ensino Primário no meio rural: as produções encontradas nos anais da ASPHE (1995-2019)**

Entre 1995 e 2019, a ASPHE organizou vinte e cinco encontros. Em 1997 ocorreram os dois primeiros encontros e posteriormente a entidade promoveu anualmente os encontros<sup>3</sup>. Embora a temática apareça debatida de forma transversal nos trabalhos, em nenhum dos encontros o tema figurou como principal. Contudo, histórias, instituições escolares, trajetórias e práticas docente, políticas, culturas, cultura escrita, acervos, memória, patrimônio e as questões étnicas parecem ter ocupado a maior parte do centro de interesse também dos trabalhos que foram apresentados nos eventos. Uma informação importante e que talvez justifique a pouca expressividade da temática do ensino primário no meio rural, talvez, esteja no formato e fluxo de submissão de trabalhos. A natureza de organização das mesas de apresentação de trabalhos se configura após o término do processo de avaliação, não possuindo uma submissão por grupo de trabalho ou simpósio temático<sup>4</sup>, o que também dificultou nosso processo de análise.

A busca pelos trabalhos apresentados e publicados nos encontros da Asphe foi realizada nos anais disponíveis no Repositório Digital TATU da Universidade Federal do Pampa (TATU, 2021), onde estão disponíveis os anais dos 25 encontros, com exceção dos volumes do 2º (1997/2) e 6º encontro (2000). A partir da busca por

---

<sup>3</sup> Em dezembro de 2019, a população mundial foi acometida de uma pandemia que ficou conhecida como COVID-19. Desse modo, em 2020, excepcionalmente, não foi realizado o encontro anual da ASPHE.

<sup>4</sup> Identificamos a organização por eixos temáticos nas edições dos Encontros realizados em 2015, 2018, 2019, mas não enfatizam a temática do ensino ou educação rural em uma mesa e/ou painel específico.

palavras-chaves (escola rural, escola primária rural, professor(a) rural, docência no meio rural, escola normal rural) nos anais dos encontros da ASPHE no período de 1997 (I Encontro) até 2019 (XXV Encontro), ano do último encontro, foi possível localizar 34 trabalhos na temática do ensino primário no meio rural. Os trabalhos foram publicados por 32 pesquisadores, muitos desses, foram orientadores das pesquisas desenvolvidas e aparecem como coautores. No quadro 01 procuramos sistematizar os anos dos encontros e a instituição onde foram realizados, bem como os trabalhos publicados com seus respectivos autores e coautores<sup>5</sup>.

**Quadro 1** – Trabalhos publicados nos anais dos encontros da ASPHE (1997-2019) com a temática do ensino rural

Ano	Encontro	Título do trabalho	Autores
1997	I São Leopoldo (UNISINOS)	Expansão da agropecuária e formação de professores rurais  A História da Educação Rural a partir da história das escolas	José Fernando Kieling  Eva Lizety Ribes
1999	V Passo Fundo (UPF)	Tapes: a história da educação e da cultura de Tapes na perspectiva de Clair Garcia	Agostinho Mario Della Vecchia
2002	VIII Gramado (UFRGS)	Professores rurais: construção de identidades nas Escolas Normais Rurais	Dóris Bittencourt Almeida
2003	XIX Porto Alegre (PUC)	Aproximações com as memórias da Escola Normal Rural de Osório	Dóris Bittencourt Almeida

<sup>5</sup> A coleta dos dados nos anais dos encontros foi realizada pelas bolsistas de Iniciação Científica Bianca Leal Fernandes e Thalia Costa Duarte, orientadas pela Profa. Dra. Vania Grim Thies (UFPEL) e Karoline Sander Farinha, bolsista PIBIC-CNPq, orientada pelo Prof. Dr. Edimar de Souza (UCS).



<b>Ano</b>	<b>Encontro</b>	<b>Título do trabalho</b>	<b>Autores</b>
2005	XI São Leopoldo (UNISINOS)	"A voz da Serra" impresso estudantil de uma escola normal rural  A experiência educativa da Escola Normal Rural de Osório nas memórias de alunos/as e professores/as  Trajetórias escolares de alunos de uma escola da zona rural do município de Três de Maio (RS)	Flávia Obino Werle; Lenir Marina Trindade de Sá Britto; Gisele Nienov  Dóris Bittencourt Almeida  Magda Raquel Glienke Benati
2006	XII Santa Maria (UNIFRA)	Pesquisando e fazendo história: documentos e vozes do passado ajudam a fortalecer o presente de uma escola rural  Sud Mennucci e as concepções educacionais que deram origem às escolas normais rurais no Brasil	Beatriz T. Daudt Fischer; Eva Esperança Rodrigues Soares  Lenir Marina Trindade de Sá Britto; Flávia Obino Corrêa Werle
2007	XIII Porto Alegre (UFRGS)	Os boletins rurais: missão e formação docente	Dóris Bittencourt Almeida
2010	XVI Porto Alegre (UFRGS)	Ensino rural e a utilização do rádio no Rio Grande do Sul	Flávia Obino Werle
2011	XVII Santa Maria (UFMS)	Diferenças em um espaço "de iguais": o internato em uma escola normal rural (1950 – 1960)  Memórias da rural em Novo Hamburgo: a trajetória da professora Élia Maria Thiesen (1958- 1984)  Memórias docentes: ressignificações da educação rural	Dóris Bittencourt Almeida Luciane Sgarbi Grazziotin  José Edimar de Souza  Cinara Dalla Costa Velasquez
2012	XVIII Porto Alegre (UFRGS)	História da educação rural: professoras e suas representações (1950-1980) Santiago-RS  Memórias de formação e prática em horizontes rurais: o professor Paulo Plentz (Novo Hamburgo/RS, 1965-1995)	Cinara Dalla Costa Velasquez; Fabiana Regina da Silva; Jorge Luiz da Cunha; Josiane Caroline Machado Carré  José Edimar de Souza

<b>Ano</b>	<b>Encontro</b>	<b>Título do trabalho</b>	<b>Autores</b>
2014	XX Porto Alegre (UFRGS)	O uso de fotografias para pesquisas em história da educação: estudo de caso da Escola Rural da Faxina  Etnomatemática e a educação no meio rural  O eco de Fernando de Azevedo na educação rural do Rio Grande do Sul	Sheila Duarte; Elomar Tambara  Monica Alves Bachini; Patricia Weiduschadt  Magda de Abreu Vicente
2015	XXI Caxias do Sul (UCS)	Escola normal rural Murilo Braga de Carvalho: espaço escolar e memória institucional (1952-1974)  Escolas rurais em Pelotas/RS sob a luz dos decretos municipais na década de 1940: primeiras aproximações	Jauri dos Santos Sá Flavia Obino Werle  Magda de Abreu Vicente; Giana Lange do Amaral
2016	XXII Bagé (UNIPAMPA)	As práticas rurais do clube agrícola: incentivando “o amor à terra” no grupo escolar Farroupilha (Farroupilha/RS – 1940-1945)  O retrato que eterniza o olhar: representações da educação primária rural em Pelotas-RS  Os registros oficiais da escola Ipiranga (1960 a 1980): educação moral e cívica na escola do campo	Cassiane Curtarelli Fernandes  Magda de Abreu Vicente; Giana Lange do Amaral  Renata dos Santos Alves Patricia Weiduschadt
2017	XXIII Rio Grande (FURG)	A professora Rachel Mello: representações sobre a mediadora cultural de um projeto educativo rural em Pelotas – RS (1930-1966)  Jess Cherem: vestígios da experiência de uma professora primária bolsista do Pabaee em Santa Catarina  Escolas primárias subvencionadas em São Leopoldo/RS nas primeiras décadas do século XX  O nacionalismo e sua influência nos saberes das escolas rurais do Vale dos Vinhedos  As Brizoletas em Pelotas: os acordos entre governo estadual e municipal para expansão do ensino primário	Magda de Abreu Vicente Giana Lange do Amaral  Giani Rabelo Susane C. Waschinewski José Edimar de Souza  Gleison Olivo  Weliton Barbosa  Kuster; Renata dos Santos Alves; Patricia Weiduschadt

Ano	Encontro	Título do trabalho	Autores
2018	XXIV São Leopoldo (UNISINOS)	“Quando terminava o primário, uma grande parte voltava para casa e ia trabalhar na colônia”: o Clube Agrícola na historiografia do Grupo Escolar Farroupilha (Farroupilha/RS, 1939-1945)  Notas de escolarização em Caxias do Sul/RS (1890-1930): grupos escolares no meio rural  O jornal A Palavra e a diocese de Pelotas: o que pensar para a educação rural (1912-1959)?	Cassiane Curtarelli Fernandes  José Edimar de Souza; Patrícia Bortoluzzi  Magda de Abreu Vicente
2019	XXV Bagé (UNIPAMPA)	Concepções e práticas pedagógicas de professoras de escolas rurais multisseriadas de São Lourenço do Sul/RS (1970-1980)	Angelita Vargas Kolmar; Patrícia Weiduschadt

**Fonte:** Elaborado pelos autores (2021).

Grosso modo, podemos indicar que a metodologia utilizada compreendeu o trabalho com análise de diferentes fontes, especialmente abordadas pela análise documental. Valendo-se de fontes icnográficas, jornalísticas, legislativas, orais, entre outras. A abordagem teórica que se evidencias situa-se na perspectiva da história cultural. Uma informação importante é observar os períodos com maior número de submissão de trabalhos (2005; 2011 e 2014), com pelo menos três artigos publicados nos anais, bem como, o ano de 2017, com cinco trabalhos apresentados. Destaca-se a recorrência de alguns autores, considerando o desenvolvimento de estudos mais largos, como dissertações, teses e projetos de pesquisas com fomento de agências públicas de pesquisa. Há ainda indicativo de envolvimento da iniciação científica envolvida em apresentação de resultados, salientando a relevância dos Encontros da Asphe para a formação de futuros pesquisadores na área, por exemplo.

Se considerarmos os estudos de Lima (2020) e Ivashita (2020) que analisam a temática do meio rural em dimensão nacional identificamos também recorrência no que se refere as instituições

indicadas neste levantamento inicial da produção de trabalhos publicados nos anais da Asphe. Desse modo, entendemos que as pesquisas sobre a temática se vincularam à programas de pós-graduação específicos, como UNISINOS, UCS, UFPel, especialmente. Destacando ainda a relação com os projetos coordenados e/ou das orientações vinculadas pelos pesquisadores que apresentaram resultados dos seus estudos nos encontros da Asphe.

Acreditamos que o quadro, abrangendo apenas a temática pesquisada, é um importante demonstrativo para que o leitor possa verificar os autores e seus respectivos trabalhos, bem como o ano e o local de acontecimentos dos eventos. A partir da listagem dos textos verificamos que o período histórico do tema ensino rural, nos eventos da Asphe, foi investigado levando em conta o final do século XIX até o final de XX (1890 a 1980). Verificamos esse aspecto nos trabalhos de José Edimar de Souza e Patrícia Bortoluzzi sob o título “Notas de escolarização em Caxias do Sul/RS (1890-1930): grupos escolares no meio rural” e no trabalho de Angelita Vargas Kolmar e Patrícia Weiduschadt intitulado “Concepções e práticas pedagógicas de professoras de escolas rurais multisseriadas de São Lourenço do Sul/RS (1970-1980)”.

A publicação nos anais nos primeiros eventos nos quais a temática perseguida está presente, 1997 e 1998, se deu apenas com o resumo e não fica explícita a perspectiva teórica e metodológica utilizada para as análises. A partir dos anos de 2001<sup>6</sup>, os anais disponíveis para a consulta contemplam já o artigo completo.

Alguns trabalhos e seus respectivos autores, merecem destaques pela sua recorrência ao longo de alguns anos. Comentaremos os destaques de acordo com os anos de apresentação e suas temáticas.

---

<sup>6</sup> Devido à indisponibilidade dos anais no ano 2000, não foi possível verificar se neste ano especificamente já contava com o artigo completo.

Destacamos assim, as pesquisas de Dóris Bittencourt Almeida<sup>7</sup> que apresentou e publicou artigos sobre a pesquisas de doutoramento durante o período de 5 Encontros da Associação (nos anos de 2002, 2003, 2005, 2007 e 2011). Os artigos priorizaram diferentes aspectos do ensino normal rural, tais como identidade docente, as memórias das docentes, os boletins rurais do Rio Grande do Sul e a influência na formação docente, entre outros aspectos. A abordagem metodológica da História Oral está presente sem suas pesquisas estabelecendo a relação entre a memória e a História da Educação.

A memória de professores de escolas rurais também aparece nos estudos de José Edimar de Souza, um dos autores desse artigo. Tais trabalhos foram realizados no município de São Leopoldo (RS) contexto onde estudou também as escolas primária subvencionadas. No município de Caxias do Sul (RS), o autor pesquisou os grupos escolares no meio rural. Seus trabalhos foram apresentados em 2011, 2015, 2016 e 2017.

Outra pesquisa que perdurou durante 4 encontros foi realizada por Magda de Abreu Vicente<sup>8</sup> que acompanhada de sua orientadora Giana Lange do Amaral apresentou recortes da pesquisa maior e publicou artigos em sequência, dos anos 2014 a 2018, trazendo diferentes facetas da educação rural encontradas na pesquisa, em especial de doutoramento. Temas como o conteúdo agropecuário visando atender as expectativas do catolicismo para à educação rural, os estudos dos decretos municipais para as escolas rurais em Pelotas, aspectos da História da Educação Rural com elementos da Escola Nova a partir dos ideários de Fernando de Azevedo, influências da

---

<sup>7</sup> Título da tese de doutorado, concluída em 2007: Memórias da Rural: narrativas de uma Escola Normal Rural pública (1950-1960).

<sup>8</sup> Título da tese de doutorado, concluída em 2018: A Escola Normal Regional Imaculada Conceição em Pelotas/RS: a atuação da Igreja Católica e dos Poderes Públicos (1955-1971)

professora Raquel Mello para o ensino rural em Pelotas, pensamentos para a Educação Rural em Pelotas a partir do jornal A palavra.

A pesquisadora Flávia Obino Werle apresentou e publicou artigos como autora e também como coautora e orientadora de trabalhos entre os anos de 2005, 2006, 2010 e 2015. As investigações da autora nos encontros da Asphe, individualmente ou em coautoria, versaram sobre temas de impresso estudantil (A voz da Serra), Sud Mennuci e suas concepções educacionais, a utilização do rádio no ensino rural e ainda, espaço escolar e memória.

Todos os estudos que destacamos aqui, pela sua apresentação recorrente durante alguns anos, ou mesma em uma sequência de anos, nos encontros da Asphe não dizem diretamente sobre o ensino primário rural, mas permeiam os aspectos que envolvem a Educação Rural no Rio Grande do Sul. Com diferentes enfoques, discutem projetos para o tema durante um determinado período, analisam a trajetória de professoras, ideários ou publicações específicas, relações entre a escola rural e a comunidade, relações entre a escola, a educação, os sujeitos e a memória. A partir de todos esses aspectos podemos concluir ainda é preciso avançar nas investigações no contexto rural e suas contribuições para a História da Educação.

### **Considerações finais**

Os artigos publicados nos anais dos eventos da ASPHE demonstram que muitos pesquisadores apresentaram suas pesquisas durante o período dos cursos de mestrado e doutorado, mantendo o vínculo com a temática, mas que posteriormente a finalização das referidas pesquisas, trocaram de tema. Ainda destacamos a presença dos pesquisadores da iniciação científica que, acompanhados de seus orientadores, participaram constantemente dos encontros e mantiveram publicações nos anais. Muitos pesquisadores mudaram o

foco de suas pesquisas também, com o crescente número de eventos e suas diferentes abordagens.

O nível de ensino prioritário para as comunidades rurais foi prioritariamente o primário. Mesmo que projetos específicos em diferentes períodos do século XX tenham buscado corrigir as desigualdades de políticas para população do meio rural, apenas nos últimos vinte anos é que identificamos formas mais alternativas e programas que buscam incluir e valorizar as particularidades dos estudantes da zona rural, como a Escola Ativa, Regime de Alternância, entre outros. Contudo, a escola rural, sobretudo a primária tem passado por reestruturações constantes, com a reunião de escolas (ou ainda nucleação por zoneamentos), fechamento de estabelecimentos ou mesmo a reunião de turmas em classes multisseriadas como tentativa de sobrevivência. Pensamos que esses aspectos, logo estarão presentes nos encontros da Asphe e também nas publicações dos anais.

## Referências

ALMEIDA, Dóris Bittencourt de. **Vozes esquecidas em horizontes rurais: histórias de professores**. 2001. 245 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2001.

ALMEIDA, Dóris Bittencourt de; GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos. A escola primária rural, de Ruth Ivoty Torres da Silva. In: MESQUITA, Ilka Miglio de; CARVALHO, Rosana Areal de. (orgs.). **Clássicos da Educação Brasileira**. Belo Horizonte: Mazza Edições, v.3, 2013, p. 133-146.

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Memórias da rural: narrativas da experiência educativa de uma escola normal rural pública (1950-1960)**. 2007. 272 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2007.

ARROYO, Miguel G; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. (Orgs.). **Por uma Educação do Campo**. 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BASTOS, Maria Helena Camara; BENCOSTTA, Marcus Levy Albino; CUNHA, Maria Teresa Santos. **Uma cartografia da pesquisa em História da Educação na**

**Região Sul:** Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul (1980-2000). Pelotas: Seiva, 2004.

BASTOS, Maria Helena Camara; TAMBARA, Elomar; KREUTZ, Lúcio. **Histórias e Memórias da Educação do Rio Grande do Sul**. Pelotas: Seiva, 2002, p. 11-42.

BASTOS, Maria Helena Camara. História da Educação do Rio Grande do Sul. O estado da arte. In: BASTOS, Maria Helena Camara; TAMBARA, Elomar; KREUTZ, Lúcio. **Histórias e Memórias da Educação do Rio Grande do Sul**. Pelotas: Seiva, 2002, p. 11-42.

DEWES, Elisângela Cândido da Silva; SOUZA, José Edimar de. Em busca do Ruralismo em Caxias do Sul/RS nas páginas do “Despertar” (1947-1954). **Faces da História**, v. 8, n. 1, p. 346-363, 30 jun. 2021.

DEMARTINI, Zeila. Educação no campo: notas preliminares. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves; ALVES, Maria Leila; DURAN, Marília Claret Geraes. (Orgs.). **Políticas e educação: múltiplas leituras**. São Bernardo do Campo: UESP, 2002, p. 133-148.

DORNELES, Malvina do Amaral; MARQUES, R. Educação Escolarizada no Campo, no Rio Grande do Sul. In: XII Salão de Iniciação Científica e IX Feira de Iniciação Científica, 2000, Porto Alegre, RS. **Livro de Resumos**. XII Salão de Iniciação Científica e IX Feira de Iniciação Científica da UFRGS. Porto Alegre, RS: Pró-Reitoria de Pesquisa/UFRGS, 2000. v. único. p. 283-283.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>. Acesso em: 14 mai. 2020.

FREITAS, Marcos Cezar de; BICCAS, Maurilane de Souza. **História social da educação no Brasil (1926-1996)**. São Paulo: Cortez, 2009. (Biblioteca básica da história da educação brasileira, v. 3).

GHIRARDELLI JUNIOR, Paulo. **História da Educação**. São Paulo: Cortez, 2009.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos; ALMEIDA, Dóris Bittencourt (Org.). *Colégios Elementares e Grupos Escolares no Rio Grande do Sul: Memórias e cultura escolar – Séculos XIX e XX*. São Leopoldo: Oikos, 2016.

IVASHITA, Simone Burioli. As pesquisas sobre educação rural nos periódicos especializados (1997-2019). In: SOUZA-CHALоба, Rosa Fátima de; CELESTE FILHO, Macioniro; MESQUITA, Ilka Miglio de. **História e memória da Educação Rural no século XX**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

LIMA, Sandra Cristina Fagundes de. Balanço da produção sobre o tema Formação e trabalho de professores rurais nos anais do Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE): 2000-2017. In: SOUZA-CHALоба, Rosa Fátima de; CELESTE FILHO, Macioniro; MESQUITA, Ilka Miglio de. **História e memória da Educação Rural no século XX**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.



LIMA, Sandra Cristina Fagundes de; MUSIAL, Gilvanice Barbosa da Silva. (Orgs.). **Histórias e memórias da escolarização das populações rurais**: sujeitos, instituições, práticas, fontes e conflitos. 1a.ed. Jundiaí: Pacto Editorial, 2016, p. 256-298.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul./dez. 2014.

RIBEIRO, Marlene; ANTONIO, Clésio Acilino. Estado e Educação: questões às políticas de educação do campo. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO, 23., 2007, Porto Alegre; CONGRESSO LUSO BRASILEIRO, 5., 2007, Porto Alegre; COLÓQUIO ÍBERO-AMERICANO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 1., Porto Alegre, 2007. **Por uma escola de qualidade para todos**: programação e trabalhos completos. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2007. v. 1. 1 CD ROM.

RIPE, Fernando; SOUZA, José Edimar de; OLIVEIRA, Maria Augusta Martiarena (Org.). **História e Historiografia da Educação no Rio Grande do Sul**: instituições, culturas e práticas educativas. 1a. ed. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.

ROLDÁN, Concha. **Entre Casandra y Clio**. Uma historia de la filosofia de la historia. Akal, Madrid, Espanha, 2005.

SILVA, Ruth Ivoty Torres da. **Educação primária rural**. Porto Alegre: Globo, 1951.

SOUZA, José Edimar de. **Educar**: perspectivas e construções. São Leopoldo: Oikos, 2019.

SOUZA, José Edimar de. **Escola no Rio Grande do Sul (1889-1950)**: ensino, cultura e práticas escolares. 1a. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2020.

SOUZA-CHALOBA, Rosa Fátima de; CELESTE FILHO, Macioniro; MESQUITA, Ilka Miglio de. **História e memória da Educação Rural no século XX**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

SOUZA-CHALOBA, Rosa Fátima de. A contribuição dos estudos sobre grupos escolares para a historiografia da educação brasileira: reflexões para debate. **Revista Brasileira de História da Educação**, 19, e063. 2019. Recuperado de <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/47241>

TATU, Repositório Digital. Repositório digital de História da Educação. Unipampa. **Anais dos Encontros da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação**. Disponível em: <http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/asphe-anais-encontros/>. Acesso em: 08 jul. 2021.

VECCHIA, Marisa V. Formolo Dalla; HERÉDIA, Vânia B. M.; RAMOS, Felisbela. Contradições no sistema de educação: uma releitura acerca da expansão da rede

municipal de ensino em Caxias do Sul. **Métis: história & cultura**, Caxias do Sul, v. 7, n.14, p. 21-37, jul./dez. 2008.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. **O nacional e o local: ingerência e permeabilidade na educação brasileira**. Bragança Paulista: Ed. Universidade São Francisco, 2005.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. Escola Normal Rural no Rio Grande do Sul: contexto e funcionamento. In: WERLE, Flávia Obino Corrêa (Org.). **Educação rural em perspectiva internacional: instituições, práticas e formação do professor**. Ijuí: Unijuí, 2007, p. 155-196.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. (Org.). **Educação rural**. Práticas civilizatórias e institucionalização da formação de professores. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2010.

WERLE, Flávia Obino Corrêa; LÓPEZ, Oresta; TRIANA, Alba Nídia. (Org.). **Educação Rural na América Latina**. São Leopoldo: Oikos, 2018.

LIONETTI, Lucía; CIVERA, Alícia; WERLE, Flávia Obino Corrêa. (Comp.). **Sujeitos, comunidades rurales y culturas escolares en América Latina**. México: Prohistoria Ediciones, 2012.

WERLE, Flávia Obino Corrêa; METZLER, Ana Maria Carvalho. En busca de contenidos y sentidos para la educación rural. A educação para a zona rural no sul do Brasil: sentidos e perspectivas a partir das Conferências brasileiras de educação. In: PÉREZ, Teresa González; LÓPEZ, Oresta. (Coord.). **Educación rural em iberoamérica**. Experiencias histórica y construcción de sentido. Las Palmas de Gran Canaria: Anroart Ediciones S.L., 2009. p. 79-108.

# Acervo, Arquivo, Patrimônio, Museu: as palavras e seus mistérios no tempo dos eventos de um campo de estudos

*Vanessa Barrozo Teixeira Aquino  
Maria Stephanou  
Zita Possamai*

## Tantas Palavras...

*Entre as memórias sempre existe aquela  
Que se perdeu um dia no horizonte;  
Não se verá descer àquela fonte  
Nem o alvo sol nem a lua amarela.  
Não achará tua voz o tom que o persa  
Deu à sua língua de aves e de rosas,  
Quando ao acaso, ante a luz dispersa,  
Queiras dizer as coisas mais preciosas.*

Jorge Luís Borges, Limites, Poemas (1923-1943)

As reflexões que tecemos partem da presença/ausência de palavras preciosas para nós: acervo, arquivo, patrimônio, museu. Estão registradas como memórias, impressas nos títulos, resumos e palavras-chave em diversos Anais dos Encontros da Associação Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação, entre os anos de 1997 e 2019. Nos propusemos inventariar e pôr o pensamento a pensar sobre alguns significados, ousamos garimpar e historiar.

As palavras falam, contam, omitem, revelam, dissimulam, causam ruídos... Graças às palavras, pronunciadas ou escritas, reencontramos a maneira pela qual determinados entendimentos, ou não, se fizeram e desfizeram de acordo com processos múltiplos na História.

Por vezes, processos inesperados ocorreram, ao acaso, talvez, um autor desconhecido passou a ser lido e ruminado, ou um evento internacional assistido foi inspirador, ou uma rede de pesquisadores

trocou referências e conceitos, enfim, uma proliferação discursiva disseminou expressões em um campo de estudos, que passou a incorporá-las ao léxico da área e à produção intelectual associada, expressas em títulos de publicações, ideias de problemas e objetos de pesquisa.

Adicionalmente, outras complexidades envolvem as palavras, que se tornam conceitos, categorias analíticas, essas e não outras (por quais motivos?), e irrompem com múltiplos sentidos. Quando sobressaem nos documentos que submetemos à leitura, tal como os anais de eventos da ASPHE, trazem consigo, ou provocam, novas interrogações: Por que foram escolhidas? O que buscam exprimir? São apenas mencionadas ou estruturam uma determinada análise? São palavras ao léu ou circunscrevem uma filiação teórica?

Não sejamos ingênuos, pois em matéria de palavras a ingenuidade pode ser escusa, mas nunca explicação. Mesmo o mais desatento escrevente, ou o mais performático autor, que se vale das palavras em voga para obter reconhecimento, todos tecem redes de sentidos quando associam ou justapõem determinadas palavras na construção dos argumentos de seus textos.

Mesmo nossos esforços de atribuir coerência e ordem, por vezes cronológica, à irrupção das palavras acervo, arquivo, patrimônio e museu, no percurso de 25 encontros da ASPHE, reconhecemos que serão insuficientes para que os murmúrios das palavras escolhidas para exprimir ideias simples ou muito elaboradas, sejam decifrados. Decorridos quase 23 anos desde o primeiro encontro da Associação, em 1997, já não é possível clarificar essas palavras em toda sua extensão e significação, e assim também seus textos se mostram com sentidos instáveis, lidos desde o presente. Palavras estão continuamente em processos de esvaziamento, ressignificação, desuso, irrupção inusitada.

Antes de prosseguir à análise dos achados que obtivemos quanto à presença das palavras e temáticas acervo, arquivo, patrimônio, museu, através da leitura dos anais dos encontros referidos, cumpre tecer duas considerações de fundo, de modo a explicitar alguns alertas sobre os limites e incompletudes, seja do próprio levantamento que realizamos, seja das reflexões que apresentamos a partir do mesmo.

Primeiro, concebemos que somos nós, autoras, que ocupamos o lugar de sujeito leitor, que classifica e isola palavras a partir de títulos e resumos para, então, por meio de nossa escrita, classificar e isolar noções de modo a atribuir um encadeamento temporal e uma coerência ao passado, no caso particular, o passado da pesquisa e escrita em História da Educação sob um recorte bem delimitado: a operação historiográfica de pesquisadores e estudantes participantes de encontros da ASPHE. Nosso risco consiste, nesse particular, em incorrer numa história “muito rapidamente dita” (FARGE, 2004, p. 90) acerca dos encontros e produção intelectual de uma comunidade de pesquisa.

Cada época produz a emergência de palavras alçadas a conceitos, e os processos ligados a muitos fatores de adoção ou desconhecimento desses conceitos na produção intelectual se perdem com o passar do tempo e tornam-se cifrados. Listá-los cronologicamente em inventários não autoriza a simplificar sua emergência histórica, ou supor que haveria um antes e um depois linear rumo a um uso ou sentido final que julgamos mais acertado. Como adverte Michel Foucault (1994, p.148), e vale para nosso fazer em história da educação, o mundo é uma “miríade de acontecimentos entrelaçados, [...] e a história é o conhecimento diferencial das energias e enfraquecimentos, das alturas e desmorações”. Nossos usos das palavras, dos conceitos e categorias, assim como nossas preferências quanto às temáticas de pesquisa, são diferenciais, experimentam alturas e desmorações, prestígios e desusos,

permissões e restrições, o que não significa que tenham perdido sua validade e capacidade analítica em determinados momentos e contextos de investigação. Acervo, arquivo, patrimônio, museu: energias e entrelaçamentos. Seus usos examinados retrospectivamente, como é o caso de nossas reflexões aqui, podem cumprir uma das funções essenciais da atividade científica: “fazer pensar” (BACHELARD, 1934).

Ora, ler o complexo no simples levantamento que efetuamos, nos leva à segunda ordem de considerações: o que significa deter-se em títulos e resumos como documentos de análise? Norma Ferreira (2002), em instigante artigo em que examina pesquisas que se caracterizam como “estado da arte”, aponta questões fundamentais que nos parecem pertinentes para pensar este capítulo. Segundo a autora, tais pesquisas se baseiam em “metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que buscam investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles” (2002, p. 258). Essas pesquisas, invariavelmente, deparam-se, desde os primeiros movimentos, com os limites da circunscrição dos achados a partir de títulos, palavras-chave e resumos, tal como nos sucedeu face aos anais dos 25 encontros da ASPHE.

Embora não tenhamos nos proposto a uma análise exaustiva, devido às limitações de tempo e disponibilidade limitada dos anais (Anais do 2º e do 6º Encontro não localizados; somente resumos em alguns encontros; resumos e textos completos em outros), é fato que decidimos, para além dos títulos das comunicações e palavras-chave indicadas pelo(s) autor(es), nos concentrar nos resumos. De imediato, passamos a listar algumas observações acerca dos mesmos em diferentes anos: (a) há uma acentuada heterogeneidade, por vezes devido ao nível de formação dos autores, desde estudantes de graduação, de pós-graduação, passando por pesquisadores juniores até

pesquisadores de longa trajetória, o que se expressa na linguagem e formulação dos textos dos resumos; (b) eles possuem uma diversidade no conjunto dos encontros, sobretudo em extensão quanto aos caracteres ou linhas, segundo definido pelos organizadores de cada evento; (c) não são, muitas vezes, objeto de elaboração mais cuidadosa, talvez pela natureza própria dos encontros que, diferente das teses ou eventos internacionais, por exemplo, com frequência caracterizaram-se por um grupo restrito de participantes, pela informalidade e proximidade entre pesquisadores seniores e seus orientandos e grupos de pesquisa; (d) os resumos, por vezes, mostram-se genéricos e com formulações que anunciam pesquisas a realizar ou em andamento e não propriamente sínteses de pesquisas concluídas, que permitiriam sintetizar o escopo geral, objetivos, recorte temporal, corpus documental, estratégia analítica, categorias de análise, conclusões. Nesse particular, podemos inferir que nos encontros havia espaço para debate de projetos e pesquisas em desenvolvimento, que recebiam várias sugestões nos grupos de trabalho, o que nos impõem muita cautela diante de afirmações quanto à adoção ou desatenção das palavras/categorias que examinamos na produção desses encontros da área.

Nossos achados consistem, portanto, na presença das palavras na textualidade dos resumos, o que não significa estender as constatações às pesquisas mais amplamente difundidas e aos repertórios conceituais ou bibliográficos das mesmas. As diferentes representações dos autores dos resumos acerca deste gênero discursivo, como assinala Ferreira (2002, p. 264), assim como os motivos das escolhas, recortes, omissões operados pelos resumos, devem-se a diferentes motivos que são, como sugere a autora, na maior parte das vezes desconhecidos do leitor, nominem-se aqui as autoras do capítulo. E Ferreira acrescenta: “há sempre a sensação de que a leitura a partir apenas dos resumos não dá a idéia do todo, a

idéia do que “verdadeiramente” trata a pesquisa”, ou ainda, a idéia de que se possa incorrer numa “leitura descuidada do resumo, o que significa uma classificação equivocada do trabalho em um determinado agrupamento”(2002, p. 266).

Impõe-se, assim, problematizar o alcance de quaisquer inventários da produção em contexto de eventos, e os limites de generalizações quanto às tendências, ênfases, na escrita de uma história de uma determinada área do conhecimento (FERREIRA, *Ibid.*). Nas palavras da autora e nos entremeios que inserimos, os resumos permitem, “quando muito, escrever **uma** das possíveis Histórias, construída a partir da leitura de resumos” (2002, p.269, grifo da autora). E ainda, haverá **tantas** Histórias quanto leitores [dos anais da Asphe] houver dispostos a lê-los” (FERREIRA, 2002, p. 269, grifos da autora).

Nosso objetivo consiste em apresentar o levantamento que efetuamos acerca da presença e frequência das palavras – acervo, arquivo, patrimônio, museu – que comparecem nos títulos de trabalhos, palavras-chave e resumos que constam nos Anais dos Encontros da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação, elaborados entre 1997 e 2019. Foram analisados os anais de 23 encontros<sup>1</sup>.

Nosso exercício de inventário aponta uma perspectiva de conjunto dos títulos/resumos/palavras-chave dos encontros, que não pode ser concebida como unitária e linear face aos alertas antes expostos. Mesmo assim, possibilita conhecer alguns movimentos

---

<sup>1</sup> Até 2019, a ASPHE organizou 25 Anais dos Encontros. O suporte de leitura dos mesmos foi a tela do computador, porque as pesquisadoras tiveram acesso ao conjunto disponibilizado no Repositório Digital Tatu, um repositório de História da Educação vinculado à Universidade Federal do Pampa. Registramos que submetemos à leitura 23 anais, uma vez que não constam no repositório os anais do 2º e do 6º Encontro, os quais não encontramos em outros suportes no tempo limitado de pesquisa para esse capítulo.



teórico-metodológicos que incorporaram determinados conceitos e análises àquelas pesquisas anunciadas, comunicadas e discutidas no âmbito de encontros caracterizados pela atuação de uma determinada comunidade de História da Educação. Sobretudo, possibilita algumas descobertas e discussões provocadas pelo reconhecimento de grupos de pesquisa que em determinados momentos mostraram-se cada vez mais atentos às questões de salvaguarda e de preservação documental.

Para comunicar nossos achados e reflexões, buscamos sistematizar a presença de certas palavras, que por vezes apontam interlocuções e aproximações da História da Educação com outras áreas do conhecimento, e que nos levaram a perceber alguns marcos que delimitam a emergência de novos objetos de estudo e dinâmicas de pesquisa no decorrer dos 23 encontros [considerando a não localização dos anais de dois encontros], que representam itinerários sinuosos de 22 anos.

### **Letras, palavras & algarismos**

*Con tres palabras  
Te diré todas mis cosas,  
Cosas del corazón  
Que son preciosas.  
(...)*

*Son tres palabras,  
Solamente mis angustias,  
Y esas palabras son:  
Cómo me gustas.*

Tres palabras, Gilberto Gil, 2012, grifos nossos.

O ponto de partida de nossa incursão pelos anais dos encontros reside em um levantamento realizado a três, através da leitura desses anais tal como aparecem em formato digital, disponíveis no Repositório Tatu (UNIPAMPA). Como referimos antes, buscamos uma mirada geral e as incidências da presença das palavras acervo,

arquivo, patrimônio, museu quando elencadas nos títulos e palavras-chave (quando disponíveis) ou ainda, quando figuravam nos resumos das comunicações apresentadas. Logo que nos deparamos com a extensão dos textos dos anais e sua heterogeneidade, conforme abordamos anteriormente, optamos por nos circunscrever aos títulos e resumos, bem como à delimitação do léxico, o que nos fez declinar de um mapeamento de outras palavras que poderiam vir a ser incluídas, como banco de dados, centro de memória/memorial, catálogo, álbum. Os dados que obtivemos no levantamento podem ser observados no quadro 1, que segue abaixo.

**Quadro 1** – Incidência dos termos – acervo, arquivo, patrimônio, museu – em títulos e resumos dos Anais dos Encontros da ASPHE (1997 a 2019)

Ano	Encontro	Resumos	Museu	Patrimônio	Acervo	Arquivo
1997	1º					
1997	2º	Não localizado				
1998	3º					
1998	4º					
1999	5º					
2000	6º	Não localizado				
2001	7º	1	--	--	--	1
2002	8º	-	--	--	--	--
2003	9º	-	--	--	--	--
2004	10º	1	--	--	--	1
2005	11º	--	--	--	--	--

Ano	Encontro	Resumos	Museu	Patrimônio	Acervo	Arquivo
2006	12°					
2007 + mesas	13°	8	3		5	
2008	14°	2			1	1
2009	15°	2	1		1	
2010	16°	2	1	1		
2011	17°	6	3		3	
2012	18°	10	4	2	3	1
2013	19°	8	4		4	
2014	20°	5	5			
2015	21°	7	3		4	
2016	22°	4			4	
2017	23°	6	1		3	2
2018	24°	9	2		4	3
2019	25°	2			1	1
<b>Totais</b>	25	73	27	3	33	10

**Fonte:** Elaboração das autoras, a partir dos Anais dos Encontros da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação de 1997 até 2019 disponíveis no Repositório Tatu (UNIPAMPA)

Observamos que as palavras buscadas começam a aparecer nos resumos publicados no ano de 2001, com uma única comunicação sobre arquivo; nos anos de 2002 e 2003 não há incidência e no ano de 2004 volta a presença de um único termo, arquivo. Novamente nos

anos de 2005 e 2006 não há incidências e no ano de 2007, constatamos um aumento considerável com a presença das palavras de nossa busca em oito resumos, sendo em cinco resumos a palavra acervo e em três o vocábulo museu, além dos debates nas mesas-redondas sobre a temática “Guardar para mirar: Acervos e História da Educação” do 13º encontro, cujos textos não foram publicados nos Anais, mas na Revista História da Educação<sup>2</sup>.

Nos dois anos seguintes, identificamos quatro ocorrências das palavras inventariadas, a saber: uma em 2008 com a palavra acervo e uma sobre arquivo e, em 2009, um resumo que inclui a palavra museu e um que refere acervo. No ano de 2010, dois trabalhos versam sobre patrimônio e museu. Nos dois anos seguintes, observamos um aumento considerável no número de ocorrências: em 2011, estão publicados três resumos em que consta acervo e mais três em que aparece museu, num total de seis textos; em 2012, computamos quatro menções a museus, além de duas ocorrências para a palavra patrimônio, três para acervo e uma para arquivo, totalizando dez aparições. Nos anos 2013 e 2014 as incidências se concentram na temática museu: no primeiro ano, estão publicados quatro resumos com o uso da palavra e quatro incluem acervo (oito ocorrências). No ano subsequente, cinco textos abordam exclusivamente a temática museu. Entre 2015 e 2018, as incidências recaem na palavra acervo:

---

<sup>2</sup> As conferências do 13º Encontro e uma palestra que integrou a Mesa Redonda 2 – Guardar para mirar: acervos privados, foram publicadas no Vol. 12, número 25, maio/agosto de 2008 da Revista História da Educação. A saber: a conferência proferida pela Profa. Dra. Marcia de Paula Gregorio Razzini (USP) intitulada “Acervos e pesquisas em história da educação: das vitrines do progresso aos desafios da conservação digital”; a conferência proferida pela Profa. Dra. Maria da Glória Bordini, “Memórias de formação do escritor no acervo literário de Érico Veríssimo” e a palestra proferida pela Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha (UDESC), “Essa coisa de guardar: homens de letras e acervos pessoais”. Os artigos estão disponíveis em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/issue/view/1261/showToc>.

em 2015, identificadas quatro ocorrências para acervo e três para museu, perfazendo sete achados; em 2016, quatro textos referem exclusivamente acervo; em 2017, de um total de seis textos, três escolhem acervo, enquanto dois utilizam arquivo e um adota museu; em 2018, de um total de nove ocorrências, há duas presenças para museu, quatro para acervo e três para arquivo. Por fim, para o ano de 2019, consta uma expressiva redução da presença das palavras acervo, arquivo, patrimônio, museu: apenas um emprego de acervo e uma ocorrência de arquivo dentre os resumos apresentados no encontro.

Quando observamos o conjunto de ocorrências para cada palavra buscada é interessante analisar que, no período examinado, identificamos a presença de um total de 73 menções, sendo destas 27 que contemplam museu, três que empregam patrimônio, 33 com a palavra acervo e dez que registram arquivo. Tais constatações merecem uma análise mais detida e algumas hipóteses podem ser lançadas.

A significativa incidência da palavra acervo (34 aparições, entre 73 escritos) permite conjecturar uma certa indefinição terminológica da História da Educação, não alinhada ao léxico que identifica o campo disciplinar da Museologia e da Arquivologia, cujas correspondências aparecem nos termos museu e arquivo respectivamente. Os dicionários da língua portuguesa Aurélio e Houaiss informam a origem latina (*acervu*) do termo e associam acervo a “montão”, “acumulação”, “quantidade”, “conjunto de bens”, “patrimônio”, “riqueza”, “fundo”, e parcamente colaboram em precisar a significação do termo, melhor dito, atribuem uma dimensão de generalidade que a palavra comporta, pois, conforme Zita Possamai, acervo:

De modo circunscrito, designa o conjunto de bens que integram o patrimônio de um indivíduo, de uma instituição ou de uma nação. Sem correspondente literal

nos idiomas francês, espanhol ou inglês, esse termo aparenta ser uma denominação genérica em língua portuguesa para o vocábulo coleção, mais comum nesses idiomas e também existente na língua de Camões. Seguindo esse amplo espectro, é comum associá-lo a uma adjetivação que delimite o conjunto de obras ou bens a serem denominados, tais como, acervo histórico, acervo documental, acervo artístico, acervo museológico, acervo arquivístico, acervo arquitetônico, acervo audiovisual, acervo fotográfico, acervo arqueológico, acervo paleontológico, acervo bibliográfico, acervo jornalístico, entre inúmeras outras possibilidades [...] (POSSAMAI, 2020, p. 47).

Podemos ainda sugerir que os acervos pesquisados pelos participantes dos encontros da ASPHE não se vinculem necessariamente a uma instituição, seja a um museu, seja a um arquivo, cujos parâmetros técnico-científicos contemplariam termos mais precisos, como coleção ou fundo. Os títulos e resumos indicam que as pesquisas apresentadas contemplam sobretudo documentos escritos, visuais ou mesmo materiais, em geral reunidos pelos pesquisadores e grupos de pesquisa, que constituem acervos diretamente vinculados a seus objetos de investigação, tais como coleções de cadernos escolares, conjuntos de livros didáticos, de fotografias, periódicos, diários, imagens, etc. Esses conjuntos reunidos nas residências, nos gabinetes de pesquisadores ou salas de grupos de pesquisa, muitas vezes podem ter se mantido como documentação de uso restrito quando finalizado o projeto de pesquisa ou a dissertação/tese, ou podem ter se configurado em centros de documentação geradores de uma multiplicidade de novas pesquisas.

O engajamento pela salvaguarda de registros do passado da educação, seja no Rio Grande do Sul, seja em Santa Catarina, transparece em vários dos resumos publicados nas ocorrências do termo acervo. Estes, abordam as problemáticas da reunião, do acondicionamento, da organização, da documentação, da conservação,

da exposição e da disponibilização em meios físicos e digitais dos repertórios acumulados em centros e núcleos mencionados. Nesse sentido, podemos, em alguma medida, acompanhar os primeiros passos, as iniciativas e o desenvolvimento de ações que proporcionaram o estabelecimento e a consolidação institucional de relevantes grupos e centros de documentação sobre a história da educação nesses dois estados.

Nesse movimento, além das práticas e de categorias inspiradas ou tomadas de empréstimo de outros campos, noções e conceitos foram apropriados para melhor manejo da preservação documental. Assim, as problemáticas vinculadas à noção de documento, à memória social, à cultura material escolar e à patrimonialização desses acervos aparecem contempladas nesses escritos.

Destacamos, por sua vez, o 13º Encontro da ASPHE – Guardar para mirar: Acervos e História da Educação (Figura 1), organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2007), como o primeiro evento da Associação que lança uma atenção mais densa à temática dos Acervos em intersecção com a História da Educação. No âmbito do encontro, que apresenta-se como acontecimento ímpar na trajetória de encontros da ASPHE, mencionamos a realização de duas conferências sobre a temática e de quatro mesas redondas que buscaram abordar aspectos multifacetados de diferentes tipos de acervos, a saber: Mesa 1: Guardar para mirar: acervos de livros escolares e cartilhas, com a participação da Profa. Dra. Eliane Peres (UFPEL), Profa. Dra. Iole Faviero Trindade (UFRGS), Prof. Dr. Jorge Luiz da Cunha (UFSM) com mediação da Profa. Dra. Márcia Razzini (USP); Mesa 2: Guardar para mirar: acervos privados, com exposições da Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha (UDESC) e da Profa. Dra. Maria Helena Menna Barreto Abrahão (PUCRS) tendo como debatedora a Profa. Dra. Beatriz T. Daudt Fischer (UNISINOS); Mesa 3: Guardar para mirar:

acervos variados, integrada pelas intervenções do Prof. Dr. Elomar Tambara (UFPel), Prof. Dr. Lúcio Kreutz (UCS) e Profa. Dra. Berenice Corsetti (UNISINOS) com mediação da Profa. Dra. Maria Stephanou (UFRGS) e, por fim, a Mesa 4: Guardar para mirar: memórias e acervos de instituições escolares, composta pelas palestrantes Profa. Dra. Flavia Obino Corrêa Werle (UNISINOS), Profa. Dra. Giana Lange do Amaral (UFPel), Profas. Ma. Giani Rabelo e Marli de Oliveira Costa ambas da UNESC, com a mediação da Profa. Dra. Maria Helena Camara Bastos (PUCRS).

**Figura 1** – Capa dos Anais do 13º Encontro Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação



**Fonte:** Repositório TATU – UNIPAMPA. Disponível em:  
<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/asphe-anais-encontros/>



Julgamos significativo ressaltar a presença de grupos e núcleos de pesquisa atuando diretamente com acervos nas universidades do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, não apenas no âmbito da pesquisa histórica, mas engajados em diversas ações de salvaguarda e preservação de uma diversidade de elementos da cultura material escolar, de modo a reunir, documentar, conservar, organizar e divulgar espaços de memória em suas instituições. Nessa perspectiva, ressaltamos as exposições de pesquisadores nas mesas redondas do 13º encontro, como a fala do Prof. Dr. Jorge Luiz da Cunha sobre o Núcleo de Estudos sobre Educação e Memória – CLIO, fundado em 1996 junto ao Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e do Prof. Dr. Elomar Tambara sobre o Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE) vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Educação (FaE), Universidade Federal de Pelotas (UFPel) com um percurso que inicia no ano 2000 como centro de pesquisa e de documentação. Outro grupo que integra esse movimento de organização de acervos em História da Educação e que participa deste evento é o HISALES – História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares também do PPGE/FaE/UFPel, fundado em 2006 e sob a coordenação da Profa. Dra. Eliane Peres. Em Santa Catarina, temos o Centro de Memória da Educação do Sul de Santa Catarina – CEMESSC, coordenado pelas Professoras Dra. Giani Rabelo e Dra. Marli de Oliveira Costa, da Universidade do Sul de Santa Catarina, e em Florianópolis, o Museu da Escola Catarinense, em seus primeiros anos coordenado pela Professoras Maria da Graça Vandresen e Dra. Vera Lúcia Gaspar da Silva, da Universidade do Estado de Santa Catarina.

Outra característica com relação à palavra acervo que identificamos em nosso levantamento, sobretudo, a partir da leitura dos resumos, é que esta tem seu uso vinculado a diferentes tipos de

conjuntos documentais, acervos institucionais, escolares ou não, de instituições públicas e privadas, também instituições culturais, como bibliotecas, museus e memoriais, e de outra parte, também constam estudos que se voltam aos acervos pessoais, produzidos ao longo da vida de sujeitos que guardam relações com a educação, como professores, estudantes, educadores em geral, clérigos, intelectuais, artistas, escritores e escritoras, militantes sociais, entre outros.

Ainda na perspectiva dos acervos, podemos destacar a presença da palavra arquivo nos resumos de diversos encontros. O termo arquivo aparece relacionado aos arquivos pessoais de docentes e discentes, aos arquivos escolares – tratando em específico dos conjuntos documentais de instituições de ensino e também no âmbito dos arquivos institucionais de caráter público e privado, a saber: o Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, RS), o Arquivo da Faculdade de Educação da UFRGS (Porto Alegre, RS), o Arquivo do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC) (Porto Alegre, RS), o Arquivo Histórico Antonio Stenzel Filho (Osório, RS) e o Arquivo Geral da Universidade Federal do Rio Grande (FURG – Rio Grande, RS).

Os termos acervo e arquivo por vezes se misturam e em alguns casos acabam sendo utilizados erroneamente como sinônimos, fato que está diretamente vinculado à escassa apropriação dos referenciais teórico-metodológicos da Arquivologia, área do conhecimento responsável pelo tratamento técnico, organização e preservação de documentos de arquivo (BELLOTTO, 2004). Nessa especialidade, compreende-se o conceito de arquivo como sendo “[...] um conjunto de documentos produzidos e recebidos no decurso das ações necessárias para o cumprimento da missão predefinida de uma determinada entidade coletiva, pessoa ou família” (RODRIGUES, 2006, p. 105).

No conjunto dos resumos dos encontros observamos, ainda, que a menção à palavra arquivo possibilita identificar movimentos investigativos realizados por diversos pesquisadores: por vezes utilizam os arquivos pessoais ou institucionais como objeto de estudo; em outros estudos, lançam suas análises sobre algum fundo documental específico no Arquivo consultado ou lançam olhares e leituras acerca dos arquivos escolares, neste caso, com ênfase na importância da documentação preservada ou na urgência de salvaguardar essa documentação.

A presença da palavra patrimônio, por sua vez, guarda a polissemia que subjaz à palavra/conceito. Partindo das reflexões de Ulpiano Bezerra de Meneses (2012, p. 38) podemos compreender patrimônio como um campo “ eminentemente político ” e de acordo com as discussões propostas por José Reginaldo Gonçalves (2003) podemos considerar patrimônio como uma categoria de pensamento que se molda em contextos históricos e culturais distintos. Segundo o autor:

“ Patrimônio ” está entre as palavras que usamos com mais frequência no cotidiano. Falamos dos patrimônios econômicos e financeiros, dos patrimônios imobiliários; referimo-nos ao patrimônio econômico e financeiro de uma empresa, de um país, de uma família, de um indivíduo; usamos também a noção de patrimônios culturais, arquitetônicos, históricos, artísticos, etnográficos, ecológicos, genéticos; sem falar nos patrimônios intangíveis [...] Parece não haver limite para o processo de qualificação dessa palavra (GONÇALVES, 2003, p. 21-22).

O aspecto da patrimonialização dos acervos é mencionado em resumos que praticamente circunscrevem essa dimensão nas três referências ao termo patrimônio. Numa segunda acepção, observamos que patrimônio caracteriza e qualifica os acervos das instituições escolares, a ponto de estar adjetivado e expresso como *patrimônio*

*escolar* ou *patrimônio cultural escolar*. Nesse sentido, a apropriação do vocábulo patrimônio por historiadores e historiadoras da educação difere dos estudos clássicos sobre o tema que o vinculam especialmente ao conjunto edificado e à preservação efetivada por agências do Estado. Nos anais, patrimônio caracteriza e qualifica especialmente os registros de tempos pretéritos da educação, seja de instituições escolares, seja do preservado em museus e memoriais. Por outro lado, os resumos expressam um não alinhamento com as noções de *patrimônio educativo* ou *patrimônio histórico-educativo*, utilizadas no Brasil e em outros países<sup>3</sup>, conceitos que aprofundam a compreensão da cultura material e imaterial escolar como objeto de estudo, incluindo experiências museológicas e arquivísticas com esse patrimônio (ESCOLANO BENITO 2010; ALVARÉZ DOMINGUÉZ, 2020). Nessa perspectiva cabe destacar que as discussões sobre cultura material escolar que integram a produção ibero-americana no âmbito da História da Educação “vem associadas à concepção de patrimônio histórico-educativo, da intervenção museológica e da reconstrução etnográfica da memória educativa” (VIDAL, 2017, p. 51). Segundo a formulação de Pablo Alvaréz Dominguéz:

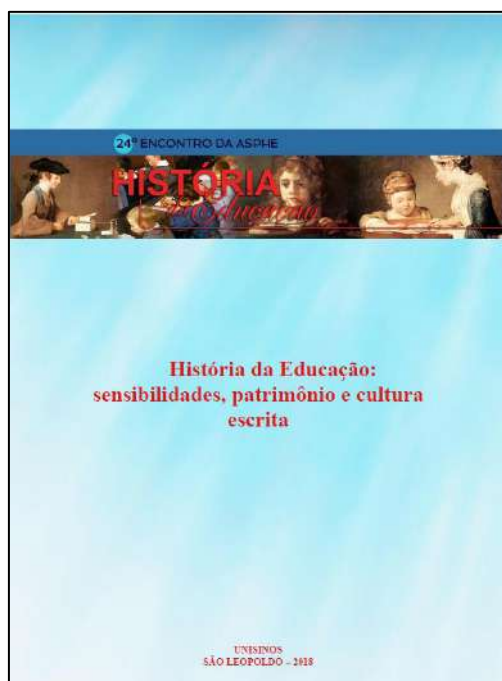
El patrimonio histórico educativo es un bien que debe ser mostrado públicamente para que pueda ser observado y examinado por todos/as. Salvaguardar, construir y comunicar los valores de la memoria educativa no es un mero rictus nostálgico; es más si cabe, una actitud de responsabilidad pública. Y en este momento, es necesario reivindicar la incorporación del patrimonio educativo a la conceptualización del denominado patrimonio cultural, ampliándose así la reduccionista exclusivización centrada desde antaño en el orden artístico y monumental, más concretamente (2020, p. 15-16).

---

<sup>3</sup> Destacamos a produção ibero-americana, com atenção especial para as produções socializadas pela Rede Iberoamericana para a Investigação e a Difusão do Patrimônio Histórico Educativo (RIDPHE), rede que reúne diversos pesquisadores, incluindo membros da ASPHE.

Mesmo com pequena frequência de títulos ou resumos que adotam o termo patrimônio na trajetória dos encontros da ASPHE, sendo o termo com menor recorrência, identificamos o movimento realizado pelo 24º Encontro realizado em 2018, na UNISINOS, que teve como tema central “História da Educação: sensibilidades, patrimônio e cultura escrita” (Figura 2) e contou com um simpósio temático intitulado “Patrimônio Educativo e Cultura Escolar”, coordenado pela Profa. Dra. Terciane Luchese (UCS). Todavia, em nenhum dos títulos ou resumos de trabalhos aprovados para apresentação nesse simpósio constam os termos patrimônio, patrimônio educativo ou patrimônio histórico-educativo.

**Figura 2** – Capa dos Anais do 24º Encontro Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação



**Fonte:** Repositório TATU – UNIPAMPA. Disponível em:  
<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/asphe-anais-encontros/>

Para abordar as ocorrências da palavra museu, partimos de três conjuntos identificados a partir de ênfases distintas e suas respectivas derivações: (a) pesquisas sobre museus de educação (museus escolares, pedagógicos ou que preservam repertórios ligados exclusivamente à escola e ao ensino); (b) pesquisas sobre museus de tipologias variadas, tais como museus de história, museus universitários, museus de ciências, museus de arte, entre outros e, finalmente, (c) aqueles textos que mencionam diálogos possíveis entre Museologia e História da Educação.

Quanto ao primeiro conjunto, entre os resumos que concernem aos estudos sobre museus pedagógicos, museus escolares e outras tipologias vinculadas diretamente à educação, os estudos mostram-se diversos: listagens, levantamentos e apreciações quanto à organização e às potencialidades desses espaços ainda existentes nas escolas. Os resumos das comunicações mencionam, particularmente, as seguintes instituições: Museu da Cartilha do Instituto de Educação General Flores da Cunha (Porto Alegre, RS), Museu da Escola Catarinense da Universidade do Estado de Santa Catarina (Florianópolis, SC), Museu Pedagógico Colombiano, Memorial do Colégio Farroupilha (Porto Alegre, RS), Museu Anchieta (Colégio Anchieta, Porto Alegre, RS), Museu do Instituto São José (UNILASALLE, Canoas, RS), Núcleo de Memória Eng<sup>o</sup> Francisco Martins Bastos (NUME – FURG, Rio Grande, RS), dentre outros.

As abordagens contemplam reflexões sobre a presença e a necessidade de valorização e divulgação desses espaços; a importância e os fundamentos teóricos e metodológicos de projetos de implantação; as vinculações desses espaços com a memória da instituição escolar ou com o ensino das diversas disciplinas do currículo; as práticas de recuperação, de conservação, de valorização e de divulgação dos guardados de tempos pretéritos, sobretudo, da instituição escolar, entre outras possibilidades. Em alguns casos,

porém, o museu é tão somente mencionado como lugar de guarda de um *corpus* documental analisado pela pesquisa.

Outros resumos sinalizam tratar-se de pesquisas que abordam especificamente a história de determinados museus de educação, denominados como museus escolares ou museus pedagógicos, e criados a partir do século XIX em diversos países e no Brasil. Outros estudos, por sua vez, indicam o desenvolvimento de análises acerca da presença da temática museu escolar em publicações que circularam no meio escolar no passado, como a revista *O Estudo* ou a *Revista do Ensino*, quando há uma especial atenção ao método intuitivo e lições de coisas. Outros resumos, ainda, indicam imersões diversas em documentação institucional preservada e acessível para elaborar uma narrativa histórica da instituição museológica.

Alguns trabalhos explicitam o empenho em estabelecer diálogos com a produção historiográfica brasileira e transnacional acerca dos museus e os inscrevem, como museus de educação, em um movimento mais amplo, em especial no novecentos, ao lado dos museus de História Natural, tipologia de alguns dos museus de escola estudados pelas comunicações apresentadas nos encontros. Ainda, na perspectiva histórica dos museus de educação, há resumos que abordam as relações entre essas instituições e a Instrução Pública, por exemplo no que concerne à aplicação do método intuitivo nas escolas, quando o Museu do Estado do Rio Grande do Sul (1903-1925) colaborou com o sistema estadual de ensino na confecção de caixas didática para o ensino de lições de coisas.

O segundo conjunto mencionado, resumos sobre museus diversos, expõem os museus na perspectiva da História da Educação, ou em outras palavras, afirmam que enquanto tal, estas instituições se configuraram, desde o seu surgimento, a partir de seu expressivo caráter pedagógico. Diálogos entre História da Educação e História Cultural propõem que os museus são objetos de estudo intimamente

conectados com a educação, espaços educativos privilegiados nos quais os objetos são institucionalizados como documentos e nos quais são (re)produzidas representações e práticas sobre o passado e sobre a história. Consta, nessa direção, uma variedade de abordagens, tais como: curadorias compartilhadas de exposições; educação em museus; visitas escolares a museus; organização de cursos para professoras sobre museus; configuração de coleções e museus em sítios históricos; biografia das coisas; percurso museal de coleções e objetos; sujeitos, intelectuais e agentes do campo museal e educacional; coleções de povos indígenas; entre outras possibilidades. Alguns dos museus mencionados nesses escritos são: Museu Júlio de Castilhos (RS), Museus da UFRGS, Museu Histórico Nacional (RJ), Museu das Missões (RS), Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (Pelotas, RS) e Núcleo de Memória Eng<sup>o</sup> Francisco Martins Bastos (NUME/FURG, Rio Grande, RS).

Ainda nesse espectro, identificamos resumos que examinam uma história da educação em museus, anunciando que investigam as particularidades dessa função nos museus ou analisam a relação entre os museus e a educação, particularmente as instituições escolares, a exemplo do Curso de Organização de Museus Escolares oferecido pelo Museu Histórico Nacional, a pedido do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), nos anos 1950, às professoras brasileiras.

Quanto ao terceiro conjunto referido sobre resumos & museus, observamos que há textos que enfatizam a importância do diálogo entre Museologia e História da Educação, tendo em vista que a primeira disciplina oferece os aportes teóricos e metodológicos para a adequada preservação dos registros documentais, escritos, materiais ou audiovisuais, do passado da educação, matéria prima da História da Educação, no presente. Vale ressaltar que, nesse conjunto, a



Museologia não só está em intersecção com o termo *museu*, mas também com acervo e *patrimônio*. Por outro lado, comparece mais ou menos explícita, a necessidade de a Museologia conhecer uma tipologia museológica ainda estranha a seu campo, bem como reconhecer os museus de educação como lugar de atuação profissional muito bem-vinda para os museólogos.

### **Arremates possíveis**

Os resumos publicados nos Anais dos Encontros da ASPHE podem ser pensados como indícios de um tempo escoado da produção intelectual em História da Educação, circunscrito a uma comunidade de pesquisadores e estudantes situada num espaço específico e datada em um percurso de mais de vinte anos. A leitura que operamos, também é contingente e provisória, assim como os exercícios de pensamento que registramos como texto, escrito a três, nas dobras dos tempos de pandemia, encontros virtuais, leituras na tela do computador, saudades do que ainda está por vir, percursos à beira de falésias de nossa democracia. Viver e pensar exige coragem, assunção da provisoriedade e da incompletude. Quiçá o exercício que produzimos possa representar tão somente o ponto de partida para imersões mais intensas e extensas acerca dos encontros da ASPHE e dos anúncios e realizações das pesquisas que os eventos lograram reunir e discutir. Os anais não repercutem os questionamentos, os murmúrios das indagações, as sugestões formuladas, as mudanças de rota ou as confirmações que as exposições orais nos grupos de trabalho suscitaram. São um instante apenas, congelado em linhas, e ainda assim instáveis porque sujeitos a muitas leituras e atribuições de sentidos.

Para nossa grata surpresa, arquivo, acervo, patrimônio, museu, tiveram lugar, foram registrados, frequentaram os horizontes de pesquisa e reflexão. Tão diversos e cifrados quanto os tempos decorridos. As incompletudes e imprecisões do levantamento que

realizamos e os limites impostos pelo gênero discursivo resumo, como abordamos antes, representam efetivamente obstáculos epistemológicos consideráveis e implicam afirmar que aqui não produzimos uma radiografia do campo da História da Educação, não apontamos lacunas ou supremacia de correntes teóricas, não resgatamos verdades do passado para afirmar a hegemonia de áreas do conhecimento ou grupos de pesquisa. Lançamos nossas leituras, olhares, inquiuições, algumas polêmicas e guardamos muitas dúvidas: poderemos alcançar uma ideia do todo lendo resumos? Que outras histórias possíveis poderemos escrever a partir dos textos que nomeamos como anais dos Encontros? Quais circunstâncias emaranhadas presidiram a escrita dos resumos, a escolha dos títulos e mesmo o desenvolvimento das pesquisas que comunicam ou anunciam?

Malgrado alguma imprecisão metodológica ou arbitrariedade das reflexões que formulamos brevemente neste capítulo, se nos voltarmos a revisitar os resumos dos encontros da Associação, como afirma Stephanou em um editorial da revista da ASPHE, “saberemos muito de nós. Saberemos algo dos movimentos que palpitarão e ainda palpitarão no campo da historiografia da educação, [...] nas associações científicas da área, nos itinerários descontínuos de grupos de pesquisa e pesquisadores” (STEPHANOU, 2018, p. 2).

Sem a pretensão de esgotar as reflexões e análises acerca das escolhas, significados e repercussões das palavras arquivo, acervo, patrimônio, museu, que nos interessaram acompanhar nesse capítulo, lançamos um olhar ao que já foi produzido com o desejo de que pesquisas e problematizações futuras amplifiquem ainda mais as interlocuções e os diálogos que julgamos absolutamente profícuos entre a História da Educação e as áreas do conhecimento nas quais essas palavras orbitam. A História da Educação pode deixar-se afetar, e mesmo vibrar, pelo léxico expressivo de outras áreas, pois terá muito a ganhar e poderá dar novos sentidos às suas ideias, práticas e contribuições como campo de estudos da História.

## Referências

- ALVARÉZ DOMINGUEZ, Pablo. Museos pedagógicos universitarios en ciudades educadoras del tiempo presente: divulgación del patrimonio histórico educativo. In: **Tempo & Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 31, set./dez. 2020.
- Anais dos Encontros da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação. UNIPAMPA. **Repositório Digital Tatu**. Repositório Digital de História da Educação. Disponível em:  
<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/asphe-anais-encontros/>
- BACHELARD, Gaston. O Novo Espírito Científico [1934]. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural; Victor Civita Editor, 1974. p. 249-257.
- BELLOTTO, Heloisa L. **Arquivos permanentes. Tratamento documental**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ESCOLANO BENITO, Augustín. Patrimonio material de la escuela e historia cultural. In: **Revista Linhas**, vol. 11, n.º 2, p. 13-28, 2010.
- FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, n.79, Agosto/2002. p.257-272.
- FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits**. Édition de Daniel Defert, François Ewald e Jacques Lagrange. Paris: Gallimard, 1994. v.2.
- GONÇALVES, José Reginaldo S. Patrimônio como categoria de pensamento. In: **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 21-29.
- MENESES, Ulpiano B. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. In: **Anais do I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão**, Ouro Preto/MG, 2009/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Brasília, DF: Iphan, 2012, p. 25-39.
- POSSAMAI, Zita R. Patrimônio e acervo. In: CARVALHO, Aline, MENEGHELLO, C. **Dicionário temático de patrimônio: debates contemporâneos**. Campinas: Ed. UNICAMP, 2020. p. 47-49.
- RODRIGUES, Ana Márcia L. A teoria dos arquivos e a gestão de documentos. In: **Perspect. ciênc. inf.**, Belo Horizonte, v.11 n.1, jan./abr. 2006, p. 102-117.
- STEPHANOU, Maria. O passado sabe muito de nós: labirintos da operação historiográfica. **História da Educação** (On-line), Porto Alegre, v.22, n. 55, maio/ago. 2018. p. 01-06.
- VIDAL, Diana G. História da educação como arqueologia: cultura material e escolarização. In: **Investigar, intervir e preservar em História da Educação**. CITCEM, 2017, p.45-62.

# **Livros Didáticos como fonte e objeto de pesquisa: um panorama das produções divulgadas nos anais da ASPHE e na Revista História da Educação**

*Lisiane Sias Manke*

*Eliane Peres*

*Lucas de Souza Predroso*

## **Introdução**

A Associação Sul-Rio-Grandense de História da Educação (ASPHE) constituiu-se, nestes últimos 25 anos, um importante espaço de produção, divulgação e formação de pesquisadores em História da Educação, incluindo novos temas e abordagens de pesquisa. Entre estes estão os livros didáticos, fonte e objeto de pesquisa que foram inseridos no rol das investigações históricas e educacionais, especialmente a partir da última década do século XX, com o advento da chamada História Cultural.

Ao considerar tais aspectos, o objetivo deste texto é apresentar um panorama das produções que envolvem a história do livro didático, analisando as comunicações apresentadas e publicadas nos Anais dos Encontros da ASPHE e os artigos publicados na Revista História da Educação (RHE), dois importantes meios de divulgação acadêmica em âmbito regional e nacional. Consideramos que essa análise pode revelar as problemáticas privilegiadas e as principais tendências de abordagem sobre a história dos livros didáticos no Brasil, assim como indicar as contribuições desse tema para a História da Educação.

A ASPHE foi criada em 11 de dezembro de 1995, em São Leopoldo-RS, a fim de promover estudos e divulgação científica na

área de História da Educação<sup>1</sup>. Com tal finalidade, a entidade organiza encontros anuais nos quais ocorrem palestras e apresentações de pesquisas realizadas na área. Os anais dos eventos estão disponíveis a partir de 1997 até o último encontro realizado em 2019<sup>2</sup>, localizados virtualmente pelo repositório digital *Tatu*, da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus de Bagé-RS. A ASPHE também criou e mantém a Revista História da Educação (RHE), a primeira revista brasileira especializada no gênero. O seu primeiro número é de 1997, desde então tem publicado artigos diversificados e com amplitude que se estende em nível nacional e internacional. Em vista disso, o período investigado começa a partir de 1997 em ambos os espaços de publicação. Ressaltamos, no entanto, que os Anais da ASPHE foram analisados até o último encontro realizado em Bagé-RS, em 2019, enquanto que a RHE seguimos até o último número lançando durante o momento da pesquisa, em 2020.

Assim, o *corpus* consultado constitui-se do total de 2039 artigos, sendo 1240 dos Anais dos encontros da ASPHE e 799 da RHE. Como metodologia de análise, primeiramente ocorreu o ordenamento e contabilização das publicações. Em seguida, identificou-se, a partir do título das produções, quais delas tomavam o livro didático como objeto e/ou fonte de pesquisa e análise. Para isso, foram consideradas as denominações que apareciam no título e nas palavras-chaves para designar livros didáticos, conforme demonstra a figura 1. Depois da seleção destes artigos, procedeu-se a leitura dos resumos para uma primeira classificação, observando os aspectos dos temas, abordagens, metodologias, palavras-chave, autores e instituições de origem. Por fim, efetuou-se a leitura de todo o texto para uma segunda classificação, o que resultou em 114 artigos selecionados e que compõem o *corpus* de análise final.

---

<sup>1</sup> Para saber mais sobre a ASPHE consultar <http://asphe.blogspot.com/>.

<sup>2</sup> Com exceção do ano 2000 que não foi localizado.

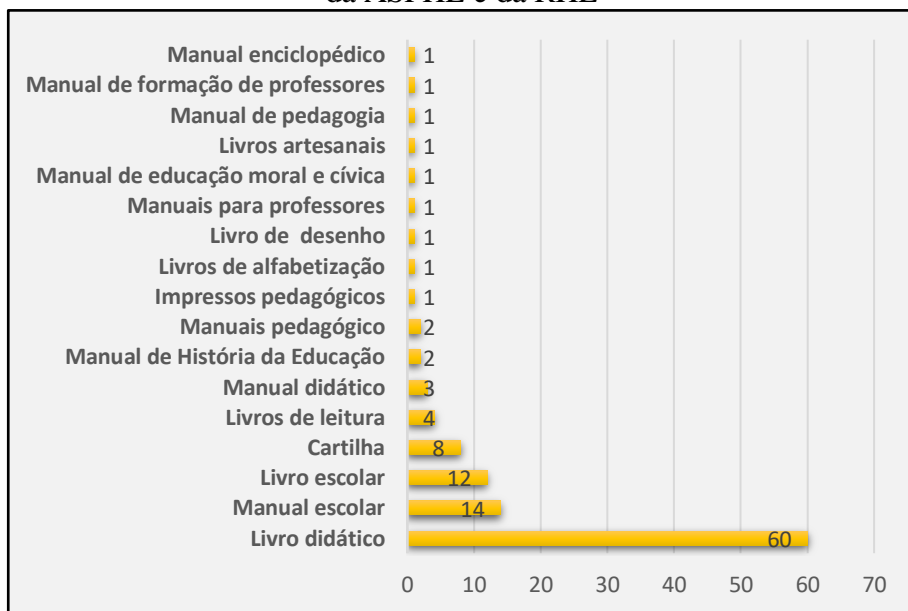
## **Livro didático e suas denominações**

Nos artigos elencados para análise, procuramos identificar os que apresentavam o livro didático (LD) como fonte e/ou objeto de pesquisa, ao considerar nos textos aspectos que tangem à produção, circulação e/ou aos usos desses livros. Mas, de imediato, sentimos a necessidade de definir o que entendemos por livro didático, ou seja, que materiais constituem o escopo do termo “livro didático”. Para tanto, partimos da compreensão de que livro didático seria todo o livro produzido especificamente para os processos de ensino e aprendizagem realizados em instituições de ensino, em diferentes níveis de formação, independente da nomenclatura utilizada para defini-lo. Tal compreensão é embasada na definição de Choppin (2009, p. 64-65), que apresenta duas categorias em que se situam esses livros: aqueles que foram intencionalmente produzidos para “uso escolar exclusivo ou não” e “[...] aqueles que não foram concebidos com fins educativos, mas que adquiriram posteriormente uma dimensão escolar”, estabelecendo assim uma “[...] distinção entre a intenção de uso e o uso efetivo”. De modo semelhante, Batista (2009, p. 41) conceitua o livro didático como “aquele livro ou impresso empregado pela escola, para o desenvolvimento de um processo de ensino ou de formação”. Assim, foram identificadas ao todo 114 publicações, como afirmamos, sendo 63 nos anais da ASPHE e 51 na RHE, que analisam sob diferentes perspectivas livros produzidos intencionalmente para fins de uso escolar.

Contudo, no conjunto de artigos analisados diversas são as nomenclaturas utilizadas para denominar o livro didático, o que requer atenção, pois se trata de um material de conceituação bastante complexa. Entre os termos que constam nas publicações localiza-se: *livro didático, livro escolar, livro de alfabetização, manual escolar, manual didático, manuais para professores, manual pedagógico, manual de formação de professores, cartilha e outros*. Como relembra

Choppin (2009, p. 19), “os termos aos quais recorrem as diversas línguas para designar o conceito de livro escolar são múltiplos, e sua acepção não é nem precisa, nem estável”. Contudo, não se trata apenas de uma variação de terminologia, mas decorre de denominações que dizem respeito às especificidades dos livros, como o público e a instituição de ensino a que se destinam. No gráfico que segue é possível observar a recorrência dos termos utilizados para denominar o livro didático, o que indica, de certo modo, para a diversidade contemplada nestas publicações, para a complexidade do estudo da temática e para a variação do campo semântico.

**Figura 1** – Gráfico das denominações utilizados nos artigos dos Anais da ASPHE e da RHE



**Fonte:** os autores, 2021.

Nos Anais da ASPHE, há uma recorrência expressiva do termo *livro didático*, seguido por *manuais escolares*, *manuais didáticos* e *livros escolares*. O mesmo ocorre na RHE, em que as terminologias

mais utilizadas são *livro didático, manual escolar e livro escolar*<sup>3</sup>; o que pode ser compreendido apenas como uma variação léxica, refletindo, de certa forma, a complexidade do estatuto do livro produzido e utilizado na escola. Outros termos que aparecem, como *cartilha, livro de leitura, manual de história da educação, manual de educação moral e cívica, livro de leitura, livro de desenho e livro de alfabetização*, referem-se a disciplinas, conteúdos específicos, competências a serem desenvolvidas, modalidade ou graus de ensino, o contexto institucional ao qual a obra é utilizada ou à qual é destinada.

Também compreende o conjunto destes estudos, mesmo que em menor quantidade, os manuais para professores, ou seja, os livros de orientação aos professores e/ou que trazem as respostas das atividades do livro dos estudantes; os manuais pedagógicos e os impressos pedagógicos, que tratam de questões pedagógicas ou didáticas, utilizados especialmente na chamada formação inicial dos professores<sup>4</sup>. Ou seja, há uma diversidade nessas pesquisas, expressas nos artigos e comunicações publicadas, que contemplam diferentes abordagens e problematizações, apontando para a amplitude que corresponde ao termo e à problemática do livro didático.

A esse respeito, Choppin (2009) aponta como uma preocupação recorrente nas pesquisas sobre livros didáticos as questões que permeiam os vocábulos empregados para designar esses livros, que dizem sobre as funções e usos das obras. Assim como em relação às fronteiras que separam o "território" dos livros didáticos das

---

<sup>3</sup> Importante considerar o período de circulação da fonte, uma vez que, como indica Batista, “até meados do século XX, os impressos escolares são denominados manuais escolares, compêndios, livros-texto, livros. O emprego do adjetivo parece marcar um importante ponto de inflexão na constituição desse gênero de texto. Para uma caracterização do livro didático como um gênero do discurso.” (BATISTA, 2009, p. 41).

<sup>4</sup> Para saber mais sobre manuais pedagógicos, consultar Silva (2006).



categorias editoriais próximas. Ou mesmo, variações relativas ao suporte dos livros, sua categorização e tipologia. Nesse sentido, para o autor “os livros escolares são há muito tempo apresentados aos seus contemporâneos sob uma multiplicidade de denominações” (CHOPPIN, 2009, p. 15). E acrescenta:

Percorrendo a abundância bibliográfica científica consagrada no mundo do livro e da edição escolar, constata-se que são utilizadas conjuntamente hoje várias expressões que, na maioria das vezes, é difícil, até impossível, de determinar o que as diferenciam. Tudo parece ser uma questão de contexto, de uso, até de estilo (CHOPPIN, 2009, p. 19).

Outro aspecto evidenciado nas pesquisas publicadas nos dois periódicos analisados está relacionado à materialidade dos livros didáticos, que podem não necessariamente ser livros impressos – como é o caso dos livros artesanais, que aparecem entre as pesquisas publicadas nos Anais da ASPHE. Choppin (2009), ao tratar os aspectos que envolvem a materialidade desses livros, considera que independentemente do suporte, é a organização do documento, que tem como premissa “a apresentação dos conteúdos seguido de uma progressão que vai do simples ao complexo”, que caracteriza a categoria escolar do livro (CHOPPIN, 2009, p. 49).

Assim, o livro didático constitui-se como suporte que circula conteúdos escolares e, por isso, sua função primária está no ensino e na aprendizagem, concentrando um conjunto de saberes e habilidades de um dado período. De igual modo, evoca um sistema de valores pedagógicos, políticos, morais e culturais, que se alteram, em razão do contexto político-social, dos projetos e interesses editoriais, dos regimentos e programas de ensino, dos princípios pedagógicos vigentes no período etc. Em vista disso, as pesquisas com livros didáticos não o tomam, metodologicamente, como uma fonte isolada, mas em relação a outras fontes, como regulamentos escolares, programas vigentes, perspectivas pedagógicas, debates da imprensa, pesquisas especializadas das áreas do conhecimento, entre outras que

revelam contextos institucionais, políticos, científicos e pedagógicos dessas produções (CHOPPIN, 2002; 2009). Em síntese, a instabilidade que envolve as pesquisas com livros didáticos não se limita à diversidade de usos léxicos empregados às obras.

### **A constituição do campo investigativo sobre livros didáticos**

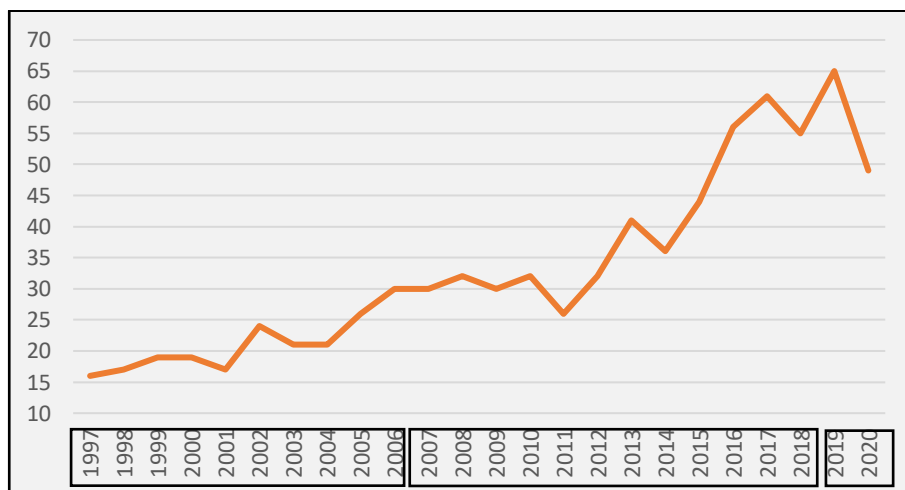
A análise da produção científica envolvendo livros didáticos realizada por Choppin (2004) indica que o desenvolvimento desse campo investigativo ocorreu na segunda metade do século XX, consolidando-se na década de 1990. Para o autor, o maior interesse por essa fonte e objeto de pesquisa resulta da convergência de alguns fatores conjunturais, tais como: o crescimento das pesquisas educacionais; as problematizações em torno da identidade cultural das nações; o avanço das pesquisas sobre a história dos livros; as discussões que envolvem o livro impresso e as novas tecnologias educativas; e a “constituição de equipes ou centros de pesquisa e de redes científicas internacionais que se dedicam às questões específicas do livro e das edições didáticas” (CHOPPIN, 2004, p. 552). Essas questões conjunturais somam-se a causas estruturais, como “a complexidade do objeto ‘livro didático’, a multiplicidade de suas funções, a coexistência de outros suportes educativos e a diversidade de agentes que ele envolve.” (CHOPPIN, 2004, p. 552). Tais aspectos motivam o crescente interesse dos pesquisadores pelos livros didáticos nos últimos anos.

O cenário de crescimento das pesquisas que envolvem esses livros coincide com a constituição e desenvolvimento do campo de pesquisa em História da Educação, espaço importante para fortalecimento das investigações sobre a cultura escolar em diferentes contextos e espaços. Conforme Faria filho e Vidal (2003, p. 37), nos anos 1980 “cresceu substantivamente a produção de trabalhos em História da Educação no Brasil. Ao mesmo tempo foi-se constituindo uma certa identidade, ainda que multifacetada e plural do historiador da educação”. Em correspondência, no ano de 1995 é criada a ASPHE, para congregar pesquisadores Sul-rio-grandenses em História da Educação, e dois anos depois a Revista História da Educação. Ao

centrarmos a análise nas publicações divulgadas por estes dois veículos, é possível observar o crescimento das pesquisas na área, que também acompanha a ampliação dos Programas de Pós-graduação em Ciências Humanas, nas primeiras décadas do século XXI.

Entre 1997 e 2006, a RHE mantinha a periodicidade bianual. De 2007 a 2018, passou à periodicidade trianual. Desde 2019, a revista alterou sua publicação para anual, com fluxo contínuo. Contudo, a quantidade de produções publicadas em seu número não diminuiu. Pelo contrário, a tendência foi aumentar a quantidade de publicações no periódico, como podemos visualizar na figura 2. Neste levantamento, levou-se em consideração o fluxo de submissão contínua de artigos avulsos e também os artigos publicados em dossiês.

**Figura 2** – Gráfico de tendência de publicação pela RHE e sua periodicidade



**Fonte:** os autores, 2021.

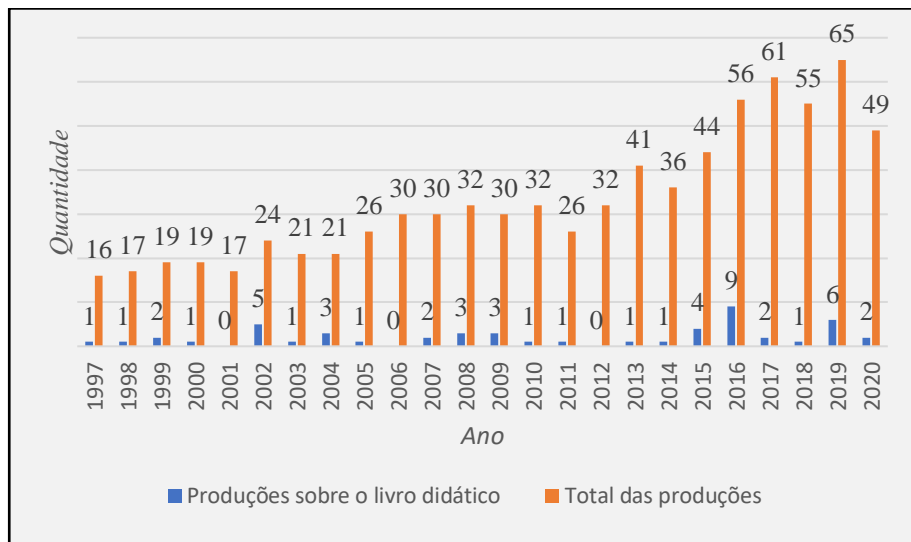
O primeiro dossiê publicado na Revista História da Educação é do ano de 2013, com o título *Lugares de poder, produção e circulação de saberes pedagógicos*. Depois da publicação desse dossiê, a RHE publicou outros, somando o total de 15 dossiês. Contudo, destacamos o dossiê número 50, publicado em 2016, o único dossiê com foco

direto na temática dos livros didáticos, intitulado *Contextos de recepção e interpretação dos manuais escolares*. O referido dossiê conta com o total de 5 artigos publicados, porém o número 50 da Revista é constituído por 22 publicações.

Comparado aos outros períodos, 2016 é o ano em que mais trabalhos abrangendo os aspectos do livro didático foram publicados, totalizando 9 produções sobre o tema. Fato que pode indicar um crescimento dos estudos na temática específica e a necessidade de criar espaços e dar visibilidade para essas investigações, por meio de dossiês, por exemplo.

O segundo ano com maior número de produções envolvendo aspectos do livro didático é 2019, com 6 trabalhos da temática entre os 65 publicados. Contudo, ressaltamos que esse é o ano que contempla o maior número de artigos publicados na Revista, o que pode indicar para o fato de as pesquisas com esse tema acompanharem o crescimento das investigações em História da Educação, conforme demonstra a figura 3.

**Figura 3** – Gráfico dos trabalhos publicados na RHE



**Fonte:** os autores, 2021.

No gráfico, as colunas destacadas em laranja representam o número total de trabalhos publicados na RHE, enquanto as colunas em azul indicam os trabalhos que contemplam o tema dos livros didáticos. Enfatizamos que os trabalhos foram contabilizados e ordenados anualmente, apesar da periodicidade da Revista, conforme salientado anteriormente.

No caso dos anais da ASPHE, percebemos um padrão diferente do que ocorre na RHE. Há, a partir de 2006, uma constância das produções que levam em conta aspectos do livro didático, apesar de o contrário acontecer com as produções totais, que tendem a aumentar quantitativamente ao longo dos anos. Buscamos, nos anais, compreender essa continuidade das publicações sobre livros didáticos a partir dos temas centrais de cada um dos eventos promovidos pela ASPHE, que resultaram na publicação desses Anais.

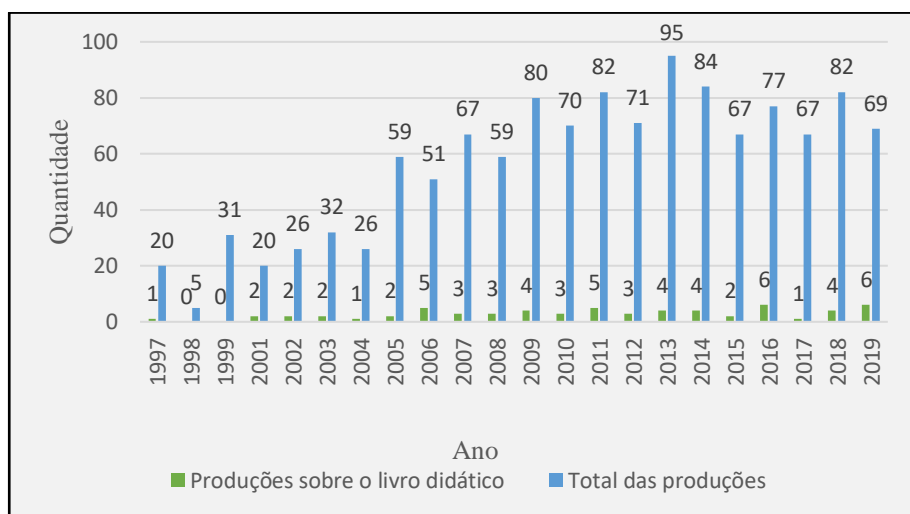
Nesse sentido, os anos que possuem maior número de produções sobre os aspectos em torno dos livros didáticos são: 2006, 2011, 2016 e 2019. Respectivamente, os temas centrais de cada um desses anais são: *História, infância e educação*; *História da educação: campos e fronteiras*; *História da educação e políticas educacionais: 20 anos da lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira*; e, por fim, *História da Educação e democracia: desafios e conquistas*. Nenhum deles direciona especificamente a temática central para o livro didático, porém, em cada um desses encontros, foi possível apresentar e discutir pesquisas envolvendo as diferentes dimensões do livro didático.

Como destacamos, a ASPHE realiza um evento anual que contribui em diversos aspectos com o desenvolvimento das pesquisas na área e, por suposto, possui uma proposta diferente da RHE. Por exemplo, além da publicação dos textos em Anais, ocorrem conferências com pesquisadores nacionais e internacionais, mesas-redondas, blocos de comunicações coordenadas e também minicursos. Com isso, proporciona-se um espaço de aprendizado e trocas entre

pesquisadores com investigações já concluídas, além do acolhimento para os jovens e iniciantes pesquisadores, tanto da graduação como da pós-graduação. Por esta razão, é um espaço que também permite divulgar, para além das pesquisas concluídas e em andamento, acervos e centros especializados existentes no Estado, no país e em outros países, alguns destes com foco nos livros didáticos.

Diante disso, a ASPHE caracteriza-se como uma associação científica preocupada em integrar os pesquisadores gaúchos identificados com a área da História da Educação e determinadas abordagens investigativas. Nesse sentido, exemplifica a estabilidade das pesquisas contemplando os livros didáticos em todos os anos a partir de 2006. Contudo, mesmo que em menor recorrência, a temática está em evidência no espaço da ASPHE desde 1997, não se tratando, portanto, de um tema efêmero, mas de um tema pelo qual existe a recorrência de interesse investigativo. O próximo gráfico ilustra a constância das pesquisas na área.

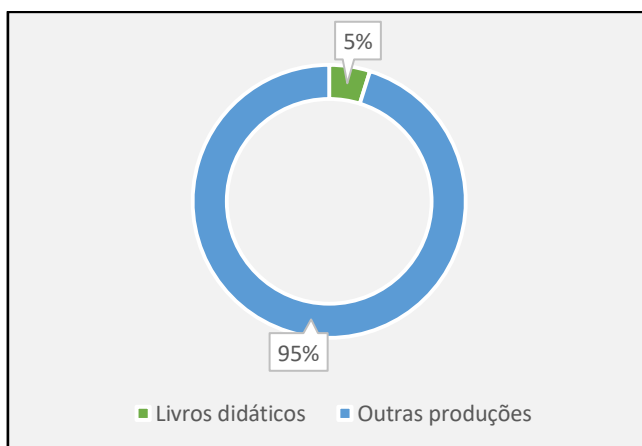
**Figura 4** – Gráfico do número de trabalhos publicados nos encontros da ASPHE



**Fonte:** os autores, 2021.

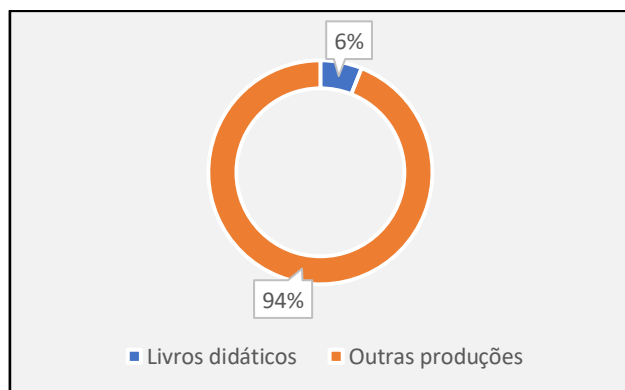
No que diz respeito ao gráfico da figura 4, as colunas destacadas em azul representam o total de trabalhos publicados em cada evento anual da ASPHE, enquanto as colunas em verde representam as produções que abrangem a temática do livro didático. Para uma análise mais detalhada, é possível estabelecer uma relação percentual dos trabalhos cujo foco é o livro didático, em comparação ao total de trabalhos publicados no ano. Referente às produções apresentadas nos encontros da ASPHE, observou-se que 5% referem-se a estudos sobre livros didáticos. No que se refere à RHE, o dado não é diferente: no conjunto da produção total, 6% referem-se ao tema do livro didático (conforme as figuras 5 e 6).

**Figura 5** – Gráfico do quadro comparativo da produção dos encontros da ASPHE – produção total x produção sobre LD



**Fonte:** os autores, 2021.

**Figura 6** – Gráfico do quadro comparativo dos artigos publicados na RHE – produção total x produção sobre LD



**Fonte:** os autores, 2021.

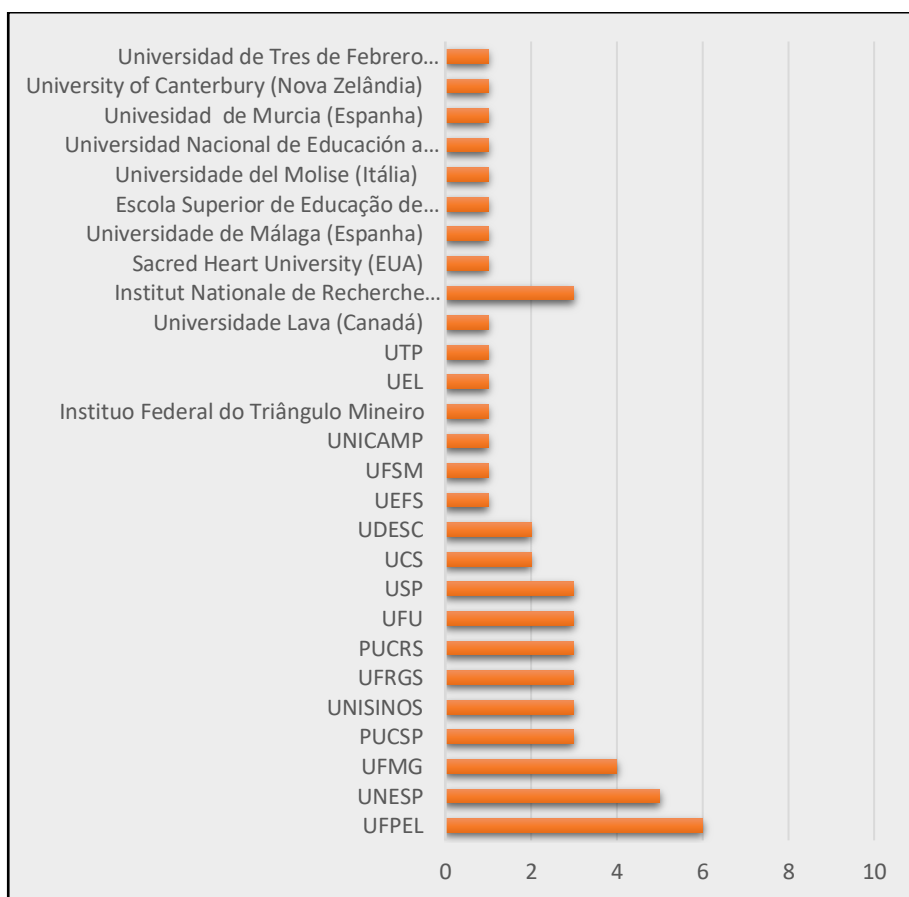
A porcentagem da produção sobre livros didáticos em relação ao total da produção demonstra a permanência da temática ao longo dos anos analisados; mesmo em quantidade reduzida, as pesquisas não desaparecem, há um *continuum*. Essa assiduidade de trabalhos nos encontros da ASPHE e na RHE pode ser explicada tanto pela própria importância do tema, haja vista a centralidade do livro didático na história da escola brasileira, quanto pela existência de acervos, centros, núcleos e grupos de pesquisas de diferentes instituições. O reconhecimento da necessidade da guarda e preservação de acervos de livros didáticos tem crescido no Brasil.

No que diz respeito às produções e seus pesquisadores, observamos que estão vinculados a diferentes instituições de ensino, e quanto a isso também levantamos alguns dados que indicam a relação entre a produção na temática específica e o pertencimento institucional dos pesquisadores. São 30 diferentes universidades, nacionais e internacionais, que apresentam diferentes abordagens a respeito do tema. Constatamos uma maior produção na temática dos livros didáticos de pesquisadores ligados à Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Nos Anais dos encontros da ASPHE há 35 publicações



vinculadas à UFPel, seguidas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), ambas com seis publicações. Na RHE a UFPel também apresenta o maior número de publicações, com um total de seis artigos, seguida pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), que tem cinco publicações, e pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com quatro artigos publicados.

**Figura 7** – Gráfico RHE publicações por instituições



**Fonte:** os autores, 2021.

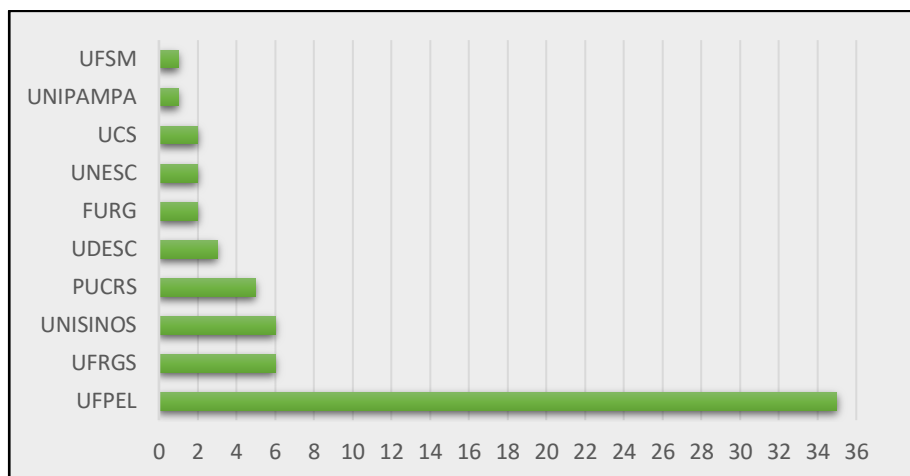
O gráfico da figura 7 apresenta a origem institucional dos autores que publicaram na RBE, indicando para uma relevante vinculação entre instituições brasileiras e estrangeiras. Assim, promovendo a difusão de pesquisas realizadas em outros países, bem como a influência desses conhecimentos na produção nacional. É o caso do pesquisador francês Alain Choppin, que atua no campo da pesquisa dos livros didáticos e possui publicações na RBE. A primeira em 2002, com o título *O historiador e o livro didático*, seguida de uma em 2008, com o texto *Políticas dos livros escolares no mundo: perspectiva comparativa e histórica*, e por fim, em 2009, com o estudo intitulado *O manual escolar: uma falsa evidência histórica*<sup>5</sup>. Os artigos citados são clássicos sobre o tema, Choppin traz contribuições relativas às suas pesquisas na França e tais ideias se difundem entre os pesquisadores brasileiros, resultando em publicações que ampliam e qualificam a discussão desse campo de pesquisa.

O gráfico que segue apresenta as instituições que participaram dos encontros da ASPHE, resultando em publicações nos Anais do evento.

---

<sup>5</sup> Os trabalhos publicados em 2002 e 2009 foram traduzidos por Maria Helena Camara Bastos. Já o trabalho publicado em 2008 foi traduzido por Fernanda de Bastani Busnello.

**Figura 8** – Gráfico publicações das comunicações nos Anais dos encontros da ASPHE por instituições



**Fonte:** os autores, 2021.

São dez as instituições que participaram dos eventos da ASPHE nos últimos 25 anos, oito do Rio Grande do Sul e duas instituições de Santa Catarina – UNESC e UDESC. Como já evidenciado acima, a UFPel destaca-se com a publicação de 35 artigos nos Anais da ASPHE. A quantidade de estudos divulgados pode estar relacionada à presença de núcleos, acervos e centros de pesquisas especializados na temática de livros didáticos nesta universidade, assegurando a quantidade de pesquisadores que atuam com o tema frente à possibilidade de acesso às obras.

Nesse sentido, destacamos que a UFPel mantém três acervos que contemplam a salvaguarda de livros didáticos: **I.** o Centro de Memória e Pesquisa Hisales (História da alfabetização, leitura, escrita e dos livros escolares), que possui diversos acervos, entre eles o de livros didáticos produzidos no Rio Grande do Sul (1900-1980). Criado em 2006, seus pesquisadores(as) atuam desde 2001 na proposição e desenvolvimento de investigações nesse e em outros campos, que resultam em pesquisas e publicações; **II.** O Centro de Estudos e

Investigações em História da Educação – CEIHE, vinculado à Faculdade de Educação da UFPel, que foi criado em 2002 e reúne pesquisadores(as) da área da História da Educação. Este centro subdivide-se entre o centro de pesquisa e o centro de documentação que reúne variado acervo documental sobre a história da educação, com destaque para livros didáticos de diferentes áreas do conhecimento; **III.** Laboratório de Ensino de História – LEH, vinculado ao Departamento de História da UFPel. Criado em 2000, é um projeto amplo, que abarca vários subprojetos de ensino, pesquisa e extensão, e constitui-se também enquanto núcleo de organização e preservação de livros e impressos didáticos, paradidáticos e de divulgação histórica. O grupo de pesquisa Heduca (História e Educação: textos, escritas e leituras), vinculado ao LEH, desenvolve pesquisas que compreendem o campo da História do Ensino de História, da Didática da História, e da História do Livro e da Leitura, possibilitando investigações das/nas fontes existentes no acervo do LEH.

### **Principais temas e problemáticas identificadas nas publicações**

Ao investigar quais enfoques são privilegiados pelos pesquisadores que se debruçam em compreender os livros didáticos, percebe-se uma ampla diversidade, o que parece ser característico deste campo investigativo, como bem indica Choppin ao afirmar que:

A pesquisa histórica sobre os livros e as edições didáticas aborda aspectos extremamente diversos. E é essa multiplicidade de abordagens possíveis que faz com que a produção científica consista essencialmente em artigos isolados, o que torna mais difícil abarcá-la em seu conjunto (CHOPPIN, 2004, p. 552).

As abordagens identificadas estendem-se desde produções que se preocupam em analisar autores que produziram livros didáticos, até

investigações de áreas específicas, como o ensino de Geografia, o ensino de Matemática e o ensino de História. Há também as produções que se dedicam às políticas educacionais em torno do livro didático, sejam elas no âmbito regional ou nacional, e em diferentes períodos históricos. Também há produções dedicadas à pesquisa da iconografia nas produções didáticas, bem como aquelas que examinam discursos e práticas didáticas a partir do livro, tomando-o como um documento histórico.

Outro aspecto que pode ser salientado são as análises de manuais didáticos dedicados à formação de professores, assim como pesquisas focadas em investigar grupos específicos, como narrativas didáticas a respeito de negros, pomeranos e indígenas. Por fim, há estudos preocupados em investigar o mercado editorial dos livros didáticos, caracterizados como mercadoria.

No que tange às análises, por vezes há relações e imbricações em mais de uma das abordagens anteriormente indicadas, como é o caso, por exemplo, do artigo publicado no encontro da ASPHE, cujo título é *Iconografia e ensino de História: imagens nos livros e na sala de aula* (PERES, 2002). Esse artigo apresenta a metodologia de análise iconográfica na obra didática, relacionada às possíveis utilizações do material no ensino de História. O livro analisado nessa comunicação foi *História do Rio Grande do Sul para o Ensino Cívico*, de autoria de João Maia, publicado em 1927, pela Livraria Selbach, de Porto Alegre. Ou seja, o estudo apresenta dados a respeito do conteúdo a ser ensinado, a editora responsável, o local de circulação, o público alvo pretendido, o período em que foi utilizado, entre outros aspectos.

Outro exemplo de abordagem no que diz respeito ao campo de pesquisa do livro didático está naqueles trabalhos que tratam das políticas educacionais de um período. É o caso do artigo de título *PNLD e PNBE como políticas públicas educacionais: uma*

*contextualização histórica que permite pensar o presente* (SILVEIRA, Raissa I. da Silva; LARRUSCAHIM, William Viera. 2019). Tal artigo propõe realizar um panorama histórico das principais políticas brasileiras que abrangem o livro didático na atualidade, tais como o Programa Nacional do Livro didático (PNLD) e o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE). Além disso, realiza um estudo das leis que alteraram e impactaram o cotidiano do ensino, e também da criação de órgãos responsáveis, como o Instituto Nacional do Livro (INL) e a primeira Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), em 1938, e como este cenário se altera a partir de então, além de explanar os processos avaliativos dos livros didáticos.

Outro foco é a análise de métodos pedagógicos, como é o caso do artigo *Divisibilidade em dois livros didáticos do Rio Grande do Sul dos anos 1950* (SILVA, Mayara Becker Oliveira da; BÚRIGO, Elisabete Zardo. 2017). Nele, as autoras realizam a investigação sobre a estrutura e composição presente em duas obras de ensino de Matemática, com análise voltada aos critérios de divisibilidade presente nos livros, às definições, aos exercícios propostos pelos autores e aos detalhes da organização dessas obras destinadas à escola primária no Rio Grande do Sul na década de 1950.

A partir das produções destacadas acima, podemos verificar as possibilidades, e a complexidade intrínseca aos estudos do livro didático. A historiadora brasileira Circe Bittencourt (2008) destaca as “múltiplas facetas” do livro didático, que pode ser compreendido como uma mercadoria, como suporte de conhecimentos escolares, que também expressam métodos pedagógicos hegemônicos em determinados momentos, e ainda são veículos de um sistema de valores e ideologias. Por isso, explica que o livro didático se caracteriza pela interferência de diversos sujeitos, que contribuem e influenciam na produção, circulação e consumo destes (BITTENCOURT, 2008, p. 301).

Portanto, o livro didático, ao ser investigado, constitui-se como um objeto de pesquisa complexo que não deve ser analisado isoladamente. As pesquisas com livros didáticos têm amplas possibilidades de estudo, pavimentando um campo em construção e reconstrução constante. Tais aspectos foram dados a ver no levantamento das publicações realizadas nos Anais dos encontros de ASPHE e na RBE, nesses últimos 25 anos. A diversidade das abordagens, a amplitude de pesquisadores e instituições ocupadas em problematizar o livro didático como objeto de investigação ou como fonte histórica, e a recorrência dos estudos em praticamente todas as edições analisadas, demonstra a potencialidade desses estudos e a constância de investigações de/sobre livros didáticos. Contudo, observamos também que a presença de acervos institucionais pode ser determinante para o investimento e ampliação das pesquisas na área, o cuidado em salvaguardar, catalogar e disponibilizar coleções e materiais didáticos que constituem a cultura material da literatura escolar é parte fundante para o crescimento do campo investigativo e a formação de novos pesquisadores.

## Referências

BATISTA, Antônio Augusto Gomes e GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Livros escolares de leitura no Brasil: elementos para uma história**. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Materiais didáticos: concepções e usos. In: **Ensino de história: fundamentos e métodos**. p. 291- 324. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CHOPPIN, Alain. O historiador e o livro escolar. **Revista História da Educação**. ASPHE, Pelotas, v. 6, n. 11, p. 5-24, jan./jun. 2002.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.3, p. 549-566, set./dez. 2004.

CHOPPIN, Alain. O manual escolar: uma falsa evidência histórica. **Revista História da Educação**, ASPHE, Pelotas, v.13, n.27, p. 9-75, jan./abr. 2009.

PERES, Sebastião. Iconografia e ensino de História: imagens nos livros e na sala de aula. IN: Encontro Sul-Rio-Grandense de pesquisadores em História da Educação, VIII., 2002, Pelotas/RS. **Anais do VIII Encontro ASPHE**. 2002. p. 17-31.

SILVA, Vivian Batista da. **Saberes em viagem nos manuais pedagógicos: construções da escola em Portugal e no Brasil (1870-1970)**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo/USP. São Paulo, 2006. doi:10.11606/T.48.2006.tde-30012013-135022. Acesso em: 2021-05-27.

SILVA, Mayara Becker Oliveira da; BÚRIGO, Elisabete Zardo. Divisibilidade em dois livros didáticos do Rio Grande do Sul dos anos 1950. IN: Encontro Sul-Rio-Grandense de pesquisadores em História da Educação, XXIII., 2017, Rio Grande/RS. **Anais do XXIII Encontro ASPHE**. 2017. p. 166-174.

SILVEIRA, Raissa Lamadril da Silva; LARRUSCAHIM, William Viera. PNLD e PNBE como políticas públicas educacionais: uma contextualização histórica que permite pensar o presente. IN: Encontro Sul-Rio-Grandense de pesquisadores em História da Educação, XXV., 2019, Bagé/RS. **Anais do XXV Encontro ASPHE**. 2019. p. 997-1013.

VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 23, nº 45, pp. 37-70. 2003.



# **Desenhando um lugar para a História da Educação Matemática na ASPHE**

*Elisabete Zardo Búrigo*

*Diogo Franco Rios*

Os eventos da ASPHE têm propiciado, ao longo destes vinte anos, muitos diálogos entre os historiadores da educação e nós, educadores matemáticos interessados nos diversos processos de ensinar e aprender matemática em perspectiva histórica. O convite e a produção deste capítulo expressam o reconhecimento dessas trocas. Também compreendemos a criação desse espaço como uma oportunidade para pensarmos o que temos feito até o momento e o quanto ainda podemos avançar na produção historiográfica relativa aos diversos aspectos dessa disciplina escolar.

Indagações sobre as práticas escolares do passado implicam, como propõe Chervel (1990), em construir processos investigativos que considerem as disciplinas escolares – sua constituição, as finalidades que lhes são atribuídas, práticas de ensinar, estudar e avaliar peculiares a cada uma – e que articulem esses estudos, pois as experiências de escolarização dos alunos são mais complexas do que uma combinação do que vivenciam nas diferentes aulas. A empreitada não é simples, pois pressupõe o diálogo entre pesquisadores com diferentes formações e interesses.

Nos encontros da ASPHE, olhares atentos ao ensino da matemática – ou das “matemáticas”, considerando também a aritmética, geometria, álgebra, o “calcular” e elementos constitutivos do ensino de desenho – se fazem presentes desde os primeiros anos. Os anais do 9º Encontro, em 2003, registram a apresentação do primeiro trabalho que toma como objeto a matemática escolar. E, a partir daí, observa-se uma presença constante e crescente de textos que tratam do ensino escolar da matemática ou das matemáticas; em sua maioria, produzidos por educadores matemáticos, engajados no campo

que vem sendo denominado, desde o início dos anos 2000, História da Educação Matemática.

Essa presença é indicativa de uma mobilização e de um acolhimento: mobilização por parte de educadores matemáticos, em busca de diálogo com a História da Educação, e acolhimento da temática por parte da comunidade de historiadores que constituem a Associação. Mas, quais são as motivações dos autores, quais têm sido os enfoques adotados pelos trabalhos e como tem ocorrido o diálogo entre pesquisadores que têm formações e experiências de pesquisa diversas? A escrita deste capítulo é inspirada por estas questões.

Partimos de um levantamento inicial de textos que tomam como objeto o ensino da matemática, e ao examiná-los, pudemos identificar traços que caracterizam o conjunto de trabalhos apresentados nos primeiros encontros, nos próximos, e assim por diante. Organizamos a apresentação desses traços segundo quinquênios. Também percebemos algumas tendências ao longo do tempo e procuramos explicá-las considerando não apenas os eventos da ASPHE, mas também a existência e a constituição de programas de pós-graduação e de grupos de pesquisa, nesse período.

## **A emergência da História da Educação Matemática como campo de pesquisa**

Brito e Miorim (2016) situam nos anos 1980 a produção dos primeiros trabalhos de viés historiográfico no campo da Educação Matemática, no âmbito dos programas de pós-graduação no Brasil. Segundo as autoras, de 1984 a 2002 foram defendidas 36 dissertações e 5 teses; uma característica do período seria a não explicitação da metodologia de pesquisa e dos referenciais teóricos adotados. Os Seminários Nacionais de História da Matemática, realizados bianualmente desde 1995, abrigaram desde o início, e especialmente a partir de 2001, debates sobre as relações entre história e pedagogia da matemática e estudos históricos sobre o ensino (MENDES, 2019). Essa pode ser uma explicação para a existência de uma vertente que

toma a história da educação matemática como um ramo da História da Matemática (VALENTE, 2014). No período de 2003 a 2011, foram defendidas 92 dissertações e 42 teses, em uma etapa de “aproximação dos pesquisadores com a história em suas vertentes social e cultural” (BRITO; MIORIM, 2016, p. 79). Nos anos 2000, também se constituíram no país grupos de pesquisa, de âmbito nacional ou regional, dedicados ao campo agora denominado História da Educação Matemática.

Na Europa e nos Estados Unidos, Schubring (2014) menciona monografias e teses sobre a história do ensino de matemática publicadas já ao final do século XIX. Mais recentes são os estudos que buscam “abordagens metodológicas reflexivas que vão além da superfície dos fatos e decisões administrativas com o objetivo de desvendar a realidade do ensino na prática escolar” (p. 4-5, nossa tradução). O campo de pesquisa é institucionalizado em 2004, com a criação do *Topic Study Group on the History of Teaching and Learning Mathematics* nos Congressos Internacionais de Educação Matemática (ICMEs), eventos quadrienais organizados pela Comissão Internacional de Ensino de Matemática (ICMI), vinculada à União Matemática Internacional (IMU). Por iniciativa de matemáticos e educadores matemáticos têm sido realizadas desde 2009, a cada dois anos, Conferências Internacionais em História da Educação Matemática (ICHMEs).

A constituição do campo de pesquisa em História da Educação Matemática no Brasil se dá em sintonia com a institucionalização do campo, em âmbito internacional, e ao mesmo tempo se beneficia do crescimento dos programas de pós-graduação em Educação Matemática, impulsionado pela criação, no ano 2000, da área de Ensino de Ciências e Matemática da CAPES (Área 46) e pela regulamentação de Mestrados Profissionais na área. Em 2010, com dez anos de existência, a área já contava com 60 programas nas diferentes regiões do país (CAPES, 2013); seguiram existindo linhas

de pesquisa em Educação Matemática em muitos programas de pós-graduação em Educação.

A partir do diálogo entre diferentes programas e grupos de pesquisa, realiza-se em 2011 o primeiro o I Congresso Iberoamericano de História da Educação Matemática (CIHEM) em Covilhã, Portugal, com expressiva participação de pesquisadores brasileiros; e em 2012, em Vitória da Conquista, Bahia, o I Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática. Ambos os eventos vêm sendo realizados bianualmente e tiveram sua quinta edição, respectivamente, em 2019 e 2020.

Com esse panorama, observamos que a História da Educação Matemática não se constitui, no Brasil, como um ramo da História da Educação, embora essa seja a reivindicação de alguns pesquisadores (VALENTE, 2014). Matos (2018) percebe os estudos históricos como uma necessidade da Educação Matemática e uma tarefa dos educadores matemáticos: “especificidades da cultura matemática nas escolas profissionais, os conteúdos matemáticos escolares, ou as distinções entre os modelos de números racionais apenas poderiam ser apreciados através do lugar de um educador matemático” (p. 22). Reivindica, ao mesmo tempo, “a adoção das melhores práticas historiográficas contemporâneas” (p. 22).

Se a História da Educação Matemática não é um desdobramento da História da Educação, essa aproximação vem sendo buscada, por diferentes pesquisadores e grupos, segundo perspectivas variadas (VALENTE, 2014; MIGUEL, 2014; GOMES, 2016). Como ela tem se expressado nos eventos da ASPHE ou como a ASPHE tem contribuído para essa aproximação?

## **Matemática escolar como objeto de interrogação – primeiros trabalhos**

De 1997 a 2002, isto é, nos primeiros oito encontros da ASPHE, não encontramos registros de trabalhos que tivessem como objeto a matemática escolar. Há reiteradas menções à matemática – ou às

matemáticas – nos textos de Corsetti (1999), Arriada (2001), Ferreira (2001), Peres (2001), Tambara (2002), Bastos (2002), Almeida (2002). Uma explicação para essas ocorrências é que são frequentes, nesses primeiros anos, os trabalhos que buscam apresentar cenários abrangentes da educação escolar em um determinado período, em um determinado nível ou modalidade; ou que tomam como objeto discursos pedagógicos também abrangentes. A matemática – ou as matemáticas – aparece então como conteúdo, matéria ou disciplina componente dos programas de ensino e foco de manuais didáticos. Manuais, relatórios, programas e outros documentos oficiais são as principais fontes dos trabalhos.

Nos encontros realizados de 2003 a 2007, são quatro os trabalhos que tomam como foco o ensino escolar de matemática, como mostra o Quadro 1.

**Quadro 1**

Encontro	Ano	Título do trabalho	Autor
9º	2003	Livro didático de Matemática – uma abordagem história	Antônio Maurício Medeiros Alves
10º	2004	Prefácios de livros didáticos de Matemática: uma possível leitura da história da matemática escolar no Brasil	Antônio Maurício Medeiros Alves
13º	2007	O Arquivo Pessoal Osvaldo Sangiorgi – APOS como fonte de pesquisa para educação matemática nos anos 1960-1980	Flainer Rosa de Lima
13º	2007	O movimento da matemática moderna através de prefácios de livros didáticos dos anos de 1960 e 1970	Luiz Henrique Ferraz Pereira

**Fonte:** elaborado pelos autores a partir dos anais dos encontros da ASPHE.

Os três autores são educadores matemáticos, licenciados em Matemática. Antonio Maurício Medeiros Alves é mestrando e Luiz Henrique Ferraz Pereira é doutorando em Educação; ambos orientados

por historiadoras, respectivamente: Eliane Peres, na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), e Maria Helena Camara Bastos, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Flainer Rosa de Lima é mestranda em Educação Matemática na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), orientada por Laurizete Passos, que não é historiadora mas participa de pesquisas sobre cultura escolar, de cunho histórico, desde 2005. O diálogo da Educação Matemática com a História da Educação é estruturante dos trabalhos em desenvolvimento.

Dos quatro trabalhos apresentados, três tomam livros didáticos como fontes e objetos de estudo; tratam-se de fontes mais imediatamente acessíveis, em acervos e bibliotecas pessoais e institucionais. As questões formuladas pelos autores são amplas: o que dizem os prefácios dos livros? A partir do exame de livros, selecionados, publicados entre 1943 e 1995, Antônio Maurício observa que os textos expressam as concepções dos autores e “as concepções – oficiais ou não – vigentes à época em que foram escritos” (ALVES, 2004, p. 59). De modo semelhante, Luiz Henrique observa, em prefácios dos livros dos anos 1960 e 1970, ressonâncias do entusiasmo e das reticências frente ao Movimento da Matemática Moderna. Mas, quais eram as concepções vigentes em cada época e como foi tramado o Movimento? Pelos prefácios dos livros, temos uma primeira aproximação com tendências e movimentações relacionadas ao ensino de matemática no Brasil, produzindo mais perguntas do que de respostas. O quarto trabalho, de Flainer Lima, apresenta o Arquivo Pessoal Osvaldo Sangiorgi (APOS), sob a curadoria do Grupo de Pesquisa em História da Educação Matemática (GHEMAT). Descreve o acervo, apresenta elementos da biografia de Sangiorgi, protagonista do Movimento da Matemática Moderna, e elenca trabalhos produzidos a partir do acervo. Segue um caminho inverso ao dos outros trabalhos, cuidando da constituição de fontes, e destacando a importância dos arquivos pessoais, sem apresentar uma questão de pesquisa.

Nesta etapa de emergência da História da Educação Matemática, vemos então as primeiras aproximações em relação ao ensino de matemática do passado, seja por uma leitura inicial de fontes dispersas, seja pela constituição de acervos. Essas aproximações serão suportes para a construção de questões de pesquisa, na continuidade das investigações.

Além desses, há outros três trabalhos que merecem ser mencionados porque tratam de temáticas próximas à da matemática escolar. A primeira autora, Gláucia Trinchão, é mestra em Arquitetura e Urbanismo e doutoranda em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – (UNISINOS), orientada pela historiadora Flavia Obino Werle. Elementos de geometria estão presente no seu objeto de estudo, a didática do desenho. Helenara Plaszewski Facin é mestranda em Educação na UFPel, orientada pela historiadora Eliane Peres. Seu tema de estudo é a trajetória de Nelly Cunha, autora de coleções didáticas para o ensino primário, que abrangem a matemática. Em ambos os casos, vemos que as autoras dos trabalhos se aproximam da Educação Matemática a partir de suas pesquisas no campo da História da Educação, em um caminho quase que inverso ao dos autores mencionados no Quadro 1.

### Quadro 2

Encontro	Ano	Título do trabalho	Autor
12º	2006	Didática do desenho: análise das ações transpositivas no livro de Abílio César Borges	Gláucia Trinchão
12º	2006	Professora Nelly Cunha e a produção de livros didáticos	Helenara Plaszewski Facin Eliane Peres
13º	2007	Diário que narra a viagem de uma professora gaúcha em 1969 aos EUA para “fazer bons livros didáticos” no Acordo MEC/USAID	Helenara Plaszewski Facin

**Fonte:** elaborado pelos autores a partir dos anais dos encontros da ASPHE.

## Ressonâncias da História da Educação Matemática

De 2008 a 2012, identificamos dez trabalhos que tomam a educação matemática como objeto de estudo.

**Quadro 3**

Encontro	Ano	Título do trabalho	Autor
14°	2008	Formação de professores ao tempo da matemática moderna: possibilidades de um estudo comparativo a partir de ações em Portugal	Maria Cecilia Bueno Fischer
14°	2008	Ações de formação de professores desenvolvidas por grupos de estudo, ao tempo da matemática moderna, no Brasil: apontamentos iniciais	Maria Cecilia Bueno Fischer
15°	2009	O movimento da matemática moderna (MMM) nos livros didáticos de ensino primário produzidos no Rio Grande do Sul (1960-1980)	Antônio Maurício Medeiros Alves
16°	2010	O ensino de matemática no Gymnasio do Rio Grande do Sul nos tempos dos preparatórios	Antonio Cesar dos Santos Esperança
16°	2010	A coleção de livros didáticos para o ensino primário “Nossa Terra Nossa Gente” e o movimento da Matemática moderna (1960-1980)	Antônio Maurício Medeiros Alves
16°	2010	Matemática moderna na UFRGS: professores em movimento	Elisabete Zardo Búrigo
16°	2010	O movimento da matemática moderna no Brasil: conexões entre as políticas educacionais públicas e a formação de professores	Elisabete Zardo Búrigo Francisco de Oliveira Filho Diogo Franco Rios
17°	2011	Experimentação, modernização e o ensino da matemática moderna: lembranças dos ex-alunos do Colégio de Aplicação da Bahia (1966-1976)	Diogo Franco Rios



Encontro	Ano	Título do trabalho	Autor
17°	2011	O ensino de matemática no Curso Complementar do Instituto Júlio de Castilhos	Antonio Cesar dos Santos Esperança
17°	2011	Sobre a ética do docente matemático moderno: um processo de conservação	Wagner Pinto Bonneau

**Fonte:** elaborado pelos autores a partir dos anais dos encontros da ASPHE.

Nesse novo quinquênio, sete educadores matemáticos apresentam trabalhos nos eventos da ASPHE. Antônio Maurício Medeiros Alves agora é doutorando em Educação; Maria Cecilia Bueno Fischer é docente na UNISINOS e realiza estágio pós-doutoral na Universidade Nova de Lisboa, orientada por José Manuel Matos; Antonio Cesar dos Santos Esperança é mestrando em Ensino de Matemática na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orientado por Elisabete Búrigo; Francisco de Oliveira Filho é mestre em Educação Matemática pela Universidade Bandeirantes, orientado por Wagner Valente; Diogo Franco Rios é doutorando em Ensino, Filosofia e História das Ciências na Universidade Federal da Bahia, orientado por André Luis Mattedi Dias. Wagner Pinto Bonneau é licenciado em matemática pela UFRGS, orientado em seu Trabalho de Conclusão por Lucia Carrasco.

Dos dez trabalhos apresentados, sete estão relacionados de algum modo ao projeto de cooperação internacional *A Matemática Moderna nas escolas do Brasil e de Portugal: estudos históricos comparativos*, iniciado em 2006 e coordenado, no Brasil, pelo Grupo de Pesquisa sobre História da Educação Matemática – GHEMAT. Reunindo pesquisadores de diferentes partes do país, o projeto catalisa as pesquisas locais, pelo intercâmbio de fontes, discussões metodológicas e resultados. A ressonância dos trabalhos do GHEMAT nos eventos da ASPHE não é fortuita: o Grupo busca, ativamente, o diálogo com a História da Educação, frequentando eventos regionais e nacionais, como os Congressos Brasileiros de História da Educação.

Os avanços propiciados pela articulação de um projeto de cooperação internacional expressam-se na formatação e no alcance dos trabalhos. Maria Cecília Fischer, em estágio pós-doutoral e em diálogo com pesquisadores portugueses, mobiliza um amplo repertório de fontes – artigos de professores, notícias de jornal, documentos de arquivos de escola, entrevistas realizadas com professores que atuaram na época – para produzir um inventário sobre ações de formação de professores em Portugal, ao tempo do Movimento da Matemática Moderna, nos anos 1960 e 1970. Antônio Maurício Medeiros Alves avança na construção de sua tese de doutorado, tomando como foco “a escolarização da Matemática Moderna, na coleção *Nossa Terra Nossa Gente*, de autoria das professoras gaúchas, Cecy Cordeiro Thofehr e Nelly Cunha, editada na década de 1970.” (ALVES, 2010, p. 118). Diogo Rios apresenta tese em desenvolvimento, discutindo o lugar das memórias e/ou da História Oral nos estudos historiográficos e apresentando resultados iniciais da escuta de ex-alunos sobre a experimentação de uma nova matemática – orientada pelo movimento da matemática moderna – no Colégio de Aplicação da Universidade da Bahia. Elisabete Búrigo trata de ações protagonizadas por professores da UFRGS. Com escopo bem delimitado e olhar mais atento a um conjunto de fontes bem determinado, os quatro autores participam, assim, da construção de um grande mosaico narrativo de ações que caracterizaram o movimento da matemática moderna no Brasil e em Portugal. Atendendo a uma demanda do GHEMAT, o trabalho apresentado por Elisabete Búrigo, Diogo Rios e Francisco de Oliveira Filho apresenta uma discussão sobre conexões entre o movimento e as políticas educacionais públicas do período, a partir de uma releitura de resultados de um conjunto amplo de trabalhos sobre a matemática moderna no Brasil, produzidos até 2010.

A dissertação de Esperança e o Trabalho de Conclusão de Bonneau, ambos estudantes da UFRGS, podem ser vistos como frutos de um movimento institucional que se entrecruza com o avanço das pesquisas históricas: a constituição de professores de Matemática em

pesquisadores, respectivamente pela participação em Mestrado Profissional e pela produção de monografia original, ao final do curso de Licenciatura. A partir de Relatórios da Escola de Engenharia de Porto Alegre e de atas de provas, Antonio Esperança escreve sobre o ensino de matemática no Instituto Júlio de Castilhos, nos anos 1930, e sobre a história da escola em que leciona. Wagner Bonneau apresenta uma discussão de cunho filosófico, interrogando o processo discursivo que institui verdades e “concebe um modelo único de professor: o científico, que assim precisa ser cobrado para a modernidade” (BONNEAU, 2012).

Vemos que a constituição da História da Educação Matemática como campo de pesquisa se expressa no âmbito da ASPHE, indicando um interesse dos pesquisadores em dialogar com o campo da História da Educação. A participação de autores em mais de um Encontro – é o caso de Antônio Maurício, Antônio Esperança e Diogo Rios – também é indicativa de acolhimento e de que essa participação é um componente importante nas trajetórias de pesquisa.

### **A História da Educação Matemática no Rio Grande do Sul**

De 2013 a 2017, identificamos treze trabalhos que tomam a educação matemática como objeto de estudo.

**Quadro 4**

Encontro	Ano	Título do trabalho	Autor
19º	2013	Aspectos da trajetória profissional da professora primária Cecy Cordeiro Thofehrn e a matemática escolar (1941-1971)	Antônio Maurício Medeiros Alves
19º	2013	Memórias de ex-alunos sobre um ensino de matemática no Colégio de Aplicação da Bahia (1966-1976)	Diogo Franco Rios
20º	2014	O livro de Souza Lobo e o ensino de aritmética no Rio Grande do Sul durante a Primeira República	Joseane El Hawat

Encontro	Ano	Título do trabalho	Autor
20°	2014	Etnomatemática e a educação no meio rural	Monica Alves Bachini Patricia Weiduschadt
20°	2014	Estudo acerca do conhecimento de medidas no livro ensino de <i>Arithmetica: Parte Theorica</i> de Luiz Schuler (Rio Grande do Sul, 1904)	Vanilde Bisognin Claudemir de Quadros
21°	2015	Noção de número: os programas oficiais e a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul	Janine Garcia dos Santos
22°	2016	Um estudo das operações aritméticas da soma e subtração em livros didáticos produzidos no Rio Grande do Sul (1960-1978)	Antônio Maurício Medeiros Alves
22°	2016	Inserção de mulheres no ensino de matemática em Pelotas: reflexões acerca do Colégio Municipal Pelotense	Bruna Xavier Patrícia Weiduschadt
23°	2017	Divisibilidade em dois livros didáticos do Rio Grande do Sul dos anos 1950	Mayara Becker Oliveira da Silva Elisabete Zardo Búrigo
23°	2017	Esther Pillar Grossi e o Laboratório de Matemática do Instituto de Educação de Porto Alegre, em tempos da matemática moderna	Kristine Sheila Schuster Leonardo Thomaz Sauter Maria Cecilia Bueno Fischer
23°	2017	As professoras e o ensino de matemática no Colégio Concórdia de Porto Alegre entre 1902-1942	Graciela E. Texeira Agache
23°	2017	Acervo documental do Colégio Municipal Pelotense como fonte de pesquisa: os saberes elementares de matemática nos exames de admissão (1925-1971)	Mélany Silva dos Santos
23°	2017	Fotografias como fontes históricas sobre o movimento da matemática moderna	Sara Regina da Silva

**Fonte:** elaborado pelos autores a partir dos anais dos encontros da ASPHE.

Antônio Maurício e Diogo Rios apresentam recortes de suas teses de doutorado, já concluídas. Joseane El Hawat e Bruna Xavier são mestradas, orientadas, respectivamente, pelas pesquisadoras em História da Educação Natália Gil e Patrícia Weiduschadt, nos Programas de Pós-Graduação em Educação da UFRGS e da UFPel. Mélyny Santos é mestrada, orientada por Diogo Rios, no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UFPel. Monica Bachini e Janine Garcia dos Santos são graduandas; a primeira orientada por Patrícia Weiduschadt e a segunda por Elisabete Búrigo em projeto de pesquisa vinculado ao GHEMAT.

Nesse conjunto de trabalhos vemos, de um lado, avanços no estudo da temática da matemática moderna, que já vinha sendo desenvolvida no período anterior e, de outro lado, uma ampliação de temáticas e períodos considerados nas pesquisas, a partir de novas fontes. Um traço importante também é a concentração de trabalhos que tratam da História da Educação Matemática no Rio Grande do Sul: dos treze trabalhos, doze enfocam, sob perspectivas variadas, práticas, produções ou circulações locais, instituições ou personagens sul-rio-grandenses, a partir de fontes também localizadas no estado.

A partir de relatórios, mapas e registros de escrituração escolar, Joseane El Hawat estuda a circulação do livro *Primeira Arithmetica*, de Souza Lobo, em aulas públicas de Porto Alegre, e coteja o livro com os programas vigentes nos primeiros anos do século XX, concluindo pela “harmonia” entre ambos (HAWAT, 2014, p. 686). Vanilde Bisognin, educadora matemática, e Claudemir de Quadros, historiador, apresentam o livro *Arithmetica: Parte Theorica* de Luiz Schuler, que circulou no mesmo período, em escolas teuto-brasileiras, também cotejando-o com os programas vigentes.

Monica Bachini apresenta reflexões iniciais de uma pesquisa ancorada em entrevistas com camponeses pomeranos da Serra dos Tapes, Rio Grande do Sul, que se escolarizaram em escolas

multisseriadas. Registros de saberes matemáticos mobilizados nas atividades cotidianas são confrontados com a hipótese de que “novas abordagens consideradas tecnicistas afastaram os conteúdos matemáticos da realidade do agricultor e de outros grupos culturais” (BACHINI; WEIDUSCHADT, 2014, p. 996).

Dois trabalhos introduzem a temática de gênero. A partir de documentos do acervo do Colégio Municipal Pelotense, Bruna Xavier estuda o processo de feminização do grupo de professores de matemática da escola, percebendo conexão com a criação de curso de licenciatura na cidade de Pelotas. Graciela Agache trata das professoras do Colégio Concórdia, Porto Alegre, entre os anos de 1902 e 1942. A partir de fontes escritas, iconográficas e orais, aborda a formação dessas professoras e suas práticas de ensinar e aprender a matemática escolar.

Mélany Santos trata dos exames de admissão ao Colégio Municipal Pelotense, também enfocando o trabalho de preservação e organização do acervo escolar da Instituição, do qual vinha participando.

Janine Santos analisa as orientações pedagógicas acerca da construção da noção de número na criança recém ingressa na escola primária, presentes em artigos da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul nas décadas de 1950 e 1960, cotejando essas orientações com os programas vigentes. No conjunto de trabalhos identificados, é o primeiro a privilegiar revistas pedagógicas como fontes.

Dos cinco trabalhos apresentados em 2017, três estão vinculados ao projeto de pesquisa “Estudar para Ensinar: práticas e saberes matemáticos nas Escolas Normais do Rio Grande Do Sul (1889-1970)”, financiado pelo CNPq, desenvolvido por pesquisadores da História da Educação Matemática e da Formação de Professores da UFRGS, UFPel e Universidade de Passo Fundo (UPF). Mayara Becker, Kristine Sheila Schuster e Leonardo Thomaz Sauter são

licenciandos em Matemática na UFRGS. Sara Regina da Silva é mestranda, orientada por Andréia Dalcin, na UFRGS.

Neste terceiro quinquênio, observamos o adensamento das pesquisas no âmbito da História da Educação Matemática e no diálogo com a ASPHE.

Cresce a participação de mestrandos de programas locais de Educação Matemática; uma novidade importante é a constituição de mestrados acadêmicos – de Educação Matemática, em 2016, na UFPel, e de Ensino de Matemática, em 2017, na UFRGS. Educadores matemáticos que apresentavam, antes, seus próprios trabalhos, agora figuram como orientadores. Ao mesmo tempo em que persiste o diálogo entre historiadores e educadores matemáticos no âmbito de programas na área da Educação.

A constituição do acervo escolar do Colégio Municipal Pelotense marca também um novo tipo de envolvimento de educadores matemáticos nas práticas da pesquisa historiográfica: o engajamento de Diogo Rios e orientandos repercute em novas temáticas e novos olhares para os acervos. Tal interesse acompanha discussões que vêm sendo realizadas no âmbito da História da Educação brasileira que, já há alguns anos, reconhece a condição de fragilidade dos acervos escolares e reivindica o empreendimento de esforços para colaborar com sua preservação (RIOS; RODRIGUES, 2020).

O projeto de pesquisa “Estudar para ensinar” indica ainda que as pesquisas locais no âmbito da História da Educação Matemática alcançam um novo patamar, a partir da cooperação entre pesquisadores de diferentes universidades, com a mobilização de estudantes de graduação e pós-graduação e a constituição de novos acervos de fontes. O avanço observado, antes, em escala nacional, agora é replicado no âmbito regional.

## Diálogos recentes

Em 2018 e 2019, identificamos doze trabalhos que tomam a educação matemática como objeto de estudo. Vemos que a presença da temática nos eventos anuais duplicou novamente: se no primeiro quinquênio tínhamos em média um trabalho por ano, depois dois e três, agora a média é de seis trabalhos a cada encontro.

**Quadro 5**

Encontro	Ano	Título do trabalho	Autor
24°	2018	Estudar para ensinar: práticas e saberes matemáticos em escolas normais do Rio Grande do Sul	Elisabete Zardo Búrgio Maria Cecília Bueno Fischer
24°	2018	Análise de um caderno escolar de 1917/1918 do Curso Médio da Escola Complementar de Porto Alegre: as aulas de aritmética	Juliana Mercedes Rheinheimer
24°	2018	Uma escola normal alemã no hemisfério sul (1910-1925)	Circe Mary Silva da Silva
24°	2018	O Ensino da Matemática e os acervos do Colégio Anchieta	Juliana Mercedes Rheinheimer
24°	2018	O pré-livro <i>Nossa Terra Nossa Gente</i> : a utilização do método global, da matemática moderna e de fotografias como recursos didático-pedagógicos	Indiara Gaia da Silva Chris de Azevedo Ramil
24°	2018	A operação multiplicação no ensino primário: diferentes abordagens em livros didáticos gaúchos (1960-1978)	Antônio Maurício Medeiros Alves Fernando Ripe
24°	2018	“Amigo leitor [...] Estas partes debes saber distintamente quem quizer ser bom contador”: análise dos elementos paratextuais do manual de aritmética <i>Taboada Curiosa</i> (Portugal, século XVIII)	Fernando Ripe Antônio Maurício Medeiros Alves
25°	2019	A análise sobre um material de frações: um filme de 1955	Jenifer de Souza Caroline Ferreira de Lima Andrey de Souza Severo



Encontro	Ano	Título do trabalho	Autor
25°	2019	Um breve ensaio do livreto <i>Pédagogie des débuts du Calcul</i> , de 1955	Caroline Ferreira de Lima Jenifer de Souza Andrey de Souza Severo
25°	2019	Cursos de especialização para professores no Instituto de Educação Assis Brasil (1962-1970): vestígios de matemática	Janine Moscarelli Rodrigues Diogo Franco Rios
25°	2019	A construção do fundo documental “A matemática nos exames de admissão no Ginásio Pelotense” (1925-1971)	Mélany Silva dos Santos
25°	2019	Rastros de aulas de matemática em um caderno escolar de 1998	Mayara Becker Oliveira da Silva

**Fonte:** elaborado pelos autores a partir dos anais dos encontros da ASPHE.

Desses doze trabalhos, nove estão vinculados ao já mencionado projeto de pesquisa “Estudar para Ensinar: práticas e saberes matemáticos nas Escolas Normais do Rio Grande Do Sul (1889-1970)” (BÚRIGO *et al.*, 2016). Elisabete e Maria Cecília apresentam o projeto de pesquisa; Circe Mary Silva da Silva, pesquisadora da equipe, apresenta resultados de investigação sobre o Seminário Evangélico Alemão de Formação de Professores. Juliana Rheinheimer apresenta desdobramentos de dissertação concluída na UFRGS, orientada por Andréia Dalcin, sobre práticas e saberes matemáticos no Instituto de Educação General Flores da Cunha; Mélany Santos e Janine Rodrigues apresentam resultados de dissertação de mestrado, respectivamente, concluída e em desenvolvimento na UFPel, sob orientação de Diogo Franco Rios. Jenifer de Souza, Caroline Ferreira de Lima e Andrey de Souza Severo são licenciandos em Matemática, orientados por Maria Cecília Fischer; Mayara Becker da Silva é licenciada, orientada por Elisabete Búrigo, na UFRGS.

O volume de trabalhos apresentados nesses dois encontros é indicativo, então, da consolidação dos novos mestrados acadêmicos

em Educação Matemática e do avanço no desenvolvimento do projeto de pesquisa regional, cujos resultados já começaram a ser apresentados desde a edição de 2017 do Encontro da ASPHE.

Na edição de 2018 o evento contou com dois trabalhos em coautoria entre Antônio Maurício, docente dos programas de Ensino de Ciências e Matemática e de Educação Matemática da UFPel, e Fernando Ripe, doutorando em Educação, orientado pela historiadora Giana Lange do Amaral, na UFPel. E ainda, com um trabalho de Indiara, graduanda em Pedagogia, bolsista de Iniciação Científica no Grupo de Pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (HISALES), orientada por Chris Ramil, que também assina o texto. Desses três textos, dois analisam livros didáticos de autoria de Cecy Cordeiro Thofehrn e Nelly Cunha, voltados para o Ensino Primário e publicados no Rio Grande do Sul nos anos 70, trazendo novamente para encontros da ASPHE a análise de obras dessas importantes autoras de livros didáticos gaúchos. Nesses casos, um importante aspecto considerado é a influência da Matemática Moderna nas diferentes obras. O outro texto, de autoria de Antônio Maurício e Fernando, com uma abordagem bastante distinta, analisa os elementos paratextuais do manual pedagógico português *Taboada Curiosa*, publicado no século XVIII.

Pode-se destacar nessas edições um avanço na diversificação do uso de fontes de pesquisa. Para além dos livros didáticos, fonte comumente considerada nas produções apresentadas na ASPHE, e que foram analisados em quatro dos trabalhos, dois textos analisaram cadernos escolares de alunos, outros dois enfocaram acervos escolares, reconhecendo o quanto esses espaços podem ser ricos para produção historiográfica em educação matemática, além do trabalho de Jenifer, Carolina e Andrey que trouxe uma discussão sobre um material didático para o ensino de frações produzido e preservado no Laboratório de Matemática do Instituto de Educação General Flores

da Cunha, de 1955, remetendo mais uma vez à questão da importância da preservação de acervos históricos escolares e das variedades de fontes que podem conter sobre o cotidiano escolar.

A diversificação das fontes, não apenas nesses últimos eventos, decorre da diversificação das questões historiográficas que têm sido postas, evidenciando um aprofundamento da prática historiográfica dos educadores matemáticos, que demanda um repertório ampliado de vestígios. Os trabalhos apresentados, em grande medida, expressam processos formativos de pesquisadores em diferentes níveis e abordam desde aspectos relativos às prescrições e programas educativos, passando pela análise de diferentes discursos pedagógicos e indo até práticas didáticas de matemática em diferentes períodos, com maior concentração na segunda metade do século XX.

Por outro lado, essa diversificação também está relacionada com o esforço que tem sido empreendido pelos pesquisadores em localizar, organizar e disponibilizar fontes diversas. Destaca-se, no âmbito da História da Educação, a criação de acervos institucionais que investem importante energia em preservar e disponibilizar vestígios das práticas educativas e que foram fundamentais para a produção de vários dos trabalhos. Nesse sentido, tanto o acervo do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEHIE) quanto do Grupo de Pesquisa “História da Alfabetização, leitura, escrita e dos livros escolares (HISALES), ambos da UFPel, são mencionados por disponibilizarem fontes para pesquisas em desenvolvimento. No âmbito da Educação Matemática, destaca-se o papel que vem sendo desempenhado pelo Centro de Documentação do GHETMAT e pela coleção “História da Educação Matemática”, sob curadoria do GHEMAT e hospedada no Repositório Institucional da Universidade Federal de Santa Catarina<sup>1</sup>. No âmbito estadual, o Projeto “Estudar

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/1769>

para Ensinar: práticas e saberes matemáticos nas Escolas Normais do Rio Grande Do Sul (1889-1970)”, constituiu uma coleção digital de documentos acessíveis no site do Centro de Documentação e Acervo Digital da Pesquisa (CEDAP) da UFRGS<sup>2</sup>.

Tal ampliação ainda expressa uma adesão dos pesquisadores em História da Educação Matemática a referenciais do campo da História da Educação identificados a certas perspectivas da História Cultural que defendem a importância de contemplar uma maior variedade de vestígios do passado visando um enriquecimento e complexificação do discurso historiográfico produzido.

Nesse último período há uma atenção concentrada nos saberes profissionais ligados à matemática na formação de professores primários e em algumas instituições formadoras presentes no estado. Destacaram-se, nos trabalhos, o Instituto de Educação General Flores da Cunha e sua antecessora, a Escola Complementar de Porto Alegre; O Instituto de Educação Assis Brasil, em Pelotas; e o Seminário Evangélico Alemão de Formação de Professores, localizado em Santa Cruz na época analisada. Tal concentração pode ser explicada ainda em função do vínculo dos autores com o projeto de pesquisa interessado na matemática presente na formação de professores primários.

### **Algumas considerações**

Considerando a revisão que fizemos, é possível afirmar que trabalhos em História da Educação Matemática são frequentes nos encontros da ASPHE, o primeiro tendo sido apresentado em 2003. Totalizam 42 trabalhos até a 25<sup>a</sup> edição, e o número de trabalhos apresentados a cada evento segue crescendo. Tal crescimento aponta para um reconhecimento, por parte dos historiadores da educação

---

<sup>2</sup> Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/1211>.

matemática, de que os encontros promovidos pela ASPHE se constituem em espaço de trocas de referências e de aprendizagens para a produção acadêmica. Também são reconhecidos como um interessante espaço formativo, como indica a presença de educadores matemáticos em diversos estágios e níveis de formação, desde graduandos até orientadores de pós-graduação.

Essa presença crescente de trabalhos que tomam a educação matemática como objeto de interesse historiográfico pode estimular outros pesquisadores e estudantes da História da Educação Matemática a buscarem a ASPHE como lugar estratégico de diálogo e como espaço acolhedor para a produção que realizam. Essa adesão torna-se ainda mais relevante quando consideramos a criação de programas de pós-graduação em Educação Matemática no estado que contam com a presença de pesquisadores vinculados à História da Educação Matemática que têm ocupado espaço nos eventos da Associação.

Como mencionamos no início, a aproximação de pesquisadores da História da Educação Matemática com a História da Educação não tem sido uma prerrogativa daqueles que participam dos encontros da ASPHE. Ultrapassando o consenso na área quanto à relevância de nos apropriarmos das referências do campo da História, boa parte dos pesquisadores do nosso campo de pesquisa tem realizado diálogos com as referências da História da Educação, além de outras referências de campos há mais tempo reconhecidos como relevantes, como a História das Ciências e a História da Matemática.

O reconhecimento da importância do diálogo da História da Educação Matemática com a História da Educação também tem acontecido pela contribuição, recorrente há alguns anos, de importantes historiadores da educação em eventos da História da Educação Matemática. Já em 2008, Maria Helena Camara Bastos, Beatriz Terezinha Daudt Fischer e Flávia Obino Corrêa Werle

participaram do V Seminário Temático promovido pelo GHEMAT e que ocorreu na PUCRS. Recentemente, no âmbito do Projeto “Estudar para Ensinar”, eventos de âmbito regional e nacional, contaram também com a participação de Berenice Corsetti, pesquisadora da Unisinos, e de um grupo expressivo de historiadores da educação da UFRGS e da UFPel.

Por fim, tentando pensar na contribuição que nós, historiadores da educação matemática, podemos trazer aos debates realizados na ASPHE e, de um modo geral, à História da Educação no Rio Grande do Sul, entendemos que ela está principalmente relacionada ao tema das disciplinas escolares. Como afirmamos de início, estudar as práticas escolares pressupõe investigar os debates, os materiais, as aulas das diferentes disciplinas, pois elas educam, ensinam e disciplinam de modos variados. A riqueza de produções no âmbito da História da Educação Matemática mostra que a empreitada proposta por Chervel (1990) é viável e fecunda. A participação de educadores matemáticos na ASPHE pode ser incentivo para o trabalho e a presença de pesquisadores da história de outras disciplinas escolares. O diálogo entre pesquisadores desses diferentes campos ensejaria entrecruzamentos de conhecimento sobre diferentes componentes e traços da cultura escolar, e assim possibilitaria novas compreensões historiográficas sobre a escola.

Comemoramos nossa presença e acolhida na ASPHE tomando a licença de convidar colegas e estudantes da História da Educação Matemática e das demais disciplinas a participarem da construção desse espaço.

## **Referências**

AGACHE, G. E. T. As professoras e o ensino de matemática no Colégio Concórdia de Porto Alegre entre 1902-1942. *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 23., 2017, Rio Grande. **Anais...** Rio Grande: FURG; ASPHE, 2017. p. 284 – 297. Disponível em:

<<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2018/10/31/asphe-anais-encontros/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

ALMEIDA, D. B. Professores Rurais: construção de identidades nas Escolas Normais Rurais. *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 8., 2002, Gramado. **Anais...** Pelotas: UFPel, 2002. p. 275 – 290. Disponível em:

<<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/05/09/08o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

ALVES, A. M. M. A coleção de livros didáticos para o ensino primário “Nossa Terra Nossa Gente” e o movimento da Matemática moderna (1960-1980). *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 16., 2010, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS; ASPHE, 2010. p. 117. Disponível em: <<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/05/10/16o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

ALVES, A. M. M. Aspectos da trajetória profissional da professora primária Cecy Cordeiro Thofehn e a matemática escolar (1941-1971). *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 19., 2013, Pelotas. **Anais...** Pelotas: UFPel; ASPHE, 2013. p. 445 – 458. Disponível em: <<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/05/10/19o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

ALVES, A. M. M. Livro Didático de Matemática – uma abordagem histórica. *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 9., 2003, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2003. p. 55 – 65. Disponível em: <<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/05/09/09o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

ALVES, A. M. M. O movimento da matemática moderna (MMM) nos livros didáticos de ensino primário produzidos no Rio Grande do Sul (1960-1980). *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 15., 2009, Pelotas. **Anais...** Pelotas: UFPel; ASPHE, 2009. p. 827 – 841. Disponível em: <<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/05/10/15o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

ALVES, A. M. M. Prefácios de livros didáticos de Matemática: uma possível leitura da história da matemática escolar no Brasil. *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 10., 2004, Gramado. **Anais...** Pelotas: Seiva; ASPHE, 2004. p. 49 – 62. Disponível em: <<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/05/10/10o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

ALVES, A. M. M. Um estudo das operações aritméticas da soma e subtração em livros didáticos produzidos no Rio Grande do Sul (1960-1978). *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 22., 2016, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: UCS; ASPHE, 2016. p. 111 – 130. Disponível em: <<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/05/10/22o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

ALVES, A. M. M.; RIPE, F. A operação multiplicação no ensino primário: diferentes abordagens em livros didáticos gaúchos (1960-1978). *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 24., 2018, São Leopoldo. **Anais...** São Leopoldo: UNISINOS; ASPHE, 2018. p. 903 – 919. Disponível em: <<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2018/12/19/24o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

ARRIADA, E. Do Liceu D. Afonso ao Ateneu Rio-Grandense: tentativas frustradas de implantação do ensino secundário público na Província de São Pedro. *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 7., 2001, Pelotas. **Anais...** Pelotas: UFPel, 2001. p. 51 – 70. Disponível em: <<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/05/09/07o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

BACHINI, M. A.; WEIDUSCHADT, P. Etnomatemática e a educação no meio rural. *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 20., 2014, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS; ASPHE, 2014. p. 991 – 999. Disponível em: <<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/05/10/20o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

BASTOS, M. H. C. Manuais Escolares Franceses no Imperial Colégio de Pedro II (1856-1892). *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 8., 2002, Gramado. **Anais...** Pelotas: UFPel, 2002. p. 223 – 237. Disponível em: <<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/05/09/08o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

BISOGNIN, V.; QUADROS, C. Estudo acerca do conhecimento de medidas no livro ensino de *Arithmetica: Parte Theorica* de Luiz Schuler (Rio Grande do Sul, 1904). *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 20., 2014, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS; ASPHE, 2014. p. 1318 – 1333. Disponível em: <<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/05/10/20o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

BONNEAU, W. P. Sobre a ética do docente matemático moderno: um processo de conservação. *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 18., 2012, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUCRS; ASPHE, 2012. p. 712 – 724. Disponível em: <<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/05/10/18o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

BRITO, A. J.; MIORIM, M. A. A institucionalização da História da Educação Matemática. *In: GARNICA, A. V. M. (Org.). Pesquisa em História da Educação Matemática no Brasil: sob o signo da pluralidade*. São Paulo: Livraria da Física, 2016. p. 67-92.

BÚRIGO, E. Z. Matemática moderna na UFRGS: professores em movimento. *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 16., 2010, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS; ASPHE, 2010. p. 453 – 467. Disponível em:



<<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/05/10/16o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

BÚRIGO, E. Z.; DALCIN, A.; SILVA, C. M. S.; RIOS, D. F.; FISCHER, M. C. B.; PEREIRA, L. H. F. **Estudar para Ensinar**: práticas e saberes matemáticos nas escolas normais do Rio Grande do Sul (1889-1970). Projeto de Pesquisa. CNPq. Porto Alegre, 2016. 41 f.

BÚRIGO, E. Z.; FISCHER, M. C. B. Estudar para ensinar: práticas e saberes matemáticos em escolas normais do Rio Grande do Sul. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 24., 2018, São Leopoldo. **Anais...** São Leopoldo: UNISINOS; ASPHE, 2018. p. 294 – 309. Disponível em: <<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2018/12/19/24o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

BÚRIGO, E. Z.; OLIVEIRA FILHO, F.; RIOS, D. F. O movimento da matemática moderna no Brasil: conexões entre as políticas educacionais públicas e a formação de professores. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 16., 2010, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS; ASPHE, 2010. p. 468 – 484. Disponível em: <<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/05/10/16o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). Diretoria de Avaliação. **Relatório de avaliação 2010-2012**. Trienal 2013. Área de avaliação: Ensino. Brasília: 2013. Disponível em: [https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/copy\\_of\\_Ensino2.pdf](https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/copy_of_Ensino2.pdf). Acesso em: 24 ago. 2021.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1990.

CORSETTI, B. A Construção do Cidadão: os conteúdos escolares nas escolas públicas do Rio Grande do Sul na Primeira República. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5., 1999, Passo Fundo. **Anais...** Passo Fundo: UFSM, 1999. p. 12. Disponível em: <<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/05/09/05o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

ESPERANÇA, A. C. S. O ensino de matemática no Curso Complementar do Instituto Júlio de Castilhos. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 18., 2012, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUCRS; ASPHE, 2012. p. 513 – 524. Disponível em: <<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/05/10/18o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

ESPERANÇA, A. C. S. O ensino de matemática no Gymnasio do Rio Grande do Sul nos tempos dos preparatórios. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 16., 2010, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS; ASPHE, 2010. p. 103 – 116. Disponível em: <<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/05/10/16o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

FACIN, H. P. Diário que narra a viagem de uma professora gaúcha em 1969 aos EUA para “fazer bons livros didáticos” no Acordo MEC/USAID. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 13., 2007, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS; ASPHE, 2007. p. 396 – 407. Disponível em:

<<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/05/10/13o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

FACIN, H. P.; PERES, E. Professora Nelly Cunha e a produção de livros didáticos. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 12., 2006, Santa Maria. **Anais...** Santa Maria: UFSM; ASPHE, 2006. p. 604 – 616. Disponível em:

<<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/05/10/11o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

FERREIRA, L. W. A Formação, os Modelos Pedagógicos e as Instituições Educacionais Rio-Grandenses no Século XVIII. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 7., 2001, Pelotas. **Anais...** Pelotas: UFPel, 2001. p. 138 – 156. Disponível em:

<<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/05/09/07o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

FISCHER, M. C. B. Ações de formação de professores desenvolvidas por grupos de estudo, ao tempo da matemática moderna, no Brasil: apontamentos iniciais. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 14., 2008, Pelotas. **Anais...** Pelotas: UFPel; ASPHE, 2008. p. 735 – 746. Disponível em: <<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/05/10/14o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

FISCHER, M. C. B. Formação de professores ao tempo da matemática moderna: possibilidades de um estudo comparativo a partir de ações em Portugal. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 14., 2008, Pelotas. **Anais...** Pelotas: UFPel; ASPHE, 2008. p. 629 – 641. Disponível em: <<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/05/10/14o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

GOMES, M. L. M. O ENAPHEM e a História da Educação Matemática no Brasil: comemorar, pertencer, problematizar. *In*: GARNICA, A. V. M. (Org.). **Pesquisa em História da Educação Matemática no Brasil**: sob o signo da pluralidade. São Paulo: Livraria da Física, 2016. p. 93-104.

HAWAT, J. E. O livro de Souza Lobo e o ensino de aritmética no Rio Grande do Sul durante a Primeira República. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 20., 2014, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS; ASPHE, 2014. p. 673 – 688. Disponível em: <<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/05/10/20o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

LIMA, C. F.; SOUZA, J.; SEVERO, A. S. Um breve ensaio do livreto *Pédagogie des débuts du Calcul*, de 1955. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 25., 2019, Bagé. **Anais...** Bagé:

UNIPAMPA; ASPHE, 2019. p. 838 – 851. Disponível em: <<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/10/31/25o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

LIMA, F. R. O Arquivo Pessoal Osvaldo Sangiorgi – APOS como fonte de pesquisa para educação matemática nos anos 1960-1980. *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 13., 2007, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS; ASPHE, 2007. p. 359 – 368. Disponível em: <<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/05/10/13o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

MATOS, J. M. Revisitando a História da Educação Matemática – fundamentos, metodologias e temáticas. *In: ENCONTRO EM INVESTIGAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA. A Aula de Matemática*, 2018, Coimbra. **Livro de Atas do EJIEM 2018**. Coimbra: Sociedade Portuguesa de Investigação em Educação Matemática, 2018. p. 1-26.

MENDES, I. A. História para a Educação Matemática: apontamentos sobre as pesquisas brasileiras. **Exitus**, v. 9, n. 2, p. 26-50, jun. 2019.

MIGUEL, A. Como e com quem os pesquisadores vêm travando diálogo para o desenvolvimento das pesquisas em história da educação matemática? *In: VALENTE, W. R. (Org.). História da Educação Matemática no Brasil: problemáticas de pesquisa, fontes, referências teórico-metodológicas e histórias elaboradas*. São Paulo: Livraria da Física, 2014. p. 117-152.

PEREIRA, L. H. F. O Movimento Da Matemática Moderna Através de Prefácios de Livros Didáticos dos Anos de 1960 e 1970. *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 13., 2007, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS; ASPHE, 2007. p. 600 – 611. Disponível em: <<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/05/10/13o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

PERES, E. Educação das Vontades, Domínio de Si: a criança-educanda no discurso de renovação pedagógica e as práticas de objetivação de subjetivação da infância. *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 7., 2001, Pelotas. **Anais...** Pelotas: UFPel, 2001. p. 242 – 260. Disponível em: <<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/05/09/07o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

RHEINHEIMER, J. M. Análise de um caderno escolar de 1917/1918 do Curso Médio da Escola Complementar de Porto Alegre: as aulas de aritmética. *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 24., 2018, São Leopoldo. **Anais...** São Leopoldo: UNISINOS; ASPHE, 2018. p. 324 – 340. Disponível em: <<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2018/12/19/24o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

RHEINHEIMER, J. M. O Ensino da Matemática e os acervos do Colégio Anchieta. *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 24., 2018, São Leopoldo. **Anais...** São Leopoldo: UNISINOS; ASPHE, 2018. p. 460 – 469. Disponível em:

<<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2018/12/19/24o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

RIOS, D. F. Experimentação, modernização e o ensino da matemática moderna: lembranças dos ex-alunos do Colégio de Aplicação da Bahia (1966-1976). *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 17., 2011, Santa Maria. **Anais...** Santa Maria: UFSM; ASPHE, 2011. p. 505 – 520. Disponível em: <<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/05/10/17o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

RIOS, D. F. Memórias de ex-alunos sobre um ensino de matemática no Colégio de Aplicação da Bahia (1966-1976). *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 19., 2013, Pelotas. **Anais...** Pelotas: UFPel; ASPHE, 2013. p. 716 – 729. Disponível em: <<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/05/10/19o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

RIOS, D. F.; RODRIGUES, J. M. Para Guardar o que quer que se Guarde: dos acervos escolares à construção de uma coleção digital. *In: BÚRIGO, Elisabete Zardo; DALCIN, Andreia; DYNNIKOV, Circe Mary Silva da Silva; RIOS, Diogo Franco; FISCHER, Maria Cecília Bueno (Org.). Saberes Matemáticos nas Escolas Normais do Rio Grande do Sul (1889-1970)*. São Leopoldo: Oikos, 2020, p. 69-90. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/217111/001116239.pdf?sequence=1>>. Acesso em 04 mar. 2021.

RIPE, F.; ALVES, A. M. M. “Amigo leitor [...] Estas partes debes saber distintamente quem quizer ser bom contador”: análise dos elementos paratextuais do manual de aritmética Taboada Curiosa (Portugal, século XVIII). *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 24., 2018, São Leopoldo. **Anais...** São Leopoldo: UNISINOS; ASPHE, 2018. p. 1025 – 1042. Disponível em: <<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2018/12/19/24o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

RODRIGUES, J. M.; RIOS, D. F. Cursos de especialização para professores no Instituto de Educação Assis Brasil (1962-1970): vestígios de matemática. *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 25., 2019, Bagé. **Anais...** Bagé: UNIPAMPA; ASPHE, 2019. p. 887 – 898. Disponível em: <<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/10/31/25o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

SANTOS, J. G. Noção de número: os programas oficiais e a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul. *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 21., 2015, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: UCS; ASPHE, 2015. p. 326 – 334. Disponível em: <<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/05/10/21o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

SANTOS, M. S. A construção do fundo documental “A matemática nos exames de admissão no Ginásio Pelotense” (1925-1971). *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 25., 2019, Bagé. **Anais...** Bagé: UNIPAMPA; ASPHE, 2019. p. 899 – 910. Disponível em:

<<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/10/31/25o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

SANTOS, M. S. Acervo documental do Colégio Municipal Pelotense como fonte de pesquisa: os saberes elementares de matemática nos exames de admissão (1925-1971). *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 23., 2017, Rio Grande. **Anais...** Rio Grande: FURG; ASPHE, 2017. p. 537 – 550. Disponível em:

<<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2018/10/31/asphe-anais-encontros/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

SCHUBRING, G. On historiography of teaching and learning Mathematics. *In*: KARP, A.; SCHUBRING, G. (Eds.). **Handbook on the History of Mathematics Education**. New York: Springer, 2014. p. 3-8.

SCHUSTER, K. S.; SAUTER, L. T.; FISCHER, M. C. B. Esther Pillar Grossi e o Laboratório de Matemática do Instituto de Educação de Porto Alegre, em tempos da matemática moderna. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 23., 2017, Rio Grande. **Anais...** Rio Grande: FURG; ASPHE, 2017. p. 196 – 205. Disponível em:

<<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2018/10/31/asphe-anais-encontros/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

SILVA, C. M. S. Uma Escola Normal Alemã no Hemisfério Sul (1910-1925). *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 24., 2018, São Leopoldo. **Anais...** São Leopoldo: UNISINOS; ASPHE, 2018. p. 409 – 428. Disponível em:

<<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2018/12/19/24o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

SILVA, I. G.; RAMIL, C. A. O pré-livro *Nossa Terra Nossa Gente*: a utilização do método global, da matemática moderna e de fotografias como recursos didático-pedagógicos. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 24., 2018, São Leopoldo. **Anais...** São Leopoldo: UNISINOS; ASPHE, 2018. p. 848 – 868. Disponível em:

<<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2018/12/19/24o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

SILVA, M. B. O. Rastros de aulas de matemática em um caderno escolar de 1998. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 25., 2019, Bagé. **Anais...** Bagé: UNIPAMPA; ASPHE, 2019. p. 1014 – 1022. Disponível em:

<<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/10/31/25o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

SILVA, M. B. O.; BÚRIGO, E. Z. Divisibilidade em dois livros didáticos do Rio Grande do Sul dos anos 1950. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 23., 2017, Rio Grande. **Anais...** Rio Grande: FURG; ASPHE, 2017. p. 166 – 175. Disponível em:

<<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2018/10/31/asphe-anais-encontros/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

SILVA, S. R. Fotografias como fontes históricas sobre o movimento da matemática moderna. *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 23., 2017, Rio Grande. **Anais...** Rio Grande: FURG; ASPHE, 2017. p. 551 – 564. Disponível em:

<[sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2018/10/31/asphe-anais-encontros/](http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2018/10/31/asphe-anais-encontros/)>. Acesso em: 06 abr. 2021.

SOUZA, J.; LIMA, C. F.; SEVERO, A. S. A análise sobre um material de frações: um filme de 1955. *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 25., 2019, Bagé. **Anais...** Bagé: UNIPAMPA; ASPHE, 2019. p. 351 – 359. Disponível em:

<<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/10/31/25o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

TAMBARA, E. As Sociedades Amantes da Instrução no Rio Grande do Sul – Século XIX. *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 8., 2002, Gramado. **Anais...** Pelotas: UFPel, 2002. p. 215 – 221. Disponível em: <

<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/05/09/08o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

TRINCHÃO, G. Didática do desenho: análise das ações transpositivas no livro de Abílio César Borges. *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 12., 2006, Santa Maria. **Anais...** Santa Maria: UFSM; ASPHE, 2006. p. 276 – 288. Disponível em:

<<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/05/10/11o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

VALENTE, W. R. Os diálogos trans, inter e intra da história da educação matemática no Brasil. *In: VALENTE, W. R. (Org.). História da Educação Matemática no Brasil: problemáticas de pesquisa, fontes, referências teórico-metodológicas e histórias elaboradas.* São Paulo: Livraria da Física, 2014. p. 97-116.

XAVIER, B.; WEIDUSCHADT, P. Inserção de mulheres no ensino de matemática em Pelotas: reflexões acerca do Colégio Municipal Pelotense. *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 22., 2016, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: UCS; ASPHE, 2016. p. 172 – 185. Disponível em: <<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/05/10/22o-encontro/>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

# **Espaço e Arquitetura Escolar: uma cartografia Sul-rio-grandense (2000-2020)**

*Estela Maris Reinhardt Piedras  
Tatiane de Freitas Ermel*

## **Introdução**

Os estudos sobre os espaços escolares de modo mais amplo, e da arquitetura escolar de forma mais específica, têm sido elementos-chave no âmbito da história da educação, especialmente, sob uma perspectiva de análise da história cultural e da cultura escolar. A intenção desse capítulo consiste em analisar a produção sobre essa temática a partir de um recorte regional, tendo como base dois tipos de documentação: os Anais dos Encontros da Associação Sul-Rio-Grandense de História da Educação (1996-2019), e os artigos científicos da revista História da Educação, também vinculada a essa associação (1997-2021).

Recentemente, Beconstta (2019) realizou uma cartografia da produção de pesquisas sobre arquitetura escolar no Brasil, entre os anos 1999 e 2018, assinalando essa produção em três áreas: educação, arquitetura e história. Sua contribuição qualitativa, com dados quantitativos, analisa uma vasta documentação, como teses, dissertações, livros e artigos de periódicos acadêmicos, trazendo significativos resultados:

Como os trabalhos transitaram por diferentes áreas (educação, arquitetura e história), houve uma articulação do conhecimento acumulado por elas. Todavia, a análise que faço é a de que a maior quantidade do(a)s autore(a)s da educação e da história se esforçaram por inserir suas explicações no domínio da história cultural, percorrendo, especialmente, as tópicos das representações e da cultura escolar, sem, contudo, oferecer garantias se tais aderências foram eficazes para as suas interpretações (2019, p.14).

Sobre artigos científicos, o mesmo autor assinala que “ao comparar os periódicos acadêmicos das três áreas, observei que a educação foi a que reservou maior espaço de visibilidade na divulgação de artigos preocupados em discutir a arquitetura escolar” (2019, p.13). A Revista Linhas, a revista Educar em Revista e a revista História da Educação, as três da área educativa, são as principais representantes em âmbito nacional. Também, na arquitetura caberia destacar Sinopses, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (USP), e a Revista Brasileira de História, órgão oficial da Associação Nacional de História (ANPUH).

De acordo com Ermel e Bencostta (2019), a historiografia da arquitetura escolar brasileira expressou nos últimos anos uma variedade temática, com uma inegável contribuição para o campo da História da Educação. No entanto, também é evidente algumas “lacunas necessitam ser melhor investigadas, tanto do ponto de vista dos recortes temporais como de novas prospecções temáticas”. Um ponto assinalado pelos autores consiste em uma melhor interlocução entre a circulação das ideias pedagógicas no âmbito internacional e as particularidades nacionais e regionais.

Também, cabe assinalar alguns estudos que foram pioneiros no Brasil entre o final do século XX e início do XXI e tornaram-se referência para inúmeros trabalhos, dois deles publicados na revista História da Educação. Conforme já assinalado por Ermel e Bencostta (2019), a publicação da obra Currículo, Espaço e Subjetividade: arquitetura escolar como programa(1998), de autoria de dois pesquisadores espanhóis, Antonio Viñao-Frago e Agustín Escolano, impulsionou no Brasil uma série de reflexões sobre “a concepção funcional e simbólica que a arquitetura escolar incorporou, tanto nos meios urbanos como nos rurais, acompanhando as demandas pedagógicas, as questões higiênicas, assim como os discursos em torno da formação do cidadão através da escola” (2019, p.2).



Os autores Luciano Mendes Faria Filho e Diana Vidal (2000), analisam três grandes modelos de espaço/arquitetura escolar no Brasil: as escolas de improviso, as escolas monumento e as escolas funcionais. Neste mesmo ano, também Moussatche; Alves- Mazzoti; Mazzoti (2000), publicam o artigo “Arquitetura escolar: imagens e representações”, onde analisam a arquitetura de quatro prédios escolares do Rio de Janeiro. Logo em seguida, Baltar (2001) publica o artigo na revista *História da Educação*, referente aos primeiros prédios escolares construídos no Brasil, no século XIX (ERMEL, 2017). A obra organizada por Ester Buffa e Gelson de Almeida Pinto, “Arquitetura e Educação: organização do espaço e propostas pedagógicas dos grupos escolares paulistas, 1893-1971”, publicada em 2002, traz uma abordagem sobre o estado de São Paulo e consiste em uma importante referência para outros estados brasileiros.

Outra referência significativa, foi a obra organizada por Bencostta (2005), que engloba discussões em torno da história da educação, espaço e arquitetura escolar, que conta com a participação de Vinão-Frago. No ano seguinte, o mesmo autor traduz um artigo de autoria de Anne-Marie Chatelet (2006) para a revista *História da Educação*. Neste estudo, a autora faz um importante balanço internacional sobre a arquitetura escolar no século XX, constituindo um espaço de interlocução com os estudos internacionais. Na obra organizada por Taborda (2007), Benconstta trata da arquitetura escolar como uma dentre cinco possibilidades de estudos na área da História da Educação (ERMEL 2017).

No presente capítulo, centraremos a nossa análise nos trabalhos e artigos científicos que fizeram parte da revista *História da Educação* (ASPHE) e dos Anais da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE). Para tanto, consideramos algumas variáveis para uma análise de cunho qualitativo, trazendo alguns dados quantitativos, tais como: ano de

publicação; país de procedência dos autores; idioma; palavras-chave; país/região de estudo; recorte temporal; nível de ensino; referencial teórico e metodológico; uso de imagens e, finalmente, as interseções com outras áreas e temáticas.

### **Espaços e arquitetura escolar na revista *História da Educação* (2000-2020)**

A revista *História da Educação* publica o seu primeiro número em 1997, sendo que o primeiro artigo publicado sobre espaços escolares data do ano 2000, com o título “Espaços escolares: modernizações produtivas”, de autoria de Cristianne Maria Famer Rocha. No ano seguinte, conforme assinalamos anteriormente, Francisca Maria Teresa dos Reis Baltar (2001) publica um artigo sobre as primeiras escolas construídas no Brasil, no século XIX, destacando a figura de Francisco Joaquim Bethencourt da Silva e os programas arquitetônicos na cidade do Rio de Janeiro. Entre o ano 2000 até 2020, localizamos 14 artigos que analisam os espaços ou arquitetura escolar como elemento principal. Desse total, 5 integram o dossiê “Arquitetura escolar: diálogos entre o global, nacional e regional na *História da Educação*”, publicado em 2019. Outro artigo, integra do dossiê: “*História da Educação: Sensibilidades, patrimônio e cultura escrita*”, de 2020. Os demais, integram os textos de fluxo contínuo do periódico e quatro possuem dois autores.

Quanto ao país de procedência dos autores, 9 estudos são escritos por brasileiros, seguidos por outras nacionalidades: francesa (2006); suíça (2019), austríaca (2019); mexicana (2019); italiana (2019) e argentina (2019). Em relação aos idiomas, doze textos são publicados em português e dois em espanhol, sendo três destes publicados também versões em língua francesa (2006); língua inglesa (2019) e língua italiana (2019). A predominância das

instituições brasileiras é da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com 4 autores, seguidos por outras três instituições do Estado do Rio Grande do Sul: Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e Missões (URI). Outras instituições brasileiras são: Universidade Federal do Rio de Janeiro; Universidade do Estado de São Paulo; Universidade do Estado de Santa Catarina (2 autores); Universidade Federal do Paraná. Das instituições internacionais, os/as autores/as são oriundos da École National Supérieure d'Architecture de Versailles (França); da Swiss Distance Learning University (Suíça); da University of Vienna (Áustria), da Università degli Studi del Molise (Itália), do Centro de Investigaciones y Estudios Avanzados (México) e da Universidad de Buenos Aires (Argentina).

Das palavras-chaves dos artigos, a recorrência mais frequente são: “arquitetura escolar”, presente em 9 estudos e, “história da educação”, presente em 5. Em seguida, temos “prédios ou edifícios escolares” e “cultura material”, ambos com 4 recorrências. Ainda, “mobiliário escolar” aparece duas vezes.

Uma parte significativa dos estudos traz como objeto de estudo sobre espaço e arquitetura escolar demarcado por uma ou mais cidades. Nesse caso, a maior recorrência é a cidade de Porto Alegre/Brasil, com 4 artigos, sendo um deles comparativo com a cidade de Curitiba/Brasil. Ainda no Brasil, podemos citar uma análise os programas arquitetônicos na cidade do Rio Janeiro e, ainda, uma análise estadual do Estado de Santa Catarina. No âmbito internacional, dois estudos apresentam abordagens municipais: Buenos Aires/Argentina e Barcelona/Espanha. Um estudo elabora uma análise conjuntural sobre diferentes países: Inglaterra, Estados Unidos, Suíça, França, Alemanha, e, também, temos três estudos de

âmbito nacional: Espanha (1), México(1), Suíça e Luxemburgo (1), sendo os dois últimos uma abordagem comparativa.

Sobre o recorte temporal, identificamos que a maioria dos trabalhos (8) estuda o século XX, seguidos do da combinação XIX-XX, com três estudos (3); o século XIX com dois estudos (2) e, os séculos XVI-XVII com um estudo (1). No que diz respeito ao nível de ensino, quatro estudos não especificam (4), quatro analisam mais de um nível (4), combinando o ensino: primário, complementar, secundário, técnico e curso superior. No entanto, é interessante destacar que o ensino primário está presente em seis estudos como único nível de estudo.

Sobre a metodologia utilizada pelos autores, a maioria das pesquisas realiza uma abordagem de tipo documental, estabelecendo uma relação muito próxima aos órgãos oficiais, tais como: leis, decretos, regulamentos e relatórios do Estado. Também, é possível observar o uso da imprensa pedagógica, periódicos de diferentes tipos, estado da arte/cartografia, estudos comparados e, mais recentemente, a história oral. Ainda, neste ponto cabe assinalar que existe um equilíbrio quanto ao uso de imagens, ou seja, do total de 14 artigos, 8 utilizam imagens, sendo a maioria reproduções de plantas, projetos e fotografias dos edifícios escolares e planos urbanos.

**Quadro 1** – Arquitetura escolar na revista História da Educação (2000-2020)

<b>N./Ano</b>	<b>Autor (es)</b>	<b>Título</b>	<b>Instituição</b>
4 2000	Cristianne Maria Famer Rocha	Espaços escolares: modernizações produtivas	UFRGS
10 2001	Francisca Maria Teresa dos Reis Baltar	Arquitetura de escolas no século 19: primeiras escolas construídas no Brasil	UFRJ Estado do Rio de Janeiro

<b>N./Ano</b>	<b>Autor (es)</b>	<b>Título</b>	<b>Instituição</b>
18 2005	Rachel Silveira Wrege	Conflito e ambigüidade entre jesuítas e protestantes no Brasil-Colônia através da depredação dos prédios escolares da Companhia de Jesus	UNESP
20 2006	Anne-Marie Châtelet, Tradução de Marcus Levy Albino Bencostta	Ensaio de historiografia I: a arquitetura das escolas no século XX	École National Supérieure d'Architecture de Versailles e UFPR
29 2009	Zita Rosane Possamai	Uma escola a ser vista: apontamentos sobre imagens fotográficas de porto alegre nas primeiras décadas do século XX.	UFRGS
41 2013	Marilia Gabriela Petry, Vera Lucia Gaspar da Silva,	Museu escolar: sentidos, propostas e projetos para a escola primária (séculos 19 e 20)	UDESC
46 2015	Jauri dos Santos Sá	Josep Goday e o mobiliário escolar espanhol na primeira metade do século 20.	Unisinos
51 2017	Tatiane de Freitas Ermel	Cultura material, espaços e edifícios escolares na Revista de Pedagogía/Espanha: a circulação das ideias internacionais	PUCRS

<b>N./Ano</b>	<b>Autor (es)</b>	<b>Título</b>	<b>Instituição</b>
		e o contexto espanhol (1922-1934)	
23 2019	Marianne Helfenberger e Catherina Schreiber	Construindo Cidadãos: Arquitetura Da Escola E Seu Programa Social – Visões Comparativas Da Suíça E De Luxemburgo Nos Séculos Xix E Xx	Swiss Distance Learning University; University of Vienna
23 2019	Valeria Viola	Arquitetura Escolar Durante O Fascismo Em Itália	Università degli Studi del Molise (Unimol)
23 2019	Carlos Ibarra	Una Arquitectura Escolar Nacional Y Popular Durante La Revolución Constitucionalista De 1914-1917	Cinestav – Centro de Investigaciones y Estudios Avanzados
23 2019	Nicolás Arata	Un Episodio De La Cultura Material: La Inauguración De 54 Edificios Escolares En La Ciudad De Buenos Aires (1884-1886)	Universidad de Buenos Aires
23 2019	Tatiane de Freitas Ermel e Marcus Levy Bencostta	Escola graduada e arquitetura escolar no Paraná e Rio Grande do Sul: a pluralidade dos edifícios para a escola primária no cenário brasileiro (1903-1928)	URI e UFPR

<b>N./Ano</b>	<b>Autor (es)</b>	<b>Título</b>	<b>Instituição</b>
24 2020	Lucas Costa Grimaldi e Dóris Bittencourt Almeida	Narrativas do espaço habitado: sensibilidades no estudo dos prédios escolares de Porto Alegre/RS (1940/1980)	UFRGS

**Fonte:** Elaborado pelas as autoras, 2021.

### **Espaços e arquitetura escolar nos Anais da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (2003-2020)**

Assim como a revista História da Educação, em 1997 é publicado o primeiro volume dos Anais dos Encontros contendo os resumos das comunicações apresentadas, porém o primeiro artigo publicado sobre espaços escolares foi no ano 2003, com o título “Particularidades da base material na história das instituições escolares” tendo como autora Flávia Obino Corrêa Werle. Em 2006, Terciane Ângela Luchese publica um artigo sobre os espaços escolares na região colonial italiana do Rio Grande do Sul, abordando a implantação das primeiras escolas planejadas naquela região do Estado. No período de 2003 até 2019 encontramos 23 artigos que analisam os espaços ou arquitetura escolar como elemento central, sendo que seis deles possuem dois autores.

Com relação ao país de procedência dos autores, todos os 23 artigos são escritos por brasileiros, originários do estado do Rio Grande do Sul. Quanto aos idiomas, 22 textos são publicados em português e apenas um em espanhol. A predominância das instituições acadêmicas é da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) com 6 autores, seguidos por outras instituições do Estado do Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Pelotas,

Universidade do Vale do Rio do Sinos (UNISINOS), Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS Campus Osório), Universidade Caxias do Sul (UCS), Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e Missões (URI), Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) e Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES).

Sobre as palavras-chaves dos trabalhos publicados, estas começam a contemplar os textos dos artigos dos Anais a partir de 2011. A repetições mais frequentes são: “urbanização”, presente em 4 artigos, seguido por “espaço escolar”, “arquitetura escolar” e “história da educação”, todos presentes em 3 artigos. Em seguida, encontramos “prédios ou edifícios escolares” e “escolarização”, ambos com 2 recorrências.

No que diz respeito às regiões de abordagem das pesquisas que estudam espaço e arquitetura escolar encontramos um número expressivo de estudos no âmbito estadual. Destacam-se 10 artigos relacionados à arquitetura escolar na cidade de Porto Alegre e 8 estudos com abordagens municipais nas cidades do interior do Estado, sendo elas Caxias do Sul, Pelotas, São Sebastião do Caí, Rio Grande, Santa Cruz do Sul, Maquiné e Lageado. Encontramos ainda 4 artigos teóricos que discutem o espaço e a arquitetura escolar no Brasil e um voltado para a análise da obra de Domingo Faustino Sarmiento (1849), na Argentina.

Quanto ao recorte temporal, identificamos que um maior número de artigos investiga o século XX, com 16 estudos, e a seguir o período XIX-XX com 6 pesquisas, e apenas uma não apresenta período definido. Com relação ao nível de ensino destaca-se o ensino primário/elementar que é analisado em 14 artigos. Segue a escola normal de formação de professores que é abordada em dois (2) estudos. Um estudo não especifica o nível de ensino (1), e um investiga o ensino superior (1), e os demais são voltados para



o ginásio e este combinado com primário, científico e ensino propedêutico comercial totalizando cinco artigos.

Com relação a metodologia utilizada nas pesquisas, a maior parte dos autores utiliza a abordagem de tipo documental principalmente relacionada a órgãos oficiais investigando relatórios, regulamentos e decretos de diferentes instâncias (municipal, estadual), sendo identificados 14 pesquisas com essa abordagem. A pesquisa do tipo documental aparece ainda em vários trabalhos explorando outros tipos de fontes. Foram encontrados 4 estudos utilizando fontes documental e iconográfica (fotografias), 4 estudos baseados na associação de em fonte documental, iconográfica ( fotografias e desenhos arquitetônicos) e ainda documentos relativos à correspondências diversas. O uso da história oral também aparece em dois trabalhos (2), um como única fonte de pesquisa e em outro associada à documentos e periódicos. Foram identificados ainda 4 estudos do tipo estado da arte/cartografia.

No aspecto de uso de imagens, observamos uma ampla utilização deste tipo de fonte nos artigos, sendo que apenas 6 não apresentaram nenhum tipo de imagem. O uso de fotografias prevalece, sendo de diversos tipos: prédios escolares, alunos, objetos do cotidiano escolar, documentos, convites escolares. Foram utilizadas também imagens de desenhos arquitetônicos (planta baixa, fachada) e de mapas. Outro recurso utilizado nas pesquisas são as imagens das tabelas (de relatórios ou de dados numéricos). Estas fontes geralmente aparecem associadas, tendo sido identificados quatro (4) artigos apenas com fotografias, cinco (5) artigos com fotografias, imagens de desenho arquitetônico e mapas, cinco (5) artigos com fotografias, imagens de desenho arquitetônico e tabelas, um apenas com tabelas (1) e um apenas com imagens de desenho arquitetônico (1).Trazemos a seguir a Tabela onde apresentamos uma síntese de alguns dados dos artigos

levantados nos Anais da Associação de pesquisadores em História da Educação no Rio Grande do Sul, entre os anos de 2003 e 2020.

**Quadro 2** – Anais da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (2000-2020)

<b>Nº/ Ano</b>	<b>Autor (es)</b>	<b>Títulos</b>	<b>Instituições</b>
9 2003	Flávia O.C. Werle	Particularidades da base material na história das instituições escolares	UNISINOS
11 2005	Saionara G. Dalpiaz	Fiando memórias de ex-alunos/as: tempos e espaços à experiência escolar no casarão	UFRGS
12 2006	Terciane Ângela Luchese	Espaços escolares na região colonial italiana do Rio Grande do Sul: das escolas de improviso às escolas planejadas	UCS e UNISINOS
12 2006	Cristiane Firpo Müller	O espaço escolar e as conjunturas educacionais durante o período da Primeira República	UFPEL
14 2008	Tatiane de F. Ermel	Colégio elementar Fernando Gomes: o espaço escolar e suas memórias (1913-1946)	PUCRS
15 2009	Alice R. Jacques Tatiane de F. Ermel	O velho casarão: um estudo sobre o “Knabenschule des Deutsches Hilfsverein” (Colégio Farroupilha) em Porto Alegre (1895 – 1962)	PUCRS
17 2011	Daniele U. F. Casale dos Santos	A construção dos espaços escolares no Brasil na primeira metade do século XX: interfaces entre psicologia e pedagogia.	UCS
17 2011	Maria Augusta M. de Oliveira	A educação e a urbanização em Pelotas na década de 1910: os discursos nos relatórios intencionais	IFRS/ Campus Osório

<b>Nº/ Ano</b>	<b>Autor (es)</b>	<b>Títulos</b>	<b>Instituições</b>
18 2012	Tatiane de F. Ermel	A instalação dos colégios elementares e dos grupos escolares nos relatórios do estado do Rio Grande do Sul	PUCRS
20 2014	Jauri dos S. Sá Flávia O. C. Werle	Influência europeia na arquitetura escolar brasileira: notas de investigação	UNISINOS
	Lucas Costa Grimaldi	Escola e espaço urbano: o Colégio Americano e a urbanização de Porto Alegre/RS na primeira metade do século XX	UFRGS
	Taís Pereira Flôres	Escolarização e urbanização: articulações entre a criação de escolas e o crescimento das cidades (São Sebastião do Caí – Rio Grande do Sul)	UFRGS
21 2015	Ademir Cavalheiro Caetano	A criação de cursos de ensino superior em Rio Grande, RS e as transformações urbanas (1955-1969)	UFPEL
	Jauri dos S. Sá Flavia O. C. Werle	Escola normal rural Murilo Braga de Carvalho: espaço escolar e memória institucional (1952-1974)	UNISINOS
	Fabiana G. Mayboroda Rochele S. Santaiana	Uma análise dos jardins de recreio de porto alegre: a educação integral nas praças.	UNISINOS UERGS
22 2016	Estela Maris Piedras Caroline B. Michel Eduardo Arriada	Arquitetura escolar na Primeira República: uma investigação na cidade de Pelotas/RS	UFPEL

Nº/ Ano	Autor (es)	Títulos	Instituições
	Lucas Costa Grimaldi	Do gigante da Duque ao novo Anchieta: o espaço escolar do Colégio Anchieta de Porto Alegre/RS nas memórias dos estudantes (1929-1980)	UFRGS
	Nelize Bopsin Maria Augusta Oliveira	Grupo escolar Hilário Ribeiro: história e arquitetura	IFRS/ Osório
	Tatiane de F. Ermel	Através dos relatórios de inspeção federal (1937-1962)	PUCRS
24 2018	Tatiane de F. Ermel	O espaço escolar na obra educação popular (1849), de Domingo Faustino Sarmiento	URI
	Jauri dos S.Sá Flavia O. C. Werle	Arquitetura escolar nos projetos de Theo Wiederspahn: a escola comercial Alberto Torres (1945)	UNIVATES UNISINOS
25 2019	Alice Rigoni Jacques	A presença dos gabinetes médicos e dentários nos bancos escolares das escolas de Porto Alegre/RS (1930-1960)	PUCRS

**Fonte:** Elaborado pelas as autoras, 2021.

O leitor dos Anais e das Revista irá se deparar, em cada um dos estudos, com um conjunto de informações e análises sobre o processo histórico de configuração dos sistemas de ensino. Destacamos a escrita de pesquisadores, em geral rio-grandenses, originários de disciplinas que mantêm níveis diferentes de diálogos entre si, ou seja, a história da educação e a história da arquitetura. Se, por um lado, os arquitetos autores dos estudos, ao tratarem da arquitetura escolar do ponto de vista histórico, têm seu foco voltado para a arquitetura escolar como objeto de estudo, e pouco aparecem

preocupações com projetos pedagógicos ou políticas educacionais. Eles propõem periodizações baseadas em critérios propriamente arquitetônicos, considerando as linguagens predominantes em cada momento construtivo da história da edificação. Por outro lado, os historiadores da educação brasileira, bem como os pedagogos e professores, que de modo geral não têm embasamento teórico para abordar as questões relativas à arquitetura, ao estudarem o tema arquitetura escolar buscam, em grande parte, explicitar uma correlação entre a organização dos espaços escolares e as concepções educativas e propostas pedagógicas, baseando as periodizações nos diversos momentos históricos das reformas educacionais.

A história da educação pode ser investigada sob diversos enfoques: didática, práticas de ensino, disciplinas, profissão docente, gênero, infância, espaço escolar, cultura escolar, entre muitos outros. Também é importante lembrar que, para além dos arquitetos, outros profissionais, em diferentes contextos históricos atuam na configuração do espaço escolar, tais como os profissionais da saúde, médicos, higienistas, burocratas e agentes do poder público, quando estabelecem os regimentos que devem seguir as construções escolares. Neste capítulo procuramos reunir estudos diferentes para tratar da articulação entre a organização do espaço arquitetônico e a história da educação, e fundamentar a ideia de que os espaços e a arquitetura escolar tem enriquecido e potencializado a pesquisa em história da educação. Após estas primeiras e rápidas análises dos dados coletados, a proposta é trazer uma breve discussão de tópicos que se destacaram.

## **Discussão**

Pesquisas diversificadas e múltiplos olhares vem materializar as contribuições da arquitetura escolar ao campo da história da

educação. No cotejamento deste grupo de estudos, buscamos traçar uma interpretação mais ampla para obter uma visão de conjunto sobre as peculiaridades, semelhanças e diferenças das diversas abordagens desta temática de investigação. Um fator relevante e diferenciado que identificamos refere-se ao país de procedência dos autores, pois enquanto a Revista apresenta a participação de autores de diversos estados do país e até mesmo vários pesquisadores internacionais, a produção dos Anais é predominantemente regional restringindo-se ao estado do Rio Grande do Sul, sem apresentar nenhuma participação de instituições de outros estados do Brasil ou instituições internacionais.

A produção marcadamente regional sobre o tema foi intensificada na última década, buscando contribuir para uma interpretação mais aperfeiçoada sobre a constituição da escola voltada para o ensino primário e elementar implantados no Estado, modalidades estas que concentraram um significativo número de artigos. Os grupos escolares e as escolas elementares foram adotados, desta forma, como eixo de pesquisa pela importância que representaram no processo histórico de modernização e democratização da escola primária no país. A organização nos moldes da escola graduada, o agrupamento de alunos pelo nível de conhecimento aproximadamente homogêneos, a divisão do trabalho docente, a constituição de classes e séries, a ordenação da jornada escolar e graduação dos programas de ensino foram circunstâncias determinantes que exigiam o funcionamento escolar em edifícios com várias salas de aula, passando estes edifícios a serem projetados como escolas modelares: a escola primária moderna, que passa a ser implantada em vários estados do Brasil. Assim, podemos dizer que a história dos grupos escolares e seus edifícios se confunde com a história do ensino primário e do processo de

institucionalização da escola pública primária no país e no Rio Grande do Sul.

As cidades também foram cenários da modernidade no Brasil e no Estado no final do século XIX e início do século XX. Ao investirem em melhorias de infraestrutura seguindo os processos implantados nas grandes cidades do ocidente europeu, buscavam uma reorganização do tecido urbano e uma estruturação de zoneamento para as diversas atividades urbanas. A localização da praça central e em seu entorno as principais edificações como prefeitura, igreja, escola era característica das nossas cidades neste período. A institucionalização dos grupos escolares nos diversos estados do país e no Rio Grande do Sul, bem como a consequente expansão dos processos educacionais para outros níveis de ensino justifica o predomínio de pesquisas inseridas neste recorte temporal: final do século XIX e começo do século XX. Este contexto também permite esclarecer a recorrência da palavra-chave urbanização observada nos diversos artigos dos Anais.

Outro aspecto interessante de destacar é a intersecção dos espaços e arquitetura escolar com outros temas, o que reflete diretamente ao referencial teórico utilizado nestes estudos. Podemos observar uma variedade bastante significativa, que demonstra uma riqueza nas abordagens e nas reflexões. Além da relação dos espaços e da arquitetura escolar com a arquitetura e as artes, é possível observar aproximações com o temática do controle e da vigilância (Michel Foucault); com a Companhia de Jesus (Serafim Leite); com a Cultura Visual (Ulpiano Bezerra de Meneses, Boris Kossoy); com o Museísmo pedagógico (Margarida Felgueiras, Maria João Mogarro, Ulpiano Meneses, entre outros); com o Patrimônio educativo (Antonio Viñao Frago); com Estado-nação e cidadania (Benedict Anderson; Eric Hobsbawm, Oliver Zimmer, entre outros); com temas políticos, tais como reformas, revolução e fascismo; com o planejamento urbano

das cidades; com a história das emoções e das sensibilidades (Maria Teresa Santos Cunha, Sandra Jatahy Pesavento; Serge Gruzinski; Marcos Taborda; Alain Corbin, entre outros). Em relação às pesquisas relacionadas aos espaços e arquitetura escolar, é importante assinalar que a referência principal consiste em dois autores espanhóis Antonio Viñao-Frago e Agustín Escolano, especialmente, a sua obra traduzida para o português em 1998, com segunda edição em 2001, intitulada: Currículo, espaço e subjetividade: arquitetura escolar como programa.

Podemos apontar ainda alguns pesquisadores que têm se dedicado aos estudos sobre o espaço e a arquitetura escolar no estado do Rio Grande do Sul de forma continuada, cujo interesse pelo tema pode ser traduzido como uma contribuição relevante à nossa historiografia regional. Dentre os autores citamos Flávia Obino Corrêa Werle que apresentou o primeiro artigo em 2003, conforme citamos anteriormente, Jauri Santos Sá e Flávia Obino Corrêa Werle (Anais 2014, 2015 e 2018); Jauri Santos Sá (Revista 2015); Lucas Grimaldi (Anais 2013, 2014 e 2016); Lucas Grimaldi e Dóris Bittencourt Almeida (Revista 2020) e Tatiane de Freitas Ermel (Anais 2008, 2012, 2016, 2018 e Revista 2017), Tatiane de Freitas Ermel e Alice Rigoni Jacques (Anais 2009); e Tatiane de Freitas Ermel e Marcus Levy Bencostta (Revista 2019).

Os autores mostram como ocorreu a instalação e expansão das diversas escolas, cujos edifícios tiveram sua criação respaldada pela participação de vários setores sociais, ora do poder público estadual, ora das municipalidades, ou da iniciativa privada ou ainda de congregações religiosas. Estes edifícios escolares estão localizados em diferentes espaços urbanos ou rurais, tendo sido construídos em épocas variadas. Nas diversas pesquisas estas edificações são analisadas com abordagens baseadas em diferentes aportes metodológicos, sob a perspectiva de uma multiplicidade de teóricos, reunindo e constituindo um importante acervo de fontes que poderão



subsidiar novas investigações e fomentar estudos histórico comparativos.

## **Conclusões**

A cartografia realizada na revista *História da Educação* e nos *Anais da Asphe* nos permite inferir algumas considerações acerca da produção do conhecimento sobre espaços e arquitetura escolar no contexto sul-riograndense. O primeiro é que a presença é “antiga” e de certo modo contínua, o que caracteriza ambos os espaços como pioneiros, assim como lócus de atualizações sobre a temática. Conforme apontamos anteriormente, os *Anais da Asphe* representam um importante conjunto de estudos sobre o estado do Rio Grande do Sul, demarcando geograficamente e linguisticamente essa temática. Por outro lado, a revista *História da Educação* apresenta aspectos de nacionalização e internacionalização, trazendo pesquisas de diferentes estados brasileiros, assim como de outros países, sendo alguns deles publicados em outros idiomas além do português, especialmente, pela organização de dossiê temático em 2019.

A predominância dos estudos sobre a história dos espaços e da arquitetura escolar do ensino primário/elementar consiste em um dado importante, pois demarca um alinhamento com as tendências nacionais de estudos sobre os espaços dos grupos escolares e o papel que a escola graduada ocupou no cenário urbano, no período entre os séculos XIX e XX. Com isso, podemos apontar lacunas quanto aos demais níveis de ensino e instituições educativas diferenciadas, como o estudo dos espaços de educação superior, infantil, educação de jovens e adultos, educação especial, dentre outros.

Observamos que além da predominância do referencial teórico espanhol, existe uma riqueza de interlocução da temática variados referentes, especialmente, da História, da Arquitetura e das Artes. Quanto à metodologia, os estudos centram-se predominantemente na

análise documental oficial e escrita, complementadas pelo visual (plantas e projetos arquitetônicos e fotografias), merecendo uma ampliação/renovação quanto às fontes e problematização delas. Desse mesmo modo, a interlocução com estudos de diferentes regiões e países, assim como profissionais expertos em diferentes áreas do conhecimento, certamente consiste mais um desafio para os estudos sobre espaços e arquitetura escolar nas próximas décadas.

Por último, não podemos deixar de registrar a satisfação suscitada na realização deste estudo, enquanto pesquisadoras da arquitetura escolar, no encontro com trabalhos que transitam por diferentes áreas: a educação, a arquitetura, as artes e a história, criando uma articulação dos conhecimentos, mesclando saberes e apontando a temática da arquitetura escolar como um potente recurso para as investigações no âmbito da história da educação.

## Referências

BECONSTTA, Marcus Levy. A escrita da arquitetura escolar na história da Educação Brasileira. **Revista Brasileira de História da Educação**, vol. 19, 2019, p.1-26.

Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/47249/pdf>

BENCOSTTA, Marcus Levy (org.). **História da Educação, Arquitetura e Espaço Escolar**. São Paulo: Cortez, 2005.

BENCOSTTA, Marcus Levy. Desafios da Arquitetura Escolar: construção de uma temática em História da Educação. In: Marcus Aurélio Taborda de Oliveira. (Org.).

**Cinco estudos em História e Historiografia da Educação**. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, v. 1, p. 111-125.

BUFFA, Ester e PINTO Gelson de Almeida. **Arquitetura e Educação: organização do espaço e propostas pedagógicas dos grupos escolares paulistas, 1893-1971**. São Carlos: Brasília: EdUFSCar, INEP, 2002.

CHÂTELET, Anne-Marie. Ensaio de Historiografia I: a arquitetura das escolas no Século XX. Tradução Marcus Levy Albino Bencostta. **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 20, p.7 – 38, set. 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/29255/pdf>

ERMEL, Tatiane de Freitas; BENCOSTTA, Marcus Levy. Arquitetura escolar: diálogos entre o global, o nacional e o regional na História da Educação. **História da educação**, v. 23, p. 1-6, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/88785>

ERMEL, Tatiane de Freitas. **Arquitetura escolar e patrimônio histórico-educativo: os edifícios para a escola primária pública no Rio Grande do Sul (1907-1928)**. Tese de doutorado. Doutorado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. PUCRS. Porto Alegre, 2017. 343 f.

FARIA FILHO, Luciano, e VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. Número 14, Mai/Jun/Ago, p. 19-34, 2000.

MOUSSATCHE, Helena; MAZZOTI, Alda Judith Alves e MAZZOTI, Tarso Bonilha. Arquitetura Escolar: imagens e representações. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 81, n. 198, p. 229-315, mai/ago, 2000.

VIÑAO, Antonio e Agustín Escolano. **Currículo, espaço subjetividade: a arquitetura como programa**. Trad. Alfredo Veiga Neto. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

# **Religiosidade nos anais dos Encontros da ASPHE (1997-2019): um olhar a partir de investigações histórico-educativas**

*Maria Angela Peter da Fonseca  
Patrícia Weiduschadt*

## **Considerações Iniciais**

Este artigo tem o objetivo de evidenciar a categoria religiosidade presente nas comunicações dos anais dos primeiros 25 encontros da Associação Sul Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE), fundada em 1997, na cidade de São Leopoldo, Rio Grande do Sul. Os fundadores dessa associação foram alguns professores pesquisadores e professoras pesquisadoras de universidades do Rio Grande do Sul, públicas e particulares, precipuamente da área da História da Educação, com a proposta de fomentar e dar visibilidade a pesquisas já consolidadas e/ou em andamento, realizadas por professores, alunos e orientandos.

Ao elencarmos a categoria da religiosidade, como elemento presente nos anais da ASPHE, questionamo-nos a respeito da importância desse constructo teórico nas pesquisas histórico-educativas de pesquisadores que publicaram e socializaram suas produções ao longo de 25 encontros dessa associação. Como proponentes desse artigo comemorativo em alusão aos 25 anos, percebemos que estivemos envolvidas com a categoria religiosidade, a qual permeou a nossa trajetória acadêmica através das escolhas dos nossos objetos de pesquisa.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> FONSECA, Maria Angela Peter da. *Estratégias para a preservação do germanismo (Deutschum): gênese e trajetória de um collegio teuto-brasileiro urbano em Pelotas (1898-1942)*. 2007, 158 f. Dissertação (Mestrado em

Dito isto, consideramos ser relevante apresentar alguns aspectos da religiosidade no curso das publicações dos anais dos 25 encontros da ASPHE. Destacamos que, além do nosso envolvimento, há outra questão fundamental, que está atrelada à constituição de instituições educativas na realidade brasileira. Ao olhar o contexto histórico da organização escolar e educativa no Brasil, verificamos uma forte presença de instituições educativas confessionais na formação e educação da sociedade do nosso país. Tais confessionalidades religiosas foram responsáveis pelo estabelecimento de diferentes projetos educativos que se justificaram, em certa medida, pela ineficiência estatal, as quais tentaram influenciar o sistema educacional no país.

Neste sentido, na nossa realidade, observamos mesclas de iniciativas públicas e privadas nesse contexto. As discussões em torno da intersecção do público com o privado, na educação do Brasil, podem ser apoiadas pelo trabalho de Saviani (2015). O autor discute que, já no final do século XIX, as relações dessas instâncias coexistiam com iniciativas públicas que não se assumiam totalmente e a responsabilidade educativa estatal apenas fornecia certo apoio e

---

Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2007.

FONSECA, Maria Angela Peter da. *Deutsche Schulen urbanas no Pampa ou o Pampa dentro de Deutsche Schulen? Cultura Escolar Conforme: Collegio Allemão de Pelotas e Collegio Rio Grandense do Rio Grande (1912-1936)*. 2017, 269 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

WEIDUSCHADT, Patrícia. *O Sínodo de Missouri e a educação pomerana em Pelotas e São Lourenço do Sul nas primeiras décadas do século XX: identidade e cultura escolar*. 2007. 255 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2007.

WEIDUSCHADT, Patrícia. *A revista “O Pequeno Luterano” e a formação educativa religiosa luterana no contexto pomerano em Pelotas- RS (1930-1960)*. 2012. 276p. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2012.

fiscalização. Este ponto de entrelaçamento entre o público e o privado, reforça o aspecto da religiosidade estar representada pelas/nas instituições confessionais, tendo se constituído em um *locus* privilegiado nas pesquisas e publicações dos anais.

Para auxiliar nessa problematização iremos usar o conceito de campo de Pierre Bourdieu (1996a; 1996b), por considerarmos ser um constructo importante, ao possibilitar a presença de um campo religioso dominante para se instaurar processos educativos e de escolarização, mobilizando objetos que tiveram como mote a religiosidade.

Como caminho metodológico, optamos por realizar um levantamento, a partir dos anais da ASPHE, observando elementos da religiosidade e já separando em denominações religiosas os diferentes trabalhos investigativos. De forma panorâmica iremos apresentar dados quantitativos das comunicações e destacar alguns aspectos gerais dos objetos de pesquisa.

É possível sinalizarmos que a nossa fonte de pesquisa para esse trabalho foram os anais de eventos disponíveis na plataforma Tatu (<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/asphe-anais-encontros/>), e ao pinçarmos e organizarmos os trabalhos realizamos uma análise documental de forma mais geral. Cellard (2009), ao apresentar elementos importantes da análise documental, nos diz que é importante entender o contexto do documento, os autores que os produziram e a natureza do documento. Por isso, entendemos que a nossa principal fonte de discussão são os anais da ASPHE, como já foi explicitado, e os autores são sujeitos pesquisadores envolvidos no campo historiográfico educacional, a maioria sendo proveniente de grupos de pesquisa da região sul do Brasil. A natureza do documento são comunicações de pesquisas para serem socializadas no evento e podem ter tido autoria de pesquisadores, tanto iniciantes, como mais experientes.

Na análise documental empreendida são feitas escolhas na organização e na abordagem dos dados, dependendo dos objetivos da proposta. Nesse caso, escolhemos organizar as comunicações em divisões da religiosidade de acordo com suas orientações doutrinárias em que estava inserida e perceber a quantidade delas em relação ao todo. Ainda, estaremos observando, a partir de uma classificação geral, as recorrências de objetos e categorias de análise utilizadas. A seguir iremos mostrar os delineamentos que construímos para problematizarmos os elementos já apresentados.

### **Um olhar da religiosidade nos anais dos eventos da ASPHE**

No campo da História da Educação, com a influência da História Cultural, diversas áreas foram aliadas na mobilização de categorias analíticas e constructos teóricos. Como já foi explicitado, estaremos mobilizando o conceito de campo, desenvolvido na Sociologia, para entender a religiosidade, em diferentes perspectivas: variadas correntes doutrinárias e confessionalidades, singularidades da constituição das iniciativas escolares e educativas, sujeitos e práticas escolares.

Tais perspectivas são circunscritas por campo específico, o qual pode ser constituído por uma relação de forças e que tem estatuto próprio. Nesse sentido, o campo religioso, aqui apresentado, pode ser compreendido, a partir da escolha do objeto evidenciando uma instituição ou orientação religiosa.

Um campo, [...], se define entre outras coisas através da definição de objetos de disputas e dos interesses específicos que são irredutíveis aos objetos de disputas e aos interesses próprios de outros campos. [...] Para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de *habitus* que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputas, etc. (BOURDIEU, 1996b, p. 89).

O que se pode depreender é que nas investigações que se utilizam da religiosidade, relacionadas nas mais variadas instituições escolares e educativas, bem como de suas práticas decorrentes, o campo religioso se sobrepõe ou se mescla a outros campos, como por exemplo, ao campo educacional, social e familiar. O que se quer dizer é que o campo religioso é o determinante para a constituição dos demais campos. Por isso, apontamos que o campo religioso vai direcionar e orientar a organização educativa. Ao selecionarmos e organizarmos os dados, percebemos a presença, nos artigos publicados nos anais, de determinadas confessionalidades religiosas que teriam servido de suporte para a organização educativa e escolar.

Dois campos parecem estar em evidência, o campo educativo e o religioso. Mas os diferentes campos são relacionais e dentro, e entre eles, aparecem conflitos, constituindo certo engendramento, sendo que nenhum campo perde a sua autonomia, ou seja, o campo religioso e o campo educativo possuem suas peculiaridades de constituição, ao mesmo tempo em que estão relacionados entre si. Bourdieu, ao descrever o campo como conceito, menciona:

Essa estrutura não é imutável e a topologia que descreve um estado de posições sociais permite fundar uma análise dinâmica da conservação e da transformação da estrutura e da distribuição das propriedades ativas e, assim, do espaço social. É isso que acredito expressar quando descrevo o espaço social global como um campo, isto é, ao mesmo tempo, como um campo de forças, cuja necessidade se impõe aos agentes que nele se encontram envolvidos, e como um campo de lutas, no interior do qual os agentes se enfrentam, com meios e fins diferenciados conforme sua posição na estrutura do campo de forças, contribuindo assim para conservação ou a transformação de sua estrutura (BOURDIEU, 1996a, p. 50).

O campo, nesta perspectiva, aparece como uma estrutura autônoma. A religião e a educação, por exemplo, possuem aspectos



específicos na formação dentro das instituições abordadas, mas aparecem engendradas num conjunto e, provavelmente, conseguem manter um arranjo. Também é interessante observar que as forças medidas no campo vão estar em constante diferenciação e, ao mesmo tempo, tornar-se-ão complementares.

Então, organizamos a partir do levantamento empreendido a seguinte classificação, representada na tabela a seguir (TABELA 1).

**Tabela 1** – Total de comunicações 25 encontros da ASPHE (1997-2019), com o total das religiosidades, dividido por confessionalidades e outros elementos

Total de comunicações	1.232	100%
Total Religiosidade:	214	17,37%
Católica	142	11,52%
Luterana	55	4,46%
Católica e Luterana	1	0,08%
Anglicana	6	0,48%
Batista	1	0,08%
Metodista	1	0,08%
Espiritismo	5	0,40%
Religiosidade	1	0.08%
Valores Cristãos	2	0,16%

**Fonte:** organizada pelas autoras com base nos anais da ASPHE (1997-2019) disponíveis na plataforma Tatu (<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/asphe-anais-encontros/>).

Neste conjunto de informações, representados pela Tabela 1, temos um total de 1.232 comunicações publicizadas nos anais da ASPHE (1997-2019), encontrados no repositório TATU. Dessas, 214 estão relacionadas com a religiosidade, ou seja, 17,37 por cento do total. Em termos numéricos quantitativos parece ser pouco, mas diante da potência dos trabalhos e o que já foi discutido qualitativamente é

um indicador de que a presença dessas instituições religiosas influenciou a consolidação e validação de algumas pesquisas no campo da história da educação.

Para ilustrar melhor mostraremos abaixo uma tabela organizada a partir da divisão dos anos dos encontros e a presença de confessionalidades, de forma mais detalhada.

**Tabela 2** – Relação entre ano, local de encontro, número de comunicações, religiosidade, apontando para: católica, luterana, católica/luterana, anglicana, espiritismo, valores cristão/cristianismo, religiosidade

Ano	Encontro	Comunicações	Religiosidade (%)	Católica (%)	Luterana (%)	Católica/Luterana (%)	Anglicana/ Batista/Methodista (%)	Espiritismo (%)	Valores Cristãos/ Cristianismo (%)	Religiosidade (%)
1997	1º SL	20	5- 25	4- 20	1- 5					
1998 Abr	3º SM	5	1- 20		1- 20					
1999 Abr	4º SM	14	5- 35,7	4- 28,5	1- 7,2					
1999 Nov	5º PF	17	3- 17,6	2- 11,7	1- 5,8					
2001 Mai	7º Pel	20	7- 35	5- 25	2- 10					
2002 Ago	8º Gra	26	6- 23	6- 23						
2003 Jun	9º POA	37	8- 21,6	7- 18,9	1- 2,7					
2004 Jun	10º Gra	27	6- 22	4- 14,8	1- 3,6		1- 3,6			

2005 Ago	11° SL	59	11- 18,6	7- 11,6	3- 5,0		1- 1,6			
2006 Set	12° SM	52	4- 7,6	1- 1,9	2- 3,8		1- 1,9			
2007 Set	13°P oa	67	6- 8,9	1-1,4	4- 5,9		1- 1,4			
2008	14° Pel	47	14- 29,7	11- 23,4	2- 4,2		1- 2,1			
2009	15° CxS	80	22- 27,5	15 - 18,75	4- 5		1- 1,25	1- 1,25	1- 1,25	
2010	16° POA	70	19- 27,11	15- 21,42	2- 2,85		1- 1,42	1- 1,42		
2011	17° SM	81	18- 22,22	12- 14,81	5- 6,17		1- 1,23 Metod.			
<b>2012</b>	<b>18° POA</b>	71	20- 28,16	12- 16,9	6- 8,4			1- 1,4	1- 1,4	
<b>2013</b>	<b>19° Pel</b>	95	26- 27,3	18- 18,9	5- 5,2	1- 1,05		1- 1,5		1- 1,05
2014 Dez	20° Poa	74	3- 4,0	1- 1,35	1 - 1,35			1- 1,35		
2015 Set	21° UCS	67	4- 5,9	3- 4,4	1- 1,4					
2016 Out	22° Bage	77	4- 5,1	1- 1,2	3- 3,8					
2017 Set	23° RG	67	5- 7,4	1- 1,4	4- 5,0					
2018 Out	24° SL	81	12- 14,8	7- 8,6	5- 6,1					
2019 Out	25° Bage	78	5- 6,4	5- 6,4						

**Fonte:** organizada pelas autoras com base nos anais da ASPHE (1997-2019) disponíveis na plataforma Tatu (<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/asphe-anais-encontros/>).

Como já foi apontado no primeiro levantamento (TABELA 1), poderíamos considerar que os dados numéricos da presença da

religiosidade seriam inexpressivos numericamente. No entanto, a regularidade com que aparece ao longo dos anos chama a atenção. A constância da religiosidade mostra que a utilização de instituições religiosas relacionadas a aspectos educativos e escolares são indícios de que houve intensa produção de muitas pesquisas no âmbito da associação.

Ao observamos a Tabela 2, podemos perceber que todos os encontros, disponibilizados no repositório TATU, foram perscrutados sendo informado o número total de eventos. Logo ao lado, foi mostrada a quantidade de trabalhos que tiveram a presença da religiosidade, apontando em seguida a percentagem desses trabalhos em relação ao total de cada ano.

Nas colunas subsequentes buscamos demonstrar as confessionalidades relacionadas que permeavam as investigações, por entendermos, que os trabalhos que tivessem o elemento da religiosidade poderiam estar inevitavelmente relacionados a uma confessionalidade específica.

Outro dado que chama atenção é certa diversidade de confessionalidades na abordagem de pesquisas. As diferentes vertentes religiosas apontam também para um campo de disputas na seara espiritual. Tais disputas puderam mobilizar essas instituições religiosas a investir em práticas educativas, ampliando a sua influência.

Ao observamos a Tabela 2, visualizamos que o catolicismo é majoritário na presença de trabalhos, dado que não nos surpreendeu por ser a instituição religiosa com maior presença na realidade brasileira. A religião católica esteve presente na formação educacional no Brasil desde a colonização, suprimindo as deficiências do investimento estatal na educação. Há diferentes ordens religiosas que se constituíram e se fortaleceram na realidade investigada. Depois do catolicismo a confessionalidade de maior recorrência foi a do luteranismo, religião com bastante abrangência no estado do Rio Grande do Sul, por conta dos processos imigratórios. Assim, essa

vertente religiosa está fortemente ligada a processos educativos das escolas étnicas, na fundação de instituições escolares-educativas e na ampla impressão de material didático. As demais aparecem com baixa recorrência, mas permite destacar a presença delas na constituição de objetos significativos como a anglicana, metodista, batista e o espiritismo. Cabe ressaltar que seria conveniente para o campo historiográfico dos grupos de pesquisa da ASPHE ampliar as investigações histórico-educativas para essas confessionalidades e, entre tantas outras, presentes na nossa realidade.

Ao adentrarmos nessa discussão, queremos deixar claro que não estamos fazendo defesas doutrinárias de determinada religião, mas sim, queremos destacar que as instituições religiosas se ocuparam não somente da escolarização, mas, também de outros aspectos educativos de formação que precisam ser levados em consideração. Faria Filho et al (2004), analisam com propriedade a apropriação, o uso da cultura educativa além da escola. A mobilização desse conceito no estudo de instituições que não têm a presença direta da escolarização é importante nessa discussão, cujos processos educacionais se relacionam com as esferas da família ou da religião.

Entre as comunicações elencadas é interessante notar que temos um trabalho que mescla a religiosidade católico/luterano. Tal trabalho mencionado sinaliza para o período do Estado Novo e a perseguição aos professores alemães, tanto luteranos como católicos.<sup>2</sup>

E ainda na Tabela 2 temos três trabalhos que não se encaixam em nenhuma vertente religiosa, por isso optamos em denominar de valores cristão/cristianismo e religiosidade de forma geral. Dois estão classificados na categoria de valores cristão/cristianismo, sendo que um deles<sup>3</sup> foi apresentado no encontro em 2009 e utiliza material

---

<sup>2</sup> LEMOS, Vanessa dos Santos. O TRABALHO DOCENTE NO ESTADO NOVO (1937-1945) EM PELOTAS/RS. In: 19º Encontro, 2013.

<sup>3</sup> Ver em PROCHNOW, Denise de Paulo Matias. SÉRIE FONTES: LEITURAS PARA O ENSINO PRIMÁRIO EM SANTA CATARINA (1911-1935). In: 15º Encontro, 2009.

didático religioso utilizado em escolas públicas em Santa Catarina e o outro trata<sup>4</sup> sobre ética docente do período do século XVII. O que foi classificado como religiosidade de forma geral<sup>5</sup> discorre sobre John Stuart Mill e a escola privada e laica. Assim, podemos perceber que a religião pode vir sendo discutida, também, fora das diferentes instituições religiosas.

Além da divisão dos trabalhos por confessionalidades, buscamos categorizar as investigações sobre religiosidade, publicadas nos anais, por categorias de análise, como se pode observar na Tabela 3, abaixo inserida.

**Tabela 3** – Recorrências dos seguintes itens: objeto/categoria de análise: Instituição educativa e escolar/movimentos sociais/museus; Memória/ professor e pessoa influente; Público x privado; Currículo/práticas educativas e religiosas/cultura escolar; Filosofia; Impressos/cartas

<b>Objeto/Categorias de análise</b>	<b>Recorrências</b>
Instituição educativa e escolar/Movimentos sociais/museus	82
Memória/Professor e pessoa influente	31
Público X Privado	6
Currículo/Práticas educativas e religiosas/Cultura escolar	55
Filosofia	6
Impressos Cartas	34

**Fonte:** organizada pelas autoras com base nos anais da ASPHE (1997-2019) disponíveis na plataforma Tatu (<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/asphe-anais-encontros/>).

O maior número de recorrências do objeto de análise da religiosidade é nomeado como instituição educativa escolar, considerando também, os trabalhos que envolveram movimentos

<sup>4</sup> Ver em BONNEAU, Wagner Pinto. SOBRE A ÉTICA DO DOCENTE MATEMÁTICO MODERNO:UM PROCESSO DE CONSERVAÇÃO. In: 18º Encontro, 2012.

<sup>5</sup> Ver em XAVIER, Itamaragiba Chaves. JOHN STUART MILL E A DEFESA DA ESCOLA PRIVADA E LAICA. In: 19º Encontro, 2013.

sociais e museus ligados a um espaço institucional. Diante do que foi exposto, as instituições religiosas estão organizadas a partir de uma determinada orientação religiosa que busca em espaços educativos e formativos influenciar grupos e sujeitos a elas vinculadas. Também perseguiram ampliar o público religioso por meio da educação moral e cristã. Diante disso, muitos objetos são passíveis de análises para compreender a organização institucional como um espaço de disputas e tensões. Esses espaços se legitimam ancorados em suas doutrinas, e como a escolarização abarcaria a orientação do público infantil, as formas de investimento escolar ou não escolarizado, estão presentes nessas instituições e, portanto, muitos trabalhos puderam ser desenvolvidos seguindo essa perspectiva, por meio de fontes produzidas e pelo direcionamento institucional. Daí pode-se depreender que as instituições religiosas que formam e educam estiveram influenciando aspectos histórico-educativos que em muitos casos, na realidade brasileira, acabaram mesclando o público e o privado.

Então, apesar de estar com poucas recorrências a categoria do público x privado impulsionou nuances das instituições religiosas, consideradas privadas, em envolvimento com a educação pública. Não raras vezes, a educação privada das diferentes escolas e projetos educativos religiosos se consolidou, forjando diversas aproximações das instituições religiosas com o poder público, por meio de convênios, negociações e até de tensões. A explicitação não se confirmou pelas recorrências de um número grande a partir dos títulos e resumos, mas ao analisar mais profundamente as investigações, fica visível o entrelaçamento e a interdependência dessas duas instâncias: públicas e privadas.

Há imposições de ideias e preceitos que circularam por meio das instituições confessionais, em especial, aquelas ligadas ao catolicismo, justo por ser a religião católica historicamente responsável pela

educação brasileira num tempo histórico de maior duração. Mas as demais confessionalidades também, em certa medida, aproveitaram a ineficácia pública de conseguir brechas e auxílios do poder público em propagar suas doutrinas.

E ainda, de forma latente, se apresentou de maneira expressiva a categoria Currículo/Práticas educativas e religiosas/Cultura escolar. As investigações especificadas nessa categoria são passíveis de muitas problematizações. Fontes relevantes e interessantes são/foram produzidas no interior das instituições religiosas e escolares, daí a visualização do currículo, por meio de orientações publicadas em revistas, estatutos, almanaques, regimentos oficiais que foram buscadas para diferentes pesquisas. É necessário compreender além do currículo considerado oficial, as práticas que se quer desenvolver, no sentido que Chartier (1990) nos diz que práticas fazem parte dos modos culturais diversos, tanto aqueles oficiais como os do cotidiano. Barros (2005), ao abordar os conceitos de Chartier, ressalta:

Não obstante, a contribuição decisiva de Roger Chartier para a História Cultural está na elaboração das noções complementares de “práticas” e “representações”. De acordo com este horizonte teórico, a Cultura (ou as diversas formações culturais) poderia ser examinada no âmbito produzido pela relação interativa entre estes dois polos. Tanto os objetos culturais seriam produzidos “entre práticas e representações”, como os sujeitos produtores e receptores de cultura circulariam entre estes dois polos, que de certo modo corresponderiam respectivamente aos “modos de fazer” e aos “modos de ver”. Será imprescindível clarificar, neste passo, estas duas noções que hoje são de importância primordial para o historiador da Cultura (BARROS, 2005, p. 131).

Nesse sentido, as instituições religiosas ao investir na formação educativa e escolar foram potentes em apresentar e mobilizar as possibilidades de se discutir as práticas e as ações dos sujeitos nesse



movimento. No âmbito da cultura, percebe-se uma tênue fronteira com determinados modos de fazer e se constituir por meio de processos religiosos educativos entrelaçada com elementos culturais, singulares e particulares, os quais de nenhuma forma podem ser homogeneizados. O conceito de cultura escolar (JULIA, 2001) nos auxiliou, em grande medida, para que a partir do cotidiano da escola, e, também, além dela, como no caso de outros meios educativos propagados nas instituições religiosas, perceber as práticas por meio dos direcionamentos curriculares e dos ritos religiosos as formas de educar e formar os sujeitos a ela pertencentes.

Para encerrar este elenco, destacamos ainda outras três categorias de análise: Memória, Filosofia e Impressos em suas conexões com a religiosidade (TABELA 3). De forma significativa a Memória e os Impressos contemplaram mais de 60 comunicações ao longo de 25 encontros da ASPHE. A Memória, potencializada pela História Oral (THOMPSON, 1992), em narrativas particulares, priorizou trabalhos sobre a memória de docentes, professores e professoras, pessoas que influenciaram a comunidade como um todo a partir de sua atuação em escolas confessionais e muitas vezes étnicas. Investigações a respeito de memórias institucionais confessionais, através de memórias de docentes e de impressos também se fizeram presentes nas comunicações.

Referente aos Impressos (CHARTIER, 1992), encontram-se trabalhos que enfatizam livros didáticos, folhetins, jornais escolares, revistas estudantis, periódicos, os quais manifestam em sua materialidade uma intencionalidade permeada pela religiosidade que lhes serve de base. As Cartas, como acervos autorreferenciais de intelectuais religiosos, também foram objeto de análise, apontando para uma riqueza e fontes originais e tangenciais de investigações importantes para a História da Educação.

A categoria de análise Filosofia aponta para 6 comunicações que dão visibilidade a questões ideológicas (BOURDIEU, 1982), permeadas pela confessionalidade na educação, abrangendo desde o estado de cristandade<sup>6</sup> no Rio Grande do Sul, à inserção de elementos católicos em lenda que povoa o imaginário do povo gaúcho<sup>7</sup>. Nesta direção percebe-se a disputa da igreja católica com o positivismo, o liberalismo e o laicismo no século XIX<sup>8</sup>. Entre ruptura de paradigmas, exemplificada em uma comunicação que aborda o professor Abelardo no século XII<sup>9</sup>; questões éticas dos professores de matemática do século XVII em diante<sup>10</sup>; e a formação de leitores das obras de Allan Kardec e o espiritismo em meados do século XIX<sup>11</sup>, há uma plêiade de diversidades e possibilidades representadas por estas comunicações com o viés da religiosidade.

## Conclusões

Este artigo buscou a partir do mapeamento da categoria religiosidade nos anais da Associação Sul Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE) 1997-2019, mostrar

---

<sup>6</sup> Ver em ZANOTELLI, Jandir. PARA ENTENDER A EDUCAÇÃO DO RS. In: 7º Encontro, 2001.

<sup>7</sup> Ver em TAMBARA, Elomar. A LEITURA ESCOLAR COMO CONSTRUÇÃO IDEOLÓGICA: O CASO NA LENDA DO NEGRINHO DO PASTOREIO (1857-1906). In: 9º Encontro, 2003.

<sup>8</sup> Ver em Eduardo Arriada. ENTRE A CIVILIZAÇÃO E A BARBÁRIE: O DEBATE EDUCACIONAL BRASILEIRO NO SÉC. XIX. In: 11º Encontro, 2005.

<sup>9</sup> Ver em RIOS, Renata Lerina Ferreira. MESTRE, AMANTE E RELIGIOSO, UM ÚNICO HOMEM: FAZENDO UMA VISITA A ABELARDO. In: 14º Encontro, 2008.

<sup>10</sup> Ver em BONNEAU, Wagner Pinto. SOBRE A ÉTICA DO DOCENTE MATEMÁTICO MODERNO: UM PROCESSO DE CONSERVAÇÃO. In: 18º Encontro, 2012

<sup>11</sup> Ver em: CARVALHO, Larissa Camacho; LOUSADA, Vinícius Lima. A REVUE SPIRITE (1858-1869) E AS COMUNIDADES DE LEITORES DAS OBRAS DE ALLAN KARDEC. In: 15º Encontro, 2009.

a influência desse aspecto nas investigações empreendidas ao longo dos 25 anos da associação e a contribuição de pesquisas nessa modalidade.

Num primeiro momento destacamos a importância e influência do campo religioso nas pesquisas histórico educativas, mostrando que os campos religiosos e educativos se mesclaram e se complementaram, com forte presença das confessionalidades na formação educativa escolarizada ou não.

As escolhas do levantamento e organização dos dados foram de acordo com as problematizações que gostaríamos de fomentar e promover reflexões para inspirar pesquisas futuras.

Buscamos dividir os trabalhos nas diferentes confessionalidades, evidenciando a presença e a importância dessas instituições religiosas na formação educacional e escolar, mostrando que elas tiveram singularidades, disputas e tensionamentos.

Da mesma forma, através da classificação em diferentes categorias e objetos foi possível mostrar a riqueza de possibilidades ampliadas pela perspectiva da História Cultural, mobilizadas pela instituição escolar-educativa, memória, impressos, práticas e cultura escola, filosofia. Tais elementos elencados puderam ser abordados para ampliar as problematizações diversas e entender o cotidiano de grupos e comunidades que tiveram a sua formação e educação perpassadas por diferentes religiosidades.

Enfim, gostaríamos a partir desse texto, mesmo que tenha sido apresentado de forma mais descritiva do que analítica, poder suscitar novas problematizações e ampliações do uso da religiosidade, entendendo-a como um elemento cultural relevante na formação educativa e cultural da nossa sociedade.

## Referências

- ANAIS DOS ENCONTROS DA ASPHE (1998-2019). Disponível em: <<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/asphe-anais-encontros/>>. Acesso em: 27 abr. 2021.
- BARROS, José D' Assunção. A História Cultural e a Contribuição de Roger Chartier. **Diálogos, DHI/PPH/UEM**, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005, p. 125-140.
- BOURDIEU, Pierre. **A Reprodução**. São Paulo: Francisco Alves, 1982.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas sobre a teoria da ação**. Campinas, Papirus: 1996a.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas lingüísticas: o que falar e o que dizer**. São Paulo: USP, 1996b.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**, Lisboa: DIFEL, 1990
- CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo, 1992.
- FARIA, Luciano Mendes de Filho, VIDAL, Diana, PAULITO, André Luiz. A Cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v 30, n° 1, p 139-159, jan/abr. 2004.
- FONSECA, Maria Angela Peter da. **Estratégias para a preservação do germanismo (Deutschum): gênese e trajetória de um collegio teuto-brasileiro urbano em Pelotas (1898-1942)**. 2007, 158 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2007.
- FONSECA, Maria Angela Peter da. **Deutsche Schulen urbanas no Pampa ou o Pampa dentro de Deutsche Schulen? Cultura Escolar Conforme: Collegio Alemão de Pelotas e Collegio Rio Grandense do Rio Grande (1912-1936)**, 2017, 269 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.
- JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, n° 1, jan/jul, 2001.
- SAVIANI, Dermeval. **História do Tempo e Tempo da História: estudos de historiografia e história da educação**. campinas, Autores Associados, 2015.
- THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado – História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 385 p.
- WEIDUSCHADT, Patrícia. **O Sínodo de Missouri e a educação pomerana em Pelotas e São Lourenço do Sul nas primeiras décadas do século XX: identidade e cultura escolar**. 2007. 255 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2007.
- WEIDUSCHADT, Patrícia. **A revista “O Pequeno Luterano” e a formação educativa religiosa luterana no contexto pomerano em Pelotas- RS (1930-1960)**. 2012. 276p. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2012.

# As abordagens sobre contextos imigratórios ao longo dos 25 anos de anais da ASPHE

*Elias Kruger Albrecht  
Karen Laiz Krause Romig  
Márcio Avila Barreto  
Simone Gomes de Faria*

## Introdução

Em buscas realizadas no repositório da Asphe,<sup>1</sup> foram encontrados vários trabalhos, entre esses, são revelados autores que são pesquisadores e atuantes no mesmo grupo de pesquisa na qual os autores dessa proposta pertencem. Essas publicações sobre esses temas tratam de contextos que envolvem os motivos, a dinâmica e os traços culturais de diferentes povos que migraram de outros territórios para buscarem outras condições de vida, e desta forma, deixaram marcas culturais na história da educação, principalmente, em processos educacionais no estado do Rio Grande do Sul.

A escolha da temática: “Imigração nos Anais da Asphe” se deu principalmente porque os autores desta proposta trabalham em suas pesquisas temáticas voltadas para a imigração/ migração e, essencialmente investigam os grupos germânicos que migraram para o Estado, como alemães e pomeranos, contudo, em diferentes posições geográficas.

Partindo das considerações já apontadas, neste estudo, almejamos delinear considerações acerca do nosso embasamento teórico como: Anderson (2008) e Hobsbawn (2012). Na seara

---

<sup>1</sup> Sistema acessado pelo link:  
<<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/asphe-anais-encontros/>>.  
Denominado como Repositório Digital Tatu, organizado pelo Grupo de Estudos em Educação, História e Narrativas (GEEHN), da Unipampa.

metodológica, este trabalho se ampara de uma análise documental onde nos ancoramos referencialmente de Jacques Le Golf (1992), Corsetti (2006), Oliveira (2007), Samara e Tupy (2010) e Cellard (2012).

Ao cabo, realizamos uma análise geral acerca dos artigos encontrados no Anais de Eventos da ASPHE ao longo destes 25 anos, posto que, são enumeradas as produções de autores e seus respectivos grupos de pesquisa, isto como, essas abordagens estão interligadas com contextos culturais, históricos, espaciais e nomes de personalidades que tiveram relações com os processos educacionais vivenciados ao longo do tempo.

### **Aporte teórico e metodológico**

Assuntos sobre a ótica de contextos imigratórios que enfoquem os variados processos de escolarização dos imigrantes no Brasil advém do fato que no século XIX há um forte processo migratório de sujeitos que migram para estas terras em busca de condições melhores, visto que, questões como as transformações ocorridas por meio dos avanços tecnológicos, ou seja, a incorporação do uso das máquinas na fábricas europeias deixando muitos deles sem emprego, assim como, o crescente índice de natalidade foram algumas das questões determinantes para que estes saíssem em busca de melhores condições de vida. Ademais, os Governos Provinciais do Brasil – em especial o governo do sul do País – incentivaram este processo de deslocamento, pois, os imigrantes possuíam técnicas mais avançadas no domínio do solo. Neste ínterim, ao longo do tempo, o espaço social brasileiro foi permeado pela troca dos bens simbólicos onde imiscuíram-se suas culturas, tradições e costumes.

Para tanto, sabe-se da gama étnica imigrantes que adentrou no Brasil, deste modo, ao se tratar da reinvenção de hábitos culturais de um grupo étnico, volta-se para Anderson (2008), que trabalha com a

perspectiva das comunidades imaginadas. Segundo ele, as comunidades se distinguem umas das outras pelo estilo com que são imaginadas. Sua obra também corrobora para a ideia de reinvenções culturais, pois não há como inventar culturas nem como manter suas características intactas, sendo elas constantemente copiadas, modificadas e readaptadas (ANDERSON, 2008).

Entrementes, a realização de pesquisas e suas socializações em eventos públicos também contribuí para a reinvenção e perpetuação de hábitos culturais destes grupos estudados. Assim, como trata Hobsbawn (2012), que, em sua obra, define a invenção das tradições. Por tradição inventada entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritualística ou simbólica visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado (HOBSBAWN, 2012, p. 8).

Neste viés, esses dois autores reforçam a importância da abordagem dessas temáticas sobre imigração e seus aspectos culturais, pois, esses pesquisadores que publicam suas pesquisas e a socializam na Asphe estão contribuindo para a relevância da pesquisa de certos temas, o que denota a reinvenção e a estruturação de temáticas que envolvem diferentes grupos étnicos e seus processos de deslocamento ao redor do mundo.

Após depreendermos alguns ensejos de natureza teórica revelamos que este artigo trabalha principalmente com a análise documental, pois, analisa os artigos publicados nos últimos 25 anos nos Anais da Asphe, dentro do período de 1997 a 2019, colocando-os em foco.

Partindo do que foi apontado no parágrafo acima tomamos para nós que o documento é um produto de uma sociedade em um determinado tempo que de acordo com Cellard “constitui, portanto,

uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas Ciências Sociais” (CELLARD, 2012, p. 295). A partir desta questão por ele revelada, Cellard (2012), adiciona o comentário que o documento é insubstituível em qualquer levantamento de questões referentes ao passado, quer sejam, distantes ou mais recentes, pois, estes servem como um testemunho de processos históricos ocorridos em um determinado contexto histórico e social.

Neste ínterim, através da nova virada historiográfica como bem salienta Jacques Le Golf (1992) há uma transição de uma história tradicional, positivista para uma mais abordagem mais cultural que visa a mudar a noção que se tinha acerca do documento com a incorporação de uma gama de novos documentos e instaura-se a possibilidade de outras problematizações e contextualizações onde este não é somente algo frio em que representava e problematizava grandes feitos e homens, já que, agora há possibilidade e encadeamento de outras formas de pesquisas e de análises.

Desta maneira, na análise documental, os pesquisadores que seguem uma História Cultural tendem a observar os variados documentos havendo mais possibilidades de contextualização, desde que, este saiba como e quando entrelaçá-las a seu problema de pesquisa. Em suma, trabalhar com análise documental é um trabalho minucioso que mobiliza as relações de poderes estabelecidas em um determinado período e a partir disto se pode compreender as ações passadas e reconstruí-las para que se possa fornecer pistas ou projeções para ações futuras ao produzir novos conhecimentos e formas de compreender os fenômenos de natureza social.

Em síntese, no que diz respeito à pesquisa documental segundo Oliveira (2007) é aquela que “caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação”



(2007, p. 69). Neste íterim, aqui reside a diferença entre a pesquisa bibliográfica da documental, visto que, na última existe uma gama de problematizações possíveis de serem concretizadas pelo pesquisador que tem seus estudos ancorados pela História Cultural porque a ele é dado a possibilidade de problematizar os documentos e contextualizá-los para que assim seja possível compreender os processos educacionais consolidados. Aqui cabe nosso trabalho, visto que, estes anais da Asphe dentro desta perspectiva de contextos imigratórios ainda não foram problematizados como aqui nos propomos.

Dessarte, ao iniciar a análise documental, o trabalho apoia-se nas cinco dimensões defendidas por (CELLARD, 2012), pois procura-se dar a devida relevância à etapa da análise preliminar. É nela onde são realizados tanto o exame quanto a crítica de determinado documento. Para tanto, trabalhamos dando ênfase à primeira dimensão que é o seu contexto; a segunda, seu autor ou autores; A terceira trata de sua autenticidade e confiabilidade; a quarta diz respeito a sua natureza e seus conceitos-chave; a quinta e última, refere-se a lógica interna do texto.

Neste sentido, Corsetti (2006) aponta para que o pesquisador se atente ao tomar como ponto de partida a pesquisa de um documento. Segundo esta autora, ele não deve ser encarado como apenas um documento a ser analisado, mas, para além disso, que ele seja tratado como a colocação de um questionamento – o problema da pesquisa. Surgirá, então, deste movimento reflexivo, uma ligação contextual entre os documentos estudados, a literatura específica e o diálogo com as demais fontes utilizadas na pesquisa.

Na realidade de nossa análise, no que diz respeito às fontes, o local onde as encontramos é exclusivamente o meio digital, através dos anais da Asphe disponibilizados nesta plataforma digital. Ao longo dos anos as pesquisas sobre determinados assuntos/temas

encontraram nas fontes documentais deste mesmo cenário aporte na construção de uma análise descritiva ou investigativa.

A ideia mais comum é que o contato do historiador com sua ferramenta fundamental de pesquisa – o documento escrito- ocorre, notadamente, em arquivos públicos de abrangência nacional, estadual e/ou municipal e, em seguida, em arquivos particulares, museus, bibliotecas, centros de memória e/ou de documentação [...]. Constituindo, assim, núcleos de referência nos quais, dependendo da organização do acervo disponível e das condições de trabalho, o pesquisador teria maior possibilidade de acesso aos dados que deseja coletar (SAMARA E TUPY, 2010. p. 67).

E estando inseridos neste vasto cenário notamos atualmente que ele permitiu que os pesquisadores/historiadores explorassem as mais variadas formas de materiais, sejam eles impressos ou digitalizados. Logo, isso enriqueceu significativamente os conteúdos observados pelas pesquisas e ampliaram-se temas e discussões, já que estes documentos passaram a ser utilizados tanto como fonte, quanto como objeto e passaram a integrá-las. Ou seja, a consolidação deste repositório digital possibilitou a escrita deste artigo, como demais produções sobre diversas temáticas abordadas ao longo da história deste evento, bem como, das muitas contribuições que tais produções trouxeram para a área da história da Educação.

No próximo momento, adentramos nas sendas da análise dos dados do cento e vinte e cinco (125) trabalhos relacionados a temática da imigração ao longo dos vinte e cinco (25) anos da ASPHE.

### **Análise dos artigos sobre imigrações/migrações ASPHE (1997-2019)**

Antes de adentramos na seara da análise dos dados propriamente dita se fez necessário apresentamos inicialmente um quadro descritivo onde se elenca todos os trabalhos encontrados acerca da temática de imigração ao logo destes de 25 anos da Associação com o objetivo de

facilitarmos a busca de artigos dos pesquisadores da área por título e grupo étnico de seu interesse, bem como, salientamos que aqui extraímos artigos que compuseram os Anais da ASPHE com a determinada temática supracitada e que ela está contemplada de diversas modos, abordagens e perspectivas acerca da História da Educação. Dentro deste viés, consideramos importante apontar discriminadamente as pesquisas e a identidade dos investigadores destes documentos que estão sendo analisados. Vejamos:

**Quadro 1 – Demonstrativo dos artigos relacionados ao tema imigrações nos Anais ASPHE (1997-2019)**

Ano	Título do trabalho	Autor(a)/ Autores(as)	Etnia
1997	História oral/histórias de vida: contribuições para a pesquisa em História da Educação	Jorge Luiz da Cunha (UFSM)	Alemã
1997	Pesquisa em história da educação da mulher na Alemanha: relatos de um estágio	Dagmar E. E. Meyer (UFRGS)	Alemã
1997	Educação e etnia: perspectivas para uma leitura na história da educação	Lucio Kreutz (UNISINOS)	Alemã
1998	Concepções de professor e de professora no jornal "Deutsche Post" – RS (1906-1915)	Rita Dolores Wolf Dagmar E. E. Meyer	Alemã
1999	Diferenças étnicas e educação: uma constante relação de conflitos	Lucio Kreutz	Alemã
1999 /01	Educação e escolas em contextos de imigração Pomerana no sul do RS	Nilo Bidone Kolling	Alemã
1999 /02	A arquitetura de um regime de representação cultural: Escola Elementar teuto-brasileiro-evangélica no Rio Grande do Sul (1909/1939)'	Dagmar E. Estemann Meyer	Alemã
2001	Um pastor elaborando e imprimindo material didático: desvio de função	Lucio Kreutz	Alemã
2003	"Guten Tag! Ich Hoffe dass wir einen guten unterricht haben" Uma escola teuto-brasileira urbana em Pelotas	Maria Ângela Peter da Fonseca	Alemã
2004	Currículo escolar, culturas e imposição de língua única	Lucio Kreutz	Alemã
2004	Es ist verboten. Wir durfen nicht mehr deutsch sprechen. Warum?... Vielleicht..." fecha uma escola teuto-brasileira na zona rural em pelotas – 1939	Maria Ângela Peter da Fonseca; Elomar Tambara	Alemã
2005	As escolas comunitárias étnicas entre imigrantes Italianos no Rio Grande do Sul	Terciane Ângela Luchese	Italiana

<b>Ano</b>	<b>Título do trabalho</b>	<b>Autor(a)/ Autores(as)</b>	<b>Etnia</b>
2005	As fontes na história da educação – um estudo de caso em um escola teuto-brasileira no interior de pelotas	Patrícia Weiduschadt Elomar Antônio Callegaro Tambara	Alemã
2005	As marcas da escola na vida das crianças: experiências em uma comunidade de colonização italiana/ Criciúma- SC	Marli de Oliveira Costa	Italiana
2005	Non scholae sed vitae discimus: a ação de um professor na escola teuto-brasileira Três Vendas Pelotas – 1934/1938	Maria Angela Peter da Fonseca Elomar Tambara	Alemã
2005	O professor nas escolas de imigrantes alemães – Joaçaba (1917-1938)	Célia Carmem Martinson	Alemã
2005	O professor paroquial e o professor atual: o magistério nas áreas de imigração alemã	Cristina Seibert Schneider	Alemã
2006	Colégio Allemão de Pelotas. Currículo bilíngue?	Elomar Tambara/Maria Angela Peter da Fonseca (UFPEL)	Alemã
2006	Espaços escolares na região colonial italiana do Rio Grande do Sul: das escolas de improviso às escolas planejadas	Terciane Ângela Luchese (CARVI/UCS/UNISINOS)	Italiana
2006	O jornal geral para o professor no Rio Grande do Sul: a Escola e o Tumen	Leomar Tesche (UNIJUÍ/CAMPUS STA ROSA)	Alemã
2006	Sínodo de Missouri e a fundação do primeiro seminário em São Lourenço do Sul (1903-1905)	Elomar Tambara/Patrícia Weiduschadt (UFPEL)	Alemã
2007	Ensino de música nas escolas teuto-brasileiras da década de 30: es tönen die lieder... E kommt und singet!	Luciane Wilke Freitas Garbosa (UFSM)	Alemã
2007	Italianidade: entrelaçando histórias e memórias	Luciane Sgarbi Grazziotin (UCS/PUCRS) Márcia Souza da Fonseca (UCS) Liane Beatriz Moretto Ribeiro (UCS)	Italiana
2007	Você falava alemão no Collegio? Quando? Em 1913 e em 1923?	Maria Angela Peter da Fonseca (UFPEL)	Alemã
2007	Louvai cantando: o cancionero da escola teuto brasileira	Monia Kothe (UFSM)	Alemã
2007	Ginásio cônsul Carlos Renaux: cultura escolar luterana em Brusque/SC	Camila Porto Fasolo (PROBIC/UDESC) Norberto Dallabrida (UDESC)	Alemã
2007	Livros didáticos nas escolas pomeranas	Patrícia Weiduschadt (FAE/UFPEL) Elomar Tambara (FAE/UFPEL)	Alemã
2007	Escolas e professores: lutas de representações em meio aos ítalo-brasileiros – (1900-1945)	Tatiane dos Santos Virtuoso (UFSC)	Italiano

Ano	Título do trabalho	Autor(a)/ Autores(as)	Etnia
2007	Religião e escolarização: a atuação das congregações na região colonial italiana, RS – 1875 a 1930	Tatiane dos Santos Virtuoso (CARVI/UCS e UNISINOS)	Italiano
2008	O Sínodo de Missouri e a revista “pequeno luterano” no contexto pomerano: educação doutrinária, higienismo e rede de leitores (1932-1952)	Patrícia Weiduschadt (FAE/UFPEL)	Alemã
2008	Tempos de vida, tempos de escola: indícios para pensar a relação idade/frequência nas escolas da região colonial italiana, 1875 a 1930)	Terciane Angela Luchese (UCS) Lúcio Kreutz (UCS)	Italiana
2008	Do Deutscher Hilfsverein ao colégio farroupilha: Entre memórias e histórias (1858-2008)	Dóris Bittencourt almeida (UCS) Alice Rigoni Jaques (UCS) Maria Helena Camara bastos (PUC/RS)	Alemã
2008	Histórias de imigrantes suíços no Rio Grande do Sul: fragmentos para fundamentar futura escrita da história da educação em Carlos Barbosa	Marcos Fontana Cerutti (Unisinos) Beatriz T. Daudt Fischer (Unisinos)	Suíço
2009	A nacionalização do ensino no contexto imigratório	Patrícia Weiduschadt (Unisinos)	Alemã
2009	Ensino de música no <i>Deutsches Evangelisches Lehrerseminar</i> : contribuições para a história da educação musical no Brasil	Luciane Wilke Freitas Barbosa (UFSM)	Alemã
2009	Indícios da cultura escolar na região colonial italiana do RS: ensinar e aprender em português	Terciane Ângela Luchese (UCS) Lúcio Kreutz (UCS)	Italiana
2009	La bambina italiana alla scuola: um livro escolar prescrevendo a conduta feminina para filhas de imigrantes italianos no sul de Santa Catarina no final do século XIX	Cristiane Aparecida Ghisleri (UNESC) Giani Rabelo (UNESC)	Italiana
2009	O início da escolarização primária no final do século XIX em dois núcleos coloniais italianos	Eliane Mimesse Prado (UTP) Elaine Cátia Falcade Maschio (UFP)	Italiana
2009	O velho casarão: um estudo sobre o Knabenschule des Deutsches Hilfsverein (Colégio Farroupilha) em Porto Alegre (1895 – 1962)	Alice Rigoni Jacques/Colégio Farroupilha Tatiane De Freitas Emel (PUCRS)	Alemã
2010	Tunápolis, SC (1954-1974): uma análise do processo escolar no contexto de migração alemão	Isabel Spies (UCS) Lúcio Kreutz (UCS)	Alemã
2010	Práticas e modos de leitura na Revista o Pequeno Luterano	Patrícia Weiduschadt (UNISINOS) Beatriz T. Daudt Fischer (UNISINOS)	Alemã
2011	Interlocução dos leitores na revista o pequeno luterano	Patrícia Weiduschadt; Beatriz T. Daudt Fischer	Alemã
2011	Livros de leitura das escolas étnico-comunitárias italianas (1922 a 1938)	Terciane Ângela Luchese, Lúcio Kreutz	Italiana

<b>Ano</b>	<b>Título do trabalho</b>	<b>Autor(a)/ Autores(as)</b>	<b>Etnia</b>
2011	A música em um collegio teuto-brasileiro urbano de pelotas – RS (1898-1942)	Maria Angela Peter da Fonseca	Alemã
2011	O jornal das Band da Deutsche Hilfsvereinschule e as escritas sobre a imigração alemã (1929-1938)	Lucas Costa Grimaldi	Alemã
2011	Políticas públicas, educação e imigração alemã no Rio Grande do Sul (1889-1945)	Fabrcício Rigo Nicoloso, Jorge Luiz da Cunha	Alemã
2012	A formatação de um perfil discente nas deutsche schulen urbanas de rio grande e pelotas (1933-1938)	Maria Angela Peter da Fonseca Elomar Antonio Callegaro Tambara	Alemã
2012	Memórias de professoras: a formação e a atuação docente no contexto da italianidade, 1927-1932	Jordana Wruck Timm Lúcio Kreutz	Italiana
2012	O Kindergarten do deutscher hilfsverein: o jardim de infância da associação beneficente alemã de porto alegre/RS (1911 – 1929)	Milene Moraes de Figueiredo	Alemã
2012	Revista o pequeno luterano: uso pedagógico no testemunho de professores e redatores	Patrícia Weiduschadt	Alemã
2013	A diversidade cultural na escola: um estudo com ênfase no processo colonizatório polonês em Dom Feliciano/RS	Rozele Borges Nunes	Polonês
2013	A língua e a cultura pomerana na escola Germano Hübner através do projeto pomerando	Danilo Kuhn da Silva	Alemã
2012	A tendência gregária dos imigrantes alemães e teuto-brasileiros em Pelotas – século XIX	Maria Angela Peter da Fonseca; Elomar Antonio Callegaro Tambara	Alemã
2013	Análise e estudo de impressos – a Revista "O Pequeno Luterano"	Patrícia Weiduschadt	Alemã
2013	Escolas étnicas polonesas no Rio Grande do Sul 1875 – 1939	Adriano Malikoski	Polonês
2013	Jornal Stella d'Itália e a defesa das escolas italianas de Porto Alegre (1902-1904)	Gelson Leonardo Rech	Italiano
2013	Memórias da professora Vanda Lide Schumacher Soldatelli sobre a relação escola-comunidade, na antiga Região de imigração italiana/RS, 1941-1973	Jordana Wruck Timm; Lúcio Kreutz	Italiano
2013	Os primeiros tempos de escola em Lomba Grande: escola da comunidade evangélica luterana (1834-1881)	José Edimar de Souza; Luciane Sgarbi S. Grazziotin	Alemã
2013	Prática docente em uma escola paroquial de arroio do padre – RS (1950-1960)	Cássia Raquel Beiersdorf; Patrícia Weiduschadt	Alemã
2014	Ações de empreendedorismo educacional e o cuidado com o Deutschum: Pelotas – século XIX	Maria Angela Peter da Fonseca; Elomar Antonio Callegaro Tambara	Alemã
2014	Etnomatemática e a educação no meio rural	Monica Alves Bachini; Patricia Weiduschadt	Alemã
2014	Ojeto pomerando: mais cultura pomerana nas escolas	Danilo Kuhn da Silva	Alemã

<b>Ano</b>	<b>Título do trabalho</b>	<b>Autor(a)/ Autores(as)</b>	<b>Etnia</b>
2014	O instituto ítalo-brasileiro Dante Alighieri de Porto Alegre	Gelson Leonardo Rech	Italiano
2014	A nacionalização do ensino no ginásio teuto-brasileiro farroupilha: análise das correspondências entre a escola e as instâncias estaduais e federais (1937-1945)	Milene Moraes de Figueiredo	Alemã
2014	Escolarização da infância em comunidades étnicas polonesas no Rio Grande do Sul (1875-1939)	Adriano Malikoski; Lúcio Kreutz	Polonês
2015	Acervos escolares na escola Riachuelo em Pelotas- escrituração escolar (1973-1995)	Patrícia Weiduschadt – Página	Alemã
2015	Práticas de leitura, intervenções editoriais e espaço gráfico no almanaque Der Familienfreund (RS – 1912, 1931, 1956)	Celine Lehmann Escher Almeida, Maria Stephanou	Alemã
2015	De um jardim de infância doméstico às dependências do sinodal: uma história de educação infantil (1953-1965)	Ariele Schumacher Dias, Mara Rosane Haubertb	Alemã
2015	Colóquio acerca da alfabetização nas escolas elementares paulistanas	Eliane Mimesse Prado	Italiana
2015	Salvaguarda de arquivos escolares: um olhar acerca da escola Garibaldi	Renata Brião de Castro	Italiana
2015	O civismo e o catolicismo: as festas escolares no Colégio Nossa Senhora De Lourdes, Farroupilha/RS (1942)	Gisele Belusso	Alemã/It aliana
2015	Silenciamentos e pertencimentos: a etnicidade presente no processo identitário do Colégio Sagrado Coração de Jesus	Julia Tomedi Poletto	Italiana
2015	Processos educacionais polono-brasileiros em Frederico Westphalen – RS na primeira metade do século XX: sociedade escolar marechal Josef Pilsudski	Fabiana Regina da Silva; Jorge Luiz da Cunha	Polonesa
2015	Lembranças de Frau Hofmeister. Collegio Allemão de Pelotas, RS: 1916-1920.	Maria Angela Peter da Fonseca.	Alemã
2015	Etnias e cultura escolar: comunidades de imigração Polonesa e Italiana em Criciúma-SC (1900-1930).	Marli de Oliveira Costa.	Polonesa e Italiana
2015	O ensino da língua portuguesa na colônia italiana de novo Tyrol em fins do século XIX.	Elaine Cátia Falcade Maschio	Italiana
2015	Gino Battocchio e as aulas gratuitas de italiano no Colégio Nossa Senhora do Rosário (1933 – 1940).	Gelson Leonardo Rech.	Italiana
2016	A base diversificada do currículo como construção didática e valorização da cultura pomerana na educação do campo	Gabriela Corrêa Lopresti, Isabella Ferreira Cardoso, Renata dos Santos Alves e Carmo	Alemã
2016	Estratégias para a promoção da italianidade em Porto Alegre: cultura e escola (1928-1938)	Gelson Leonardo Rech	Italiana
2016	Lembranças de batismo: a cultura escrita em três gerações de uma família pomerana	Leticia Sell Storch; Vania Grim Thies	Alemã

<b>Ano</b>	<b>Título do trabalho</b>	<b>Autor(a)/ Autores(as)</b>	<b>Etnia</b>
2016	Deutsche sprachschule in vier heften: os livros didáticos de Reinhard Heuer, diretor do Collegio Alemão de Pelotas (1916-1925)	Maria Angela Peter da Fonseca; Elomar Antonio Callegaro Tambara.	Alemã
2016	Aspectos da nacionalização do ensino na escola Garibaldi (Pelotas/RS)	Renata Brião de Castro; Patrícia Weiduschadt.	Italiana
2016	Tudo pelo brasil imortal: o processo de nacionalização no ensino primário do Colégio Farroupilha/POA-RS (1937-1945).	Alice Rigoni Jacques.	Alemã
2017	Representações sociais de gênero em uma cartilha alemã para escolas alemãs no Brasil (1924-1927).	Elias Kruger Albrecht; Daiana Dillmann Zamott; Patrícia Weiduschadt.	Alemã
2017	Magistério e Abnegação: professoras das escolas étnicas italianas da capital do Rio Grande do Sul (1877-1938).	Gelson Leonardo Rech.	Italiana
2017	Professoras no corpo docente do Collegio Alemão de Pelotas-RS (1909-1933)	Maria Ângela Peter da Fonseca; Elomar Antonio Callegaro Tambara.	Alemã
2017	“Una Vita Per L’Educazione in Rio Grande do Sul”: memórias autorreferenciais da professora Maria Mocelini.	Gisele Belusso.	Italiana
2017	Kalendarz Ludu: práticas de leitura e estratégias editoriais de um almanaque em Língua Polonesa publicado no Sul do Brasil (Paraná, 1939-1972).	Maria Stephanou; Amanda Backes Kauer.	Polonesa
2017	As permanências e ressignificações do romantismo alemão na formação de um pertencimento identitário coletivo no Colégio Farroupilha (1886-1938).	Milene Moraes de Figueiredo.	Alemã
2017	História da Imprensa Lourenciana: produção e circulação da Colônia São Lourenço à modernidade mercadológica (1892-1992).	Daiana Dillmann Zamott; André Rodrigues da Silva; Eduardo Arriada.	Alemã
2017	Práticas educativas no jornal IL Corriere D’Itália, RS, Brasil (1913-1927).	Terciane Ângela Luchese.	Italiana
2017	Breves reflexões sobre as escolas étnicas italianas em Pelotas/RS: Final do século XIX e início do XX.	Renata Brião de Castro e Patrícia Weiduschadt.	Italiana
2017	“Lutando contra o Moinho de Vento”: renovando as práticas pedagógicas em uma escola evangélica na cidade de Vera Cruz/RS (1963).	Estela Denise Schutz Brito.	Alemã
2017	O nacionalismo e sua influência nos saberes das escolas rurais do Vale dos Vinhedos	Gleison Olivo.	Italiana
2017	Associações e Sociedades e a Organização das Escolas da Imigração Polonesa no Rio Grande do Sul (1886-1937).	Adriano Malikoski.	Polonesa
2018	Estudar para ensinar: práticas e saberes matemáticos em escolas normais do Rio Grande do Sul	Elisabete Zardo Búrigo; Maria Cecília Bueno Fischer	Alemã
2018	Algumas considerações sobre as escolas italianas em Pelotas (RS) entre o final do século XIX e o início do XX	Renata Brião de Castro; Prof. Dr. Alberto Barausse	Italiana



<b>Ano</b>	<b>Título do trabalho</b>	<b>Autor(a)/ Autores(as)</b>	<b>Etnia</b>
2018	“Todos tinham uma vocação pra músico”: sentimentos e táticas em relação à prática da música no internato evangélico em São Leopoldo/RS (1955-1965)	Estela Denise Schütz Brito	Alemã
2018	Uma escola normal alemã no hemisfério sul (1910-1925)	Circe Mary Silva da Silva	Alemã
2018	Notas de escolarização em Caxias do Sul/RS (1890-1930): grupos escolares no meio rural	José Edimar de Souza; Patrícia Bortoluzzi	Italiana
2018	A cultura escolar da Deutsche Schule urbana Collegio Rio-Grandense do Rio Grande (1935-1936)	Maria Angela Peter da Fonseca	Alemã
2018	Aprendizado do polonês e do português em escolas étnicas polonesas: gramática das palavras, da lição e da identidade (Brasil, décadas de 1920 e 1930).	Maria Stephanou; Amanda Backes Kauer; Licenciatura em Pedagogia; Caroline Adamski Ribeiro	Polonesa
2018	Um lugar de memória: o arquivo documental do instituto cultural judaico Marc Chagall (ICJMC)	Fabiana Pinheiro da Costa	Judaica
2018	Quando os interesses e a fé se unem: Estratégias políticas e redes sociais do Colégio Santa Catarina de Novo Hamburgo durante o período do Estado Novo	Rodrigo Luis dos Santos	Alemã
2018	Memórias dos tempos de internato: relatos de ex-estudantes, professores e colaboradores do internato do colégio evangélico Alberto Torres (lajeado, 1914-1984)	Milene Moraes de Figueiredo	Alemã
2018	Ler, cantar e fazer contas”: memórias das práticas escolares em Escolas Sinodais (1932- 1945)	Elias Kruger Ibrecht; Patrícia Weiduschadt	Alemã
2018	Pontes para a polonidade: dimensões educativas em memórias de poloneses em Porto Alegre (1932-2017)	Jaqueline Peres Dewes	Polonesa
2018	As cartas de proteção como artefatos da cultura escrita na tradição pomerana	Leticia Sell Storch; Vania Grim Thies; Milena Venzke Kaadt	Alemã
2018	O catecismo como instrumento de ensino (século XVI a XVIII)	Clóvis Renato Leitzke Blank	Alemã
2018	Cartilha moderna – um ponto fora da curva: notas introdutórias	Elomar Tambara; Maria Ângela Peter da Fonseca	Alemã
2018	Escrita marginal: a grafia e a memória no internato feminino instituição evangélica de Novo Hamburgo em suportes dos anos 50 e 90	Dafne Regina de Oliveira	Alemã
2018	“Amigo velho camarada”: redes de sociabilidade em escritas epistolares (1906-1912)	Dóris Bittencourt Almeida; Alice Rigoni Jacques	Judaica
2018	Arquitetura escolar nos projetos de Theo Wiederspahn: a escola comercial Alberto Torres (1945)	Jauri dos Santos Sá; Flavia Obino Correa Werle	Alemã
2018	Uma gramática de italiano impressa no Rio Grande do Sul: aproximações da história do livro escolar produzido para as escolas italianas (1896)	Terciane Ângela Luchese	Italiana

Ano	Título do trabalho	Autor(a)/ Autores(as)	Etnia
2019	O rito da confirmação luterana e a escolarização de descendentes pomeranos no período de 1945 a 1970 em Canguçu –RS: primeiras aproximações de pesquisa	Karen Laiz Krause Romig	Alemã
2019	Associação cultural ítalo brasileira (ACIB): língua e cultura italiana em Pelotas, RS	Elisabeth da Rosa Conill	Italiana
2019	Visitas de viajantes alemães ao Collegio Allemão de Pelotas (1920-1930)	Maria Angela Peter da Fonseca	Alemã
2019	A cultura escrita em cadernos escolares e não escolares de um pastor/professor pomerano	Leticia Sell Storch; Vania Grim Thies	Alemã
2019	O bilinguismo como metodologia para entrevistas de História Oral	Elias Kruger Albrecht	Alemã
2019	Vozes femininas de um internato misto evangélico/luterano (São Leopoldo/RS, 1958-1963)	Estela Denise Schütz Brito	Alemã
2019	Catecismo menor como manual de leitura e interpretação da bíblia	Clóvis Renato Leitzke Blank	Alemã
2019	Transnacionalidade e ensino: a trajetória de Umberto Ancarani entre a Europa e o Brasil nas escolas italianas no exterior	Renata Brião de Castro; Alberto Barausse	Italiana
2019	Mulheres judias em Porto Alegre no início do século XX	Natália de Lacerda Gil; Mariana Motta Klein	Judaica
2019	Revista pedagógica do Sínodo de Missouri: Unsere Schule (1933-1936)	Patrícia Weiduschadt	Alemã

**Fonte:** Quadro elaborado pelos autores, a partir dos anais da ASPHE (1997-2019).

A partir deste quadro descrito concluímos que ao mergulharmos na história da Asphe por intermédio dos anais resultantes dos eventos organizados pela instituição ao longo dos vinte e cinco anos da sua história, podemos perceber que os estudos relacionados ao campo da imigração sempre apresentaram grande relevância nas pesquisas da Associação.

Neste momento do texto, são apresentados dados quantitativos, em tabelas e gráficos, sobre as temáticas imigratórias abordadas acerca dos anos de publicações e também sobre as questões espaciais envolvidas pelas produções.

Suas intencionalidades podem ser observadas nos anais do primeiro evento realizado no ano de 1997, momento em que são socializados três trabalhos que abordam a temática da imigração,

sendo que, todos eles voltados a apresentação dos grupos da pesquisa, que por sua vez, tinham como motivação contribuir para os estudos Teuto-Brasileiros. Como um dos precursores desse trabalho temos o professor Lúcio Kreutz<sup>2</sup> que se propôs a estudar educação no Rio Grande do Sul a partir da perspectiva de etnia, relacionada a trajetória de formação sociocultural do RS, quer seja, o pesquisador analisa a história da educação ao observar como funcionava as escolas teuto-brasileira católica no estado do Rio Grande do Sul.

A professora Dagmar Meyer<sup>3</sup> que tinha como projeto estudar a formação do professorado teuto-brasileiro evangélico articulado entre germanidade e luteranismo. E o professor Jorge Luiz da Cunha<sup>4</sup> que se debruçou sobre a preservação da memória da imigração alemã em Santa Cruz do Sul.

Com o passar do tempo, observarmos que assim como estes grupos de estudo tiveram as suas pesquisas socializadas nos anais da Asphe, novos núcleos de estudos étnico-imigratórios foram surgindo e compartilhando os resultados das suas investigações em encontros organizados pela “Associação de Pesquisadores em História da Educação” e publicizados pelo evento. Entre estes estudos podemos

---

<sup>2</sup> O professor Lúcio Kreutz possui graduação em Filosofia e em Pedagogia e Mestrado e Doutorado em Educação. Como professor e pesquisador, atuou na Universidade Federal de Viçosa, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos e na Universidade de Caxias do Sul. Desde março de 2016 está aposentado. Para saber mais sobre a sua trajetória acadêmica ver: Luchese (2017).

<sup>3</sup> A Professora Dagmar Meyer, teve sua formação inicial em Enfermagem, é Doutora e Mestra em Educação e Pós-doutorado em Medicina Preventiva. No campo da Educação atuou como professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, de 1992 até se aposentar em 2011, à qual permaneceu vinculada como pesquisadora docente colaboradora voluntária até julho de 2019. Atuou nos Cursos de Mestrado e Doutorado nas áreas da Educação, da Enfermagem e da Saúde Coletiva da UFRGS. Fonte: Plataforma lattes- CNPq.

<sup>4</sup> O professor Jorge Luiz Cunha é graduado em Estudos Sociais, História e Geografia e possui Mestrado e Doutorado em História. É Professor da Universidade Federal de Santa Maria, atuando também nos Programas de Pós-Graduação em Educação e História da mesma instituição e coordenador do Núcleo de Estudos sobre Memória e Educação. Fonte: Plataforma lattes-CNPq.

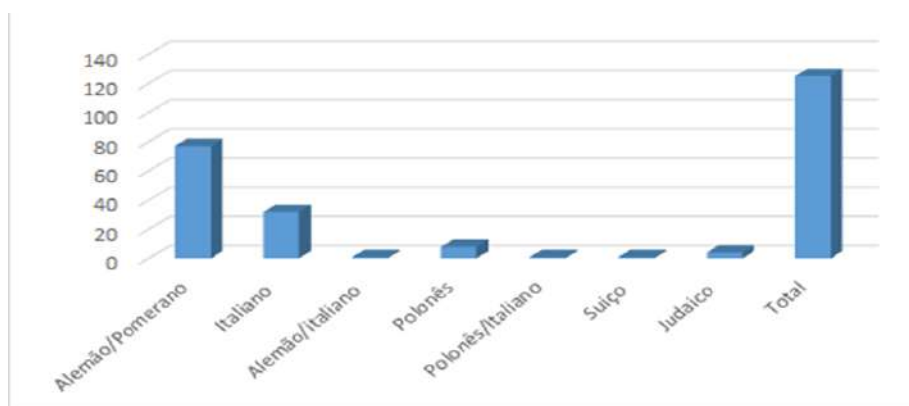
destacar pesquisas relacionadas a imigração alemã/pomerana, italiana, polonesa, suíça e judaica, que trouxeram importantes contribuições para história da imigração no Brasil, em especial, no Rio grande do Sul, conforme dados levantados nos anais da Asphe e apresentado quantitativamente nos dois quadros a seguir, que nos oferecem uma dimensão numérica e espacial do que foi publicado no âmbito imigratório em eventos da Associação ao longo de vinte e cinco anos de história.

**Quadro 2** – Número de trabalhos por temáticas relacionados a imigração

Alemão/Pomerano	77
Italiano	32
Alemão/italiano	01
Polonês	08
Polonês/Italiano	01
Suíço	01
Judaico	04
<b>Total</b>	<b>125</b>

**Fonte:** Quadro elaborado pelos autores, a partir dos anais da ASPHE (1997-2019).

**Gráfico 1** – Frequência dos trabalhos apresentados conforme a nacionalidade dos imigrantes



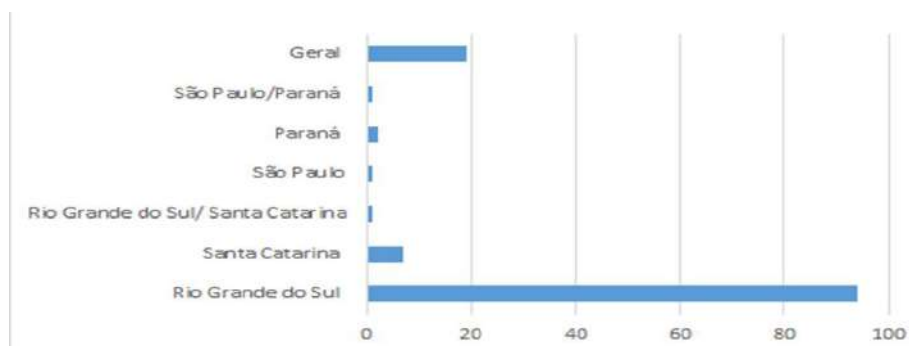
**Fonte:** Elaborado pelos autores.

### Quadro 3 – Número de trabalhos por região

Rio Grande do Sul	94
Santa Catarina	07
Rio Grande do Sul/ Santa Catarina	01
São Paulo	01
Paraná	02
São Paulo/Paraná	01
Geral	19

**Fonte:** Quadro elaborado pelos autores, a partir dos anais da ASPHE (1997-2019)

### Gráfico 2 – Frequência dos trabalhos de acordo com o estado analisado



**Fonte:** Elaborado pelos autores.

Com base nos dados apresentados, duas coisas são bastante visíveis: o significativo número de trabalhos relacionados a imigração Alemã/Pomerana e a preponderância do espaço geográfico sul rio-grandense como campo mobilizador para o desenvolvimento da grande maioria destes estudos.

Por conseguinte, em se tratar de um evento regional, organizado por pesquisadores do Rio Grande do Sul, que por sua vez, foi um estado que desde meados do século XVIII passou a sofrer a influência social, cultural e econômica da imigração Alemã e Pomerana observamos que o maior índice de pesquisas foi dado ênfase nesse

espaço geográfico e social como um campo de pesquisa no qual oferece múltiplas possibilidades de estudo sem grandes deslocamentos espaciais.

Cabe também ressaltar o número significativo de trabalhos relacionados a imigração Italiana que aos poucos foi conquistando espaço entre os pesquisadores que socializam os resultados de suas pesquisas nos eventos da Asphe. É necessário também apontar os estudos sobre imigrantes poloneses, suíços e judaicos, ainda que em menor proporção, todavia, nos oferecem importantes contribuições para a história da educação no campo da imigração.

Com relação aos espaços geográficos abarcados por estes estudos, é notório a presença de pesquisas que ultrapassam a fronteira do Rio Grande do Sul atingindo trabalhos realizados em outros estados fronteiriços ou não.

**Quadro 4** – Número trabalhos distribuídos por temática e período de apresentação

Período	Alemã/ pomerana	Italiana	Suíça	Polonesa	Judaica	Ale/ Ita	Ita/ Pol
1997 a 2004	11						
2005 a 2009	17	10	1				
2010 a 2014	17	5		3			
2015 a 2019	32	17		5	4	1	1
	1 <sup>5</sup>						

Fonte: Quadro elaborado pelos autores, a partir dos anais da ASPHE (1997-2019).

Neste ínterim, observarmos que durante esse período de 1997 a 2019, foram realizados vinte e cinco eventos, sendo que entre 1997 e

---

<sup>5</sup> Este trabalho, apresentado em 2014, se refere a influência da arquitetura europeia, dessa maneira engloba toda a imigração oriunda deste espaço geográfico. Em virtude deste motivo, optamos por falar dele de modo separado sem classificá-lo propriamente dito, todavia, seu esforço merece ser destacado.

1999<sup>6</sup> ocorreram cinco encontros simultâneos nos meses de abril e novembro de cada ano. Após essa data os eventos passaram a ser realizados anualmente no segundo semestre de cada ano.

Dos anais resultantes desses encontros, vinte e três foram localizados, e infelizmente dois deles, 1997/2 e 2006<sup>7</sup>, não haviam sido encontrados até o momento da escrita deste trabalho, apesar de uma busca incessante nos arquivos das instituições filiadas à ASPHE e também em arquivos particulares. Portanto, o número de estudos sobre a temática da imigração catalogados para este trabalho é resultante do total de anais localizados. Outrossim, ao averiguarmos os anais analisados, com exceção do ano de 2002, os demais apresentaram a publicação de artigos na temática estudada- imigração- ou seja, tal perspectiva esteve presente nas discussões dos demais eventos da ASPHE. Essa prerrogativa, nos leva a acreditar que o número de estudos catalogados sofreria um acréscimo de trabalhos que “hipoteticamente” foram socializados nos dois anais faltosos.

A catalogação dos trabalhos conforme o quadro 04, nos permite fazer algumas observações: Nos primeiros dez<sup>8</sup> eventos da Asphe somente a temática alemã/pomerana se fez presente nos debates promovidas pelo evento. Com uma média de 1/4 trabalhos socializados por encontro, considerando os nove anais localizados neste recorte de tempo. Sendo Lúcio Kreutz, o pesquisador que mais promoveu discussões relacionadas a temática da imigração alemã no Rio Grande do Sul nesse período.

---

<sup>6</sup> No ano de 1999 tiveram dois Encontros da ASPHE: um em abril e o outro em novembro. De maneira semelhante um dos anais que está faltando corresponde a um segundo evento ocorrido em 1997. Isso porque, os anais de número 01 corresponde a abril de 1997 e os anais de número 03 a abril de 1998. Logo, os anais de número 2 refere-se a um evento ocorrido nesse intervalo de um ano.

<sup>7</sup> Os anais de número 06 corresponde ao ano de 2000.

<sup>8</sup> Como nos três primeiros anos tiveram cinco encontros simultâneos, o evento de número 10 aconteceu em 2004.

No ano de 2005 aparecem os dois primeiros trabalhos que caminham pelo campo da imigração italiana no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Os Trabalhos têm como foco as escolas étnicas comunitárias. No qual destacamos o pioneirismo da professora Terciane Ângela Luchese<sup>9</sup> que abre as portas para discutir o cenário escolar da imigração Italiana no Rio Grande do Sul. Além de ser a primeira pesquisadora a ter um trabalho relacionado a imigração italiana publicada nos anais da Asphe, Luchese inicia a partir desse ano uma trajetória ascendente enquanto historiadora da educação Ítalo-brasileira no RS tornando-se uma das principais referências para o estudo do tema. Os resultados do seu trabalho enquanto pesquisadora, orientadora e também como referência encontram-se refletidos nos anais da Asphe.

O outro texto relacionado a imigração italiana publicado nesse mesmo ano versa sobre o cenário escolar de uma comunidade rural italiana localizada em Criciúma/SC e é de autoria de Marli de Oliveira Costa<sup>10</sup>. Além dessa pesquisa de 2005, Marli possui um segundo trabalho que aborda a imigração polonesa e italiana em Criciúma/SC publicado em 2015. Sendo esta a sua participação registrada pelos anais da Asphe, porém, tudo indica ser ela a primeira pesquisadora a discutir de maneira objetiva a educação da imigração fora das fronteiras do Rio Grande do Sul.

Ainda conforme o quadro 04, entre os anos de 2005 e 2009, além da entrada dos trabalhos que tem como mote a imigração

---

<sup>9</sup> Terciane Ângela Luchese possui graduação e mestrado em História e é doutora em Educação com Pós-doutorado em História da Educação. É professora da Universidade de Caxias do Sul, atua na graduação e nos Programas de Pós-Graduação em História e Doutorado. Lidera o Grupo de Pesquisa História da Educação, Imigração e Memória (GRUPHEIM), Fonte: Plataforma lattes-CNPq

<sup>10</sup> Marli de Oliveira Costa, possui graduação em Filosofia, mestrado em História e doutorado em educação. É professora nos cursos de Pedagogia, História e do Mestrado em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense. Fonte Plataforma escavador.



italiana, com uma média de duas pesquisas socializadas por evento, observa-se um crescente número de estudos relacionados a imigração Alemã/Pomerana com dezessete publicações, muitas destas produzidas em coautoria. Ao todo, treze pesquisadores de diferentes níveis de conhecimentos, de graduandos a doutores estiveram envolvidos nestas pesquisas. Neste período, destacamos o ingresso da professora Patrícia Weiduschadt<sup>11</sup> na época mestranda em história da educação pela UFPEL, que traz ao evento uma temática até então pouco conhecida que são as singularidades da cultura pomerana, dentro do campo da imigração alemã, bem como, entrelaçamento desta cultura com o luteranismo, outra prática até então pouco explorada em eventos da ASPHE.

Não podemos deixar de referendar duas pesquisadoras que são latentes para o desenvolvimento de pesquisas na área História da Educação em contexto de imigração alemã pertencentes ao CEIHE-Centro de Estudos e Investigações em História da Educação/ UFPEL. Neste limiar, com dezessete publicações de artigos nos Anais da ASPHE alguns em conjunto com seu orientador Elomar Tambara, Maria Angela Peter da Fonseca, analisou as Deutsche Schulen urbanas no pampa como o Collegio Alemão de Pelotas e o Collegio Rio-grandense do Rio Grande, que por sua vez, serviram/ão de análise de observação para que seja visualizado a cultura escolar formatada em estabelecimentos onde havia financiamentos por parte das Sociedades Escolares Alemãs, assim, olhar o outro é muitas vezes enxergar a si mesmo.

---

<sup>11</sup> Patrícia Weiduschadt, é graduada em educação física e possui mestrado e doutorado em Educação com ênfase em História da Educação. Atua como Professora efetiva da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, e como pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma unidade, coordenando a Linha de Pesquisa 1- Filosofia e História da Educação. É coordenadora do CEIHE (Centro de Estudos e Investigações em História da Educação). Fonte: Plataforma lattes-CNPq.

Além de Maria Angela Peter da Fonseca, a professora Patrícia Weiduschadt aparece também como a pesquisadora que mais contribuiu com a história da educação teuto-brasileira nos anais da ASPHE, com dezesseis trabalhos publicados, sendo doze deles de autoria própria e quatro em coautoria com orientandos, ademais, há escritos seus com seu orientador Elomar Tambara. Atualmente ela é uma das principais referências em estudos educacionais étnico-luteranos no Rio Grande do Sul.

Ainda dentro deste recorte temporal, em 2008, destaca-se o trabalho relacionado à história da imigração suíça na região de Carlos Barbosa/RS. A pesquisa observa os processos culturais, educativos e outros fragmentos relacionados à história da imigração suíça na região.

Já entre os anos de 2010 e 2014 observou-se que o nível de publicações de trabalhos relacionados a imigração alemã/pomerana se manteve igual ao quinquênio anterior. Porém, nota-se uma maior distribuição destes estudos, envolvendo pesquisas desenvolvidas em diferentes Universidades do Rio Grande do Sul, como a UCS, UNISINOS, UFPEL, UFRGS e UFSM, que aportam diferentes aspectos relacionados a esse grupo migratório. Como políticas públicas para a educação alemã no Brasil, formação e práticas docente teuto-brasileira, educação ético-religiosa envolvendo instituições católicas e luteranas, musicalidade, cultura pomerana, periódicos, revistas, entre outros estudos localizados que ajudam a entender a teia de relações mobilizada pelas comunidades teuto-brasileiras no Brasil e, principalmente no Rio Grande do Sul, estado que contempla grande parte destes estudos.

Já em relação aos estudos relacionados sobre imigração italiana, a publicação foi bastante inferior em relação ao quinquênio anterior. Outrossim, os trabalhos publicados durante esse período, estão todos relacionados a imigração italiana no Rio Grande do Sul o que nos leva

a concluir que não necessariamente houve uma diminuição das pesquisas em âmbito local. O que se tem é um esvaziamento das pesquisas sobre o tema realizadas em outros estados brasileiros, cuja os resultados eram socializados nos eventos da ASPHE em anos anteriores.

Partindo que foi apontado acima, o período também marcou o ingresso de pesquisas relacionadas a imigração Polonesa (2013), com dois artigos de autoria de Rozele Borges Nunes<sup>12</sup> e Adriano Malikoski<sup>13</sup>, cuja o tema pouco havia sido explorado nos eventos da Asphe. Estes estudos se dedicaram a construção de uma narrativa histórica estabelecendo relações entre a produção cultural, a formação das comunidades e os processos identitários do grupo étnico polaco que perpassam pela escolarização desses sujeitos.

Além destas pesquisas, cabe ressaltar a publicação em 2014, de um trabalho significativo que versa sobre a influência europeia na arquitetura escolar brasileira. O trabalho foi realizado pelo pesquisador doutor em arquitetura, Jauri dos Santos Sá, que na época fazia seu pós-doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISINOS sob a orientação da professora Flávia Obino Corrêa Werle<sup>14</sup>. A pesquisa aborda sobre a cultura material escolar, especialmente, a arquitetura escolar e, os processos de circulação, apropriação e comparação de programas arquitetônicos a partir das viagens pedagógicas do final do século XIX.

---

<sup>12</sup> Autora da tese: O bilinguismo português/polonês na constituição disposicional e na prática: perfis sociológicos de cinco descendentes de poloneses no município de Dom Feliciano/ RS sob a orientação da professora Eliane Peres/ UPEL.

<sup>13</sup> Autor da tese: “Nacionalização das escolas étnicas polonesas no Rio Grande do Sul” sob orientação da professora Terciane Angela Luchese/UCS.

<sup>14</sup> Doutora em Educação / Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação Universidade do Vale do Rio dos Sinos / UNISINOS.

Com relação ao quinquênio 2015- 2019 nota-se um aumento circunstancial das pesquisas no âmbito da imigração, bem como, a expansão deste campo de pesquisa, trazendo estudos sobre a imigração judaica até então pouco conhecida entre os pesquisadores da Asphe. Além de trabalhos que conversam com duas sociedades imigratórias, trazendo aproximações e distanciamentos e outros enfrentamentos paralelos principalmente no campo da educação.

As pesquisas relacionadas a imigração Italiana duplicaram em relação aos anos anteriores. Já os trabalhos no campo da imigração alemã/pomerana cresceram na mesma proporção conforme podemos observar no quadro 04. Junto a essas pesquisas tem-se ainda um aumento significativo dos estudos étnico-poloneses. Grande parte dessas publicações, são ramificações de pesquisas que vêm sendo desenvolvidas ao longo dos últimos anos. Por conseguinte, a cada ano novas fontes e possibilidades de pesquisas surgem nos baús da imigração, isto como, pesquisadores dispostos a explorar esse campo de estudos e socializar seus achados.

Desta forma, percebe-se que com o passar dos anos os estudos de diferentes grupos étnicos e seus processos imigratórios foram ganhando espaço dentro das publicações dos Anais da ASPHE, o que caracteriza uma ampliação de debates culturais, étnicos e educacionais em torno de diferentes povos e diferentes contextos imigratórios, em que cada povo tem suas contribuições para a área da história da educação, e essa gama de trabalhos foi publicada como forma de tornar público as pesquisa de pesquisadores e de grupos de pesquisa.

## **Considerações Finais**

O esforço e a produção destes 125 artigos por parte destes pesquisadores da área nos possibilitaram a concluir que nem todas comunidades de grupos étnicos foram homogêneas, assim como, nos clarifica Anderson (2008), e sim, em alguns casos eram imaginadas,

visto que, eram iguais entre si porque cultivavam as características e tradições germânicas- italianas- judaicas-polonesas e suíças, todavia, apresentavam uma singular estrutura econômica, quer seja, havia a presença ativa em alguns casos do Estado, em outras da comunidade local e da igreja, ou seja, existiam diferenças na forma de se manifestar os processos imigratórios. Deste modo, as questões levantadas pelos autores/as como a formação de professores/as, as práticas pedagógicas, o uso de materiais didáticos, a utilização dos impressos, a arquitetura escolar, as instituições de natureza religiosa, quer seja, a cultura escolar como um todo nos variados grupos étnicos que consolidaram a formação dos estados brasileiros<sup>15</sup> foram temáticas que se fizeram presentes ao longo dos 25 anos Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação.

Neste viés apontado, é oportuno abordarmos alguns pontos conclusivos sobre a análise desta narrativa. Assim sendo, a primeira sessão de artigos da ASPHE, em 1997, no que diz respeito a temática imigração estiveram voltadas a apresentação desta para o grupo de pesquisa. Além disso, constatamos que o ano de 2002 não teve nem um trabalho sobre a temática imigratória.

Ademais, a soma de todos os trabalhos, ressaltamos a predominância dos estudos relacionados a imigração Alemã/Pomerana, preponderantemente, no estado do Rio Grande do Sul, pois, é sabido que historicamente o governo desta província viabilizou o processo imigratório, em primeira instância aos alemães no ano de 1824, pois, havia a necessidade de ocupar o espaço geográfico, tendo em vista que, existia uma vasta área geográfica desabitada e que estas sofriam guerras constantes, anexo, a este motivo havia ainda forte pressão internacional para que houvesse o término da escravidão e o branqueamento da

---

<sup>15</sup> Ao longo dos artigos apresentados na ASPHE foi notável a presença de estudos em quatro estados do país: Rio Grande do Sul; Santa Catarina; São Paulo e Paraná.

população brasileira. Partindo desta perspectiva, o incentivo para a colonização dos imigrantes alemães foi superior aos demais grupos étnicos sendo o primeiro a ser impulsionado a sedimentar suas posses neste território, que por sua vez, acabaram se multiplicando e povoando em diversas localidades e comunidades do estado, e assim, serviram de esteio para múltiplas perspectivas de estudos como as apresentadas nos Anais da ASPHE.

Embora estudos com um número superior aos relacionados com a imigração alemã, não menos importante, contamos com belos e frutuosas pesquisas acerca de variadas óticas da cultura escolar tecidas pelos imigrantes italianos. Neste limiar, é a partir de 2005 que aparecem os primeiros 02 trabalhos relacionados a imigração italiana com as pesquisadoras: Terciane Ângela Luchese e Marli de Oliveira Costa, visto que, a primeira é a pioneira nesta área investigativa da História da Educação.

Nos últimos cinco anos os trabalhos relacionados a imigração Italiana mais que dobraram em relação aos anos anteriores. Porém também vale destacar que os trabalhos relacionados a imigração alemã/pomerana cresceram na mesma proporção conforme podemos observar no quadro 04 deste ensaio.

A partir de 2008 observamos o primeiro trabalho com enfoque acerca da imigração suíça de autoria de Marcos Cerutti e Beatriz T. Daudt Fischer. Além disso, é em 2013 que contamos com enfoque de contexto imigratório polonês de autoria de Adriano Malikoski e Lúcio Kreutz. Outrossim, nas duas últimas ASPHE, é notário o ingresso de uma nova temática na área do estudo da imigração que são os trabalhos judaicos tem como incipiente Fabiana da Costa (2018).

Por fim, aqui nos coube referenciar e apontar os estudos de pesquisadores da área de imigração ao longo dos vinte e cinco anos ASPHE com o escopo central de facilitar análise dos futuros investigadores neste campo de pesquisa.

## Referências

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CELLARD, André. **A análise documental**. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. 3º ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

CORSETTI, Berenice. A análise documental no contexto da metodologia qualitativa: uma abordagem a partir da experiência de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisinos. **Unirevista**, v1, nº 1, p 32:46, jan/2006.

HOBSBAWN, Eric. Introdução: A invenção das tradições. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

LUCHESE, Terciane Ângela. A pesquisa em história da educação – testemunho de um autor: entrevista com Lúcio Kreutz. **História da Educação**, v1, nº52, p. 05-14, maio/agosto, 2017.

OLIVEIRA, M.M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia Spínola Silveira Truzzi. **História & Documento e metodologia de pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

# O desafio da Revisão Sistemática de Literatura com estudos envolvendo a temática gênero e história das mulheres na Revista História da Educação

*Daiane Dala Zen*

## **Introdução**

Este artigo intenciona refletir sobre as questões de gênero e da História das Mulheres a partir das publicações disponíveis no repositório da revista História da Educação, publicação da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (Asphe/RS), por meio da metodologia da Revisão Sistemática de Literatura (RSL). A pesquisa na História da Educação exige que seus/suas pesquisadores/as conheçam seu campo de estudos, para isso, é necessário debruçar-se nos trabalhos de outros/as pesquisadores/as, como nos alerta Nóvoa (2015, p. 31): “A tua escrita tem de reconhecer os autores que trabalharam antes de ti”. Dessa forma, a RSL como método de pesquisa pode ser produtiva e reveladora para perceber como um tema especificamente vem sendo estudado.

A RSL é uma estrutura quantitativa e de procedimento estatístico para o tratamento de dados que utiliza critérios comuns entre os pesquisadores envolvidos. Por meio da formulação de critérios de inclusão e de exclusão de palavras para a formulação do processo de seleção, se constrói uma busca que apresenta resultados que são significativos para as pesquisas. Essa metodologia apresenta a metanálise e permite maximizar o potencial de busca.

Assim, tendo em vista um processo de seleção, escolhi artigos publicados na revista História da Educação que tratam em seus títulos ou palavras-chave da temática de gênero e da História das Mulheres e, por meio desses marcadores, busquei publicações que dessem conta de uma formulação investigativa. A primeira dificuldade para quem



decide estudar sobre a História das Mulheres e buscar uma escrita feminina da História é nos darmos conta que, apesar das mulheres ocuparem a maioria dos quadros dos profissionais da educação escolar, o discurso dessa produção escrita ainda é masculino. A RSL pode apontar, por exemplo, como as questões de gênero permeiam dentro da produção científica das pesquisas em educação, especificamente em História da Educação. Tedeschi (2016) salienta que essa visão patriarcal vem ocultando o papel desempenhado pelas mulheres na sociedade, nesse sentido, penso que o momento é de questionarmos e avançarmos com produções que rompam tal condição.

### **A temática de gênero e História das Mulheres**

A humanidade construiu sua caminhada histórica tendo a diferenciação sexual e suas atribuições na forma de viver, de comportar-se e de trabalhar. O homem masculino foi constituído como o absoluto, o primordial e as narrativas produzidas ao longo dos anos tem como principal reprodutor dessa densa estrutura patriarcal. As nuances desse sistema de submissão são por vezes tão sutis, que é preciso um olhar mais atento. A língua portuguesa de forma geral também privilegia o discurso masculino ao tratar as pessoas com pronomes masculinos, ignorando as mulheres. Desde os anos 70, do século XX, questionamentos sobre o silêncio da História das Mulheres vêm sendo feitos na academia e na militância. Sobre a pesquisa acadêmica sobre as mulheres, Matos destaca:

[...] na qual os estudos sobre a mulher se encontraram marginalizados na maior parte da produção e na documentação oficial. Isso instigou os interessados na reconstrução das experiências, vidas e expectativas das mulheres nas sociedades passadas, descobrindo-as como sujeitos da história e objeto de estudo (MATOS, 2000, p. 10).

A busca dessa “nova história”, como Matos (2000) provoca, indica a necessidade de incluir as mulheres mediante uma abordagem de gênero e, assim, descortinar a história oficial, buscando elementos dessa construção no destaque à produção científica sobre o tema ou, como o caso desta RSL, permeando as áreas das ciências humanas sobre o tema das questões de gênero, História das Mulheres e educação.

### **A base de dados escolhida**

O repositório escolhido para contemplar a RSL é a revista História da Educação<sup>1</sup>, que, mantida desde 1997, é a primeira do campo da História da Educação no Brasil. O periódico tem como objetivo disseminar conhecimentos relacionados à área de História e Historiografia da Educação. Recebe apoio financeiro do CNPq/Capes e apoio institucional de diferentes Universidades do Rio Grande do Sul. A Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – Asphe/RS<sup>2</sup> – começou a se constituir a partir de 1995, com o objetivo de incentivar e realizar a pesquisa e a divulgação de estudos relacionados com a História da Educação, prioritariamente do Rio Grande do Sul, assim como congregar os pesquisadores da área, fortalecendo vínculos de pesquisa e potencializando o campo. Como mencionado, foi a primeira revista especializada no tema da História da Educação a ser publicada no país e tem mantido forte interlocução internacional.

### **Metodologia da Revisão Sistemática de Literatura**

A RSL é uma metodologia de pesquisa, segundo Corrêa, Giotti, Cruz e Ribeiro (2018) que estabelece níveis de delimitação iniciando pelas palavras-chave, depois pelo resumo e, por fim, os resultados

---

<sup>1</sup> Website da revista: <https://seer.ufrgs.br/asphe/index>.

<sup>2</sup> <http://asphe.rs.blogspot.com/>

finais que se pretende buscar para responder uma pergunta de pesquisa. Os procedimentos de extração de dados experimentais, quase-experimentais e dados qualitativos e a metassíntese dos fenômenos.

Penso que o método de RSL na pesquisa em educação possa dar viabilidade para pesquisas sobre as questões de gênero e da História das Mulheres sendo um importante fomento para que esse tipo de temática, a fim de que se torne mais presente nos PPGs. Penso que por meio dos resultados da metanálise possamos, como pesquisadores/as, perceber os silenciamentos que evocam de campos do conhecimento necessários e urgentes.

### **Questão principal de pesquisa**

A proposta desta RSL é uma pesquisa quanti-qualitativa da qual 20 artigos científicos completos publicados na Revista da História da Educação foram analisados por meio da metodologia da RSL. Criei as seguintes ancoragens para a busca: 1- Títulos dos artigos que aparecessem na *string* de busca; 2- Palavras-chave dos artigos; 3- Enquadramento nas relações de gênero; 4- Enquadramento na categoria de pesquisas da área da educação e docência; e 5- Enquadramento nas questões envolvendo mulheres e História das Mulheres. A partir desses referências de RSL, a questão de pesquisa foi: Como caracterizar a produção científica da Revista História da Educação (RHE) no que diz respeito às relações de gênero, História das Mulheres e Educação? As questões de perguntas específicas (QPE) podem ser assim compreendidas: QPE1: Qual é o número de artigos científicos encontrados no Banco de Dados Digital da RHE que trazem no seus títulos as seguintes palavras: educação, mulheres, gênero e história e quais trazem uma ou mais palavras associadas? QPE2: Quais as palavras-chaves mencionadas nos artigos da RHE? QPE3: Quem são os/as autores/as dos artigos científicos, homens e

mulheres? QPE4: Quais são os países de origem e as instituições dos artigos produzidos? QPE5: Das produções brasileiras, quais são as regiões que produziram esses artigos? QPE6: Quais foram os referenciais teóricos dos artigos da busca? QPE7: Quais foram as metodologias utilizadas pelos/as autores/as dos artigos selecionados?

A *String* de busca dessa RSL foi o resultado de articulações que tangem os estudos de gênero como categoria de análise de pesquisa, bem como a História das Mulheres e a sua relação tão íntima com a Educação. Para isso foram selecionados os operadores lógicos OR e AND, a *string* desta RSL configurou-se assim: “(("educação") OR ("mulheres") OR ("gênero") AND ("história"))”.

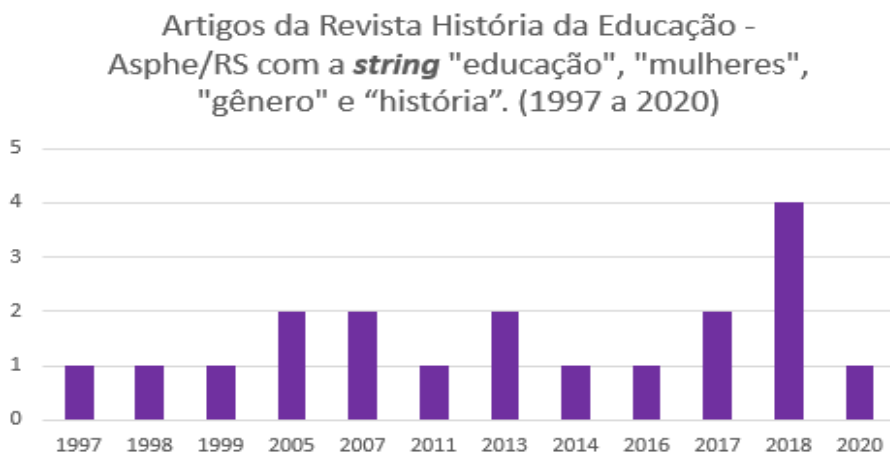
Os Critérios de inclusão (CI) foram definidos da seguinte forma: CII- A *string* deve estar presente em uma ou mais seções dos artigos (título ou palavras-chave); CI2 – Artigos escritos em português, francês e espanhol; CI3 – Artigos que apresentem combinações livres com as palavras da *string*.

Os Critérios de Exclusão (CE) constituíram-se em: CE1 – Artigos que a *string* não foi plenamente abordado; CE2: Artigos que não se relacionam com nenhuma das questões da RSL.

## **Estudos Primários**

No Banco de Dados Digital da RHE foi digitado a *string* da pesquisa, em seguida, o sistema apresentou 20 artigos, segundo os Critérios de Exclusão. Foram excluídos artigos que não condiziam com a proposta da RSL, ou seja, que não faziam menção da categoria de gênero, História das Mulheres e Educação. A seguir apresentarei a análise dos dados obtidos. Na primeira etapa dos Estudos Primários constatei que os artigos foram publicados no período de 1997 a 2020, conforme podemos observar no Gráfico 1, a seguir:

**Gráfico 1** – Publicações por ano referente a *string* no Banco de Dados do repositório da Revista História e Historiografia da Educação por estado brasileiro



Fonte: Autora (2021).

### **Análise de dados**

A partir da pesquisa no Banco de Dados da revista História da Educação, que é, como já dito, uma publicação da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (Asphe/RS), procurei responder às Questões de Pesquisa que foram basilares nesta RSL. Apresento a seguir quadros e gráficos com os dados obtidos.

Respondendo à QPE1 – Qual é o número de artigos científicos encontrados no Banco de Dados Digital da RHE que trazem no seu títulos as seguintes palavras: educação ou mulheres ou gênero e história ou pelo menos duas delas associadas? – seis artigos não atenderam ao questionamento proposto.

**Quadro 1** – Resultado da busca no Banco de Dados do repositório da Revista História e Historiografia da Educação

Artigos encontrados	Excluídos por não responder a PQE1	Código dos artigos
20	6	A2, A6, A8, A10, A13, A18.

**Fonte:** Autora (2021).

Quanto à QPE2 – Quais as palavras-chaves mencionadas nos artigos da RHE? – as palavras-chave dos artigos selecionados são *Escrita epistolar; História da educação; História da cultura escrita; Professoras Primárias; Zona rural; Escola isolada; Manuais escolares; Sentimentos e emoções; Literatura infantil; Revista de Ensino; História da literatura infantil; História do ensino de leitura; Escrita; História da educação no Brasil; História da infância; Memórias; Autobiografias; Democracia; Reformas; Legislação educativa; Formação inicial do magistério; Planos de estudos; Historiografia da educação rural no México; Escritas femininas; Diário de Lembranças; Viscondessa de Arcozelo; Casa oitocentista; Espaços domésticos; Elites; Ministros; Educação; Argentina; Jornal escolar; Cultura escolar; Processo civilizador; Cursos noturnos; Relações étnicas, de gênero e de classes sociais; Romance; Escrita histórica; Ideia de história; Cultura escolar; Periódicos estudantis; Memória; Ditadura militar; Chartier; Atividade (do aluno); Escola primária; Educação intelectual; Educação prática; Ensino concreto; Ensino das ciências; Lição de coisas; Método indutivo; Método intuitivo; Observação; Pedagogia; História editorial; Coleções infantis e juvenis; Comércio livreiro; Relações de gênero, Testemunho oral; Representação; Identidade profissional; Gênero; Nação; Virilização da raça.*

Quanto à QPE3 – Quem são os/as autores/as dos artigos científicos, homens e mulheres? – quanto à autoria, destaquei 20 autoras mulheres e 03 autores homens, que produziram em sua maioria de forma individual e em duplas. Há uma dupla composta por autor e autora. Conforme apresenta o Quadro 2, a seguir:

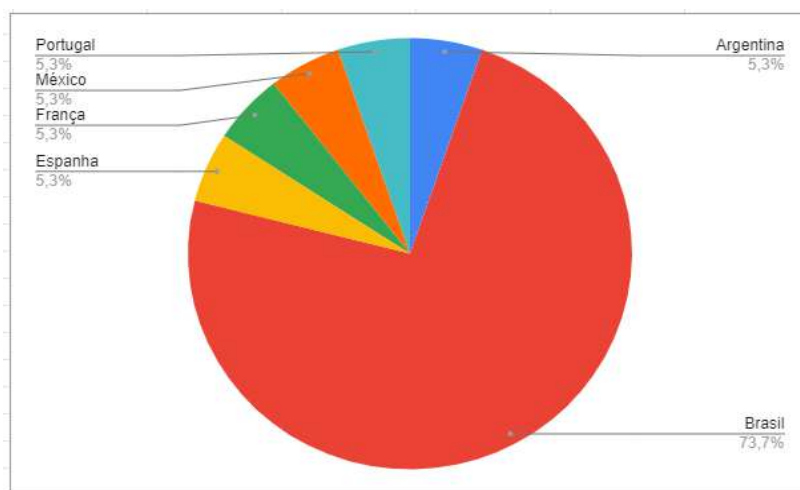
**Quadro 2** – Análise através da categoria de gênero e duplas de escrita de escrita dos artigos do Banco de Dados do repositório da Revista História e Historiografia da Educação

23 Autores/as		
20 mulheres	3 homens	
20 artigos		Código do Artigo
Individual	16	A1, A3, A4, A6, A7, A8, A9, A10, A11, A14, A15 A16, A17, A18, A 20
Duplas	4	A2, A5, A13, A19

Fonte: Autora (2021).

Os países de origem dos artigos revelam que os autores brasileiros totalizam 15 artigos. Sobre os outros países que aparecem (Argentina, Espanha, França, México e Portugal), cada um apresenta uma única publicação. A seguir, no Gráfico 2, são apresentadas as porcentagens:

**Gráfico 2** – Porcentagem da nacionalidade da produção dos artigos escolhidos da busca no Banco de Dados do repositório da Revista História e Historiografia da Educação.



Fonte: Autora (2021).

As instituições que apareceram referente à QPE4 – Quais são os países de origem e as instituições dos artigos produzidos? – são: As instituições advindas dos artigos são Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS), Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERJ), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade do Extremo Sul de Santa Catarina (UNESC), Universidad de La Laguna (Universidad de La Laguna, ULL), Centro de Investigación y de Estudios Avanzados del Instituto Politécnico Nacional or simply (CINVESTAV-IPN), Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), Universidade de Caen-Casse Normandie (UNICAEN), e a Escola Superior de Educação Portoalegrense (ESE P. Porto).

No Quadro 3, a seguir, podemos observar que a origem dos artigos são em sua maioria brasileira, mas há também, como mencionado, artigos de países como Espanha, México, Argentina, Espanha, França e Portugal.

**Quadro 3** – Instituições de origem dos artigos publicados no Banco de Dados do repositório da Revista História e Historiografia da Educação.

Instituições	Públicas, Privadas ou Comunitárias	Número de artigos	Código dos Artigos
UNISINOS	Privada	05	A1, A3, A13, A14, A20
UFPEL	Pública	03	A11, A16, A17
UDESC/ UFSC	Públicas	01	A19
UNESP	Pública	01	A4
UNIOESTE	Pública	01	A2
UFMG	Pública	01	A5
UERJ	Pública	01	A8
UFRGS/ UFMG/ UFPEL	Públicas	01	A17

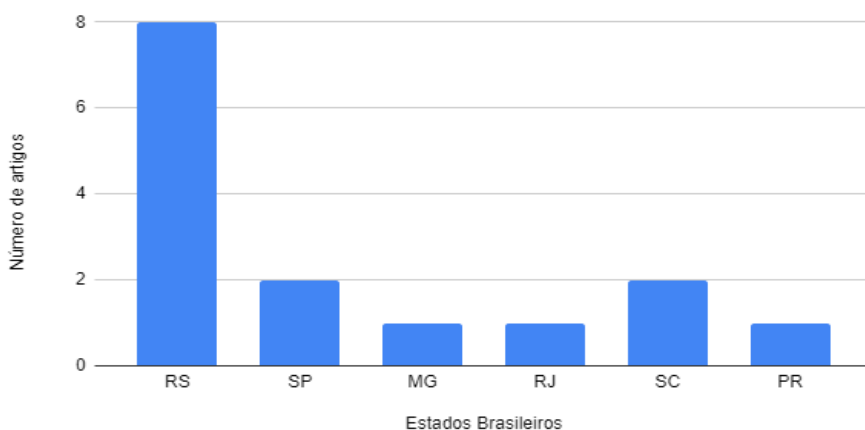


Instituições	Públicas, Privadas ou Comunitárias	Número de artigos	Código dos Artigos
UNESC	Privada	01	A10
ULL	Privada	01	A6
CINVESTAV-IPN	Pública	01	A7
CONICET	Pública	01	A9
UNICAEN	Pública	01	A15
ESE P.Porto	Pública	01	A18

**Fonte:** Autora (2021).

No que se refere às regiões brasileiras para os artigos nacionais, a resposta encontrada para a QPE5 – Das produções brasileiras, quais são as regiões que produziram esses artigos? – foi que aparece o estado do Rio Grande do Sul na liderança com 08 artigos, em segundo lugar o estado de São Paulo, um artigo foi produzido em Minas Gerais, um no Paraná e outro no Rio de Janeiro. O Gráfico 3 ilustra tais informações.

**Gráfico 3** – Publicações por estado brasileiro. Resultado da busca no Banco de Dados do repositório da Revista História e Historiografia da Educação



**Fonte:** Autora (2021).

Para responder às Questões de Pesquisa 6 (Quais foram os referenciais teóricos dos artigos da busca?) e 7 (Quais foram as metodologias utilizadas pelos/as autores/as dos artigos selecionados?), procurei agrupar em categorias os referenciais teóricos, bem como as metodologias adotadas pelos/as autores/as dos artigos selecionados, assim, por meio da leitura dos resumos, foi possível identificar quais artigos traziam essas informações – dos 20 artigos, 01 não apresentava o referencial teórico metodológico especificado no resumo. Os referenciais teóricos mencionados nos resumos dos artigos analisados podem ser assim entendidos: *História da Educação*, *História Social*, *História Cultural*, *Gênero*, *Formação de Professores*, *Biografia*, *Memória*. As metodologias utilizadas pelos autores/as dos artigos selecionados para essa RSL convergem com as seguintes fontes de pesquisa: jornais, manuais didáticos, catálogos, entrevista (História Oral), análise de documentos oficiais e não oficiais (diários, obras literárias), bem como a revisão bibliográfica.

## **Considerações Finais**

Nesta RSL identifiquei os artigos publicados no Banco de Dados da Revista História da Educação História e Historiografia da Educação da Asphe/RS. Localizei 20 artigos que se enquadraram de alguma forma aos critérios de pesquisa, os seja, esses artigos atenderam aos critérios de inclusão tendo seus títulos referenciando as palavras-chave da *string* de busca, ou enquadraram nas relações de gênero, ou na categoria de pesquisas da área da Educação e docência, ou mesmo referenciando as palavras como: mulheres, História das Mulheres.

A partir desses referenciais de RSL pude perceber que há um silenciamento no que diz respeito às relações de gênero, à História das

Mulheres e à Educação na produção científica da Revista História da Educação.

A busca mostrou um total de 20 artigos que tratam indiretamente de pontos ligados às questões de gênero e da Histórias das Mulheres, conectadas em assuntos envolvendo a História da Educação principalmente, mas abordam também os conceitos de *História, memória, literatura infantil, entrevistas, infâncias*, entre outros. Desses, dois artigos mencionam nomes de mulheres. Um artigo traz a expressão “escrita feminina”. O termo “Professoras primárias” aparece também em um único artigo. E quatro artigos trazem a expressão “Relações de gênero” ou “gênero”.

Esse silenciamento precisa ser superado pelas áreas que se assumem comprometidas com a cidadania e com os direitos humanos, pois incluir as mulheres por intermédio de uma abordagem de gênero é descortinar a História da Educação feita em sua maioria por mulheres e reconhece-lhes como sujeitos históricos, contribuindo, assim, para uma sociedade menos desigual.

### **Referências Bibliográficas**

CORRÊA, Ygor, GIOTTI, Josiane, CRUZ, Carina Rebello e RIBEIRO, Vinícius Gadis. Produção Científica Brasileira sobre Tradução Automática Português Brasileiro-Libras: uma revisão sistemática de literatura. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, [s. l.] n 15, 2018.

MATOS, Maria Izilda S. **Por uma história da mulher**. Bauru, SP: Edusc, 2000.

NÓVOA, Antonio. Carta a um jovem Historiador da educação. **Historia y Memoria de la Educacion**, Espanha, p. 23-58, 2015.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Os desafios da escrita feminina na História das mulheres. **Raído**, Dourados, v. 10, n. 21, p.153-163, 2016.

## Anexo

Relação dos artigos da RSL com autoria e palavras-chave publicados no Banco de Dados do repositório da Revista História e Historiografia da Educação

A1	2017	Escritas epistolares e história da cultura escrita na sua relação com a história da educação: uma entrevista com Verónica Sierra Blas	Luciane Sgarbi Grazziotin (Brasil)	Escrita epistolar, história da educação, história da cultura escrita
A2	2018	Têmpera forte e completo desprendimento: história e memória das docentes no sertão paulista (1932-1960)	Jorge Luís Mazzeo Mariano, Arilda Ines Miranda Ribeiro	Professoras primárias; zona rural; escola isolada
A3	2018	Los estudios de las emociones en los manuales escolares desde el punto de vista historiográfico: una entrevista con kira mahamud angulo	Luciane Sgarbi Grazziotin (Brasil)	Manuais escolares. Sentimentos e emoções. História da educação
A4	2018	Literatura para a escola primária e educação do cidadão republicano, na revista de ensino (SP-Brasil) – 1902/191	Maria do rosário longo Mortatti (Brasil)	Literatura infantil; revista de ensino; história da literatura infantil; história do ensino de leitura e escrita; história da educação no brasil
A5	2016	Representações da infância em memórias e autobiografias – minas gerais (1900-1960) – representations of childhood in memoirs and autobiographies – minas gerais (1900-1960)	Simone aparecida neves, Ana Maria de Oliveira Galvão (Brasil)	História da infância. Memórias e autobiografias. História da educação.
A6	2018	Maestros para la democracia. La formación inicial del magisterio en españa con la ley de ordenación general del sistema educativo	Teresa González Pérez (Espanha)	Democracia, reformas, legislación educativa, formación inicial del magisterio, planes de estudio
A7	2011	Notas sobre a historiografia da educação rural no México	Alicia Civera	Historiografía acerca de la educación, educación rural en México, escuela y

				comunidades rurales.
A8	2020	Escritas femininas na casa oitocentista: memórias sobre o diário da viscondessa de Arcozelo	Maria Celi Chaves Vasconcelos (Brasil)	Escritas femininas; diário de lembranças; viscondessa de Arcozelo; casa oitocentista; espaços domésticos.
A9	2017	Los ministros de educación en argentina (1854-2015): análisis de los perfiles profesionales de las elites políticas – the ministers of education in argentina (1854-2015): analysis of the profiles professional of them elite political	Laura Graciela Rodríguez, (Argentina)	Elites, ministros, educação, Argentina.
A10	2013	O jornal escolar o estudante Orleanense (Santa Catarina, 1949-1973) – school newspaper o estudante Orleanense (Santa Catarina, 1949-1973	Giani Rabelo, (Brasil)	Jornal escolar, cultura escolar, processo civilizador.
A11	1997	Relações de gênero, classe social e grupo étnico nos cursos noturnos masculinos de instrução primária da biblioteca pública pelotense (1875-1915)	Eliane Teresinha Peres	História da educação, cursos noturnos, relações étnicas, de gênero e de classes sociais.
A12	2007	História e romance: a ideia de história em as aventuras de Telêmaco e as relações entre o texto histórico e a prosa ficcional na passagem dos séculos XVII-XVIII	João Paulo Martins	Romance; escrita histórica; ideia de história.
A13	2013	Do schüler-zeitung ao o Ateneu: marcas da cultura escolar nas páginas dos periódicos (São Leopoldo/RS, 1964-1973)	Luciane Sgarbi Santos Grazziotin, Joana Frank,	Cultura escolar, periódicos estudantis, memória, ditadura militar.
A14	1999	História da educação: qual história?	José Licínio Backes	História da educação, Chartier, história.
A15	2014	Lições de coisas e ensino das ciências na França no fim do século 19: contribuição a uma	Pierre Kahn (France)	Atividade (do aluno), escola primária, educação intelectual,

		história da cultura		educação prática, ensino concreto, ensino das ciências, lição de coisas, método indutivo, método intuitivo, observação, pedagogia.
A1 6	2007	A livraria Garner e a história dos livros infantis no Brasil: gênese e formação de um campo literário (1858-1920)	Andréa Borges Leão	História editorial; literatura infantil; coleções infantis e juvenis; comércio livreiro.
A1 7	1998	História e educação: as relações de gênero em pelotas no final do século 19 e início do século 20	Eliane Teresinha Peres	História, educação, relações de gênero.
A1 8	2005	Memórias de professores: discursos orais sobre a formação e a profissão	Maria João Mogarro	Testemunho oral; representação; identidade profissional.
A1 9	2010	Gênero e nação: a série fontes e a virilização da raça	Cristiani Bereta da Silva, Maria Bernardete Ramos Flores	Gênero; nação; virilização da raça.
A2 0	2005	Instrução pública e configuração do mundo urbano	Flávia Obino Corrêa Werle	História da educação; infância; gênero.

**Fonte:** Autora (2021).

# Um mapeamento das produções sobre Cultura Material Escolar nos anais da Associação Sul-Rio-Grandense de pesquisadores em História da Educação– ASPHE (1997 a 2019)

*Joseane Cruz Monks  
Leonardo Capra*

## **Introdução**

A proposta da organização do texto se articula à comemoração dos vinte e cinco anos da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE) e tem como objetivo apresentar um levantamento bibliográfico (quantitativo) dos textos que foram publicados nos anais dos encontros e que contemplam de forma explícita os termos ‘cultura escolar’ e/ou ‘cultura material escolar’ em seus títulos, resumos ou palavras-chave.

A Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação, criada em 1995, configura-se como uma comunidade pioneira na estruturação de encontros que pretendiam aproximar os pesquisadores interessados em discutir a História da Educação e compartilhar os estudos e pesquisas desta área, promovendo a ampliação e consolidação do campo, objetivo o qual ainda se mantém.

Foi criada em 11 de dezembro de 1995, na Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS, São Leopoldo/RS), onde reuniram-se pesquisadores em História da Educação do Rio Grande do Sul para estruturar, em caráter provisório, um grupo de trabalho que atuasse nessa área. Os objetivos privilegiavam a articulação de pesquisas no campo da História da Educação, bem como a socialização de investigações e pesquisas realizadas. Também almejava propiciar, entre outras ações, o acesso aos diversos acervos existentes no Rio

Grande do Sul e a divulgação de bancos de dados, à época, em estruturação.

Na criação da Associação, também já estava presente a compreensão da importância de promover encontros para apresentação e discussão de trabalhos vinculados ao campo histórico-educacional, discutindo tendências teórico-metodológicas da historiografia da educação e a pluralidade de fontes documentais, aspectos centrais nos encontros até a atualidade. Ao realizar um balanço sobre o campo de pesquisa em História da Educação, autores como Vidal e Faria Filho (2003) e Lopes e Galvão (2010) reconhecem a contribuição da Associação para a consolidação deste campo de pesquisa no cenário nacional.

Segundo Lopes e Galvão (2010), a consolidação da História da Educação como campo de pesquisa começa a se estruturar de forma mais efetiva, no Brasil, a partir da ampliação dos programas de pós-graduação, no final da década de 1960. As autoras apresentam uma linha temporal das iniciativas que contribuíram para a ampliação e consolidação do campo, mencionam a criação do Grupo de Trabalho de História da Educação da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) em 1984; a organização, em 1991, do grupo de estudos e pesquisa História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR), da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE) em 1996, e também da Sociedade Brasileira História da Educação (SBHE) em 1999.

Pelo exposto pelas autoras, tem-se a dimensão da contribuição da ASPHE à nível nacional para a ampliação e consolidação do campo de pesquisa em História da Educação. Ao longo de seus 25 anos, a ASPHE ampliou seu potencial de atuação do Rio Grande do Sul para o Brasil, conquistando fronteiras e tornando-se um evento reconhecido e qualificado no qual pesquisadores renomados nacionais e



estrangeiros privilegiam os encontros para compartilhar e divulgar suas pesquisas.

É necessário salientar que os encontros organizados pela ASPHE se configuram para além da divulgação e discussões de pesquisas; eles têm um caráter intelectual formativo, pois acolhem e colocam em diálogo pesquisadoras(es) experientes com pesquisadoras e pesquisadores iniciantes, contribuindo com a qualificação destes no campo das pesquisas científicas e no processo de formação intelectual como um todo. Dessa forma, os encontros (25) promovidos pela Associação já colaboraram com a formação de diferentes gerações de pesquisadores, auxiliando na divulgação de correntes historiográficas e na consolidação dos aspectos teóricos e metodológicos de muitas(os) pesquisadoras(es) em História da Educação e áreas afins.

Entendendo as inúmeras contribuições que os encontros da ASPHE proporcionaram e propiciam para as múltiplas pesquisas realizadas no campo educacional, organizou-se um levantamento das investigações publicadas nos anais dos encontros que remetem explicitamente aos conceitos e noções de ‘cultura escolar’ e de ‘cultura material escolar’.

### **Aspectos metodológicos**

Sabendo da importância e da contribuição da ASPHE às pesquisas em História da Educação e às(aos) pesquisadoras(es) que privilegiam em suas investigações, ou que se acercam dessa temática em suas pesquisas, buscou-se realizar um apanhado dos trabalhos que abordam as temáticas relativas à cultura escolar e à cultura material escolar e que foram publicados nos anais da ASPHE ao longo destes vinte e cinco anos.

Entende-se que as temáticas são distintas e diversificadas, tanto no que tange à materialidade dos artefatos investigados e problematizados, quanto às metodologias de trabalho; logo,

compreende-se que, de forma ampla, essas noções se complementam e se integram ao campo da História da Educação, qualificando e ampliando as discussões e as análises propostas.

As pesquisas que abordam e integram elementos da cultura escolar, da cultura material escolar e da História da Educação tendem a complexificar as análises e ampliar as possibilidades de interlocução. São campos que se sustentam e que podem ser explorados de forma individual, mas que tendem a ser operados de forma simultânea, pois a constituição da educação, em especial deste universo histórico, é permeada por elementos que coabitam nas diferentes esferas e que se entrelaçam no fazer história.

A partir dessa compreensão das potencialidades, estruturou-se a proposta de exemplificar como se apresentavam nos anais dos encontros a questão da cultura escolar e da cultura material escolar. Para tal, se organizou uma busca virtual no conjunto de textos dos Anais digitalizados e disponibilizados no Repositório Digital Tatu<sup>1</sup>, da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA).

Os aspectos operacionais relativos à busca pelos textos se configuraram da seguinte forma: a primeira parte corresponde ao acesso ao Repositório Digital Tatu, localização do ícone referente aos anais da ASPHE, abertura do arquivo, visualização e registros dos dados de identificação do encontro. A segunda parte se organiza a partir da leitura dos títulos, resumos e palavras-chave de todos os textos publicados nos anais disponibilizados no repositório.

---

<sup>1</sup> O repositório digital é fruto das iniciativas de um projeto específico que, desde 2015, tem desenvolvido ações que permitiram a digitalização e disponibilização *on-line* de algumas edições da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul. Em 2018, teve sua proposta ampliada com a disponibilização de versões digitais de outros acervos e a criação do Repositório Digital Tatu com o principal objetivo de inventariar fontes de pesquisa relacionadas à História da Educação, compondo um acervo digital acessível para outros pesquisadores e para auxiliar na preservação e divulgação desses materiais. Para conhecer o repositório, acesse <http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/>.

Esse processo, caracterizado pelo movimento de leitura atenta, no qual o objetivo foi de identificar os textos em que os termos específicos ‘cultura escolar’ e ‘cultura material escolar’ apareciam, foi bastante demorado. No entanto, atingiu-se o objetivo e foi possível ter a dimensão da pluralidade das produções científicas que foram apresentadas nos eventos ao longo dos anos.

Os dados que compõem esta coleta foram tabulados e correspondem à identificação dos autores dos textos, vinculação institucional, indicação da metodologia utilizada, descrição dos termos e localização (título, resumo, palavras-chave) para posterior reflexão e discussão.

## Resultados e discussões

No quadro 1, apresenta-se uma listagem da relação dos números de encontros realizados pela associação, com destaque para o local do encontro e o ano de realização. Logo, faz-se necessário salientar que os dados relativos às publicações que contemplam os termos mencionados referem-se apenas aos anais anexados ao Repositório Digital Tatu. Sendo assim, é preciso mencionar que, no momento, não há disponibilização dos anais do segundo e do sexto encontro.

**Quadro 1** – Relação dos encontros organizados pela ASPHE

<b>Encontros</b>	<b>Local</b>	<b>Ano</b>
1º Encontro da ASPHE – A pesquisa em História da Educação: acervos e fontes de pesquisa	São Leopoldo	1997
2º Encontro da ASPHE – Memória e História da Educação: questões teóricas e metodológicas	Santa Maria	1997
3º Encontro ASPHE – A Imprensa Pedagógica: a história da educação do Rio Grande do Sul	Santa Maria	1998
4º Encontro da ASPHE – Estado atual e perspectivas metodológicas para a pesquisa em História da Educação	Santa Maria	1999
5º Encontro da ASPHE – História das Instituições Escolares: A escola elementar e a instrução pública no século XIX	Passo Fundo	1999

<b>Encontros</b>	<b>Local</b>	<b>Ano</b>
6º Encontro da ASPHE – Educação, religião e etnia: processos educativos e identidades profissionais	Santa Maria	2000
7º Encontro da ASPHE – Pesquisa em História da Educação: perspectivas comparadas	Pelotas	2001
8º Encontro da ASPHE – Iconografia e Pesquisa Histórica	Gramado	2002
9º Encontro da ASPHE – História da Educação, Literatura e Memória	Porto Alegre	2003
10º Encontro da ASPHE – História da Cultura Escolar: escritas e memórias ordinárias	Gramado	2004
11º Encontro da ASPHE – História da Educação na formação do educador e a contribuição dos 10 anos da ASPHE	São Leopoldo	2005
12º Encontro da ASPHE – História, Infância e Educação	Santa Maria	2006
13º Encontro da ASPHE – Guardar para mirar: acervos e história da educação	Farroupilha	2007
14º Encontro da ASPHE – Cultura Material Escolar: memórias e identidade	Pelotas	2008
15º Encontro da ASPHE – Curso de Estudos da Cultura Escrita	Caxias do Sul	2009
16º Encontro da ASPHE 15 anos – Patrimônio e História da Educação	Porto Alegre	2010
17º Encontro da ASPHE – Campos e Fronteiras	Santa Maria	2011
18º Encontro da ASPHE – Jean-Jacques Rousseau (1712-2012) modernidade, história e educação	Porto Alegre	2012
19º Encontro da ASPHE – História da Educação e Culturas do Pampa: diálogos entre Brasil e Uruguai	Pelotas	2013
20º Encontro da ASPHE – História da Educação e Imagem	Porto Alegre	2014
21º Encontro da APSHE – Etnias, Culturas e História da Educação	Caxias do Sul	2015
22º Encontro da ASPHE – História da Educação e Políticas Educacionais: 20 anos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira	Bagé	2016
23º Encontro da ASPHE – Gênero e Memória: mulheres na/da História da Educação	Rio Grande	2017
24º Encontro da ASPHE – História da Educação: sensibilidades, patrimônio e cultura escrita	São Leopoldo	2018
25º Encontro da ASPHE – História da Educação e Democracia: desafios e conquistas	Bagé	2019

**Fonte:** Quadro elaborado pelos autores.

Observa-se, pelo Quadro 1, que, no ano de 1997, assim como no ano de 1999, foram realizados dois encontros anuais, aspecto que não se manteve nos anos seguintes.

A partir dessas informações organizadas no Quadro 1, também pode-se verificar que os encontros foram realizados em diferentes municípios do Rio Grande do Sul e foram sediados em diferentes universidades, dentre elas: Universidade Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Universidade de Passo Fundo (UPF), Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), Universidade de Caxias do Sul (UCS), Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) e Universidade Federal de Rio Grande (FURG).

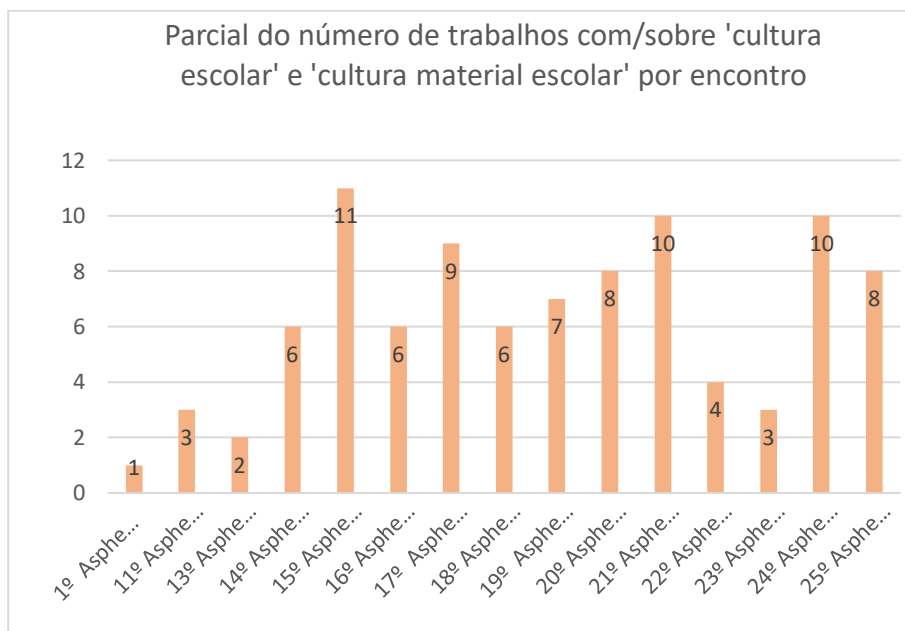
Ao atentar-se nos locais de realização, já se tem uma dimensão da integração de diferentes instituições, grupos de pesquisa, pesquisadoras e pesquisadores. Logo ao adentrar os registros dos anais, verifica-se que a ampliação extrapola os espaços de realização e integra publicações de outros estados, como Santa Catarina, Paraná, Bahia, Maranhão, Rondônia, e outros países, como o Uruguai.

O Quadro 1 exemplifica quais foram os anais verificados, ou seja, dos 25 encontros realizados, coletou-se dados em 23 anais dos encontros da ASPHE, contabilizando um total de 1.231 textos publicados entre resumos e textos completos. Em cada edição, foi realizada a busca pelos termos ‘cultura escolar’ e ‘cultura material escolar’, os quais foram localizados em 16 dos 23 anais verificados.

Considerando os 16 anais dos encontros da ASPHE nos quais se identificou a publicação de trabalhos que explicitamente utilizavam os termos nos títulos, resumos ou palavras-chave, contabilizou-se um total de 94 textos que simbolizam um percentual de 7,6% do total de textos que compõem o conjunto analisado.

A Figura 1 apresenta o gráfico que ilustra a quantidade de textos por encontro com a temática analisada.

**Figura 1** – Gráfico com número de produções por encontro



**Fonte:** Elaborado pelos autores.

Conforme o gráfico, é possível observar o número de trabalhos publicados nos encontros. A menor incidência de publicação foi constatada no 1º encontro da ASPHE, no ano de 1997, com apenas um texto. E com maior representatividade numérica, no 15º encontro da ASPHE, ocorrido em 2009, foram encontradas 11 publicações nas quais os termos ‘cultura escolar’ e ‘cultura material escolar’ são mencionados. Na sequência, com dez (10) publicações, os encontros 21º e 24º ocorridos respectivamente em 2015 e em 2018.

Em termos gerais, identifica-se que, no período entre os anos 2007 e 2019, as publicações que abordam os termos selecionados se fazem presentes em alguns encontros com maior e em outros com menor número de publicações. Logo, percebe-se a interlocução dessas

noções com o campo da História da Educação, interlocução essa que se entende profícua, pois se reconhece que a presença desses trabalhos no evento contribui para a discussão dos temas e ampliação das problemáticas, bem como para a divulgação da diversidade de fontes históricas.

A disciplina da História da Educação surgia, no Brasil, ao final do século XIX, chegando aos currículos das universidades a partir 1928. Possuía um caráter bastante utilitário, usando o passado como modelo; em caso negativo, servia de exemplo para compreender o presente e não cometer os mesmos erros no futuro. O caráter positivista que marcou o imediatismo e a relação mecânica da História da Educação foi, aos poucos, substituído por uma nova forma de pesquisa na área, focada na historiografia e na compreensão do presente pelo encontro do outro (LOPES; GALVÃO, 2010).

Nas décadas de 1970 e 1980, a História da Educação passou pela influência marxista. Nela, a educação era situada em relação a aspectos econômicos, sociais e políticos das sociedades; os estudos, por vezes, caíam em anacronismos, sendo classificados como progressistas e/ou conservadores. Outra crítica recorrente ao período é a linearidade, simplificando processos e não levando em conta as relações de gênero, raça/etnia, classe e geração. Por vezes, era considerada uma educação desvinculada dos contextos analisados.

Considerando as últimas três décadas, percebe-se que a história cultural foi a tendência historiográfica que mais impactou o campo da História da Educação por haver uma ampliação das fontes e objetos de estudo da história. Dessa forma, os conceitos de gênero, geração, etnia e classe social são usados como categorias para dar a devida voz aos sujeitos que não tiveram espaço ou voz ao longo da história, não mais focalizando somente ao ensino e ao pensamento pedagógico, surgindo, assim, as histórias da educação.

A diversidade da História da Educação facilmente pode ser percebida nos títulos dos trabalhos selecionados para o Quadro 2, que são oriundos dos anais da ASPHE e estão disponíveis no Repositório Digital do TATU. O trabalho ordenado pelo levantamento dos dados preconizou a seguinte necessidade para os textos analisados: apresentação, em seu título, resumo ou palavras-chave, de forma explícita dos termos ‘cultura escolar’ ou ‘cultura material escolar’. Selecionados os trabalhos, apresentam-se os resultados em que, além dos títulos dos artigos/resumos expandidos, também pode-se verificar os respectivos autores e o ano de produção de cada uma das investigações científicas elaboradas pelas(os) historiadoras(es) da educação ao longo dos 25 anos da ASPHE. Veja:

**Quadro 2** – Relação das publicações nos anais da ASPHE em que os termos ‘cultura escolar’ e ‘cultura material escolar’ foram mencionados

<b>Autor</b>	<b>Obra</b>
BASTOS, Maria Helena Camara	1997. A gênese do projeto republicano para a educação: discurso e a ação do Dr. Joaquim José de Menezes Vieira – Médico educador (1851-1897)
SANTOS, Daini Silva da	2005. Aspectos da cultura escolar veiculados pelo impresso estudantil “Complementarista” da escola complementar de Pelotas/RS
DALLABRIDA, Norberto	2005. Ginásio Lagunense: laicidade e co-educação (1932-1941)
TEIVE, Gladys Mary Auras	2005. Manual de lições de coisas de Norman Calkins e a formação de professoras em SC (1911/1930)
PROCHNOW, Denise de Paulo	2007. Culturas escolares de ordem e progresso: saberes e práticas dos primeiros grupos escolares florianopolitanos (1911-1935)
FASOLO, Camila Porto	2007. Ginásio Cônsul Carlos Renaux: cultura escolar luterana em Brusque/SC
RAMOS, Ana Isabel Lima	2008. Arquivos Escolares: o exemplo da escola projeto
RABELO, Giani	2008. Crônica do Jardim de Infância Cristo Rei: vestígios de uma cultura escolar (1960-1970)
PROCHNOW, Denise de Paulo	2008. As séries graduadas de leitura em Santa Catarina e a formação do cidadão republicano (1911-1935)



<b>Autor</b>	<b>Obra</b>
NEVES, Helena Araújo	2008. Cultura material escolar: as propagandas das instituições de ensino de Pelotas-RS dando visibilidade ao espaço escolar (1875-1910)
ALAMEIDA, Dóris Bittencourt	2008. Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha: entre memórias e histórias (1958-2008)
SANTOS, Rita de Cássia Grecco dos	2008. “Pura, dura e segura”: a vida das pensionistas no Colégio São José de Pelotas
LIBERMAN, Rebeka	2009. A presença do civismo e do patriotismo nos grupos escolares de Santa Catarina (1911-1935)
SANTOS, Juliana dos Topanotti dos	2009. Cultura escolar católica masculina e de elite no Colégio Catarinense (1943-1961)
PINHEIRO, Stéphanie Kreibich	2009. Cultura escolar no Ensino Secundário público gratuito e misto no Colégio Estadual Dias Velho (1947-1961)
MÂNCIO, Lisiane de Freitas	2009. Direita volver! A educação física e as práticas de ginástica no currículo dos primeiros 7 grupos escolares implantadas em Santa Catarina pela reforma Orestes Guimarães (1911-1935)
SANTOS, Rita de Cássia Grecco dos	2009. Educando meninas, moldando mulheres: impactos da cultura escolar produzida nos primeiros anos do Colégio São José de Pelotas (1910-1920)
MARTINI, Estela Maris Sator	2009. Ensino secundário para moças da elite catarinense – o curso científico do Colégio Coração de Jesus nos anos de 1950
BERGOZZA, Roseli Maria	2009. Escola Normal Duque de Caxias: história da instituição formadora de professores na cidade de Caxias do Sul (1930-1961)
TEIVE, Gladys Mary Chizoni	2009. Grupo escolar e a produção do sujeito moderno: um estudo sobre o currículo e a cultura escolar nos primeiros grupos escolares catarinenses (1911-1935)
KREUTZ, Lúcio	2009. Índícios da cultura escolar na região colonial italiana do RS: ensinar e aprender em português
PINEDA, Silvana Schuler	2009. Internato do CMPA
PICOLLI, Vanessa	2009. O Colégio Normal de Xanxerê/SC: saberes específicos para moças do interior: as disciplinas de trabalhos manuais e higiene e puericultura
JACQUES, Alice Rigoni	2010. Cadernos escolares – relíquias de memórias
FRAGA, Andréa Silva de	2010. “O Estudo”: um exemplar da imprensa estudantil dos anos 1920 e 1930
FICHER, Beatriz T. Daudt	2010. Recordação escolar: aluno livros, mapa e globo – uma imagem recorrente (1949-2004)
BASTOS, Maria Helena	2010. Infâncias escritas: o jornal “A voz da Escola” (1936-

<b>Autor</b>	<b>Obra</b>
Camara	1938)
VIEIRA, Patrícia Machado	2010. Discursos sobre a escrita caligráfica em manuais de formação de professores (1930-1960)
BERGOZZA, Roseli Maria	2010. As representações do discurso escolanovista e do Método Intuitivo na Escola Complementar de Caxias (1930-1939)
PERES, Eliane	2011. Aspectos da cultura material escolar: o que revela a revista do ensino do Rio Grande do Sul entre as décadas de 1950 e 1970
SANTOS, Roberta Barbosa do	2011. Cartilhas e ensino da escrita nos anos 30 e 40 do século XX: discursos presentes nas atividades de caligrafia
RABELO, Giani	2011. Centro de Memória de Educação do Sul de Santa Catarina (CEMESSC): preservando o patrimônio escolar
BERGOZZA, Roseli Maria	2011. Collégio Elementar de Caxias: Histórias do José Bonifácio (1912-1936)
VIEIRA, Leticia Tischer	2011. Cultura material produzida na escola e práticas pedagógicas inscritas nos cadernos e no tempo: permanências e mudanças
BARUM, Sylvia Tavares	2011. Materiais de higiene e limpeza que circulavam nas escolas primárias gaúchas entre o final do século XIX e o início do século XX: alguns dados de pesquisa
GRIMALDI, Lucas Costa	2011. O jornal “Das Band” da Deutsche Hilfsvereinsschule e as escritas escolares sobre imigração alemã (1929-1938)
AUGUSTO, Patrícia Rodrigues	2011. Uma escola masculina: uma escola para formação de homens
SCHOLL, Raphael Castanheira	2011. À moda da escola: o feminino uniforme no Colégio Farroupilha de Porto Alegre na década de 1950
SILVA, Joseane de Fátima Machado da	2012. As culturas escolares em uma instituição de assistência à infância pobre e abandonada (Curitiba, 1948-1956)
MARTIELLO, Marina	2012. Colégio Regina Coeli e a História da Educação no município de Veranópolis
GRAZIOTTIN, Luciane Sgargi	2012. Do Schüler-Zeitung ao Ateneu, marcas da Cultura escolar nas páginas dos periódicos (1964-1973)
FERBER, Luiza Pinheiro	2012. Móveis Cimo S/A: notas iniciais acerca do mobiliário em escolas primárias catarinenses
PAZ, Valéria Alves	2012. O colégio São Carlos e a presença da congregação das irmãs de São Carlos Borromeo em Caxias do Sul, RS (1936-1971)
RABELO, Giani	2012. O jornal Escolar o Estudante Orleanense e o seu lugar na construção da cultura escolar (1951-1973)

<b>Autor</b>	<b>Obra</b>
FAGUNDES, Luiza Gonçalves	2013. A instituição escolar de ensino primário externato São José na década de 1950: os diários de classe como fonte documental
WITT, Nara Beatriz	2013. Do ensino à memória: os museus escolares em Porto Alegre
SANTOS, Maria Aparecida Possati dos	2013. Museu escolar: reorganização do acervo da escola marista em São Gabriel/RS
ZONIN, Sélia Ana	2013. Objetos à venda: a comercialização de materiais escolares veiculada em jornais de Santa Catarina (1915-1950)
FAGUNDES, Luiza Gonçalves	2013. Os diários de classe (1930-1940) e a cartilha “... Estou lendo” (1978-1989): elementos da prática escolar mato-grossense
VALLE, Hardalla dos Santos	2013. Um estudo comparado do ensino secundário das cidades de Pelotas e Rio Grande/RS (Décadas de 1870 a 1910)
FIGUEIREDO, Milene Moraes de	2013. Valores cívicos nos cadernos escolares do Curso Primário (Colégio Farroupilha/RS, década 1950)
CAETANO, Ademir Cavalheiro	2014. Constituição da faculdade de Ciências Políticas e Econômicas do Rio Grande e as influências para o desenvolvimento do município (1955-1969)
ABUD, Cristiane de Castro Ramos	2014. O livro didático como objeto de análise: tramas e usos da cultura material escolar
GASTAL, Delene Souza de	2014. O Crisol como fonte histórica no período entre os anos de 1926 e 1929
SÁ, Jauri dos Santos	2014. Influência europeia na arquitetura escolar brasileira: notas de investigação
POLETO, Julia Tomedi	2014. O ensino misto como prática escolar nos primeiros anos de funcionamento do Colégio Sagrado Coração de Jesus, Bento Gonçalves/RS (1956-1972)
WITT, Nara Beatriz	2014. Museus Escolares em Porto Alegre: relações com o ensino e a memória
JÚNIOR, Nelson Maurílio Coelho	2014. Dialogando com os objetos da escola
TEIXEIRA, Vanessa Barrozo	2014. Inventariando a cultura escolar: fontes para a história da educação da cidade de Rio Grande/RS no século XIX (1850-1889)
WEIDUSCHADT, Patrícia	2015. Acervos Escolares na escola Riachuelo em Pelotas – escrituração escolar (1973-1995)
WITT, Nara Beatriz	2015. Um encontro entre a História da Educação e a história dos museus de História Natural do Colégio Anchieta, Porto Alegre/RS

<b>Autor</b>	<b>Obra</b>
SÁ, Jauri dos Santos	2015. Escola Normal Rural Murilo Braga de Carvalho: espaço escolar e memória institucional (1952-1974)
DIAS, Ariele Schumacher	2015. De um jardim de infância doméstico às dependências do Sinodal: uma história de educação infantil 1953-1963
CASTRO, Renata Brião de	2015. Salva-guarda de arquivos escolares: um olhar acerca da Escola Garibaldi
ENSSLIN, Anna Beatriz Ereias	2015. O Grêmio literário Joaquim Caetano da Silva
SILVA, Bárbara Virgínia Groff da	2015. Vestígios de um rito escolar: fotografias e convites das três primeiras formaturas ginasiais do Colégio Cândido José de Godói (Porto Alegre/RS 1957-1959)
MASSIROLI, Vanessa	2015. O jornal "O estudo orleanense": civismo na cultura do grupo escolar Costa Carneiro (SC, Orleans, 1949-1973)
FONSECA, Maria Angela Peter da	2015. Lembranças de Frau Hofmeister Collegio Alemão de Pelotas, RS: 1916-1920
COSTA, Maria Oliveira de	2015. Etnias e Cultura Escolar: comunidades de imigração polonesa e italiana em Criciúma/SC (1900-1930)
LEAL, Carmem Beatriz Pereira	2016. Aspectos da Cultura Escolar do Colégio Félix da Cunha-1913 a 1934
VALLE, Hardalla Santos do	2016. A escola de aprendizes marinheiros e o aquartelamento de meninos desvalidos na cidade do Rio Grande/RS (1861-1889)
SÁ, Jauri dos Santos	2016. A cultura material escolar como fonte de pesquisa: fichário do corpo docente do grupo escolar Visconde de São Leopoldo (1939-1948)
ALVES, Renata do Santos	2016. Os registros oficiais da Escola Ipiranga (1960-1980): Educação Moral e Cívica na escola do campo
VALLE, Hardalla Santos do	2017. As irmãs da congregação Imaculado Coração de Maria: amparo e educação às meninas desvalidas nas cidades de Pelotas e Rio Grande/RS (1855-1873)
TEIXEIRA, Vanessa Barrozo	2017. "O ornamento da sociedade rio-grandense" os colégios femininos da cidade do Rio Grande no século XIX (1860-1880)
AGACHE, Graciele E. Teixeira	2017. As professoras e o ensino de matemática no Colégio Concórdia de Porto Alegre entre 1902-1942
SILVA, Bárbara Virgínia Groff da	2018. Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (FECAP) de São Paulo: possibilidades de pesquisa a partir de álbuns de formatura
MONKS, Joseane Cruz	2018. A produção e reprodução de folhinhas como recursos didáticos nas décadas de 1960 e 1970

<b>Autor</b>	<b>Obra</b>
SASSET, Rosane Salete	2018. A cultura escolar em uma escola técnica agrícola da região norte do Brasil
MONTEIRO, Carolina	2018. Memórias sobre o ditado escolar: um exercício: múltiplas práticas
RHEINHEIMER, Juliana Mercedes	2018. O ensino da matemática e os acervos do Colégio Anchieta
FONSECA, Maria Angela Peter da	2018. A cultura escolar da Deutsche Schule Urbana Collegio Rio-grandense do Rio Grande (1935-1936)
SILVA, Gabrieli Oliveira da	2018. "Memórias do computador": caderno de uma professora polivalente do colégio de aplicação da UFRGS (1978)
SARAIVA, Manuella Rach	2018. Representações da infância em Peter Pan: uma análise em edições da revista Disneylândia
POLETTI, Julia Tomedi	2018. Materialidades e enunciados: elementos da cartilha de Irmã Clotilde Dalla Rosa (1960)
SATURNINO, Edison Luiz	2018. Constituição e ampliação de arquivos escolares: provocações a partir do conceito de cultura escolar
SILVA, Indiara Gaia da	2019. Livros artesanais para o ensino da leitura e da escrita: materialidades de suportes produzidos fora do circuito editorial comercial
CARDOZO, Karine Gonçalves	2019. Curso Técnico em vestuário: a constituição do curso de costura em 1999 no CAVG
GASTAUD, Carla Rodrigues	2019. Práticas e contextos relativos à cultura material da escola da história da educação em museus
VANZ, Samanta	2019. A escolarização primária em Caxias do Sul/RS (1890-1950): uma abordagem investigativa a partir dos vestígios da cultura escolar
SILVA, Mayara Becker Oliveira da	2019. Rastro de aulas de matemática em um caderno escolar de 1988
MOREIRA, Gabriela Portela	2019. Entre a instrução e a agressão: a trajetória docente de Joaquim Pedro de Alcantara Dourado (1850-1856)
FARIA, Simone Gomes de	2019. A reconstrução da trajetória discente: uma normalista de Bagé
SANTOS, Mélyny Silva dos	2019. A construção do fundo documental: "a matemática nos exames de admissão no ginásio pelotense" (1925-1971)

**Fonte:** Quadro elaborado pelos autores.

A partir do Quadro 2, percebemos a pluralidade de trabalhos que investigam e discorrem sobre as duas noções aqui selecionadas: cultura escolar e cultura material escolar. As políticas educacionais

voltadas para o desenvolvimento científico, a ampliação da ASPHE, os novos objetos e fontes da historiografia da educação podem apresentar-se como os motivadores de um crescimento quantitativo e qualitativo no número de trabalhos e na diversidade de focos, métodos e práticas na História da Educação. Lopes e Galvão (2001) dizem que a História da Educação cada vez mais vem conquistando espaço, a partir da ampliação de fontes de pesquisa e da realização de eventos específicos sobre as temáticas, contribuindo com o entendimento da construção do processo escolar brasileiro.

Ainda sobre os textos apurados, pode-se verificar, e faz-se necessário mencionar, que alguns autores se destacaram na composição do referencial teórico das publicações analisadas. São eles: Antonio Viñao Frago, com os textos: *A historia de la educación e historia cultural* (1995); *El espacio y el tiempo escolares como objeto histórico* (2000) e *Sistemas educativos, culturas escolares y reformas e câmbios* (2002). Dominique Julia, com o texto *A cultura escolar como objeto histórico* (2001), dentre outros que constituem referencial teórico da área.

A partir do que escrevem os autores mencionados, entende-se que a cultura escolar é um

[...] conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e em conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas, ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e demais professores (JULIA, 2001, p. 10-11).

E pelas palavras de Viñao Frago (2002, p. 73), a cultura escolar pode ser entendida como

Constituída por un conjunto de teorías, ideas, principios, normas, pautas, rituales, inercias, hábitos y prácticas (formas de hacer y pensar, mentalidades y comportamientos) sedimentados a lo largo del tempo em forma de tradiciones, regularidades y reglas de juego no puestas em entredicho, y compartidas por sus actores, em el seno de las instituciones educativas.

A perspectiva anunciada pelos autores dá a dimensão da complexidade que é estruturar um conceito único e fechado, pois, devido ao conjunto polissêmico de elementos que formam a cultura escolar, que pode assumir características comuns, mas também apresenta diversidades em sua composição, arrisca-se dizer que, possivelmente, se poderia se operacionalizar com o termo no plural ‘culturas escolares’.

Pela complexidade da constituição de um conceito delimitado e observando a pluralidade de possibilidades, observa-se um aspecto muito importante, que se refere à centralidade dos autores na questão que abrange a composição das noções, tanto de cultura escolar como de cultura material escolar, sendo elaboradas e pensadas sempre na relação dos sujeitos com os objetos dentro de determinado período histórico.

Segundo Souza (2007, p. 170), a cultura material escolar:

[...] passou a ser utilizada na área da História da Educação nos últimos anos, influenciada pelos estudos em cultura escolar, pela renovação na área provocada pela Nova História Cultural e pela preocupação crescente dos historiadores em relação à preservação de fontes de pesquisa e de memória educacional em arquivos escolares, museus e centros de documentação.

Assim, ainda segundo a autora:

Ao recortar o universo da cultura material especificando um domínio próprio, isto é, o dos artefatos e contextos materiais relacionados à educação escolarizada, a expressão não apenas amplia o seu significado reinserindo as edificações, o

mobiliário, os materiais didáticos, os recursos audiovisuais, e até mesmo as chamadas novas tecnologias do ensino, como também remete à intrínseca relação que os objetos guardam com a produção dos sentidos e com a problemática da produção e reprodução social (SOUZA, 2007, p. 170).

Esse movimento mencionado pela autora é perceptível nas publicações dos encontros da ASPHE, pois se observa, dentre a metodologia de análise documental e da história oral, uma diversidade de fontes documentais, aspectos que contribuem para ampliar as interpretações. Entre alguns exemplos, destacam-se impressos estudantis; manuais pedagógicos; manuais de higiene; manuais de caligrafia periódicos e jornais variados, propagandas das instituições; artefatos como mapas, globo, livros didáticos, cadernos escolares, materiais de higiene e limpeza, uniforme escolar, móveis, diários de classe a arquitetura escolar, as fotografias escolares, que, entre tantas outras possibilidades, passam a constituir um amplo e proveitoso campo de possibilidades investigativas.

Pelo exposto, entende-se que há possibilidade de que outras inúmeras publicações poderiam compor esse mapeamento, pois articulam como fontes elementos que constituem a cultura escolar e a cultura material escolar. Logo, relembra-se que o critério de busca se evidencia pela presença dos termos no título, resumo e/ou nas palavras-chave.

### **Considerações finais**

Percebeu-se, a partir desta investigação, que a ASPHE, ao longo dos seus 25 anos, vem desempenhando seu objetivo de divulgar e de contribuir com a ampliação do campo da História da Educação, compartilhando possibilidades de pesquisa, favorecendo a formação de gerações de pesquisadoras e pesquisadores e promovendo a integração de instituições e grupos de pesquisas.

Ao organizar os dados coletados nos anais dos encontros da ASPHE, disponibilizados no repositório digital TATU, verificou-se



que as temáticas cultura escolar e cultura material escolar estão presentes nos congressos, aspecto que evidencia a diversidade das publicações apresentadas nos encontros.

Nesse sentido, observa-se a pluralidade de fontes documentais utilizadas nos 94 trabalhos identificados, a recorrência da metodologia baseada na análise documental, a presença marcante de elementos da história oral, principalmente da utilização de entrevistas na constituição de reflexões sobre a memória e a história de instituições e da materialidade que as constituíram historicamente.

É possível, também, identificar a estrutura de um referencial teórico que divulga as noções de cultura escolar e cultura material escolar, as quais conduziram para a divulgação e ampliação dessas noções, principalmente em articulação com a História da Educação. Contudo, compreende-se que, de maneira implícita, muitas outras publicações poderiam compor o levantamento realizado, logo, foi necessário estabelecer uma limitação. Em suma, comprova-se a potencialidade de articulação dessas noções com o campo da História da Educação e evidencia-se que a ASPHE contribui potencialmente com os pesquisadores da área, socializando pesquisas e ampliando as reflexões.

## Referências

- JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. Tradução: Gizele de Souza. Revista Brasileira de História da Educação. v. 1, n. 1, p. 9-43, 16 fev. 2012. <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38749>
- LOPES, Eliane Marta Santos Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Território Plural: a pesquisa em história da educação. São Paulo: Ática, 2010.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. História da Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- VIDAL, Diana Gonçalves. FARIA FILHO, Luciano Mendes. História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 23, n° 45, p. 37-70. 2003.
- VIÑAO FRAGO, Antonio. Historia de la educación e historia cultural. Revista Brasileira de Educação, vol. 1, n. 0, p. 63-82. set./dez. 1995.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Sistemas educativos, culturas escolares y reformas: continuidades e câmbios. Madrid: Educación, 2002.

VIÑAO FRAGO, Antonio. El espacio y el tiempo escolares como objeto histórico. Contemporaneidade e Educação: revista semestral de Ciências Sociais e Educação. Salvador, ano V, n. 7, p. 93-110, jan./jun. 2000.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da cultura material escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTA, Marcus Levy Albino. Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos (Org.). São Paulo: Cortez, 2007.

# O uso de impressos periódicos nas investigações da ASPHE (1997-2019)

*Andrea Gonçalves dos Santos  
Chéli Nunes Meira  
Jaqueline de Gaspari Piotrowski  
Lislaine Sirsi Cansi  
Simôni Costa Monteiro Gervasio  
Tânia Nair Alvares Teixeira*

## Introdução

Esse texto diz respeito a uma investigação historiográfica sobre o uso de impressos periódicos nas pesquisas publicadas nos anais dos Encontros da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE), e que estão disponíveis no repositório digital “Tatu”, vinculado à Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus Bagé<sup>1</sup>. Utilizamos os anais desses encontros como objeto de pesquisa histórica e, assim, os textos que tiveram impressos periódicos em sua abordagem teórico-metodológica como fontes. Trata-se, então, do uso de jornais, revistas, almanaques, cartilhas e livretos, pelos pesquisadores associados à ASPHE.

O recorte temporal remete ao período entre os anos 1997 e 2019, tempo histórico definido desde a criação da referida Associação em 1995. Revendo trabalhos produzidos nos 25 anos de Encontros da ASPHE, salientamos, no entanto, que o primeiro encontro ocorreu em abril de 1997 e em 1999 foram realizados dois eventos. Depois, os Encontros foram anuais até 2019. Em 2020, não houve Encontro em decorrência da pandemia relacionada à Covid-19. Os anais dos Encontros número dois e número seis (sem informações de data) não estão disponíveis para pesquisa no banco de dados do repositório “Tatu”.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/asphe-anais-encontros/>, acesso em: 15 dez. 2020.

Neste artigo objetiva-se reconhecer e refletir acerca da produção acadêmica e historiográfica que faz uso de materiais impressos periódicos como fonte e objeto de investigação, apresentados no decorrer da história da ASPHE, tendo como ponto de referência os anais publicados a cada Encontro. Bem como intentamos promover a divulgação dos estudos com ênfase em impressos, realizados pelos pesquisadores da ASPHE.

Trata-se de uma pesquisa documental com abordagem teórico-metodológica fundamentada nos referenciais de Cellard (2008) e Bacellar (2005) com o objetivo de alicerçar a ideia de que para se compreender um documento é preciso se apropriar de seu contexto, entender o seu significado em sua época, avaliar as possibilidades e as particularidades de cada documento por meio de um olhar próprio do campo do historiador. O trabalho foi iniciado pela investigação, por meio de descritores estabelecidos, nos anais em busca de uma coletânea que contemple a temática investigada, para na sequência ser iniciado o trabalho de organização e tratamento das fontes pelo agrupamento em categorias e posterior análise dos dados coletados. Visa-se verificar as distintas formas em que os pesquisadores associados à ASPHE têm utilizado os impressos como fonte em suas investigações, bem como apresentar a diversificação de trabalhos e pesquisas que eles proporcionaram ao longo da história da ASPHE.

O presente texto será apresentado a partir de uma discussão teórica sobre o potencial dos impressos e, na sequência, serão apresentados e discutidos os dados coletados nos anais dos Encontros da ASPHE.

## **Discussões e potencialidades dos impressos pedagógicos**

O campo da História da Educação, a partir da década de 1960, assumiu um papel de influência sobre outras disciplinas. Este reconhecimento é uma conquista, após anos de exclusão, em que o campo era considerado uma disciplina menor por diversas outras áreas e, principalmente, os historiadores que não avaliavam a prática

pedagógica como relevante para se entender a História da Educação (LOPES; GALVÃO, 2001). Ainda conforme Lopes e Galvão (2001), a História da Educação vem buscando cada vez mais seu espaço com a ampliação de suas pesquisas e fontes, assim como a realização de eventos científicos específicos sobre as temáticas.

Exemplo desta expansão é a criação e fortalecimento de associações como a ASPHE, criada em 11 de dezembro de 1995 e que já registra a realização de 25 Encontros em que pesquisadores ligados à História da Educação compartilham seus estudos, inquietações e produções acadêmicas, das mais diversas temáticas, recortes temporais e perspectivas teórico-metodológicas. Neste mesmo contexto é que se pode observar o avanço de pesquisas que se utilizam dos impressos pedagógicos como objeto e como fonte, fato que este artigo busca discutir.

Antes, no entanto, entendemos ser necessário uma breve discussão teórica de modo a subsidiar a leitura dos dados que serão apresentados no decorrer do trabalho. Um primeiro esclarecimento a ser feito é a partir do referencial teórico da História Cultural, que justifica a abertura de caminhos para a escrita de muitas investigações que anteriormente não tinham espaço, pois não eram “oficiais”, ou escritas baseadas em fontes antes consideradas “oficiais”. Houve uma ampliação da noção de documento, que permitiu que as pesquisas passassem a utilizar os impressos como fontes históricas (LE GOFF, 1996). Ainda nesse sentido, Luca (2020) ajuda a esclarecer a ampliação do uso de novas fontes, quando diz que:

(...) desde meados do século passado se observa a diversificação das fontes, o que autoriza o historiador contemporâneo a se valer de qualquer elemento (manuscrito, impresso, arquitetônico, arqueológico, iconográfico, sonoro, fílmico, da cultura material, das infovias etc.) julgado útil para levar a cabo sua investigação (LUCA, 2020, p. 40).

Entendemos então que os periódicos são objetos de investigação ao mesmo tempo em que são fontes para pesquisas em História da Educação, tendo em vista que para que um impresso seja utilizado como fonte é preciso pensar em sua historicidade, sua produção, as possíveis intenções da escrita, a linha editorial, a materialidade, entre outras características. Segundo Luca (2006), especificamente no que se refere ao uso de periódicos, é importante observar a materialidade, as funções sociais, a sua distribuição (público referenciado), analisar o discurso quanto à formatação e à linguagem (tendo em vista que o que está escrito é um enunciado sobre um fato, que se difere do fato em si). Em suma, é necessário “historicizar a fonte.”

Assim, nas páginas de impressos de modo geral (jornal, revista, almanaques e cartilhas) circulam as convicções de seus escritores e editores, já que, mais que um meio de propaganda e propagação de fatos e acontecimentos, os periódicos podem ser entendidos como testemunhas de conflitos que foram traçados, posições políticas e religiosas defendidas, ideias lançadas e muitos outros aspectos que circundam a História da Educação e possuem potencial de análise para diferentes pesquisas. Dessa forma, o impresso representa uma ampla possibilidade de estudo, com potencialidade diversa em se tratando de categorias de análises e investigação histórica.

As produções localizadas em periódicos jornalísticos, também se configuram como documentos escritos, assim como os periódicos na sua totalidade. Segundo Zicman (1985), as vantagens da utilização da imprensa como fonte são: periodicidade – os impressos registram a memória diária, semanal, mensal da sociedade; disposição espacial da informação – inserção do fato histórico em um contexto macro e o tipo de censura – instantânea e imediata. Ainda segundo Zicman (1985) e Martins e Luca (2006) os impressos auxiliam na pesquisa histórica sobre a imprensa, mas também na escrita da História do Brasil. O nascimento da imprensa na Colônia se confunde com a

própria História do Brasil. “A imprensa é, a um só tempo, objeto e sujeito da história brasileira” (MARTINS; LUCA, 2018, p. 8).

Vale destacar que foi na segunda metade do século XIX e início do XX que a imprensa esteve em pleno desenvolvimento no Brasil, com uma vasta criação de jornais que nem sempre eram escritos por profissionais do campo do jornalismo, mas sim professores, políticos e escritores que pretendiam com esse meio divulgar suas ideias e ter uma renda extra. De acordo com Martins e Luca (2006) isso começa a se modificar:

[...] pela ordem política republicana, com programas de alfabetização e remodelação das cidades; pela agilidade introduzida pelos novos meios de comunicação; pelo aperfeiçoamento tipográfico e avanços na ilustração, enquanto as máquinas impressoras atingiam velocidades nunca vistas. A imprensa mais profissionalizada passou a figurar como segmento econômico polivalente, de influência na melhoria dos demais, visto que informações, propaganda e publicidade nela estampadas influenciavam outros circuitos, dependentes do impresso em suas variadas formas. O jornal, a revista e o cartaz – veículos da palavra impressa – potencializavam consumo de toda ordem (MARTINS; LUCA, 2006, p. 37-38).

Nessa conjectura, focamos nos impressos pedagógicos, os quais passam a se popularizar tanto em produção como em circulação. Considera-se que “nas últimas três décadas a investigação sobre os impressos pedagógicos têm-se apresentado como um novo campo de pesquisa em vários países do mundo e, mais recentemente, no Brasil” (BICCAS, 2008, p. 23) e que, além disso, o impresso pedagógico, “por sua agilidade de produção e circulação, conseguiria capturar aspectos do cotidiano pedagógico, quase ao mesmo tempo em que as informações, os embates e as mudanças nas políticas educacionais estavam acontecendo” (BICCAS, 2008, p. 24).

É a partir desse arranjo teórico que entendemos as potencialidades dos impressos periódicos como objeto e fonte de pesquisa. Dessa forma, no que segue, buscaremos demonstrar a análise realizada considerando as publicações dos anais dos Encontros da ASPHE.

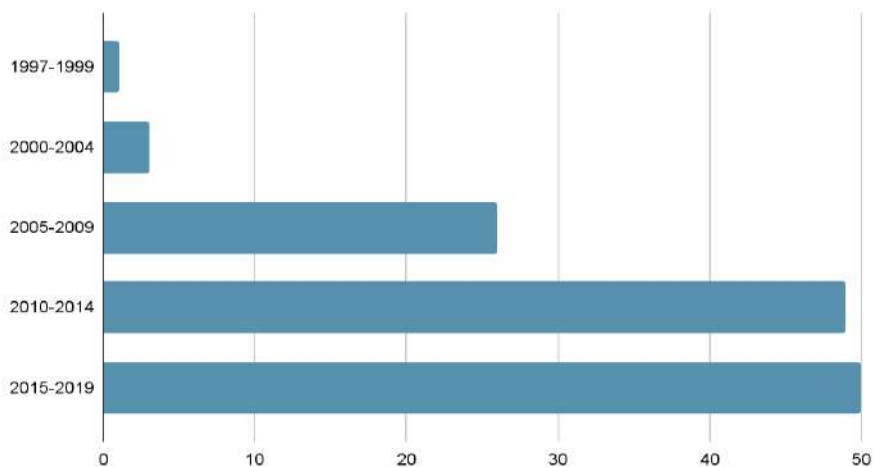
### **Apresentação do objeto e das fontes de pesquisa**

Iniciando o estudo, o primeiro passo foi a consulta ao repositório digital “Tatu” buscando fazer o recorte das fontes históricas. Do primeiro Encontro da ASPHE em 1997 ao último, em 2019, vinte e três arquivos de anais foram examinados, totalizando 1.233 artigos. É relevante frisar que, nas primeiras edições dos Encontros, havia menos artigos publicados em comparação com aqueles a partir da 13ª edição (2007). Nestes todos com número igual ou maior a 60 artigos e naqueles, com números diversos, a contar de cinco (3ª edição em 1998) a 59 (11ª edição em 2005). Esses dados nos permitem perceber a consolidação dos Encontros da ASPHE e o interesse e participação dos pesquisadores ao longo dos anos.

A partir do montante de arquivos supracitado, buscamos fazer o recorte e a catalogação das fontes de pesquisa. Para isso, manuseamos o objeto a procura de títulos constituídos pelos seguintes descritores: impresso(s), jornal(is), revista(s) e termos derivados. Encontramos 130 artigos dos 1.233 investigados. Desse montante, 55 dizem respeito a revistas, 37 artigos fazem referência a jornais, 15 a cartilhas, 13 a periódicos, 8 a impressos, 2 artigos remetem a almanaques e 1 artigo se refere à livreto. Em apenas cinco Encontros não encontramos resultados, concernentes às primeiras edições, a saber: 1º/1997, 4º/1999, 5º/1999, 7º/2001 e 8º/2002. Apresentaremos gráficos com dados das fontes encontradas e a sua respectiva discussão, a seguir.



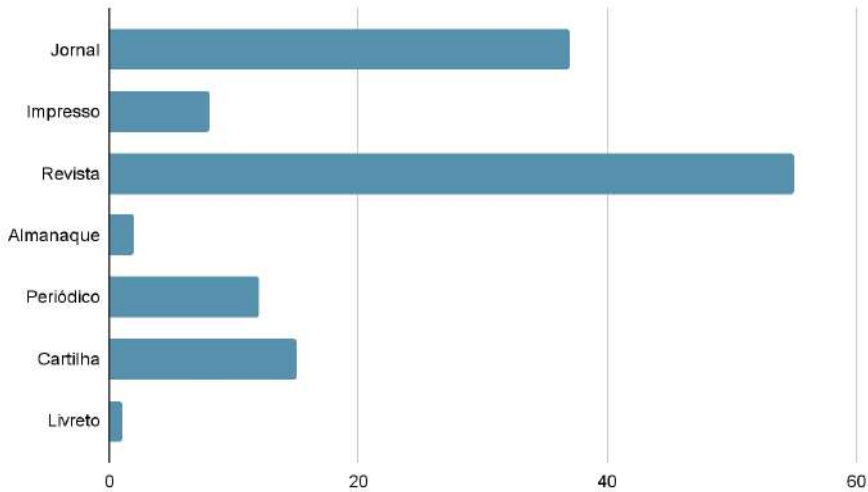
**Gráfico 1** – Utilização de impressos nos Anais da ASPHE por lustro



**Fonte:** Adaptado dos Anais da ASPHE, 2020.

No gráfico 1 é possível perceber que os impressos tiveram um crescimento acelerado como fonte de investigação nos Encontros da ASPHE, fato que demonstra o avanço e consolidação desses materiais como fonte de investigação historiográfica por, entre outros motivos, a farta opção de materiais, de possibilidades de análise e de obtenção de resultados coerentes com investigações que visam novos processos de compreensão para práticas, modelos, propostas, mecanismos de processos dinâmicos e que estão refletidos e perpetuados nas páginas dos impressos. Neste mesmo sentido, o próximo gráfico demonstra a versatilidade da fonte, em múltiplos formatos e a perceptível preferência dos pesquisadores associados à ASPHE pelas revistas, com a recorrência de 55 pesquisas, seguido dos jornais, com 37 pesquisas.

## Gráfico 2 – Utilização de impressos nos Anais da ASPHE por tipo



**Fonte:** Adaptado dos Anais da ASPHE, 2020.

Adiante, passaremos a discutir a presença de cada tipo de impresso nas pesquisas publicadas nos anais da ASPHE, mantendo a ordem de maior recorrência.

### Revistas

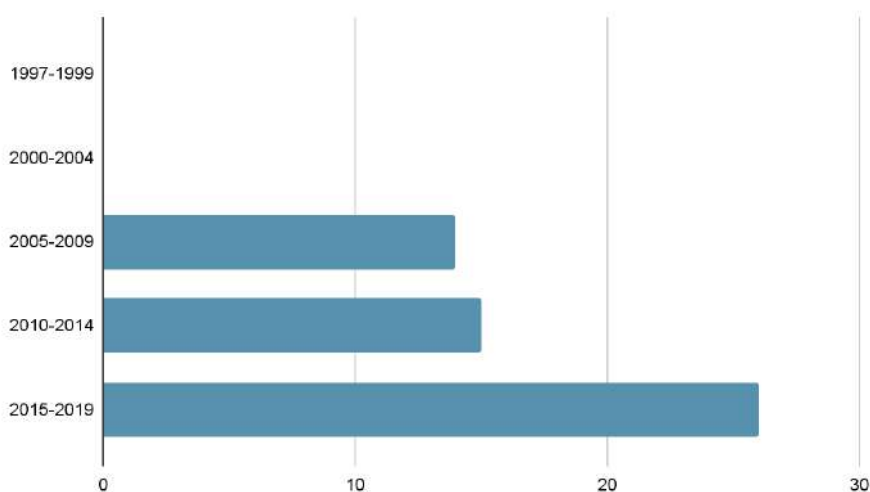
O trabalho historiográfico a partir da análise em revistas pode ser destacado conforme Martins (2008) como um gênero capaz de “documentar o passado a partir de registro múltiplo: do textual ao iconográfico, do extratextual – reclame ou propaganda – à segmentação, do perfil dos seus proprietários àquele de seus consumidores” (MARTINS, 2008, p. 21). Nesse contexto abre-se um leque diverso de possibilidades investigativas. A respeito da escolha desse gênero pelos pesquisadores, Martins (2008) sugere que:

O caráter lúdico desse periódico, de leitura amena e ligeira, explica a opção expressiva por essa modalidade de suporte da leitura na produção da História em suas múltiplas dimensões. O gênero é privilegiado notadamente pelo

historiador que, ao simples folhear dessas publicações de época, sente-se envolvido pelo tempo pretérito que busca reconstruir. Imagem, texto, reclames, e seções ali contidas, em princípio, independente de análise mais profunda, evocam em seu conjunto, de imediato, o quadro histórico em que se pretende transitar (MARTINS, 2008, p. 21).

Assim, entendemos que o documento, referente às revistas, torna-se relevante a partir da análise que o historiador faz delas. Para tal análise, é necessário saber a origem da fonte, quem a produziu, por que, para quem, com que intento, cruzar as fontes e relacionar texto e contexto, apropriando-se dos escritos e dando sentido ao documento. Desse modo, a popularização da fonte entre os pesquisadores associados à ASPHE fica demonstrada no gráfico seguinte que registra o salto de zero pesquisas, no primeiro período, para 26, no último.

**Gráfico 3** – Utilização de revistas nos Anais da ASPHE por lustro



**Fonte:** Adaptado dos Anais da ASPHE, 2020.

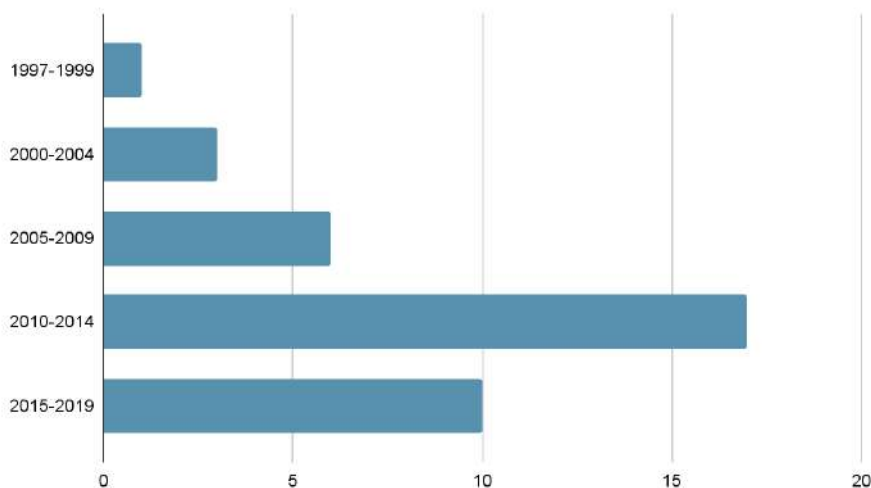
## Jornal

O jornal se popularizou para a História como uma fonte menor, inferiorizada, mesmo depois da profissionalização da imprensa e das maiores tiragens. Foi apenas na terceira geração da *Escola dos Annales* com os “novos temas e as novas abordagens” que esta ideia começou a se modificar (LUCA, 2006, p. 112). A partir de 1968 iniciou-se o que chamamos de terceira geração dos *Annales*, este foi um período de maior abertura, com novos temas e novas influências (BURKE, 1997). Por sua vez, a História Cultural buscou uma aproximação principalmente com a antropologia, deixando de lado o objeto e valorizando o método. O estudo da imprensa auxilia no entendimento não apenas da História como da História da Educação, muito do que precisamos entender e estudar está nas páginas dos jornais. Entretanto, a imprensa precisa ser observada como uma fonte carregada de intencionalidades pois, “age no campo político-ideológico” (ZICMAN, 1985, p. 90).

O jornal é uma ferramenta importante para se entender o cotidiano de alguns períodos, os editores tinham por hábito publicar acontecimentos do dia a dia, crimes, disputas e rivalidades que pode dar uma ideia dos fatos que não foram registrados em outros documentos. O jornal passou a influenciar o consumo, as ideias e a política, além de ser para seus editores uma fonte de renda, nas suas páginas circulava uma variedade de posicionamentos e propagandas (MARTINS; LUCA, 2006).

Ao selecionar os textos que possuíam nos títulos dos trabalhos os descritores jornal(is) e jornalzinho, somaram-se trinta e sete artigos, sendo que um artigo foi encontrado entre os anos de 1997-1999, três artigos foram encontrados entre 2000-2004, seis, entre 2005-2009, dezessete, entre 2010-2014 e, por fim, dez artigos entre 2015-2019, conforme está demonstrado no gráfico a seguir.

#### **Gráfico 4 – Utilização de jornais nos Anais da ASPHE por lustro**



**Fonte:** Adaptado dos Anais da ASPHE, 2020.

#### **Cartilha**

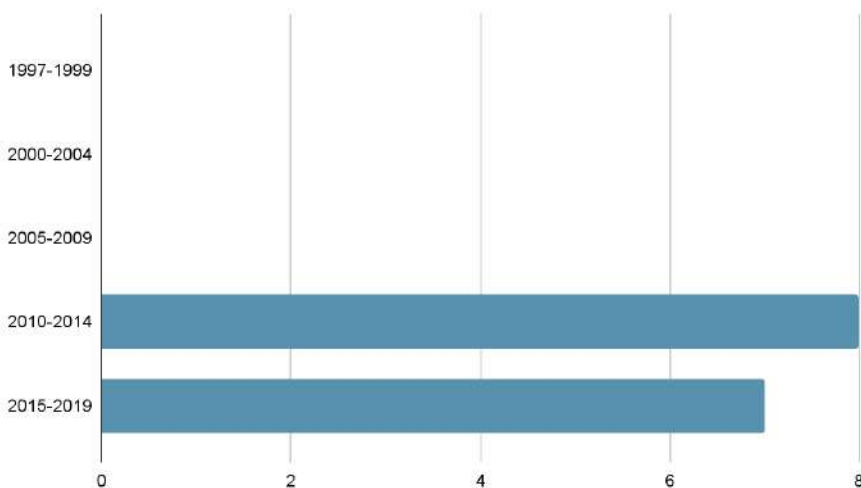
Ao analisar os dados iniciais podemos observar que os estudos em que aparecem no título a denominação de cartilhas, surgiram nos Encontros da ASPHE após o ano de 2011, e totalizam-se em quinze textos. Os estudos das cartilhas estão relacionados à alfabetização e ao letramento e, assim, entendemos que estão diretamente relacionados à História da Educação.

Mesmo que muitas cartilhas tenham sido impressas e distribuídas em grande quantidade e por períodos de longa duração, a criatividade dos professores está imbricada a sua atividade. Neste sentido, algumas cartilhas eram confeccionadas artesanalmente pelos professores, e para isso era utilizado o mimeógrafo. Ao analisar os artigos entramos em uma pesquisa sobre cartilha artesanal construída por professores. A riqueza das cartilhas faz com que o seu estudo seja mais amplo, sendo que em alguns textos buscou-se analisar as estratégias para o ensino da escrita e da leitura. Em outros estudos,

buscou-se em diários de professoras e cadernos de alunos identificar a utilização de cartilhas para a preparação das aulas, o que foi confirmada pelas pesquisas.

Em alguns estudos o objetivo foi identificar a publicação das cartilhas em relação ao seu alcance e circulação, observando com isso suas autoras e editorações. Além de estudos referentes às diferentes edições quando estas foram reeditadas. Outro estudo que pode ser salientado foi referente às estratégias de ensino utilizadas pelas cartilhas, tanto quanto à alfabetização e aos costumes e regras sociais que naquele momento deveriam ser seguidas na sociedade. E por fim, um estudo buscou nas políticas públicas as normativas ou orientações de como as cartilhas deveriam ser utilizadas em sala de aula.

**Gráfico 5** – Utilização de cartilhas nos Anais da ASPHE por lustro



**Fonte:** Adaptado dos Anais da ASPHE, 2020.

## Periódico

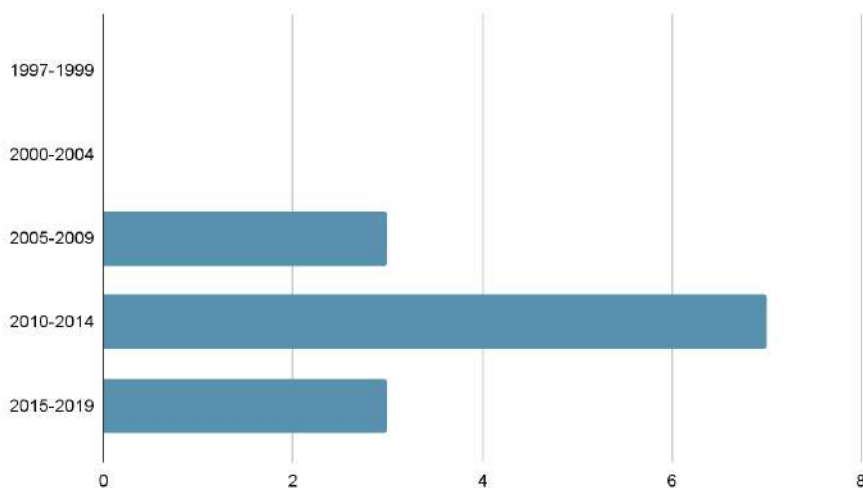
Ao analisar os dados do gráfico 6, apresentado a seguir, verificamos que o termo “periódico” foi destacado em treze

publicações, entre os anos de 2005 e 2019. Ao verificar as fontes de pesquisa observamos que os artigos que trouxeram em seus títulos o termo “periódico” não fazem menções somente a um gênero da imprensa, mas se referem genericamente a ele como um sinônimo de jornal (4 artigos), de imprensa pedagógica (8 artigos) e de editorial (1 artigo). Cabe salientar que os artigos voltados à imprensa pedagógica têm jornais, revistas e livros como objetos de investigação.

Os estudos dos periódicos tratam de temáticas diversas e objetivam investigar enunciados dos jornais acerca da educação infantil, de aspectos da existência de associação religiosa (Igreja Católica), de representações sociais de gênero, especificamente, sobre como ser mulher, de políticas sanitárias e seus reflexos nas instituições educacionais. No que diz respeito à imprensa pedagógica, os artigos têm como finalidade reportar instrução pública referente a diferentes níveis de ensino no Brasil, enfatizar as memórias de culturas juvenis, a formação de professores, a cultura escolar, as marcas de civismo e nacionalismo e as representações sobre as práticas escolares articuladas à legislação vigente. Por fim, o artigo que trata de um editorial faz referência ao projeto educacional da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil.

Nesse contexto, as fontes históricas estavam circunscritas a jornais da cidade, a jornais de ordem religiosa, a jornais e revistas publicados por estudantes e diretores de escolas públicas e privadas, entre outras. Frisamos que o jornal *O Crisol* foi utilizado em três pesquisas (uma em 2011, duas em 2015), com focos investigativos diferentes. Por último, salientamos a articulação das investigações à História da Educação, inclusive pelos pesquisadores que utilizaram “periódicos” externos à imprensa pedagógica.

## Gráfico 6 – Utilização de periódicos nos Anais da ASPHE por lustro



Fonte: Adaptado dos Anais da ASPHE, 2020.

### Impresso

Ao analisar os artigos que trouxeram no título o termo “impresso” observamos que os pesquisadores costumam utilizá-lo como sinônimo para cartilha, jornal, revista ou compêndio, pois o termo abarca todos os gêneros de obras impressas. Neste sentido, percebe-se que o elo entre os materiais está relacionado com o campo educacional. Sobre a potencialidade dos impressos educacionais, Catani (1996, p. 117) argumenta que eles se constituem em:

[...] uma instância privilegiada para a apreensão dos modos de funcionamento do campo educacional enquanto fazem circular informações sobre o trabalho pedagógico e o aperfeiçoamento das práticas docentes, o ensino específico das disciplinas, a organização dos sistemas, as reivindicações da categoria do magistério e outros temas que emergem do espaço profissional. Por outro lado, acompanhar o aparecimento e o ciclo de vida dessas revistas permite conhecer as lutas por legitimidade, que se travam no campo educacional. É possível analisar a participação dos



agentes produtores do periódico na organização do sistema de ensino e na elaboração dos discursos que visam a instaurar as práticas exemplares (CATANI, 1996, p. 117).

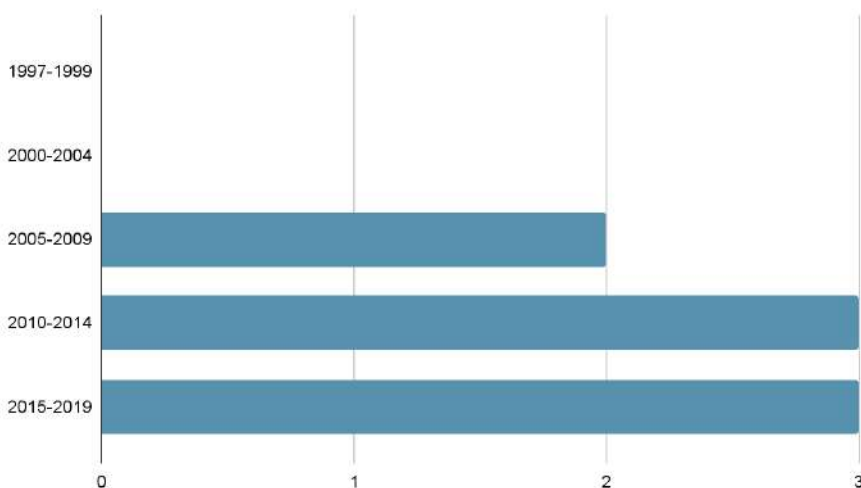
Para a autora, pesquisas empenhadas em compreender a especificidade do funcionamento de um determinado impresso educacional têm condições de contribuir “significativamente para a elucidação dos modos de organização e da dinâmica do campo educacional” (CATANI, 1996, p. 127). O ambiente escolar, que em determinados quesitos permanece praticamente inalterado, também está em constante mudança e renovação, nos instigando a vê-lo a partir dos impressos, buscando perceber tal ambiente sempre mais, bem como aos indivíduos que o integram. Logo:

[...] outra diretriz de trabalho se configura pelo estudo específico e “interno” ao próprio periódico e sua produção, a partir do qual é possível reconstruir, num momento dado estágios de funcionamento e estruturação do campo educacional, movimentos de grupos de professores, disputas e atuações. Dito de outro modo, é possível partir do estudo de determinados periódicos educacionais e tomá-los como núcleos informativos, enquanto suas características explicitam modos de construir e divulgar o discurso legítimo sobre as questões de ensino e o conjunto de prescrições ou recomendações sobre formas ideais de realizar o trabalho docente (CATANI, 1996, p. 118).

Especificamente sobre as pesquisas apresentadas nos Encontros da ASPHE e que se utilizam do termo “impressos” é possível perceber que quatro trabalhos foram sobre impressos estudantis, sendo três utilizados para o caso de jornal estudantil e um para abordar uma revista escolar. Neste mesmo sentido, encontrou-se uma revista religiosa voltada ao público infantil, outro estudo relacionou-se a um texto sobre várias cartilhas direcionadas para a alfabetização. E por sua vez, um artigo refere-se a impressos raciais, que são compêndios escolares para o estudo das raças. E ainda outra pesquisa mais teórica

procurou discutir a utilização de impressos (revistas e jornais) nos estudos sobre a História da Educação, dados que demonstram a versatilidade dos impressos para o campo de pesquisa da História da Educação.

**Gráfico 7** – Utilização de impressos nos Anais da ASPHE por lustro



**Fonte:** Adaptado dos Anais da ASPHE, 2020.

### **Almanaque e Livreto**

Estudos específicos a partir de almanaques ou livretos são bastante raros nos Encontros da ASPHE e, por este motivo, não serão apresentados gráficos para demonstrar a sua recorrência. Os dados coletados demonstram que em todo o período de análise o termo almanaque foi utilizado duas vezes: em um estudo na 14ª edição no ano de 2008, onde o tema do evento foi “Cultura material escolar: memórias e identidades”; e na edição 21ª do ano de 2015, em que o tema do evento foi “Etnias, culturas e História da Educação”.

Já os livretos foram objetos de estudo em uma ocasião, na edição 25ª do ano de 2019, onde o tema do evento foi “História da educação e democracia: desafios e conquistas”. É difícil precisar sobre

a baixa recorrência dos materiais entre os pesquisadores da ASPHE, já que tanto os almanaques como os livretos, em suas diversas possibilidades de apresentação podem render inúmeras pesquisas e oportunidades de análises historiográficas. No entanto, tal dado poderá servir para despertar alternativas exploratórias aos pesquisadores da ASPHE que, certamente, terão muitas descobertas a realizar a partir do *corpus* documental tanto dos almanaques como dos livretos.

### **Considerações finais**

A pesquisa nos anais dos Encontros da ASPHE, realizada para este artigo, buscou demonstrar a recorrência da utilização de impressos periódicos no campo da História da Educação de modo a reforçar a potencialidade destes materiais, em suas diferentes propostas, formatos e linhas editoriais, como instrumentos de análise. Visto que, cada vez mais, interessam aos pesquisadores por suas possibilidades e riqueza de perspectivas em detalhes e dinâmicas, em relações focadas no campo historiográfico educacional, a partir de diferentes vozes. Assim, mais do que perceber o avanço, tanto em número como em diversidade de tipos de materiais em análise, este artigo buscou apresentar as diferenças entre os impressos periódicos e a diversidade de contextos em que eles foram investigados e, que hoje, representam inúmeras possibilidades de pesquisas que vêm sendo exploradas pelos associados à ASPHE.

Assim, em termos gerais, o que se percebe é a recorrência expressiva de pesquisas a partir de jornais e revistas, em que outros termos, como “periódico” e “impressos” são utilizados, na maioria dos casos, para tratar sobre os gêneros da imprensa pedagógica, dentre eles os próprios jornais e revistas. E, ainda, como uma forma mais abrangente de tratar de materiais que foram impressos e circularam em contextos educacionais formais e informais. Já as pesquisas a partir das cartilhas são mais direcionadas aos modos de aprender e ensinar,

enquanto os livretos e almanaques ainda representam um campo a ser mais explorado.

Nota-se, também, que entre os muitos aspectos no que tange aos impressos pedagógicos e, através deles os jornais, as revistas, as cartilhas, os livretos, entre outros, esses se apresentam como um relevante meio de comunicação entre a comunidade escolar, um veículo de interação e divulgação de informações, tanto no aspecto da vida escolar quanto da sociedade. Assim, tais são as possibilidades de investigação histórica e educacional quando se trata de impressos, desde a confecção e produção, a circulação, a materialidade e seus escritos, e que evidenciam a importância que os estudos que os discutem trazem para o campo da História da Educação.

Para encerrar, se conclui que ao rever as pesquisas apresentadas e discutidas nos Encontros da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação e perpetuadas na publicação dos anais, tem-se mais um cabedal de análise e investigação histórica capaz de desvendar inúmeras nuances do campo histórico, graças a capacidade teórica e interpretativa dos pesquisadores associados à ASPHE, que reconhecem o potencial e investem em investigações a partir dos mais diferentes impressos periódicos.

## Referências bibliográficas

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: BASSANEZI, Carla Pinsky (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto 2005.

BICCAS, Maurilane de Souza. **O impresso como estratégia de formação** – Revista do Ensino de Minas Gerais (1925-1940). Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales: a Revolução Francesa da historiografia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CATANI, Denice Barbara. A imprensa periódica: as revistas do ensino e o estudo do campo educacional. Revista Educação e Filosofia, ano 10, n. 20, p. 115-130, jul./dez. 1996. Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/viewFile/928/842>. Acesso em: 20 ago. 2021.

- CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4ª ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1996.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- LUCA, Tania Regina de. Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Ed. Contexto, 2006, p.111-153.
- LUCA, Tania Regina de. **Práticas de pesquisa em História**. São Paulo: Contexto, 2020. 144 p. (História na Universidade).
- MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018.
- MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em Revista** – imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1980-1922). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **Imprensa e cidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. In: **Projeto História**, v. 4, jun., p.89-102, 1985.

# Revisão da literatura sobre Artes em eventos e periódicos da ASPHE (2010-2020)

*Clarice Rego Magalhães  
Estela Maris Reinhardt Piedras  
Lislaine Sirsi Cansi  
Liziane Nolasco Fonseca  
Raquel Azambuja Santos*

## Introdução

Este artigo tem por objetivo analisar o tema Arte nos anais dos eventos da ASPHE e nas publicações da Revista História da Educação (RHE), entre 2010 e 2020, visando enfatizar sua importância para a História da Educação.

O interesse que nos moveu a escrever sobre a Arte na História da Educação através das publicações da ASPHE entre 2010 e 2020, se dá principalmente pelo fato do tema ser pertinente à História sobre o ensino de arte, porém o que determinou a área a ser estudada foi a formação das autoras, um grupo de artistas e professoras ou professoras artistas, que em algum momento da vida acadêmica se encontram e unem esforços para evidenciar a importância da arte na História da Educação. Com o estudo que estamos realizando sobre o tema, bem como o levantamento que vem sendo realizado sobre as publicações, almeja-se expressar a quantidade de artigos que já foram publicados tanto nos anais do evento da ASPHE, quanto na Revista de História da Educação (RHE) que são nossas fontes. Nossa intenção é revelar ou enaltecer que a arte sempre esteve presente na História da Educação, de diferentes formas, seja para educar o senso crítico ou estético como para aguçar sensibilidades ou criatividade.

Nesse contexto, o trabalho é voltado a intensificar os assuntos relacionados com a Arte e assim também poder contribuir com os futuros pesquisadores e estudiosos do campo ou mesmo de outras

áreas do conhecimento, e que assim possa alavancar possibilidade para outros discursos até mesmo interdisciplinares.

Toda essa movimentação nos fez pensar e perceber que, no Brasil, culturalmente a arte vem sofrendo uma grande desvalorização e isso pode ocorrer pela falta de uma educação básica que valorize a criatividade e o pensamento crítico dos alunos.

## **A Arte na História da Educação**

Para a realização desta investigação a respeito de como a arte aparece nas publicações realizadas pela ASPHE, faz-se necessário uma definição de arte. Porém o termo arte não tem uma definição fácil, nem única, muitos consideram que é impossível definir o que seja a arte. No livro de história da arte mais vendido do mundo, “A História da Arte” de Ernst Gombrich, o autor diz: “nada existe realmente a que se possa dar o nome Arte” (Gombrich, 1999, p. 15), afirmando que existem somente artistas, e que “tal palavra pode significar coisas muito diversas, em tempos e lugares diferentes”. De fato, se pedirmos a pessoas da área das artes uma definição do termo elas nos darão respostas diversas ou dirão que não arriscam uma definição de arte.

Para Herbert Read<sup>1</sup> (1963) a arte é uma categoria que sempre é possível de ser aprimorada sua definição, sendo um dos conceitos mais indefiníveis da história do pensamento humano”. Autor de vários livros, dentre eles destacamos *A Educação pela Arte*, que foi norteador para a educação em arte na década de 1960, e talvez ainda hoje seja. Nele Read menciona que a arte sempre foi tratada como um

---

<sup>1</sup> Herbert Read (1893-1968) Professor, historiador da arte, poeta, escritor, filósofo, anarquista, crítico literário. Crítico dos mais conceituados entre as décadas de 1930 e 1950, e expoente do movimento de educação pela arte. Herbert Read impôs-se por seu espírito democrático e humanístico, tanto no campo da estética quanto em pedagogia, sociologia e filosofia política.

conceito metafísico, embora ela seja um fenômeno orgânico e mensurável. Discorre ainda que “não se trata de um princípio governador a ser aplicado à vida, mas de um mecanismo que, somente correndo riscos, podemos ignorar”. Sem esse mecanismo a civilização perde o equilíbrio, mergulhado no caos social e espiritual. Entendemos que para o autor esse mecanismo está ligado à vida de cada um, ao sentimento de existência e pertencimento ao meio, principalmente à natureza (cores, formas e os sentidos), esses elementos estão presentes em todas as obras de artes plásticas (READ, 1963).

Para nós é importante também salientar que a subjetividade está muito condicionada a arte, ou seja, ela depende da empatia ou modo de percepção do espectador, de acordo com alguns elementos que a constituem, despertando sentimentos que variam de indivíduo para indivíduo de acordo com suas emoções e sentimentos.

Ou seja, definir arte é algo muito complexo e fugidio, então foi decidido que, no âmbito deste trabalho, no momento da busca pelos artigos que iriam integrá-lo, consideraríamos arte tudo o que fosse chamado de arte pelos autores dos artigos e/ou o que tratasse de manifestações musicais, visuais (desenho, pintura, escultura, gravura, fotografia e congêneres), de teatro e de dança. Em um primeiro momento foi feito um rol com todos os trabalhos no âmbito da ASPHE que de algum modo utilizavam a arte. Em um segundo momento, a partir deste primeiro conjunto de artigos, buscamos separar os que tratavam especificamente de investigações sobre o ensino da arte (ou da educação pela arte) dos artigos que traziam a arte de outras maneiras e para outros fins. Isto porque a arte pode ser utilizada apenas como fonte documental para uma pesquisa sobre instituições de ensino militares, por exemplo.

Sabemos que, assim como a arte, o ensino da arte tem a sua história, e a ASPHE participa deste esforço de construir, divulgar e



discutir a história do ensino da arte – com foco principalmente no estado do Rio Grande do Sul. O ensino da arte e suas instituições impactam grandemente na produção artística, na legitimação de determinados estilos, e assim na própria arte desenvolvida nos diferentes tempos e espaços, por isto a fundamental importância da pesquisa na área.

Desde o momento em que um ser humano produz arte, outro ser humano pode aprender este fazer, pela observação e pela imitação. Pode também receber alguma orientação/instrução realizada de modo informal. Já o ensino da arte institucionalizado, segundo Pevsner (2005), nasce em Florença, no *cinquecento*, com as primeiras academias de arte. O autor Cavalcanti (1978, p. 29-30) afirma que surge com os Carracci, que fundam, no ano de 1585, em Bolonha, uma academia de pintura denominada Academia dos Bem Encaminhados, cujo programa de ensino seria a raiz da pintura acadêmica.

As primeiras academias de arte foram italianas, mas foi a Academia de Paris que teve grande poder e influência no mundo da arte, e foi o seu exemplo que influenciou quase todas as academias de sua época e também de épocas posteriores. Este foi, inclusive, o modelo da primeira academia de arte brasileira, fundada pela “Missão Francesa” que chega ao Rio de Janeiro em 1816, e se torna paradigma do ensino da arte no país.

As academias se tornaram um modelo de ensino de arte e foram copiadas em toda a Europa e também em parte da América, e este modelo vai se manter por quatro séculos. Era um modelo bastante rígido, que consistia nos seguintes procedimentos: desenhos a partir de desenhos, desenhos a partir de modelos em gesso, desenhos a partir de modelos vivos e muitas cópias. Dentro da história do ensino da arte, as academias tiveram uma importância muito grande, e elaboraram um

modo de ensinar e produzir arte que existe até os dias de hoje em alguns lugares.

Segundo Pevsner (2005), com o advento da arte moderna e contemporânea o conceito de academia vai se tornar obsoleto, e é posta em questão a própria existência e validade do ensino da arte, que no século XX vai cair em descrédito.

A valorização da expressão pessoal, o trabalho artístico sendo nada mais do que um “grito da alma”, e o incentivo à criatividade pura na ação artística tornariam desnecessária, e até inadequada, a transmissão do saber artístico. Este novo ponto de vista confere à arte uma tarefa “programaticamente antiinstitucional”, de servir de crítica ao modo de produção social dominante (PEVSNER, 2005, p. 22).

Assim o ensino da arte vai mudando e se adaptando aos novos tempos. Partimos então para o nosso debate em torno do Ensino de arte no Brasil.

## **O Ensino de Arte no Brasil – Um percurso pela História da Educação**

Para falarmos sobre o ensino de arte no Brasil, podemos começar pela própria História da Arte, pois ambas estão diretamente ligadas, tendo em vista que a arte só foi considerada legalmente como auxiliar de outras disciplinas ou adquiriu maior importância educativa muito recentemente, após as reformas educacionais com a LDB de 1961, LDB de 1971 e concretizou-se no currículo escolar na LDB de 1973 quando foram criados cursos superiores de Licenciatura em Educação Artística.

O ensino de arte no país vem sofrendo mudanças em toda sua história, e assim seguirá em constante transformação conforme os períodos que perpassam a educação. Essas variações foram acontecendo devido às situações vividas em cada época, contudo a

educação foi se renovando para suprir algumas necessidades, e com isso o ensino de arte também.

Segundo Ferraz e Fusari (2009) assim como outras áreas do conhecimento, surgem de mobilizações políticas, sociais, pedagógicas, filosóficas, e, no caso da arte, também de teorias e presunções artísticas e estéticas, conforme períodos que marcaram e marcarão determinadas épocas.

Sendo assim podemos enfatizar que estas transformações fazem parte de processos políticos, variações culturais e sociais e que aos poucos tomam forma. É um conjunto de ações, infelizmente lentas, mas imprescindíveis, principalmente à educação e ao ensino de arte nas escolas, levando em consideração os períodos da história do país e a história da educação.

Da mesma maneira que destacamos anteriormente foi com o advento do Modernismo, no início do século XX, que medram as primeiras ideias de arte como expressão preconizadas por Mário de Andrade e Anita Malfatti assim como na educação algumas interpretações dos ideais de John Dewey através da Escola Nova (1927- 1934) trazidos por Anísio Teixeira (escola pública e gratuita para todos, educação possível através da experiência individual de cada um).

Segundo Barbosa (2014, p. 3) “Anita Malfatti manteve cursos para crianças e jovens em seu ateliê e na escola Mackenzie. Tinha uma orientação baseada na livre expressão e na espontaneidade”. Por sua vez, Mário de Andrade contribuiu muito na pesquisa sobre o desenho infantil de caráter pictórico comparando-os às artes primitivas em seu curso de filosofia e história da arte na Universidade do Distrito Federal. Essas foram as primeiras tentativas do ensino especializado de arte para o público infantil.

Na mesma instituição foi criado o primeiro curso de formação de professores de desenho por Anísio Teixeira, porém a universidade

foi fechada pelo regime político ditatorial que regia o país no período de 1937 a 1945. Após esse acontecimento muitas outras universidades criaram cursos de professorado e desenho em um modelo que até a atualidade são bem convencionais, explica Barbosa (2014).

Na segunda metade do século XX se fortalece o ideal de arte através da livre expressão, nesse contexto se insere a ênfase às atividades artísticas extracurriculares para crianças e adolescentes, contudo podemos dizer que a tendência mais famosa ou a que mais fortaleceu esse ideal, tenha surgido por volta de 1948 no Brasil, difundida por Augusto Rodrigues<sup>2</sup>, com o Movimento das Escolinhas de Arte e a fundação da Escolinha de Arte do Brasil, no Rio de Janeiro. Era para a arte, de certa forma, uma retomada de algumas questões que permearam o modernismo (desde a década de 1920), assim como nos relata Iavelberg (2015):

Nas obras modernas, em sua maioria, o artista não quer representar a realidade, ele cria realidades na obra, que nascem da interação da subjetividade do artista com a natureza, o meio, as ideias, as obras de arte, sua interioridade, etc.. O resultado são modos de fazer mais significativos do que os assuntos, que ecoarão no mundo simbólico do espectador, revelando novos modos de ver arte, conhecer a si e ao mundo (IAVELBERG, 2015, p. 129).

Desta forma entendemos que o fazer artístico, no modernismo, ligado às experiências estéticas do artista ganhava mais importância do que tentar retratar uma realidade.

O Movimento das Escolinhas de Arte (MEA) teve por princípio o respeito à liberdade de manifestação artística das crianças. A primeira sede da Escolinha de Arte do Brasil<sup>3</sup> instalou-se na

---

<sup>2</sup> Augusto Rodrigues (Recife, Pernambuco, 1913 – Resende, Rio de Janeiro, 1993). Educador, pintor, desenhista, gravador, ilustrador, caricaturista, fotógrafo, poeta.

<sup>3</sup> Para saber mais sobre a Escolinha de Arte do Brasil: ver BRITTO, J.M. 60 anos de Arte & Educação através da Escolinha de Arte do Brasil, 2008, RJ.

Biblioteca Castro Alves, no centro do Rio de Janeiro (FREITAS, 2008) tendo despertado interesse em vários artistas importantes como Oswaldo Goeldi, Aluísio Magalhães, Burle Marx, Cecília Conde, do poeta Carlos Drummond de Andrade, de educadores como Anísio Teixeira, Durmeval Trigueiro e Noemia Varella, da psicanalista Nise da Silveira, entre outros psicólogos, cientistas, políticos e jornalistas.

O MEA deu origem a várias outras Escolinhas de Arte pelo país. O Rio Grande do Sul foi o Estado com maior número de escolas espalhadas pela capital gaúcha e interior, por volta de 1960.

Conforme Augusto Rodrigues (2008):

A escola deveria ser a oficina de construção da paz, e só o será quando aberta ao diálogo, aos sentimentos de solidariedade, ao invés da escola do monólogo e da competição. Por outro lado, para que essa escola atenda de fato às necessidades básicas da criança, será imprescindível que, a exemplo de Gandhi, possa levá-la, pela palavra e ação, a refletir sobre si mesma e sobre o outro, mesmo que esse outro não esteja a seu lado. (RODRIGUES, *apud* BRITTO, 2008, p. 122).

Essa transcrição é a ideia-chave de Augusto Rodrigues sobre a educação de um modo geral.

Então, podemos dizer que o movimento das escolinhas de arte passa a ter papel importante para a educação artística em geral. Começando a se modificar e a avançar de um ensino voltado ao desenho e do Canto Orfeônico nas escolas primárias e secundárias, para uma educação através da arte, onde o objetivo era despertar a criatividade e o fazer artístico, mas não com intenção de formar artistas e sim de indivíduos sensíveis, engajados com o mundo, que desenvolvesse uma visão mais ampliada da vida.

A década de 1960 foi marcada pelo avanço da arte contemporânea, e outras formas de se produzir ou pensar a arte vieram à tona, como nos conta Iavelberg (2015). A Arte Contemporânea

estava ligada a Pop-Art (EUA) surgindo em um período de rigor excessivo no pós-guerra (final dos anos 40), sendo precursor Richard Hamilton (1922-2011). Objetos da sociedade de consumo foram utilizados como material dessas produções, destaque para o artista Andy Warhol que tinha formação em artes gráficas e publicidade.

Importante contextualizarmos as práticas artísticas para mencionarmos que “As linguagens modernas como escultura, pintura, desenho, gravura e colagem no contemporâneo passam a conviver com outras formas de fatura e concepções de arte difíceis de classificar em categorias” (IAVELBERG, 2015, p.131).

No Brasil movimentos surgiram como a Tropicália, integrando artistas, estudantes, professores, músicos, compositores, poetas, políticos, filósofos e todos aqueles que cantavam e lutavam pela democracia e contra a ditadura civil militar que assolava o país.

E nesse período se fortalece a figura do Educador Paulo Freire, que preconizava a educação popular e que muito se assemelhava com os ideais de John Dewey e Anísio Teixeira, seus antecessores em busca de uma educação experiencial e crítica de acordo com a realidade.

Contudo algumas mudanças ocorreram, o ano de 1971 ficou marcado pela reforma educacional e a LDB 5.692/71 que definiu a obrigatoriedade do ensino de arte e com isso a prática da polivalência: artes plásticas, música e artes cênicas (teatro e dança) deveriam ser ensinadas por um único professor da primeira à oitava séries.

Assim a Educação Artística, passou a fazer parte dos currículos escolares como atividade educativa. Caracterizado por um modelo de ensino tecnicista, uma atividade que deveria fazer parte dos currículos escolares, no entanto, sem perdas para o aluno. Segundo Ferraz e Fusari (1993, p. 38) o educando não reprovava em tal componente curricular mesmo ele fazendo parte da Educação Básica, pois a Educação Artística, segundo o parecer nº 540/77 “não é matéria, mas

uma área bastante generosa e sem contornos fixos, flutuando ao sabor das tendências e dos interesses” (FUSARI, 1993, p. 41).

A influência das Escolinhas de Arte (educar através da arte) foi ampliada entre 1960 e a década de 1970, sendo criados cursos de formação para professores que quisessem trabalhar arte nas escolas. Com maior difusão da educação através da Arte, originam-se também os cursos de licenciatura em arte em 1973, parecer 1.284/73 e a indicação 23/73, com dois anos de duração e voltados à formação de professores capazes de lecionar música, teatro, artes visuais, desenho, dança e desenho geométrico.

Simultaneamente às licenciaturas curtas, existiam as licenciaturas plenas com duração mínima de quatro anos, onde o professor escolhia a linguagem artística que queria habilitar-se, deste modo, ao final do curso, em seu diploma era apresentada a formação como licenciado em Educação Artística com habilitação na linguagem escolhida.

Na década de 1980 a 1990 “a arte-educação já estava fortificada”, segundo Ana Mae (2014), a autora afirma que haviam mais de oitenta pesquisas entre mestrado e doutorado no país, trabalhos em diversos assuntos que vão desde o desenho infantil até experiências com novas tecnologias (BARBOSA, 2014, p. 13). É nesse cenário também que se propaga a Proposta Triangular (apreciar, contextualizar, praticar), desenvolvida por Ana Mae Barbosa. A autora da proposta, que foi aluna de Paulo Freire, afirma que não é uma metodologia e sim uma abordagem importante para ser trabalhada pelos professores de acordo com o contexto de seus alunos. A Abordagem Triangular visava a melhoria do ensino de arte, através da leitura das imagens, o fazer artístico e o contexto que desenvolve o raciocínio crítico e reflexivo do aluno (BARBOSA, 2014, p. 15).

Assim a arte foi avançando no ensino e em 1996 com a LDB 9394/96, foi estabelecido que “O ensino da arte constituirá

componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.” (BRASIL, 1996). Tendo em vista o reconhecimento da arte como fundamental em todas as séries e níveis de escolarização, e as licenciaturas que já existiam passou-se também a considerar a titulação de professores para cada linguagem: Licenciatura em Artes Visuais, Licenciatura em Dança, Licenciatura em Música e Licenciatura em Teatro.

Podemos perceber, que, conforme as fases políticas e sociais a arte foi se transformando e suas tendências, linguagens e expressões tomando outros rumos e ganhando seus espaços em maior grau de importância. Apesar de não se ter o reconhecimento necessário na escola hoje em dia, cabe também a nós professores termos consciência da responsabilidade que temos em sermos os sujeitos da ação de instigar e provocar as ações criadoras de seus alunos, sabendo estimular para que se expressem de acordo com o que conhecem do mundo individual de cada um.

Mas o que pretendemos enfatizar com esse percurso sobre ensino de arte até aqui é a sua importância para se construir uma boa educação através da arte, é relatar o quanto já se caminhou para a educação crítica, social, sensível e muito mais humana através da arte e que ao analisarmos quantitativamente os trabalhos já publicados nos Anais da ASPHE e na própria Revista de História da Educação percebemos poucos trabalhos que exploram assuntos focados e direcionados para esse tema, que corresponde ao debate da arte e sua importância para a História da Educação.

### **Análise da Arte como fonte investigativa de eventos e periódicos da ASPHE**

A pesquisa bibliográfica ocorreu através das seguintes fontes: anais de eventos e Revista de História da Educação da ASPHE,



publicações da última década, disponíveis no repositório Tatu, (<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/asphe-anais-encontros/>), da Unipampa, e no *site* <https://seer.ufrgs.br/asphe>, respectivamente. No primeiro momento pensou-se na utilização da palavra-chave “arte”, mas para que tenhamos um resultado mais ampliado sobre as publicações que envolvem o assunto arte foi realizado um levantamento dos artigos através dos títulos das publicações.

Explorar como pensam os educadores sobre as relações entre a Arte e a História da Educação no período analisado (2010-2020) foi o que mobilizou nossa busca nos Anais e na RHE.

A diversidade/ multiplicidade dos estudos de História da Educação relacionados com a Arte, em suas diversas formas de manifestação, reflete uma relação permanente entre essas duas áreas de conhecimento, visto que eles estão presentes em grande número destas publicações. Neste período foram identificados 36 artigos nos Anais, sendo encontrados de 1 até 6 publicações nas diferentes categorias, estando presentes em todos os volumes dos Anais levantados. Nas revistas estão publicados 15 artigos, embora diversos exemplares não registrem estudos deste tipo. A partir de 2015 observa-se um crescimento no número de publicações de História da Educação permeadas pelas Artes.

Nesse recorte, há um conjunto de publicações que direcionou as discussões e análises da ação de educadores influenciados/instigados por vivências/conhecimentos das Artes Plásticas (pintura, desenho, gravura, escultura), outros focados nas Artes em geral (música, fotografia, teatro, cinema), e ainda outros explorando a Educação Artística. Observa-se também que alguns autores reúnem a Educação Artística com alguma modalidade de Artes Plásticas nos relatos de suas pesquisas.

Seguindo a ordem cronológica para nosso relato historiográfico, no primeiro grupo em que são exploradas as Artes Plásticas vamos elencar os pesquisadores que abordam a Pintura, são eles: Andréa Cristina Baum Schneck (2010; 2012; 2014) a utiliza através de imagens pintadas por Flávio Scholles, constituindo-se como fontes evocadoras de memórias e narrativas de vida. Edison Luiz Saturnino (2010) analisa a pintura artística brasileira no final do século XIX em sua pesquisa. Marlene Ourique do Nascimento (2013) investiga a produção e o percurso de três obras de arte encomendadas por Borges de Medeiros. Maria Stephanou e Viviane Paliarini (2015) problematizam a obra de Eliseu Visconti através de práticas de leitura. Maria Helena Camara Bastos (2017) estabelece relações investigativas entre os quadros murais realizados por Carl Ernest Zeuner (têmpera sobre papel) e o ensino, especificamente como expressão da liturgia do universo escolar rio-grandense. Gabriela Mathias de Castro e Martín Fernández Ramírez (2017) fazem uma leitura de um conjunto de pichações em muros da cidade de Porto Alegre buscando compreender a representatividade de tais grafismos (grandes mobilizações pela comunidade estudantil). Lislaine Sirsi Cansi e Giana Lange do Amaral (2017) abordam iconografia nas Artes Visuais analisando a produção da artista Tarsila do Amaral, naquilo que concerne às questões de seu “território”. Viviane Paliarini (2018) escreve sobre a pintura artística como possibilidade. Raquel Santos Schwonke disserta sobre a trajetória do pintor Leopoldo Gotuzzo (2017).

Acerca da linguagem do Desenho, restrita à análise iconográfica, Celine Lehmann Escher Almeida e Maria Stephanou (2014) investigam imagens das capas do Almanaque Der Familienfreund (RS, 1912-1956). Eliane Peres e Chris de Azevedo Ramil (2014) disseram sobre representações de leitura identificadas nas imagens do livro “A Bela e a Fera”. Por fim, Nelson Maurilio

Junior Coelho (2014) aponta para objetos do espaço escolar, em específico os quadros de formatura do Curso Normal, em que analisa composições imagéticas revelando nuances do investimento político, institucional e pessoal. Ainda acerca da análise iconográfica tendo como foco a Escultura, Natália Thielke (2018) pesquisa a história e cultura no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, analisando esculturas sacras.

O segundo grupo traz pesquisadores voltados para as Artes em suas diversas formas de expressão. Neste grupo encontramos a modalidade Música abordada pelas pesquisadoras Frankiele Oesterreich e Luciane Wilke Freitas Garbosa (2010) que estudaram a inserção da disciplina de música no curso de Pedagogia da UFSM – 1984. Ainda trabalhando com a Música, Maria Ângela Peter da Fonseca (2011) relata a importância da música em um colégio Teuto-Brasileiro urbano em Pelotas (1898-1942). Carolina Asti Severo (2016) discute sobre Educação musical no ensino primário do Colégio Farroupilha. Cássia Neivert e Regiana Blank Wille (2016) discorrem acerca de Martim Lutero e a importância da educação musical para a formação dos alunos. Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti (2016) aborda propostas pedagógicas de Oscar Lorenzo Fernandez para o ensino da música. Raimundo Rajobac (2016) analisa aulas de canto orfeônico de Judith Morisson Almeida e as articula com a história da pedagogia musical. Por fim, Wilson Lemos Junior (2018) trata dos conteúdos do ensino da música e do canto orfeônico para a escola secundária brasileira.

Trazendo a modalidade Fotografia, Jeane dos Santos Caldeira (2010) explora o Asilo de órfãos São Benedito, utilizando fotografias como documento para analisar sua história. Karen Aires da Silva Cinca, Taís Silva da Silva e Maria Augusta Martiarena de Oliveira (2016) propõem a digitalização de acervo fotográfico como forma de preservação da memória de uma instituição educativa. Magda de Abreu

Vicente e Giana Lange do Amaral (2016) escrevem sobre o retrato da educação primária rural da cidade de Pelotas (RS). Olivier Lugon (2015) discorre acerca da Nova Objetividade alemã e da Nova Pedagogia a partir de fotografias de Aenne Biermann. Ana Maria Mauad (2015) discorre sobre usos e funções da fotografia pública no conhecimento histórico escolar. Cláudio de Sá Machado Júnior (2015) relaciona fotografia, imprensa de variedades e educação através da análise de discursos visuais e textuais. Zita Rosane Possamai (2015) investiga a relação entre fotografia de escolares, urbanidade em Porto Alegre na década de 1940 e educação. Ederson Santos Lima (2016) discursa sobre o fotógrafo Guilherme Glück, sua coleção fotográfica e educação. Marcos Villela Pereira (2016) analisa imagens de capa da revista *Atualidades* e destaca a estética escolar na década de 1950. Claudemir de Quadros (2016) apresenta a resenha do documentário *Entre fotografias e tinteiros* (2014). É necessário ressaltar que dentre as publicações da RHE foi promovido um dossiê sobre cultura visual. Trata-se da edição nº 45 de 2015, em que a linguagem da fotografia se sobressaiu.

Nesse grupo também encontramos pesquisa sobre Teatro, Sabrina Meirelles Macedo Alzira, Virginia Paiva de Freitas e Rita de Cássia Grecco dos Santos (2017) abordam o papel do teatro operário como agente educativo relevante na organização e formação do operariado riograndino. O Cinema também é contemplado pela pesquisadora argentina Andrea Cuarterolo (2015) analisando o cinema científico na Argentina do início do século XX, focando as relações entre a educação e o espetáculo.

No terceiro grupo, dos pesquisadores que trabalham com a Educação Artística trazemos Clarice Rego Magalhães (2010), que volta sua pesquisa para o papel dos jornais na gênese da Escola de Belas Artes de Pelotas. A seguir, em 2012 a autora apresenta outro estudo enfocando os aspectos teórico-metodológicos da sua pesquisa sobre a Escola de Belas Artes de Pelotas. Já Liliane Maria Viero Costa

(2010) apresenta a Escola Municipal de Belas Artes de Caxias do Sul, relatando suas histórias e memórias (1949-1967). A seguir, esta autora juntamente com Terciane Ângela Luchese (2011) trazem um estudo desta mesma instituição, a Escola de Belas Artes de Caxias do Sul, relatando o contexto da sua criação. Em 2012 a autora apresenta pesquisa destacando a participação da Escola Municipal de Belas Artes de Caxias do Sul na fundação da Universidade de Caxias do Sul. A pesquisadora Maria Cristina Padilha Leitzke (2011) investiga a curadoria de exposições de arte realizadas no museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul realizadas entre 2002 e 2009.

Ainda abordando a Educação Artística Alice Rigoni Jacques (2012) relacionando desenho e práticas escolares, baseada na análise documental e iconográfica, investiga a escrita e o desenho em álbum de composições de 1939. As pesquisadoras Raquel Santos Schwonke e Giana Lange do Amaral (2016) voltadas para a educação, memória e patrimônio analisam o acervo artístico do artista Leopoldo Gotuzzo (1887-1983). Caroline de Siqueira e Liliane Maria Viero Costa (2018) investigam os recursos da escrita e da pintura utilizados nas práticas escolares através das narrativas de realidade, a escrita criativa e a pintura contando as histórias. Já Liziane Nolasco Fonseca e Eduardo Arriada (2019) pesquisam a educação em arte no período de 1964 a 1984, enfocando arte e instituição escolar, tendo como objeto a Escolinha de Arte do município de Pelotas. Ainda Carine Jardim de Castro e Camila Aparecida Tolentino (2019) apresentam uma prática de arteterapia aliada à educação e o percurso histórico do fazer artístico na consolidação das emoções em sala de aula.

Dentre as publicações da RHE a Educação Artística é abordada por Clarice Rego Magalhães e Giana Lange de Amaral (2010), que investiga aspectos da gênese e constituição da instituição de ensino Escola de Belas Artes de Pelotas. Já Graciela Ormezzano (2012) analisa a arte nos processos educativos focando a educação e arte na

redução missioneira de San Ignacio Miní. Por fim, Maria Célia Leme da Silva (2014) pesquisa sobre os encontros e desencontros na trajetória do Desenho e da Geometria na escola primária.

Tendo apresentado uma breve exposição dos artigos publicados, passamos a tecer algumas considerações trazendo à discussão questões que se destacaram e refletem a posição da arte nos estudos da história da educação no Rio Grande do Sul no período de 2010-2020, considerando o rico e diverso conjunto de estudos dos pesquisadores ligados à ASPHE.

### **Considerações finais**

O trabalho teve o objetivo de investigar as publicações relacionadas à Arte na ASPHE no período entre os anos de 2010 e 2020, bem como evidenciar a participação e a importância da Arte na História da Educação. Para fins metodológicos utilizamos a categorização e nomenclaturas da Arte utilizadas pelo CNPQ, que são: as Artes Plásticas (pintura, desenho, gravura, escultura), as Artes em geral (música, fotografia, teatro, cinema), e a Educação Artística.

Inicialmente cabe destacarmos a diversidade de abordagens e linguagens artísticas dos trabalhos que foram encontrados com o tema Arte entre as publicações da ASPHE. Pudemos verificar um maior volume de publicações relacionadas à arte nos Anais dos eventos, e uma menor participação nas edições da Revista de História da Educação. Entretanto, a partir de 2015 observa-se um crescimento no número de publicações de História da Educação permeadas pelas Artes tanto nos Anais quanto na Revista. Neste ano (2015), a Revista destacou-se pela organização do dossiê temático "Imagem e cultura visual", concentrando cinco artigos em que os autores se voltaram para a fotografia e o cinema.

Entretanto, a Educação Artística distingue-se em número de publicações de artigos. Tendo os pesquisadores como foco de seus

trabalhos a arte e os processos educativos, encontramos uma gama de estudos com diversas e variadas perspectivas. Ora centrando-se nos aspectos teórico-metodológicos da sua pesquisa, ora relatando o contexto da criação de escolas. Ora analisando histórias e memórias de alunos e professores, ou investigando a curadoria de exposições de arte, ou ainda tendo o desenho e práticas escolares como eixo de pesquisa. Observamos ainda artigos em que os autores reúnem a Educação Artística com alguma modalidade das Artes Plásticas nas suas investigações.

É importante ressaltar ainda como a presente pesquisa descortinou a diversidade de fontes adotadas pelos autores como pinturas, impressos, fotografias, cadernos de desenhos, entre outros. As lembranças, as narrativas de memórias transmitidas pela história oral também foram fontes utilizadas pelos estudiosos. Analisando seus dados sob a perspectiva de uma diversidade de teóricos, abordando variados recortes temporais e espaciais, estas publicações constituem um importante conjunto de conhecimentos que virão a contribuir para novas investigações aprofundando e expandindo as relações entre o ensino da arte e a História da Educação.

O percurso do ensino da arte abordado é para mostrar sua importância na construção de uma efetiva educação através da arte. Vale relatar o caminho percorrido até aqui para uma educação crítica, social, sensível e muito mais humana através da arte. Ao analisarmos quantitativamente os trabalhos publicados nos Anais da ASPHE e na própria Revista de História da Educação no período, percebemos poucos trabalhos que exploram assuntos focados e direcionados ao debate da arte e sua importância para a História da Educação.

A arte foi se transformando conforme as fases políticas e sociais, tomando novos rumos ganhando espaços, com maior importância, estando sempre presente na História da Educação, de várias formas, seja para educar o senso crítico ou estético como para aguçar

sensibilidades ou a criatividade, mesmo assim a participação de pesquisas publicadas ainda é pequena.

Podemos dizer que não há como considerarmos finalizado ou até mesmo esgotado nosso questionamento principal que seria a verificação quantitativa dos artigos que envolvem a temática Arte, mas acreditamos que com esse levantamento inicial possamos ter despertado o interesse de investigação e algumas possibilidades para futuras pesquisas que elevem a importância da Arte na História da Educação.

É importante que todos os professores, tenham consciência das responsabilidades de serem sujeitos de ação para instigar e provocar atitudes criativas em seus alunos.

## **Referências**

- BARBOSA, Ana.M. **John Dewey e o Ensino da Arte no Brasil**. Ed. Cortez, São Paulo, 2017.
- BARBOSA, Ana M. **Ensino da Arte, Memória e História**. Ed. Perspectiva Ltda. São Paulo, 2014.(p. 13, 15)
- BRITTO, J.M. **60 anos de Arte & Educação, através da Escolinha de Arte do Brasil**. Rio de Janeiro. Editora do Livro, 2008.
- BRASIL. **Ministério da Educação. Lei nº 4024/61 de 20 de Dezembro de 1961**: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1961.
- \_\_\_\_\_. **Ministério da Educação. Lei nº 5692/71 de 11 de Agosto de 1971**: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1971.
- BRASIL. **Parecer nº 540/77, de 10 de fevereiro de 1977, do CFE**. Sobre o tratamento a ser dado aos componentes curriculares previstos no art. 7º da Lei 5.692/71.
- FERRAZ E FUSARI (2009). **Metodologia do Ensino de Arte**: Fundamentos e Proposições. Cortez, SP, 2009.
- IAVELBERG. R. **Arte-educação modernista e pós-modernista: fluxos**, 2015, 258fl. Tese Doutorado – Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada-Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.
- READ, H. **A Educação pela Arte**. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2020.



# A arte nas capas da Revista História da Educação (RHE) – 1997-2020

*Lislaine Sirsi Cansi  
Liziane Nolasco Fonseca  
Simôni Costa Monteiro Gervasio*

## Introdução

A Revista História da Educação (RHE), vinculada à Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE), foi criada em 1997 por ocasião do I Encontro da ASPHE realizado em São Leopoldo/RS (PERES, 2005). Ao longo dos seus 24 anos de história, a Revista publicou 55 edições<sup>1</sup>, com o objetivo de ser um veículo de divulgação de pesquisas científicas relacionadas ao campo da História e Historiografia da Educação, contando com apoio institucional de diferentes universidades do Rio Grande do Sul. A qualidade editorial da Revista História da Educação, além do somada ao rigor científico de suas publicações, fizeram com que, desde a avaliação do quadriênio 2013-2016 da Capes, a Revista passasse a ser classificada com o estrato Qualis A1.

Este artigo pretende realizar uma problematização sobre as capas da Revista, abarcando as dez primeiras capas publicadas e a última (de 2018) devido a sua representatividade. No entanto, se faz importante destacar que em sua trajetória, a RHE publicou 33 diferentes capas, sendo que nos anos de 2007 a 2018 as três edições anuais tiveram a mesma capa e, a partir de 2019, com o fluxo contínuo de publicação, é abandonado o uso de imagens nas capas e adotada uma padronização. Objetiva-se analisar, então, a presença de imagens

---

<sup>1</sup> A revista está hospedada no portal de revistas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no endereço <https://seer.ufrgs.br/asphe/issue/archive> com todas as edições disponíveis para consulta.

de diferentes gêneros artísticos, evidenciando como a arte pode estar ligada à História da Educação, seja como fonte, registro, comunicação ou outros, incluindo reproduções de obras de arte, fotografias, cartões postais e composições gráficas que se relacionam com a temática historiográfica da Revista, bem como fazem alusão ao contexto escolar e suas representações.

Para isso, foram realizados breves questionamentos aos editores<sup>2</sup> da RHE, por meio de contatos estabelecidos via e-mail e formulário do Google que tiveram como finalidade inquirir sobre dados das edições, especificamente acerca dos processos de produção e concepção das capas das Revistas. O levantamento dos dados sobre os editores da RHE foi realizado a partir do acervo *online* da RHE e apontou os professores Elomar Tambara, Maria Helena Câmara Bastos, Claudenir de Quadros e Maria Stephanou como editores até o final de 2018<sup>3</sup>. Em 2019, a RHE passou a receber artigos em fluxo contínuo, a ter a capa padronizada e sem a presença de imagens. Nesse período, o editorial foi assinado pelos professores Maria Helena Camara Bastos, Dóris Bittencourt Almeida, Chris de Azevedo Ramil, José Edimar de Souza, Luciane Sgarbi Santos Grazziotin e Tatiane de Freitas Ermel.

Antes da análise das capas, no entanto, e considerando o objetivo da publicação deste artigo em comemoração aos 25 anos da ASPHE, se entende como necessário uma breve contextualização histórica sobre a Revista. Bastos (2005, p. 19) em artigo em alusão aos 10 anos da ASPHE conta que a Revista surgiu como uma ferramenta para divulgação das pesquisas dos associados da ASPHE e já destacava o reconhecimento conquistado pela Revista como “espaço

---

<sup>2</sup> Foram contatados os editores do período de 1997 a 2018, pois é neste período em que se verifica o uso de imagens de diferentes gêneros artísticos nas capas da RHE.

<sup>3</sup> Conforme o editorial da edição nº 21, de set./dez. de 2017, assinado pela Professora Maria Helena Câmara Bastos.

privilegiado de socialização das pesquisas, de dinamização da produção historiográfica e de importantes debates no campo da investigação histórica. Um espaço construído coletivamente, com a participação de todos os associados”. Entre os argumentos para o sucesso da Revista, a autora elenca a presença destacada de colaboradores estrangeiros e o elevado número de pesquisas de nível de mestrado e doutorado de instituições de ensino superior de todo o Brasil.

Peres também ressalta a criação e importância da Revista ao dizer que ela foi a primeira do gênero no Brasil:

A revista História da Educação é um periódico semestral da ASPHE (Associação Sul-rio-grandense de História da Educação). Essa Associação foi fundada oficialmente, após várias reuniões de trabalho, em 2 de setembro de 1996, em São Leopoldo (UNISINOS). Nessa ocasião estabeleceu-se, como objetivos da ASPHE, incentivar e realizar a pesquisa e a divulgação na área de História da Educação, prioritariamente do Rio Grande do Sul; congregar os pesquisadores e os estudiosos na área e manter intercâmbio com entidades congêneres. Nesse encontro da fundação da Associação, confirmou-se, ainda, a realização do primeiro encontro de pesquisadores sul-rio-grandenses de História da Educação, para abril de 1997, e criou-se um periódico de divulgação da entidade, cujo primeiro número seria lançado no encontro programado. A revista teve então seu primeiro número lançado no I Encontro Sul-rio-grandense de Pesquisadores de História da Educação que foi realizado na UNISINOS nos dias 28 e 29 de abril de 1997 (PERES, 2005, p. 124).

Bastos (2017, p. 1) destaca que a Revista foi também “a primeira da área de História da Educação a ingressar no *Scielo* e no *Scielo Educ@*”, além de destacar outro aspecto pioneiro da RHE: a publicação de artigos bilíngues, tendo a língua estrangeira original do artigo e publicação da tradução em língua portuguesa.

Pode-se afirmar que os artigos publicados na revista História da Educação têm contribuído expressivamente para

a difusão das pesquisas em desenvolvimento no campo de estudos, bem como para a circulação de novas discussões historiográficas, seja em relação a novas temáticas e objetos de pesquisa, seja em relação a fontes e categorias de análise. Nesse sentido, vale ressaltar que a Revista tem servido como um veículo privilegiado de divulgação de estudos no campo historiográfico educacional e, também, uma fonte importante de consulta dos pesquisadores seniores, mestrandos e doutorandos da área (BASTOS, 2017, p. 03).

Até o ano de 2020, a RHE – ASPHE, publicou 686 artigos, 57 resenhas e 58 documentos inéditos, com a colaboração de milhares de autores de reconhecida produção intelectual, de mais de 19 países, em 24 volumes, e consolidou-se como um dos principais periódicos de divulgação científica da área. O sucesso da Revista é apontado pela qualidade das publicações e o cuidado na edição. Sendo assim, passaremos a analisar sua composição gráfica, a interação e presença de imagens de diferentes gêneros, e as possíveis intenções de comunicação que tais escolhas representam em cada uma das capas, considerando se tratar de um veículo de comunicação de pesquisas relacionadas ao campo da História da Educação.

Importante destacar que, neste artigo, optou-se por uma análise mais destacada nas dez primeiras capas publicadas pela RHE, que compreendem o período de 1997 a 2001, por sua diversidade de publicações e representatividade pioneira na publicação. Além disso, optou-se por incluir a análise da última capa que utiliza imagens, publicada em 2018, por seu contexto e para evidenciar o amadurecimento do uso de imagens que objetiva comunicar por meio da capa e se relaciona com o contexto histórico.

## As capas da RHE

A capa de um livro ou de uma revista é considerada como um elemento extratextual de sua estrutura geral: “é a parte externa do livro, serve para deixar as folhas unidas e protegidas, hoje em dia a capa não só protege o produto como tem a função de publicidade e comunicação interna do livro” (JAEGER; ADOLFO, 2015, p. 50). A proteção não cabe às fontes históricas investigadas, por dizerem respeito à RHE digital. Entretanto, essa informação é válida às edições da revista que foram impressas. Nesse caso, o foco da capa remonta à comunicação: a capa pode ser entendida como a vitrine de uma revista, sendo através dela que se faz a primeira leitura do periódico, é por ela que se reporta ao conteúdo da revista e é por ela que a equipe editorial pode sugerir uma “prática cultural” ao leitor tentando a produção de sentido. As “práticas culturais” são compreendidas a partir de Barros (2013, p. 77) como “os modos como, em uma dada sociedade, os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, solidarizam-se ou hostilizam-se, morrem ou adoecem”, além da feitura de um livro, uma técnica artística ou uma modalidade de ensino.

A diagramação (*layout*) das capas da RHE contém elemento imagético (imagem da capa) e elementos discursivos tangíveis a dados fixos informativos como o logotipo da revista, número, volume, mês e ano da publicação, e o número do ISSN (incluído a partir da revista nº 13 de 2003). Segundo o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), o ISSN (*International Standard Serial Number*) é um código único e exclusivo do título da publicação ao qual foi atribuído, aceito internacionalmente para individualizar o título de uma publicação seriada, identificando o título de uma publicação seriada durante todo o seu ciclo de existência, seja qual for

o idioma ou suporte utilizado<sup>4</sup>. No que concerne à logomarca da RHE, ela foi alterada ao longo dos anos: manteve-se igual entre 1998 e 2010, nos anos seguintes não foi exibida até que em 2019 passou por reformulação gráfica.

Entendemos que a capa é constituída por diversos elementos, entretanto é a imagem o nosso foco principal de análise. Repetindo: trata-se de um montante de 33 diferentes imagens de capas referentes a 55 edições da RHE e que, dentre estas, selecionamos 11 (as dez primeiras e a última) por seu pioneirismo e representatividade. Tais imagens têm a Arte como elemento fundamental. É a partir desse contexto que apontamos para o uso da Arte em História da Educação e pelo qual tentaremos reconhecê-la como documento, no caso, como objeto de comunicação.

Em uma análise geral, inicialmente observamos que na composição das capas houve justaposição entre elemento imagético e elementos discursivos. As imagens, principalmente das primeiras capas, foram enquadradas e até emolduradas. Elas formalmente se encontram apartadas dos elementos textuais. A harmonia visual ocorre pelo uso da cor de fundo que une os elementos referidos. Percebe-se que a escolha da cor não era aleatória: foi direcionada pelas cores da imagem. No decorrer das edições a moldura e o enquadramento da imagem deram lugar a imagens sangradas no espaço da capa, mas não de forma unânime. Esses dados indicam certa preocupação das equipes editoriais com o design das capas ao longo da publicação da revista. Junto a esse olhar geral, também verificamos que houve prevalência de imagens bidimensionais (a única exceção se refere a edição nº 16, de 2004).

Em um segundo momento, identificamos dados relacionados à linguagem e ao gênero artísticos, e à temporalidade de produção da

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www.ibict.br/informacao-para-a-pesquisa/issn>>, acesso em: 21 maio de 2021.

imagem. A linguagem artística diz respeito ao modo de expressão em arte como a pintura, a gravura, a fotografia, a escultura, entre outras. Já o gênero se refere ao conteúdo de obras de arte como o gênero mitológico, o retrato, a paisagem, a arte sacra, a natureza-morta, a alegoria e cenas da vida cotidiana (PRETTE, 2008).

Retornando às imagens das capas, em relação à linguagem artística, a pintura se sobressaiu, somando mais de 20 capas (descartamos nessa contagem a repetição da imagem da capa para diferentes edições, conforme registrado a partir de 2007). Além da pintura, a gravura (uma capa, nº 6/1999), a ilustração (três capas, nº 7/2000, nº 8/2000, mesma imagem para nº 42, nº 43 e nº 44/2014), e a escultura (uma capa, nº 16/2004) foram linguagens da arte utilizadas. Um cartão postal<sup>5</sup> compôs a capa da edição de estreia da RHE, porém não há informação a respeito da linguagem que nela se visualiza.

Cenas da vida cotidiana foi o gênero artístico mais utilizado. A partir da identificação do gênero verificamos unidade quanto à temática, referente à educação, especificamente às práticas de leitura e de escrita.

No que diz respeito à temporalidade de produção artística das imagens utilizadas nas capas, constatamos que se trata de um recorte amplo, desde a época renascentista até o século XX. Ressalta-se que a visualidade das imagens remonta para aspectos históricos – postura, comportamento, vestimenta, objetos, cenas cotidianas e expressões corporais, distantes de nós, mesmo em se tratando das imagens referentes ao século XX. Essa marcação do tempo histórico pode ser visualizada na cromaticidade das imagens, com destaque para matizes escuros e terrosos. A partir dessa análise geral reparamos que as

---



<sup>5</sup> Para saber mais sobre os Cartões Postais alemães, acesse: <https://www.dw.com/pt-br/cart%C3%B5es-postais-t%C3%A0-tradi%C3%A7%C3%A3o-na-alemanha/a-2810501> e surgimento dos cartões postais no Brasil <https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/04/ha-140-anos-aparecia-cartao-postal>.

imagens abordadas nas capas eram de autores estrangeiros, sob guarda em instituições culturais estrangeiras. Não houve menção a nenhuma obra brasileira, sendo a maioria europeia.

A autoria e o título das imagens foram acessados via investigação nas fontes e serão descritos ao longo do texto. Salientamos por ora que foi a partir da edição da revista nº 9 de 2001 que dados relativos às imagens passaram a ser informados e publicados junto ao dossiê editorial. Isso demonstra que o interesse em relação ao uso da imagem, e aqui destacamos imagens do campo da Arte, no que concerne ao reconhecimento como documento passou a ter importância historiográfica. Por fim, esse primeiro olhar a respeito das imagens direciona a uma análise aprofundada, relacionada à comunicação. Para isso, procuraremos discutir a respeito da relação entre imagem (fonte iconográfica, capas da RHE) e discurso (dossiês editoriais e entrevistas com editores) a fim de evidenciar o uso da Arte como um veículo de comunicação do campo da História da Educação, pelo uso de imagens históricas, representações escolares ou obras de arte reconhecidas internacionalmente. A partir daqui passaremos a detalhar as dez primeiras capas, a título de exemplificação das análises realizadas anteriormente, e considerando o seu pioneirismo e expressividade que se repete ao longo de toda a trajetória da RHE. Além disso, a última capa que se utiliza de imagem, em 2018, também será analisada para demonstrar o fechamento de um ciclo editorial da RHE, que em 2019 passa a adotar o fluxo contínuo com padronização das capas.



**Quadro 1 – Descrição das capas da RHE em 1997**

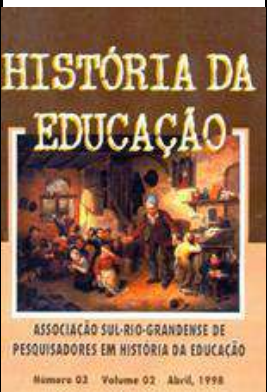
Número	Data	Capa	Observações
01 – v. 01	Junho 1997		<p>Cartão postal alemão do século XIX.</p> <p>Não há referências sobre a fonte, nem sobre a imagem. Ela é complexa, pois possui muitos elementos visuais, os quais não são visíveis para fazermos uma leitura adequada. A falta de visibilidade da imagem se refere aos dados formais como cor, tom, escala e proporção. A temática remete a uma cena escolar da educação infantil.</p>
02 – v. 01	Setembro 1997		<p>Pintura de Henri Jules Jean Geoffroy (1850-1924), 1888, óleo sobre tela. Fonte: revista <i>Salon de 1888</i>, Paris.</p> <p>Pintura realista com elementos impressionistas. Aborda a temática de crianças e cenas domésticas.</p>


**Fonte:** Acervo online RHE e pesquisa das autoras.

As capas de 1997 inauguram a RHE e são escassas as informações sobre as imagens publicadas. Em comum, é possível perceber o retrato do cotidiano escolar e a referência histórica que pode demonstrar o interesse da RHE de comunicar, desde as suas primeiras edições, o seu escopo de atuação e campo de pesquisa. Assim, mesmo que as imagens da capa não se relacionem diretamente

com o conteúdo dos artigos publicados, elas já comunicam a que campo de pesquisa a RHE pertence. Tal observação continua a ser perceptível nas edições de 1998, conforme é possível verificar no quadro abaixo.

**Quadro 2** – Descrição das capas da RHE em 1998


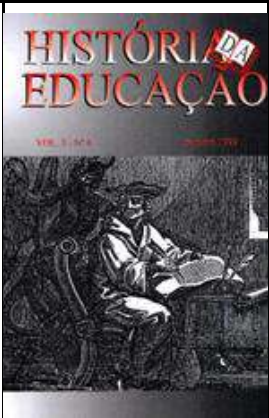
Número	Data	Capa	Observações
03 – v. 02	Abril 1998		<p>Pintura <i>Scène de Classe</i>, de Chibourg, 1842. <i>Musée National de l'Éducation</i>.</p> <p>A cena é de uma classe educacional em ação, porém os objetos da cultura escolar são restritos a alguns bancos e banquetas, escrivaninha e estante para o professor, poucos livros, folhas e rolos de papel. A Madona com o Menino na parede ilustra aspectos tangíveis da religiosidade. No centro, há um casal de crianças, o menino chora com a repreensão do professor, com varas na mão. Há uma criança de costas, olhando pela janela. As demais seguram livros ou escrevem. A tela testemunha o lento progresso do ensino, dez anos depois do impulso dado pela Lei de François Guizot (1833), em que obrigava as comunas com mais de 500 habitantes a ter pelo menos uma escola primária de meninos e a manter pelo menos um professor primário.</p>

04 – v. 02	Setembro 1998		<p>Não há referências sobre a fonte, nem sobre a imagem.</p> <p>Montagem ilustrativa com capa de livro “Projecto sobre o estabelecimento e organização da instrução pública no Brazil” sobreposta a imagem de um menino que adverte fisicamente três pessoas, duas meninas e um menino, em uma aula de matemática. É interessante atentarmos o olhar para a escala dos personagens da imagem, bem como para sua expressão corporal e facial. Esse dado dá a entender que um menino agride com fúria crianças que sofrem ajoelhadas, no aguardo de uma agressão consentida. Todos estão de pés descalços.</p>
------------	------------------	---	--

**Fonte:** Acervo online RHE e pesquisa das autoras.

As capas de 1998 inauguram um padrão de produção de design mais elaborado, passando a usar mais elementos como o uso da cor, do brilho e da sobreposição, tentando dar visibilidade às imagens, embora seja mantida a mensagem relacionada ao campo da História da Educação e não, necessariamente, fazem menção aos dossiês. Além disso, são registradas as primeiras alternâncias nos usos da logomarca da Revista.

**Quadro 3** – descrição das capas da RHE em 1999

Número	Data	Capa	Observações
05 – v. 03	Abril 1999		<p>Não há referências sobre a fonte, nem sobre a imagem.</p> <p>Ilustração de uma cena de aula com os mesmos personagens da imagem da capa da edição passada. Entretanto, a lousa aponta para o ensino da língua e as três crianças, segurando brinquedos (boneca e bichos de pelúcia), olham atentamente para o menino-mestre. Todos estão descalços e vestem as mesmas roupas da ilustração anterior.</p>
06 – v. 03	Outubro 1999		<p>Obra “O escritor tenebroso”. Não há referências sobre a fonte.</p> <p>Acredita-se que se trata de uma xilogravura de meados do século XV. Técnica artística de carimbo em madeira entalhada, utilizada nas primeiras impressões quando surgiu a imprensa que utilizava essa técnica para a impressão das ilustrações de livros e jornais.<sup>6</sup> A imagem mostra um</p>

<sup>6</sup> Em meados do século XV, uma invenção técnica muito decisiva tinha sido realizada na Alemanha, a qual teve um tremendo efeito no futuro desenvolvimento da arte, e não só da arte: a invenção da imprensa. A impressão de estampas tinha precedido em algumas décadas a impressão de livros. Pequenos folhetos, com imagens de santos e o texto de orações, vinham sendo impressos para distribuição entre peregrinos e para devoção particular. O método de impressão dessas imagens era bastante simples. Com uma faca, retirava-se de um bloco de madeira tudo o que não deveria aparecer na estampa. Por outras palavras, tudo o que tinha de

			homem à luz, sentado e escrevendo um documento em uma escrivaninha. Atrás dele há uma figura demoníaca à sombra dirigida a ele.
--	--	--	---

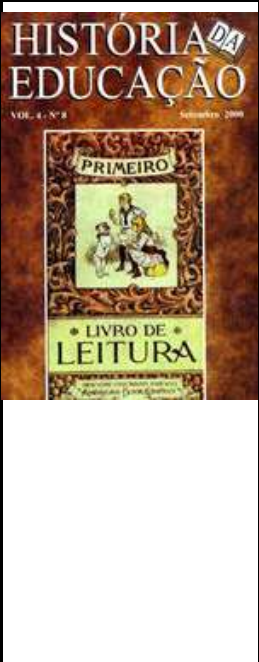
**Fonte:** Acervo online RHE e pesquisa das autoras.

No quadro 3, a primeira capa segue a linha do ano anterior e apresenta uma abordagem distinta da educação, aparentemente sem repreensão entre os personagens da cena, mestre e aprendizes. Na segunda capa, foi feito o uso de nova linguagem de arte para representação do contexto historiográfico da educação. A imagem ocupou maior espaço da capa, já que não foi enquadrada no centro, apresentando novo recurso visual. Em ambas, o cenário educacional não formal foi posto em evidência. Verifica-se a permanência do uso da logomarca.

---

aparecer em branco no produto final era cavado na madeira e tudo o que iria aparecer em preto ficava saliente, num conjunto de arestas muito finas. O resultado era análogo a qualquer carimbo de borracha que usamos hoje, e o princípio de impressão no papel era praticamente o mesmo: cobria-se a superfície do bloco com tinta de impressão, feita de óleo e fuligem, e apertava-se contra a folha de papel. Podiam ser feitas numerosas impressões antes do bloco ficar gasto. Essa técnica rudimentar de impressão de estampas tem o nome de xilogravura. Era um método muito simples e logo se tornou popular. Vários blocos reunidos podiam ser usados para uma pequena série de estampas impressas juntas como um livro. Xilogravuras e folhas volantes não tardaram em ser vendidas nas feiras populares; as cartas de jogar também eram produzidas dessa maneira; havia estampas humorísticas e estampas para uso devoto. Um dos primeiros trabalhos de xilogravura, o qual era usado pela Igreja como "sermão ilustrado". A sua finalidade era lembrar aos fiéis a hora da morte e ensinar-lhes — como diz o título — a "arte de bem morrer" (GOMBRICH, 2000).

**Quadro 4** – descrição das capas da RHE em 2000

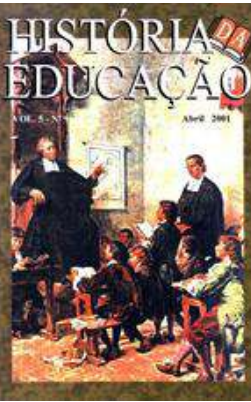
Número	Data	Capa	Observações
07 – v. 04	Abril 2000		<p>Não há referências sobre a fonte, nem sobre a imagem.</p> <p>Ilustração de menina vestida de anjo e com mãos em oração. Remete-nos a um fragmento de fotografia em preto e branco.</p>
08 – v. 04	Setembro 2000		<p>Reprodução ilustrativa da capa do livro “Primeiro – livro de leitura”. Andrade, 1894.</p> <p>Fonte: NICARETA, Samara E. Tese Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, 2018, Para serem bem comportadas? Imagens de mulheres em livros escolares de autoria feminina (1889-1945), 2018, Florianópolis, SC. A imagem central do livro trata de uma cena do cotidiano, de um casal de jovens lanchando com um cachorro. A menina se debruça sobre um livro aberto.</p>


**Fonte:** Acervo online RHE e pesquisa das autoras.

As capas do ano de 2000 trazem novidades visuais, pois tratam de cenas com temáticas gerais não abordadas anteriormente. Ela se utiliza do recurso da montagem de imagens para as suas composições

e, embora sem muitas informações, se cruzada a capa do nº 7 com a entrevista da editora Maria Helena Câmara Bastos pode ser possível perceber a concretização da informação de que a RHE seguia a tendência de outras revistas do campo, como a importante revista francesa *Revue Histoire de l'éducation*, ao utilizar retratos de filhos, crianças ou parentes dos pesquisadores para ilustrar as capas.

**Quadro 5** – descrição das capas da RHE em 2001

Número	Data	Capa	Observações
09 – v. 05	Abril 2001		<p>Pintura de César Mariani. São João Batista de La Salle na escola, 1883. Museu do Vaticano.</p> <p>A pintura mostra um ambiente que nos remete a uma sala de aula própria para meninos. A figura do mestre La Salle sentado na cadeira sobre um púlpito, à frente, com o braço estendido parece proferir uma fala dirigida ao menino em pé. O ponto de fuga das linhas que desenham a sala em perspectiva não evidencia nenhuma figura da cena e sim o meio da sala. Portanto a autoridade ali pode não ser vista no mestre e sim em Deus conforme os preceitos lasallistas.</p>

10 – v. 05	Setembro 2001		<p><i>En classe, le travail des petits</i>, de Henri Jules Jean Geoffroy (1850-1924), 1889. <i>Ministere de l'Education Nationale</i>, Paris.</p> <p>A pintura de 1889 é um "modelo" de educação republicana e de meritocracia. O pintor realista francês Geoffroy nos revela por seu olhar, dentre outros aspectos da cultura escolar francesa, o cotidiano de uma classe de meninos em atividade escolar que, sob a supervisão de sua professora, estão assentados desconfortavelmente em bancos inapropriados para a sua saúde infantil, os tais bancos escolares.</p>
------------	------------------	---	---

**Fonte:** Acervo online RHE e pesquisa das autoras.

As capas do ano de 2001 apresentam novos recursos visuais, a primeira imagem foi estendida (mas não sangrada) até a logomarca, que está sobreposta, e a segunda foi verticalizada até o início da logomarca. O artista escolhido na segunda capa já havia sido apresentado na edição nº 2, dado que aponta para questões relativas à acesso e familiaridade de fontes iconográficas.

A análise das dez primeiras capas da RHE parece dar conta de imagens de diferentes gêneros e, que nos anos seguintes, continuam intercalando-se e repetindo características as mesmas capas da revista, reforçando o seu perfil e processos de produção e concepção dentro de uma identidade editorial que é preservada a cada novo editor. Para encerrar a análise das mensagens expressas pela presença da Arte nas capas da RHE, passaremos a observar a capa das edições nº 54, nº 55 e nº 56, de abril, agosto e dezembro de 2018 (v. 22) que apresenta a pintura digital “Anotações de 68” produzida pelo Digital Designer



Gilberto Alves Leal<sup>7</sup> em 2017. Tal análise está sendo proposta também a partir da indicação da Professora Maria Stephanou em sua entrevista, em que destacou a elaboração da capa que contém uma releitura da fotografia realizada pelo jornalista Evandro Teixeira<sup>8</sup> em 1968, mostrando um jovem estudante de medicina sendo acuada por policiais que atuavam no contexto da ditadura militar no Brasil.

**Figura 1** – Capa de 1998 “Anotações de 68”



**Fonte:** Acervo online RHE.

---

<sup>7</sup> Gilberto Alves Leal foi fundador de duas startups e trabalhou em agências de publicidade digital em São Paulo. Atualmente trabalha em Porto Alegre como designer e ilustrador freelancer do aplicativo Cíngulo e outras startups. Seus mais de 70 artigos publicados no site Webinsider (<https://webinsider.com.br>) já foram citados em teses de pós-graduação em diversas áreas. Entre 2006 e 2014, trabalhou como ator de teatro e como diretor teatral em São Paulo. Como cantor e compositor, lançou em 2012 o álbum Qualquer Nota. Está cursando o bacharelado em História da Arte na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e desenvolve uma pesquisa como artista visual sobre as possíveis relações estéticas que possam surgir a partir de anotações (caligráficas e figurativas) realizadas em sala de aula. Fonte: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/79389>.

<sup>8</sup> Baiano nascido em 1935, Evandro Teixeira saiu de Irajuba, povoado a 307 quilômetros de Salvador, para fotografar o Brasil. E fez isso tão bem que é difícil dissociar seu nome de qualquer evento no país na segunda metade do século XX. Em quase 70 anos de atividade, 47 deles no Jornal do Brasil, registrou o golpe militar de 1964 e as manifestações estudantis de 1968. Para saber mais sobre o fotógrafo acesse <https://ims.com.br/titular-colecao/evandro-teixeira>.

A edição publica a apresentação da capa no editorial assinado pela professora Maria Stephanou. A editora explica que a proposta da imagem ali publicada, chamada por ela de “releitura criativa”, teve como objetivo suscitar indagações e curiosidade a respeito de parte da História política e social do Brasil, assim como da luta de estudantes no período da ditadura militar. Ela complementa que o design digital foi criado especialmente para ilustrar a capa da RHE.

Segundo o artista, a obra intitula-se Anotações de 68, foi produzida em dezembro de 2017 e o desenho foi criado especialmente para a capa desta edição 54 de História da Educação, incitado pela famosa foto de um estudante de Medicina sendo perseguido por policiais na Cinelândia, Rio de Janeiro, fotografia de autoria de Evandro Teixeira. Quais os tempos dessa imagem? A que momentos ela pertence? Como será significada quando se estabelecerem relações capa e conteúdo, complementaridades, correlações, imbricações de sentidos? Aproximam ou afastam 2018 e 1968? (STEPHANOU, 2018, p. 03).

E, neste sentido, parece estar exatamente no movimento proposto pela editora da RHE ao sugerir uma releitura de um fato histórico para as capas das Revistas nº 54, nº 55 e nº 56, a possibilidade de compreensão de contexto, relação e indagação, presente de forma sutil pelo uso de obras de arte, que tiveram o papel de provocar, questionar, indagar e sugerir possibilidades ou constatações subjetivas, em todas as capas publicadas entre 1997 e 2019 na Revista História da Educação.

A própria imagem de capa deste número poderá, quem sabe, chamar a atenção e aguçar uma certa indagação ou curiosidade para esta edição ou sugerirá um suposto “novo momento” editorial. Fomos brindados com arte, releitura criativa, afetação pela imagem. Gilberto Alves Leal, digital designer, artista visual e pesquisador, foi convidado a criar a capa da presente edição, provocado pela intersecção dos temas história, juventudes e movimentos estudantis que atravessam o dossiê que ora publicamos (STEPHANOU, 2018, p. 03).

Buscando avançar nas intenções dos editores da RHE expressas nas escolhas das capas publicadas, passaremos a apresentar no tópico a seguir breves comentários colhidos em entrevistas realizadas por meio de envio de e-mail e formulário do Google com o objetivo de compreender sobre os processos de produção e concepção das capas. Como forma de ativar as memórias dos entrevistados e, aqui para completar a publicação de todas as capas da RHE, a imagem abaixo apresenta um mosaico produzido pelas autoras e enviado junto aos questionários para os editores.

**Figura 2** – Mosaico com as capas da RHE de 1997 a 2019



**Fonte:** Acervo online RHE.

## **Edição, produção e concepção, segundo os editores**

Em paralelo à significativa produção científica difundida pela Revista História da Educação, as capas se destacam por sua beleza e capacidade comunicativa de representar o campo da História da Educação. No entanto, como já está evidenciado, as escolhas das imagens, de diferentes gêneros artísticos presentes nas capas da RHE, não foram escolhas aleatórias e parecem passar diretamente pelas intenções dos editores da Revista.

Neste sentido, foram realizadas breves entrevistas com os editores apontados como os que mais tempo estiveram à frente da edição da RHE de forma a instigar sobre aspectos específicos sobre a elaboração, concepção, produção e escolhas realizadas para as edições da Revista. Para tal, foram contatados os professores Elomar Tambara, Maria Helena Câmara Bastos, Claudenir de Quadros e Maria Stephanou, editores do período de 1997 a 2018, pois é neste período em que se verifica o uso de imagens de diferentes gêneros artísticos nas capas da RHE. A partir de 2019, com a adoção do fluxo contínuo e nova formulação gráfica, passaram a assinar o editorial os professores Maria Helena Camara Bastos, Dóris Bittencourt Almeida, Chris de Azevedo Ramil, José Edimar de Souza, Luciane Sgarbi Santos Grazziotin e Tatiane de Freitas Ermel, que por intermédio da professora Chris de Azevedo Ramil também foram questionados sobre a produção gráfica e visual da RHE.

E, é exatamente por meio do relato da Professora Chris de Azevedo Ramil, que se consegue ter um panorama geral do histórico sobre como as capas eram compostas a partir da óptica dos editores. Em resposta ao questionário recebido, ela conta que integra a equipe editorial da RHE desde 2016, tendo acompanhado três fases da produção das capas do periódico: até 2017 com o uso da mesma imagem nas três edições anuais e o aproveitamento de imagens pertencentes ao acervo da Professora Maria Helena Camara Bastos; em 2018 em que houve a inovação a partir da atuação da Professora

Maria Stephanou para a publicação de “ilustrações de artistas de hoje em dia, que também poderiam estar de acordo com algum dos temas que seriam publicados naquelas edições, valorizando-se tanto a variedade de ilustrações e suas técnicas estilísticas de representação gráfica, quanto o trabalho desenvolvido por esses profissionais” (RAMIL, 2021); e a partir de 2019, com nova equipe editorial e a opção de adotar a identidade visual recém criada para adotar um padrão de capa “em estilo minimalista e contemporâneo, dando visibilidade às principais informações das edições da RHE e acompanhando a tendência mundial dos periódicos em se aplicar sempre o mesmo layout, com pequenas variações, de acordo com a publicação” (RAMIL, 2021).

Corroborando com as indicações da Professora Chris Ramil (2021), na entrevista realizada com o Professor Elomar Tambara (2021), ele aponta que o processo de produção das capas “foi muito diverso, e dependia de uma série de circunstâncias principalmente profissionais que fazia a editoração” (TAMBABA, 2021). Sobre as escolhas das imagens e as fontes onde elas eram pesquisadas, ele aponta que “normalmente eram resultado de livros de artes, pedagogia, cartões postais, etc. Muitas delas foram sugestões de autores de textos. E, de modo especial, a Prof<sup>a</sup> Maria Helena Camara Bastos” (TAMBARA, 2021). Por fim, ele aponta sobre a relação entre a arte e a história da educação presente nas capas da RHE: “Sendo a arte a representação da sociedade de um tempo, entendo que se insere na natureza da História da Educação como um elementos constitutivo da mesma” (TAMBARA, 2021), argumento que parece resumir a decisão editorial presente desde a primeira edição da RHE ao veicular em suas capas imagens, representações ou obras de arte de diferentes gêneros, mas que sempre se relacionam com o contexto historiográfico escolar. A esse respeito, a Professora Maria Stephanou definiu a relação entre arte e história como “inteligências em diálogo” (STEPHANOU, 2021), reforçando a intenção dos editores da RHE ao comunicar nas capas da RHE por meio da arte.

No mesmo sentido, a entrevista do Professor Claudenir de Quadros aponta que as escolhas das capas eram realizadas a partir da intenção de representar a história da educação, utilizando-se de cartões postais, pesquisas na internet ou por indicações propostas pelas Professoras Maria Stephanou e Maria Helena Camara Bastos, que inclusive compartilhou uma curiosidade vivida no processo de elaboração das capas da RHE e que demonstra uma tendência seguida mundialmente entre as revistas do campo. Ela recorda-se sobre a capa da revista nº 07: “Ao entregar para meu orientador no *Service d'histoire de l'éducation* – Pierre Caspard, ao comentar que achou linda a capa, perguntou se seria uma foto minha criança. Fiquei muito surpresa com a pergunta, mas ele me disse que muitas das capas da *Revue Histoire de l'éducation* eram retratos de filhos ou dos pesquisadores crianças ou parentes” (BASTOS, 2021).

A virada na proposição das intenções de comunicação nas capas da RHE parece residir a partir da criação da nova identidade visual da revista, implantado no início de 2019 e sob responsabilidade da Professora Chris Ramil, com revisões e aprovações dos demais integrantes do conselho editorial da revista. Sobre a proposta da nova identidade visual, ela explica:

O material gráfico criado visava uma renovação e atualização da apresentação visual do periódico. A revista passou a ter, então, um logotipo, que até então não possuía, e também a apresentar um renovado modelo de diagramação dos artigos, além da reformulação de outras aplicações e peças gráficas, como no site, redes sociais e papelaria da RHE. A estética adotada surgiu a partir de características desejadas para a visualidade da revista, que também foram discutidas previamente pela equipe editorial, tais como a escolha da cor bordô como sendo a principal e o investimento nas letras iniciais da revista “RHE” para reforçar o seu reconhecimento e de forma que essa sigla pudesse ser associada com o título por extenso ou sem essa informação, sem prejuízo ao conjunto gráfico de elementos. Com isso, adicionou-se ao bordô os tons de cinza, preto e branco à paleta de cores aplicáveis nos elementos que

fossem utilizados. A opção de se explorar somente as fontes como recurso potente de identidade também previa evitar a utilização de elementos e símbolos recorrentes em outros periódicos de áreas fins, buscando-se assim um diferencial, com aspecto contemporâneo, minimalista, clean, claro, sem muitos detalhes e de fácil reconhecimento, legibilidade e leiturabilidade, a partir da tipografia adotada. Com isso, a identidade visual se tornou rapidamente identificável, de impacto e mostra pregnância, no conjunto de seus elementos gráficos e das aplicações desenvolvidas (RAMIL, 2021).

Sobre a decisão de padronização da capa adotada a partir de 2019, Ramil (2021) conta que ela acompanhou as tendências internacionais e as recomendações do *SciELO*, do *Seers/UFRGS* e dos fóruns de editores de periódicos em geral. A decisão influenciou também a organização em fluxo contínuo e a publicação de uma edição anual. “Esta permanência de estilo gráfico colabora para a pregnância, leitura e identificação visual do periódico, valorizando a estética adotada, pela composição dos elementos gráficos, como as cores, marca, tipografia e elementos de apoio” (RAMIL, 2021). Assim se percebe que a RHE avançou passando a considerar a importância e o poder comunicativo também do designer para a produção das suas capas.

Com isso, desde 2019, a capa não utiliza mais ilustrações e é apresentada com fundo cinza, dando destaque à marca, no canto superior direito, em cor bordô, com apoio de um conjunto de elementos gráficos em formas de linhas brancas horizontais no canto inferior esquerdo, além de utilizar tipografia específica nas informações de e-ISSN, endereço de site e referência à *Asphe* (associação à qual está vinculada a revista), na cor bordô, assim como dá destaque, em preto e com fontes maiores, aos dados de maior importância na referida edição, quais sejam, o volume e ano da edição. Essa hierarquia e clareza nas informações na capa também é importante para organizar a identificação dos dados, prezando pela leiturabilidade e legibilidade, prevendo-se a variação no tamanho e no formato dos suportes de acesso à revista, que tem sido publicada exclusivamente no formato online desde 2011.

Vale destacar que a estética da capa mantém e fortalece os critérios estilísticos adotados na identidade visual criada para todas as aplicações da RHE, desde 2019 (RAMIL, 2021).

Apesar de breves, as entrevistas com os editores da RHE e com a equipe editorial responsável pela atual condução da revista demonstraram que os dados coletados nas análises das dez primeiras capas e das edições de 2018 estão alinhados com os propósitos pretendidos durante a elaboração e concepção dos materiais: comunicar, a partir de imagens históricas do contexto escolar, o campo de pesquisa e de divulgação de estudos a que a RHE de filia. Neste sentido, parece que o entrecruzamento entre arte e história e, posteriormente, designer e história, tem cumprido com o seu objetivo de apresentar a Revista História da Educação, seu propósito e campo de atuação. Assim, argumentamos que o sucesso da RHE, além da sua qualidade teórica, passa também por sua concepção editorial e por decisões, que ao longo do tempo, tem se mostrado acertadas e refletindo diretamente no material produzido e publicado.

### **Considerações finais**

Nesse artigo propomos investigar as capas da RHE na tentativa de compreender a articulação entre o uso de imagens de diferentes gêneros artísticos e o campo da História da Educação, considerada a ideia de que uma imagem comunica certa mensagem. Isso, acreditamos, ocorre por meio da conexão entre o objetivo da capa, o artista responsável pela obra e a intencionalidade do editor. Embora não haja muitas publicações de pesquisas sobre o tema arte ou as linguagens da arte na RHE, fica evidenciada a importância da interlocução entre os campos para a composição de um material que, mais do que comunicar ciência, representa um campo de pesquisa desde a sua apresentação e essência. Assim, é interessante evidenciar a importância da associação entre a escolha de uma obra de arte para



compor uma capa e que, ao longo desta investigação, demonstrou estar alicerçada na relação entre Arte e História da Educação.

Neste contexto, esta investigação se utilizou das dez primeiras capas publicadas pela RHE, além da última publicada com o uso de imagens, para demonstrar que a presença de imagens de diferentes gêneros artísticos esteve sempre relacionada com a intenção de comunicar sobre o caráter educacional e histórico a que a RHE se filia, fazendo com que as escolhas das composições das capas fossem assertivas para o propósito demonstrado pelas entrevistas com os editores de configurar e assentar a revista no campo da História da Educação. Assim, defendemos que o sucesso da RHE, além da sua capacidade teórica indiscutível, está também alicerçado em questões editoriais e que se iniciam pela composição das capas, seu capricho, proposição e intencionalidade.

O que se espera com este trabalho é que o diálogo traçado com a arte presente nas capas da RHE possa de alguma forma responder a editora quando ela menciona sobre a representação da capa de 2018: “Entretanto, são eventos que portam, em si mesmos, marcas de diferentes tempos. Possivelmente, venham a passar despercebidos a boa parte dos leitores ou de futuros pesquisadores deste periódico” (STEPHANOU, 2018, p. 03), já que o e-book comemorativo que abriga este artigo é também uma grande homenagem a todos àqueles que compõem a história da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação e, conseqüentemente, da Revista História da Educação, e que na sutileza da atenção a cada nuance e rigor teórico em suas pesquisas e trabalhos, fixaram o nome da ASPHE e RHE entre os mais representativos do país e merecedores de todo o respeito e reconhecimento, não passando despercebidos.

## Referências

BARROS, José D'Assunção. **O campo da História:** especialidades e abordagens. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BASTOS, Maria Helena Camara. A Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE): (1995-2005). In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 11. 2005, São Leopoldo. **Anais...** São Leopoldo: ASPHE, 2005, p. 10-19.

BASTOS, Maria Helena Camara. Editorial. **Revista História da Educação**, ASPHE, Porto Alegre, v. 21, n. 53, p. 01-06, set./dez. 2017.

GOMBRICH, Ernst. **A História da Arte**. Editora LTC, 16ª Edição, ed. Português, 2000. Disponível em: <<http://www.ibict.br/informacao-para-a-pesquisa/issn>>. Acesso em: 21 maio de 2021.

JAEGER, Camila Ü; ADOLFO, Gabrielle B. **Itinerário da edição**: um guia para publicação. Santa Maria: [UFSM], PRE; pE.com Editora Experimental, 2015.

PERES, Eliane. A Revista História da Educação e a produção no campo da História da Alfabetização. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 11. 2005, São Leopoldo. **Anais...** São Leopoldo: ASPHE, 2005, p. 123-128.

PRETTE, Maria Carla. **Para entender a arte**: história, linguagem, época, estilo. São Paulo: Globo, 2008.

STEPHANOU, Maria. Os historiadores e as vicissitudes do tempo: perceber, imaginar, eleger, compreender, construir. **Revista de História da Educação**, ASPHE, Porto Alegre, v. 22, n. 54, p. 01-07, jan./abr. 2018

## Entrevistas

E-mail. BASTOS, Maria Helena Camara. Pesquisa sobre elaboração das capas da Revista História da Educação em comemoração aos 25 anos da ASPHE. Mensagem recebida por [simoni.cm87@gmail.com](mailto:simoni.cm87@gmail.com) em 17 jun. 2021.

E-mail. QUADROS, Claudemir de. Pesquisa sobre elaboração das capas da Revista História da Educação em comemoração aos 25 anos da ASPHE. Mensagem recebida por [simoni.cm87@gmail.com](mailto:simoni.cm87@gmail.com) em 19 jun. 2021.

E-mail. RAMIL, Chris de Azevedo. Pesquisa sobre elaboração das capas da Revista História da Educação em comemoração aos 25 anos da ASPHE. Mensagem recebida por [simoni.cm87@gmail.com](mailto:simoni.cm87@gmail.com) em 11 jul. 2021.

E-mail. STEPHANOU, Maria. Pesquisa sobre elaboração das capas da Revista História da Educação em comemoração aos 25 anos da ASPHE. Mensagem recebida por [simoni.cm87@gmail.com](mailto:simoni.cm87@gmail.com) em 08 jul. 2021.

E-mail. TAMBARA, Elomar. Pesquisa sobre elaboração das capas da Revista História da Educação em comemoração aos 25 anos da ASPHE. Mensagem recebida por [simoni.cm87@gmail.com](mailto:simoni.cm87@gmail.com) em 07 jul. 2021.

# **A infância como um campo discursivo: perspectivas teórico-analíticas nos encontros da ASPHE**

*Fernando Ripe  
Giana Lange do Amaral  
Jeane dos Santos Caldeira*

## **Estabelecendo nexos**

Até bem recentemente, era muito comum ouvirmos, ou lermos que, na história da criança e da infância no Brasil, geralmente produzida nos Departamentos de História, não existia escola ou educação, e que na História da Educação no Brasil, geralmente produzida nas Faculdades de Educação, não existia criança ou infância. Felizmente os tempos são outros! (FARIA FILHO; ARAÚJO, 2011, p. 9).

Iniciar este capítulo com a citação de Faria Filho e Araújo, faz com que sejamos provocados, de imediato, a definir a existência de certas vinculações e congruências entre o tema da infância e o campo da História da Educação. A despeito dessa convergência, identifica-se na historiografia da infância que as concepções, as noções de desenvolvimento de vida ou, mesmo, as imagens representativas das crianças, estão estreitamente ligadas com o campo teórico da História da Educação. Isso, notadamente, decorre do fato de a criança ser um dos principais objetos de análise da historiografia das práticas educativas.

A partir da constatação desta vinculação entre o tema e os campos, analisamos um panorama geral das pesquisas apresentadas ao longo dos 25 anos da Associação Sul-Rio-Grandense de pesquisadores em História da Educação (ASPHE), que têm registrado as experiências de ser criança, as representações sociais da infância e as políticas públicas direcionadas aos sujeitos infantis. Como poderemos

perceber, se trata de um empreendimento específico e muito particular, mas que oferece elementos suficientes para compreender a infância como sendo um campo discursivo – presente e relativamente constante – nesses eventos acadêmico-científicos.

Quando, na década de 1990, os estudos sobre a História da Infância começaram a aparecer com regularidade no Brasil vimos também a consolidação do campo da História da Educação por meio da criação emergente de associações, sociedades, linhas de pesquisas e grupos de trabalho. Em especial, e pioneira, a criação da ASPHE, no ano de 1995, desempenhando importante papel na constituição da Sociedade Brasileira de História da Educação, em 1999. A partir do primeiro encontro da ASPHE já foi possível perceber a existência de entrelaçamentos entre os dois campos de pesquisa. Evidente, como veremos ao longo deste texto, a infância foi estudada como tema tangencial e pouco aprofundado, mas que no decorrer dos anos, consolidou-se teórico e metodologicamente.

De acordo com a historiadora da educação Mirian Jorge Warde (2007, p. 22) os títulos de História da Infância anunciavam, pelo volume e pela densidade dos estudos sociais, a constituição de novas disciplinas sociais, tais como a História e a Sociologia da Infância. No entanto, depois de passado mais de vinte anos da efervescência inicial, a autora acredita que o crescimento e a diversificação dos trabalhos de História da Infância no Brasil não confirmaram os indícios prenunciados.

A partir dessa preocupação e ávidos por comemorarmos os 25 anos da ASPHE, gostaríamos de cotejar o universo de pesquisas sobre História da Educação, produzidas no âmbito de 25 encontros, com as perspectivas teórico e analíticas da História da Infância. Isso, destacando como e de que forma os historiadores e historiadoras da educação desta associação têm abordado o tema da infância. Como problematização, apresentaremos o conceito de infância como

potencial formador de um campo discursivo. Para tanto, observaremos as perspectivas teórico-analíticas de 49 pesquisas que foram apresentadas. Perceberemos, sobretudo, se os estudos publicados na forma de resumos e textos completos mantiveram um alinhamento sistemático quanto aos períodos focalizados, sobre a homogeneidade dos suportes conceituais, bem como aos procedimentos analíticos adotados nestas pesquisas.

Em 2006, Rosemberg apresentou um balanço da produção acadêmica concernente à temática da infância, destacando certa preocupação quanto ao baixo interesse acadêmico e à relativa variabilidade de publicação em revistas científicas. De modo que,

A bibliografia brasileira sobre crianças pequenas é relativamente pobre. Com exceção da publicação *Primeira Infância*, não dispomos de textos atuais que tratem das múltiplas esferas da condição de vida das crianças pequenas. Para esse grupo etário, a bibliografia é relativamente abundante no que diz respeito à educação infantil, à mortalidade infantil e à desnutrição. A produção acadêmica encontra-se dispersa, publicada predominantemente em revistas da educação, psicologia, serviço social, história e saúde pública. A infância mais tardia e a adolescência têm ocupado mais a atenção de educadores e assistentes sociais, sendo que a sociologia e a antropologia têm evidenciado menor interesse (ROSEMBERG, 2006, p. 2).

A formulação da temática infância percebida como um campo discursivo parte da compreensão de que o objeto das análises mantém relações similares e coerentes entre si, onde as narrativas/enunciações historiográficas permitem construir formas e representações sobre este tema. Para Dora Marín-Díaz e Ana Cristina León-Palencia (2018, p. 8), utilizar a noção de infância como campo discursivo é pertinente. Primeiro, porque pode servir como recurso metodológico, o qual permite agrupar diferentes discursos entorno de um mesmo propósito,

tanto em termos de origens históricas, como complementaridades, hierarquias simbólicas, articulações lógicas, pertinências conceituais, etc. Sua importância também reside na possibilidade de perceber o campo discursivo como sendo um recurso para reconhecer a pluralidade e a historicidade do que se pensa e se diz sobre um tema escolhido, neste caso os sujeitos infantis. Outra relevância que destacamos é a inteligibilidade que este campo possui para entrecruzar distintos saberes e disciplinas de origens diferentes, constituindo articulações entre saberes e poderes.

Para Dominique Maingueneau campo discursivo é “um conjunto de formações discursivas que se encontram em relação de concorrência em sentido amplo” (MAINGUENEAU, 1997, p. 116). Não obstante, constitui-se “como um espaço no interior do qual interagem diferentes ‘posicionamentos’, fontes de enunciados que devem assumir os embates impostos pela natureza do campo, definindo e legitimando seu próprio lugar de enunciação” (MAINGUENEAU, 2010, p. 50). Importante destacar que a ideia de campo discursivo permite tomar os enunciados e as formações discursivas como objeto central de análise, o que permite ao analista do discurso determinar a convergência de enunciabilidades como estratégia para delimitar um tema.

Nos limites deste texto, enfrentamos o desafio de excluir algumas pesquisas. Seja, por estas trazerem a ideia de infância muito distante do seu objeto central de análise, ou pelo fato de o adjetivo infantil constar apenas como marcador temático (escola infantil, jardim de infância, literatura infantil, etc.). Desta forma, guiaram o levantamento – apresentado na forma de três quadros – aqueles que persistiram nos estudos da infância como possível categoria historiográfica, ainda que não seja o tema latente da pesquisa. Outra baliza que encontramos é a extensão do corpo do texto, por isso não vamos referenciar de forma completa ao final do capítulo. Adotamos o

seguinte critério: quando mencionarmos as pesquisas apresentadas nos encontros da ASPHE, faremos uso do nome de autoria em itálico [*Exemplo* (ano) ou (*EXEMPLO*, ano)].

### **Notas efêmeras sobre a historiografia da infância no Brasil**

O sucesso editorial de *L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime* publicado originalmente em 1960 por Philippe Ariès fez da obra uma referência para as iniciais discussões e pesquisas sobre a infância. Publicada pela primeira vez no Brasil em 1978, a História Social da Criança e da Família despertou pesquisadores brasileiros para colocar a infância como mote de problematização. O enriquecimento do discurso historiográfico de Ariès sobre as mudanças de comportamentos e dos modos de pensar a criança e a família no período moderno ocidental, propiciou, na esteira da terceira geração dos Annales, abordagens de novos temas e novos modos de expressá-los em História. Inúmeras críticas foram manifestadas sobre o trabalho de Ariès, principalmente com relação à sensibilidade despendida sobre as crianças.<sup>1</sup>

Porém, foi somente na década de 1990 que estudos sistemáticos sobre a história da infância ganharam visibilidade no campo acadêmico brasileiro. Como significativo exemplo desta produção, destacamos duas coletâneas de artigos organizadas por Mary Del Priore. “História da criança no Brasil” (1992) integrou os temas abandono de crianças, instituições para crianças, trabalho infanto-juvenil, crianças escravas, crianças orfãs, brinquedos e brincadeiras, educação jesuíta, criminalidade infantil e educação de meninas no

---

<sup>1</sup> Neste caso, a ideia apresentada pelo autor de que no medievo não haveria o conceito de infância. Seguramente muitos investigadores argumentaram que a ausência da percepção das necessidades específicas das crianças só poderia acarretar a negligência e maltrato sobre os infantes, “tanto pelos pais como pelos poderes públicos”, que de forma geral foram progressivamente “percebendo que as crianças eram diferentes dos adultos e não versão miniaturizadas destes”.

recorte temporal do século XVI ao XX. Já, no final da década de 1990 a autora produziu um trabalho de maior envergadura, constantemente tomado como referência no campo da história da infância, seja a obra “História das crianças no Brasil” (1999). Neste último trabalho, ressaltamos a inclusão de bibliografias no final de cada capítulo e a utilização de imagens como referências documentais.

As irmãs Irma Rizzini e Irene Rizzini têm produzido relevantes investigações na área de história da infância no Brasil. Desde a década de 1980, momento em que perscrutaram arquivos e bibliotecas, elaboraram entrevistas e buscaram apoio para constituir um centro de pesquisa – Centro de Estudos sobre o Menor (CESME) e, posteriormente, o Centro de Estudos e Pesquisas sobre a Infância (CESPI) junto à Universidade Santa Úrsula, no Rio de Janeiro. Aqui, cabe destacar a coletânea “A arte de governar crianças” (1995) sob organização de Francisco Pilotti e Irene Rizzini e o estado da arte “Bibliografia sobre a história da criança no Brasil” (2001) de Irma Rizzini e Maria Teresa da Fonseca.

Sublinhamos, também entre as perspectivas de análise sobre a criança no campo da historiografia brasileira, uma série de estudos que se dedicaram especificamente ao período colonial. Fábio Pestana Ramos, em “A história trágico-marítima das crianças nas embarcações portuguesas do século XVI” (2006) mostrou o penoso cotidiano das crianças arregimentadas na condição de grumetes ou pajens das embarcações lusitanas durante as viagens ultramarinas do século XVI. Ademais, o tema da roda dos expostos foi objeto recorrente nas produções historiográficas. Dentre tantos trabalhos, elegemos por seu caráter prenunciador o texto de Laura de Mello e Souza intitulado “O Senado da Câmara e as crianças expostas” (1992). Nesta ocasião, a autora fez uma análise das principais atitudes e providências das câmaras municipais mineiras que eram tomadas em relação ao abandono de crianças, através de um comparativo entre as rodas dos



expostos das Minas Gerais e das medidas que eram adotadas na Bahia. Destacou ainda que, embora a legislação proibisse a discriminação racial no exercício da caridade camerária, as políticas adotadas em Vila Rica pareciam não as perceber e solicitavam atestados de brancura aos enjeitados, dando nota de que nem sempre os normativos, que eram atestados nos documentos produzidos por oficiais, de fato revertiam-se como efetivas práticas. Já Miriam L. Moreira Leite, em “O obvio e o contraditório da Roda” (1992), destacou que a roda era um mecanismo instituído pelos governantes com o objetivo de salvar a vida dos recém-nascidos abandonados, para, posteriormente encaminhá-los para trabalhos produtivos e forçados. Nesta temática, ainda gostaríamos de chamar a atenção para o trabalho de Renato Franco (2014), “A piedade dos outros (...)”, que descreveu o abandono de filhos recém-nascidos no contexto colonial do século XVIII. Franco identificou que, fosse por razões morais ou por dificuldades econômicas, o abandono se constituía como um sofrimento, uma “pena”, que comprometia a salvação da alma dos pais e também das crianças.

A temática da sexualidade infantil foi abordada por Luiz Mott em “Pedofilia e Pederastia no Brasil” (1992). Vale ressaltar que Gilberto Freyre já havia mencionado que a infância era percebida com certa indiferença pelos adultos, e que por várias vezes as crianças tornaram-se objeto de abusos e perversidades de várias naturezas. Entretanto Mott considerou ser a pedofilia a relação sexual do adulto com criança pré-púbere e a pederastia a relação sexual do adulto com adolescente, práticas muito frequentes na tradição luso-brasileira. Além disso, enfatizou que essas práticas sexuais não eram condutas das mais condenadas pela Teologia Moral, uma vez que a prática da pedofilia, mesmo quando realizada com violência, nunca chegou a ser considerada um crime específico por parte da Inquisição. Por outro lado, mais recentemente, o historiador Alex Silva Monteiro, em

“Anjos ou Hereges? (...)” (2014) apresentou um estudo sobre a relação entre infância e inquisição portuguesa na Época Moderna. Neste trabalho Monteiro propôs uma reflexão sobre a mentalidade social do Antigo Regime a respeito da tolerância sociorreligiosa para com as crianças quando estas incorriam em erros contra a fé católica.

Outros importantes estudos sobre a história da infância foram lançados na perspectiva da historiografia e/ou pelo viés da educação. Gostaríamos de destacar, “História Social da Infância no Brasil” (1997) organizado por Marcos Cezar de Freitas, “Os intelectuais na história da infância” (2002) também de Marcos Cezar de Freitas em parceria com Moysés Kuhlmann Jr., “Infância e Educação Infantil” (1998) de Moysés Kuhlmann Jr., “História da infância sem fim” (2000) de Sandra Mara Corazza e outras coletâneas organizadas por Alberto Lopes, Luciano Mendes de Faria Filho e Rogério Fernandes, “Para a compreensão histórica da infância” (2006), Faria Filho e Cynthia Greive, “Infância no sótão” (1999) e, também de Faria Filho a coletânea “A infância e sua educação” (2004).

Importante atestarmos, conforme chamou atenção Lloyd deMause (1982), quanto mais se voltar na história da infância, menor será o nível de assistência e cuidado infantil. As crianças, mais provavelmente, eram mortas, abandonadas, espancadas, aterrorizadas e abusadas sexualmente. Todavia, não cabe a esse campo discursivo a tarefa de julgar o passado, mas o de verificar o quanto dessa história da infância pode emergir a partir das evidências que nos restam (DEMAUSE, 1982).

Ao evidenciarmos o âmbito de conformidade da historiografia internacional e nacional sobre a infância, queremos apresentar algumas equivalências teóricas e metodológicas que nos permitiram problematizar a temática como um campo discursivo presente na historiografia da educação mobilizada nos encontros da ASPHE. É nesse sentido que descreveremos a organização sistemática das

pesquisas que envolveram a infância nesses eventos científico-acadêmico.

## **Perscrutando a infância nos encontros da ASPHE**

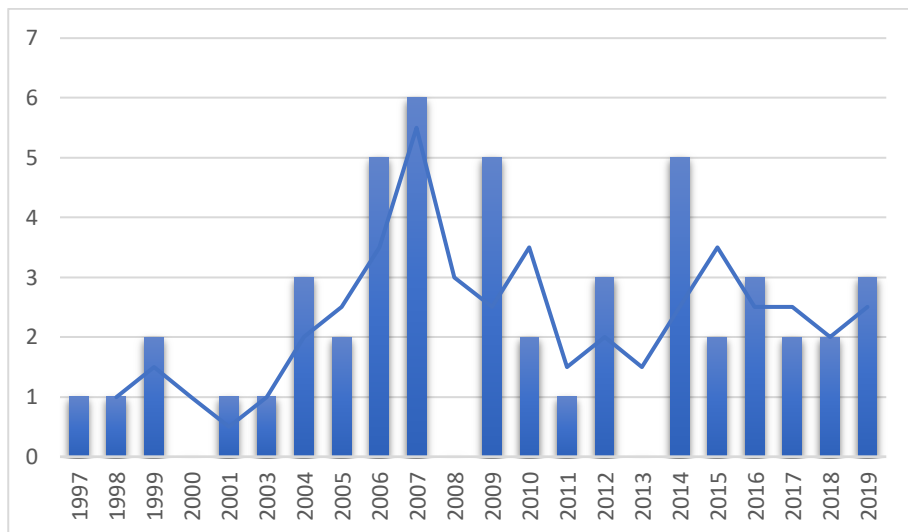
Na análise dos 25 encontros da ASPHE, localizamos 50 apresentações que enunciam não somente os léxicos infância e criança em seus títulos e resumos, como também colocam esta etapa da vida como categoria principal ou coadjuvante, mas que são importantes para a compreensão do problema de pesquisa aventado. Eliminamos, neste balanço, as pesquisas que retratavam a infância estritamente circunscritas ou vinculadas às modalidades de ensino ou como marco de temporalidade, como por exemplo estudos sobre os jardins de infância, de educação infantil ou análises que demarcam uma narrativa que se iniciava desde a infância. Todavia, consideramos aquelas cujo sujeito infantil estava associado aos discursos institucionais, com destaque às famílias (relações entre pais e filhos), às escolas, aos discursos médicos, políticos, religiosos e literários, às associações asilares e de assistências e às correccionais.

Elaboramos um gráfico para melhor apresentar o panorama das frequências em que a temática foi explorada nos encontros da ASPHE.<sup>2</sup> Nele, percebe-se que não existe um comportamento linear ou progressivo na quantidade de apresentações, mas sim, constata-se a presença quase que sistemática, uma vez que em poucos eventos o tema não foi abordado.

---

<sup>2</sup> Esta pesquisa somente foi possível devido à disponibilidade para consulta dos anais dos encontros. Atualmente este acervo se encontra salvaguardado, em formato digital, no Repositório Tatu (Unipampa). O qual pode ser acessado pelo *link* <http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/> na aba Anais da Asphe.

**Gráfico 1** – Frequência de trabalhos relativos à temática História da Infância por ano de encontro da ASPHE



**Fonte:** elaborado pelos autores.

Para uma melhor abordagem metodológica dividimos a produção analítica sobre a infância nos encontros da ASPHE em três marcos temporais, mas que por serem congêneres denominamos como fase. Na primeira fase, entre os anos 1997 e 2000, identifica-se uma fase incipiente onde a temática é tangencial a outros objetos de investigação. A segunda, agrega estudos desenvolvidos entre os anos 2000 e 2010, momento em que identificamos os sujeitos infantis se constituindo como objeto principal das pesquisas. Já, na terceira fase, na década subsequente (2011-2019), os estudos tendem a ter contornos conceituais mais definidos e referenciados a partir da teoria da História da Infância.

### ***1ª Fase: a infância como tema tangente***

Nos primeiros encontros da ASPHE a infância não foi considerada como objeto específico de análise e interpretação

historiográfica. Como poderemos observar no Quadro 1, a abordagem do tema colocava os infantis como sujeitos de cuidados médicos – e, mais especificamente como passíveis de um discurso de necessidades higienistas (STEPHANOU, 1997) – ou como dependentes de assistência das políticas públicas educativas (QUADROS, 1999a, 1999b). Assim como esses dois estudos, o tratamento de Della Vechia (1998) sobre o tema não difere, uma vez que o principal mote de pesquisa do autor eram as práticas educativas sobre os negros escravizados, sendo a infância somente uma etapa de vida nesta descrição.

**Quadro 1** – Relação das apresentações que envolvem a temática da infância nos encontros da ASPHE (1997-2000)

Ano/Encontro	Autor(es)	Título
1997 I Encontro	Maria Stephanou	A CONSTITUIÇÃO DE SUJEITOS HIGIÊNICOS: PRATICAS FORMATIVAS DA MEDICINA NO RIO GRANDE DO SUL
1998 III Encontro	Agostinho Della Vechia	EDUCAÇÃO DOS ESCRAVOS
1999 IV Encontro	Claudemir de Quadros	"NENHUMA CRIANÇA SEM ESCOLA NO RIO GRANDE DO SUL": UM DIREITO GOVERNAMENTAL DE EDUCAÇÃO PARA TODOS
1999 V Encontro	Claudemir de Quadros	A EDUCAÇÃO POLÍTICA NO RIO GRANDE DO SUL DURANTE O GOVERNO DE LEONEL BRIZOLA: "NENHUMA CRIANÇA SEM ESCOLA NO RIO GRANDE DO SUL"

**Fonte:** elaborado pelos autores.

Podemos assim concluir que, durante os primeiros encontros, os estudos realizados ou se inserem no discurso de assistência à saúde e educação, ou corrobora com a perspectiva que incide os infantis como sendo uma etapa da vida. Nota-se, desde já, que a composição do tema

é heterogênea, uma vez que apresenta variabilidade de fontes e compreensão do tema.

### ***2ª Fase: a infância como objeto principal de análise***

A segunda fase, todavia, revela o quanto o tema da infância é um dos objetos centrais no conjunto da historiografia da educação no Rio Grande do Sul. Aqui, também se manifesta um repertório de fontes analíticas, as quais podem ser pormenorizadas em três aspectos: aquelas que tratam objetivamente sobre a criança, as que foram desenvolvidas para os infantes e, mais incomum nesse arrolamento, aquelas que foram produzidas pelas crianças – aqui se incluem as fontes organizadas por adultos sobre a infância, no caso de práticas de rememoração da infância.

Nossa intenção não será a de organizar um inventário das fontes utilizadas nas pesquisas, mas tão somente observar a potencialidade que estas dispõem para compreendermos como as fontes documentais manifestam – notadamente no sentido de descrever, analisar, prescrever – quais as práticas, as normas e valores para os sujeitos que compõem o universo infantil.

**Quadro 2** – Relação das apresentações que envolvem a temática da infância nos encontros da ASPHE (2001-2010)

<b>Ano/Encontro</b>	<b>Autor(es)</b>	<b>Título</b>
2001 VII Encontro	Eliane Peres	EDUCAÇÃO DAS VONTADES, DOMÍNIO DE SI: A CRIANÇA-EDUCANDA NO DISCURSO DA RENOVAÇÃO PEDAGÓGICA E AS PRÁTICAS DE OBJETIVAÇÃO E SUBJETIVAÇÃO DA INFÂNCIA
2003 IX Encontro	Patrícia Daniela Maciel	"AMAR, SOFFRER, ESPERAR..." A EDUCAÇÃO DAS MENINAS NO INSTITUTO ASILO DE ÓRFÃS NOSSA SENHORA DA CONCEICAO (SÉCULO XIX)
2004	Caren Bühler	A SUPERVISAO ESCOLAR E A

<b>Ano/Encontro</b>	<b>Autor(es)</b>	<b>Título</b>
X Encontro		CRIANÇA DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA MEDIAÇÃO DE HISTÓRIAS
2004 X Encontro	Marli de Oliveira Costa	"CHAMANDO A INFÂNCIA": REGISTROS E LEMBRANÇAS DA E. R. ENGENHEIRO FIÚZA DA ROCHA-CRICIÚMA-SC (1945- 1946)
2004 X Encontro	Patricia Daniela Maciel	FORMAÇÃO DAS MENINAS ÓRFÃS E DA ELITE PELOTENSE NO SÉCULO XIX: SIMILARIDADES E/OU DIFERENCIAÇÕES?
2005 XI Encontro	Patrícia Daniela Maciel Eliane T. Peres	A EDUCAÇÃO DAS MENINAS EM PELOTAS: INICIATIVAS DA EDUCAÇÃO PRIVADA NA VIRADA DO SÉCULO XIX PARA O SÉCULO XX
2005 XI Encontro	Marli de Oliveira Costa	AS MARCAS DA ESCOLA NA VIDA DAS CRIANÇAS: EXPERIÊNCIAS EM UMA COMUNIDADE DE COLONIZAÇÃO ITALIANA: CRICIÚMA/SC
2006 XII Encontro	Vivian Anghinoni Cardoso Corrêa Elomar Tambara	A CASA DO LIVRO ABRE SUAS PORTAS À INFÂNCIA: A ESTRUTURAÇÃO DA SEÇÃO INFANTIL ÉRICO VERÍSSIMO DA BIBLIOTHECA PÚBLICA PELOTENSE (1945-1946)
2006 XII Encontro	Samantha Dias De Lima	DESCORTINANDO A INFÂNCIA: UMA HISTÓRIA PARA GENTE GRANDE
2006 XII Encontro	Giani Rebelo Tatiane dos Santos Virtuoso	INFÂNCIA NO ESTADO NOVO: CARTILHA GETÚLIO VARGAS PARA CRIANÇAS
2006 XII Encontro	Cristiane Cecchin Daniela Queiroz Campos Maria Teresa Santos Cunha	LEITURAS DO BEM EDUCAR: A CIVILIDADE INFANTIL EM MANUAIS DE CIVILIDADE E ETIQUETA
2006 XII Encontro	Elomar Tambara Berenice Lagos Guedes de Bem	UMA ANÁLISE DA INFÂNCIA – TRAJETÓRIA EDUCACIONAL – DE ALGUMAS MULHERES QUE SE CONSTITUÍRAM PROFESSORAS NA REGIÃO DA FRONTEIRA DO RS COM O URUGUAI

<b>Ano/Encontro</b>	<b>Autor(es)</b>	<b>Título</b>
2007 XIII Encontro	Camila Dorneles de Vargas Giana Lange do Amaral	SEMANÁRIO INFANTIL O TICO-TICO POSSÍVEIS OLHARES SOBRE A CRIANÇA E A INFÂNCIA NO BRASIL NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX
2007 XIII Encontro	Daniela Queiroz Campos Cristiane Cecchin	SAÚDE DO CORPO E DA ALMA: HIGIENE E CIVILIDADE PARA A CRIANÇA NORMAL NA OBRA DO DR. RINALDO DE LAMARE (A VIDA DO BEBÊ, 1956)
2007 XIII Encontro	Débora Teixeira de Mello	A INFÂNCIA PELA LENTE DA HIGIENE: O DISCURSO MÉDICO – HIGIENISTA NA CRIAÇÃO DA CRECHE NO BRASIL
2007 XIII Encontro	Maria Stephanou	ÁLBUM DE BEBÊ DE MANSUETTO BERNARDI. DISCURSOS MÉDICOS E RELIGIOSOS NO CUIDADO DAS CRIANÇAS
2007 XIII Encontro	Marli de Oliveira Costa Renata Carreira Corvino	EXPERIÊNCIAS DE INFÂNCIAS NO LITORAL SUL DE SC (1920- 1950)
2007 XIII Encontro	Vivian Anghinoni Cardoso Corrêa	O MUNDO INFANTIL E SEU SUPLEMENTO NO DIÁRIO POPULAR: ASPECTOS DA ESCRITA DOS FREQUENTADORES DA SEÇÃO INFANTIL ERICO VERÍSSIMO DA BIBLIOTECA PÚBLICA PELOTENSE (1946-1958)
2009 XV Encontro	Sônia Regina da Luz Matos	ACHADOURO INFANTIL
2009 XV Encontro	Marli de Oliveira Costa	INFÂNCIAS E ARTES DAS CRIANÇAS: LEMBRANÇAS DE TRANSGRESSÕES E CASTIGOS (SUL DE SANTA CATARINA 1920-1950)
2009 XV Encontro	Jeane dos Santos Caldeira	INSTITUTO SÃO BENEDITO: UMA OBRA DE AMOR, EDUCAÇÃO, CARIDADE E VALORIZAÇÃO DA CRIANÇA EMPOBRECIDA



Ano/Encontro	Autor(es)	Título
2009 XV Encontro	Cristiane Aparecida Ghisleri Giani Rabelo	LA BAMBINA ITALIANA ALLA SCUOLA: UM LIVRO ESCOLAR PRESCREVENDO A CONDUTA FEMININA PARA FILHAS DE IMIGRANTES ITALIANOS NO SUL DE SANTA CATARINA NO FINAL DO SÉCULO XIX
2009 XV Encontro	Maria Teresa Santos Cunha	VIGILANTE DAS BOAS MANEIRAS ESTUDO SOBRE UM JORNAL MANUSCRITO INFANTIL (1946-1956)
2010 XVI Encontro	Maria Helena Camara Bastos Tatiane de Freitas Ermel	INFÂNCIAS ESCRITAS: O JORNAL A VOZ DA ESCOLA (1936- 1938)
2010 XVI Encontro	Jeane dos Santos Caldeira	ASILO DE ÓRFÃS SÃO BENEDITO: O USO DE FOTOGRAFIAS PARA ANALISAR SUA HISTÓRIA

**Fonte:** elaborado pelos autores.

Ainda, nessa segunda fase identificamos que o tema passou a ser observado como objeto de conhecimento das ciências pedagógicas orientada por práticas de subjetivação desenvolvida nos espaços escolares (*PERES*, 2001), da mesma forma que cumpre um importante papel no cenário social (*LIMA*, 2006). No entanto, as abordagens que problematizam a assistência dos infantis é a mais recorrente. Este é o caso, por exemplo, dos estudos de *Maciel* (2003; 2004; 2005) para a educação das meninas órfãs em uma instituição asilar pelotense. Problemática que voltará à tona nas pesquisas de *Caldeira* (2009; 2010) e *Valle; Caldeira e Amaral* (2017).

No Quadro 2, também é possível constatar que a história da infância, em alguns estudos, está correlacionada com outros campos discursivos. Veja-se, por exemplo, o estudo de *Bühler* (2004), que aproxima a historiografia relativa aos infantis com a aquela produzida para as práticas de supervisão escolar, ou de *Matos* (2009) que

estabeleceu cinco representações sobre a infância cultural, quais sejam: como pecado, estorvo, mercado, ideal e consumo. Na literatura infantil, a proposição de gêneros infantis (VARGAS; AMARAL, 2007, CORRÊA, 2007) confirma a produção de obras específicas para as crianças.

Em *Costa* (2004; 2005), *Tambara e De Bem* (2006), *Costa e Corvino* (2007) o uso da categoria analítica *memória* foi mote para compreender processos educativos em distintas situações e espaços de imigração, de fronteira e de litoral.

Já, *Rebello e Virtuoso* (2006) encontraram no desenvolvimento da política nacionalizadora uma cartilha que descrevia a infância de Getúlio Vargas, que enunciava o, então, presidente como um exemplo de criança que na etapa inicial de vida se destacava por ter hábitos saudáveis, dedicação aos estudos, entre outras qualidades virtuosas que o distinguiam. Nesse sentido, a infância é, além de ser perspectivada enquanto uma etapa específica da vida, cuja rememoração na idade adulta evidencia fortes lembranças, um espelho representativo para inculcar discursivamente um modelo pretendido de sujeito infantil. Tais indicativos sugerem que, de certa forma, a(s) memória(s) é um elemento formador de futuras gerações ao propor modos de comportamentos exemplares, felizes e principalmente por hábitos adequados e partilhados à(s) sua(s) época(s).

Evidenciamos também, uma relativa quantidade de estudos que prescreviam os infantis como sujeitos de cuidados médicos. *Cecchin e Campos* (2007), *Mello* (2007) e *Stephanou* (2007) identificaram impressos de caráter informativo e prescritivo, cujos efeitos pedagógicos produziriam determinados modos de cuidar as crianças, mais designadamente, os bebês.

A sistematização dos bons comportamentos e condições saudáveis de vida dos infantis também foram objeto de análise, notadamente, nos compêndios de civilidade, de bons comportamentos,

de etiquetas e de urbanidade cristã. Como, por exemplo, os estudos de *Cecchin; Campos e Cunha* (2006), *Campos e Cecchin* (2007), *Ghisleri e Rabelo* (2009), *Costa* (2012), *Ripe* (2014; 2015) e *Ripe e Amaral* (2016; 2017; 2019).

### **3ª Fase: a infância por meio de contornos teóricos definidos**

A terceira fase de estudos apresentados nos encontros da ASPHE, conforme Quadro 3 abaixo, reverbera a temática por meio de teorizações mais estabelecidas e partilhadas na História da Infância. Onde a análise sobre o discurso e as representações relativas aos infantis se destaca por meio de variáveis fontes, como impressos, álbuns e suportes escritos. Não obstante, a exploração de fontes que contenham casos de assistência à saúde das crianças permanece como objeto de atenção dos pesquisadores. Essas duas perspectivas, à luz de *Monarcha* (2001, p. 2) atestam que a infância é, sobretudo, “construção de ordem social e cultural, eficaz e significativa, a qual, em cada época, tem-se a pretensão de definir de forma estável e concreta, engendrando frequentemente práticas e processos educativos de natureza prescritiva e moralizadora”.

**Quadro 3** – Relação das apresentações que envolvem a temática da infância nos encontros da ASPHE (2011-2019)

<b>Ano/Encontro</b>	<b>Autor(es)</b>	<b>Título</b>
2011 XVII Encontro	Jeane dos Santos Caldeira	INSTITUTO SÃO BENEDITO: ENTRE O PASSADO E O PRESENTE ATRAVÉS DE RELATOS ORAIS DE RELIGIOSAS QUE ATUAM NA INSTITUIÇÃO
2012 XVIII Encontro	Marli de Oliveira Costa	A CONSTRUÇÃO DA CIVILIDADE NA INFÂNCIA: A SÉRIE FONTES NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE SANTA CATARINA (1925-1950)
2012 XVIII Encontro	Roberta Barbosa dos Santos	ÁLBUNS DE BEBÊ DOS ANOS 40 E 50 DO SÉCULO XX:

		REPRESENTAÇÕES DE INFÂNCIA E FAMÍLIA
2012 XVIII Encontro	Joseane de Fátima Machado da Silva	AS CULTURAS ESCOLARES EM UMA INSTITUIÇÃO DE ASSISTÊNCIA À INFÂNCIA POBRE E ABANDONADA (CURITIBA, 1948-1956)
2014 XX Encontro	Ana Cristina Borges López Monteiro Francisco	CARTAS SOBRE A INFÂNCIA DESAMPARADA NO BRASIL OITOCENTISTA: UM OLHAR DA FAMÍLIA IMPERIAL PARA A CRIANÇA DESVALIDA
2014 XX Encontro	Maria Helena Camara Bastos Tatiane de Freitas Ermel	PROBLEMAS DE PAIS E FILHOS: DIÁLOGOS EDUCATIVOS (REVISTA DO ENSINO/RS – 1958-1967)
2014 XX Encontro	Fernando Ripe	“NÃO HE COM DISCURSOS ELOQUENTES, E FRAZES ELEGANTES, QUE SE EDUCA HUM MENINO”: A ANÁLISE DE UMA LITERATURA DE COMPORTAMENTO SOCIAL PORTUGUESA DO SÉCULO XVIII
2014 XX Encontro	Alice Rigoni Jacques	ERA UMA VEZ: AS ESCRITAS INFANTIS NOS CADERNOS DE REDAÇÃO DO ENSINO PRIMÁRIO DO COLÉGIO FARROUPILHA/RS (1949/1965)
2014 XX Encontro	Marli de Oliveira Costa	INFÂNCIAS E CULTURA POPULAR: NARRATIVAS DE “EMBRUXAMENTOS” DE CRIANÇAS (SANTA CATARINA, 1929- 1950)
2015 XXI Encontro	Ariele Schumacher Dias Mara Rosane Haubert	DE UM JARDIM DE INFÂNCIA DOMÉSTICO ÀS DEPENDÊNCIAS DO SINODAL: UMA HISTÓRIA DE EDUCAÇÃO INFANTIL (1953-1965)
2015 XXI Encontro	Fernando Ripe	“HUMA INSTRUCÇÃO PARA QUEM NEM AINDA SABE AJUNTAR O BÊ-A-BA”: ORIENTAÇÕES DE UM PAI PARA O ENSINO DAS LETRAS EM UM DICIONÁRIO PEDAGÓGICO PUBLICADO EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII

2016 XXII Encontro	Jeane dos Santos Caldeira Giana Lange do Amaral	UMA “MÃE PRETA” NA ASSISTÊNCIA CARITATIVA DE CRIANÇAS DESVALIDAS NAS CIDADES DE PELOTAS E BAGÉ/RS (1901-1930): A ATUAÇÃO DE LUCIANA LEALDINA DE ARAÚJO
2016 XXII Encontro	Fernando Ripe Giana Lange do Amaral	A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO INFANTIL MODERNO E O DISPOSITIVO DA CULTURA ESCRITA: EVIDÊNCIAS EM MANUAIS PORTUGUESES
2016 XXII Encontro	Ricardo Costa de Sousa	AS INFÂNCIAS NEGRA QUILOMBOLA À LUZ DA LEI 9.394/1996 EM ALCÂNTARA – MA (1996-2016)
2017 XXIII Encontro	Hardalla Santos do Valle Jeane dos Santos Caldeira Giana Lange do Amaral	AS IRMÃS DA CONGREGAÇÃO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA: AMPARO E EDUCAÇÃO ÀS MENINAS DESVALIDAS NAS CIDADES DE PELOTAS E RIO GRANDE/RS (1855 A 1873)
2017 XXIII Encontro	Fernando Ripe Giana Lange do Amaral	“DO ESPECIAL CUIDADO QUE SE DEVE TER NA CRIAÇÃO DAS MENINAS”: EDUCAÇÃO E CONDIÇÃO FEMININA EM UM TRATADO DE ALEXANDRE DE GUSMÃO ESCRITO NA AMÉRICA PORTUGUESA NO FINAL DO SÉCULO XVII
2018 XXIV encontro	Aline Fátima Lazarotto	EDUCANDO OS FUTUROS HOMENS DA PÁTRIA”: NOTÍCIAS SOBRE CRIANÇAS NA IMPRENSA DO OESTE CATARINENSE (DÉCADA DE 1950)
2018 XXIV encontro	Manuella Rasch Saraiva Paulo Ailton Ferreira da Rosa Junior	REPRESENTAÇÕES DA INFÂNCIA EM PETER PAN: UMA ANÁLISE EM EDIÇÕES DA REVISTA DISNEYLÂNDIA
2019 XXV Encontro	Lauren Azevedo Poersch Claudete da Silva	IMPLEMENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE BAGÉ: RESGATE DA HISTÓRIA DAS

	Lima Martins	INSTITUIÇÕES DE ATENDIMENTO À INFÂNCIA
2019 XXV Encontro	Alezandra Lima Nery Messias Adriana Duarte Leon	O LIVRO SOCIALIZANDO O SABER: UM REGISTRO SOBRE A HISTÓRIA DA INFÂNCIA BAGEENSE
2019 XXV Encontro	Fernando Ripe Giana Lange do Amaral	“O BOM ENSINO DE HUM FILHO”: BREVES DIREÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DOS INFANTIS MASCULINOS EM UM MANUAL PEDAGÓGICO (PORTUGAL, SÉCULO XVIII)

**Fonte:** elaborado pelos autores.

Como afirmamos, a terceira fase demarca uma relativa produção de pesquisas subsidiada por teóricos da histografia da infância. Na bibliografia indicada ao final de cada trabalho uma referência comparece como padronizada, tratar-se-ia da obra “História social da criança e da família” de Philippe Ariès. A regularização de uma única teoria, além de ser uma tomada passiva, por parte dos pesquisadores, também impede novas abordagens ao tema. Do mesmo modo, que incorre em sérios riscos de anacronismos, uma vez que Ariès construiu a emergência do “sentimento” sobre os infantis para o Antigo Regime francês, distintamente da temporalidade e fontes utilizadas nas pesquisas que arrolamos. Outra presença cativa é a de Michel Foucault, principalmente para subsidiar a ideia da existência de discursos modeladores da infância ou para descrever a escola enquanto instituição de vigilância e controle.

Todavia, nesta fase identificamos novamente a ampliação das fontes de análise. O alargamento decorre do uso de periódicos, de álbuns de bebês, da literatura infantil, de compêndios de civilidade, de manuais pedagógicos (incluindo impressos religiosos e médicos), de prontuários de entrada hospitalar, das atas de instituições asilares, de promulgações legislativas, etc., que constituem uma nova organização metodológica, reforçando o posicionamento da infância enquanto

campo discursivo na historiografia da educação mobilizada nos encontros da ASPHE.

Para os pesquisadores Marcos Freitas e Moysés Kuhlmann Jr. "a constituição do campo das ciências da infância é objeto de perplexidade àqueles que se ocupam com o estudo sistemático da história das crianças". Neste caso, percebemos a ocorrência da distinção entre uma e outra – história da infância e história das crianças –, bem como a existência de inflexões e aproximações que comparecem, com maior ou menor intensidade, num sem número de pesquisas que tomam como objeto ou que apenas incursionam seus interesses sobre a condição de ser infantil. Cabe destacar que os autores acima compreendem a infância "como a concepção ou representação que os adultos fazem sobre o período inicial da vida, ou como o próprio período vivido pela criança, o sujeito real que vive essa fase da vida". Nesse sentido, a história da infância seria então a história de como os adultos se relacionam social e culturalmente com os sujeitos dessa ordem. Em contrapartida, a história da criança seria "a história da relação das crianças entre si e com os adultos, com a cultura e a sociedade". Ainda que, em muitos momentos, tomemos como História da Infância, no seu uso singular, não estamos encerrando-a numa categorização homogênea e abstrata, mas operando uma categoria conceitual, um discurso sobre os infantis, uma tipologia geracional caracterizada por elementos discursivos comuns às diferentes crianças.

Por fim, cabe chamar a atenção para a convergência de alguns horizontes teórico-metodológicos. Como, por exemplo, o trabalho de *Matos* (2009) que caracterizou a produção identitária das infâncias como sendo engendramentos da sociedade moderna. Esta similaridade também foi evidenciada por *Ripe e Amaral* (2016) que identificaram a modernidade como sendo condição de possibilidade para a proliferação discursiva sobre os sujeitos infantis. Nessas duas

perspectivas o sujeito é produto da existência de poderes disciplinares que conformam a população infantil por meio de técnicas e mecanismos de governo, notadamente, interpretações advindas do pensamento foucaultiano.

### **Considerações Finais: demarcando congruências da infância como campo discursivo**

Perscrutar a história dos sujeitos infantis mobilizadas nos encontros da ASPHE permitiu identificar a existência de regimes discursivos variados sobre o tema, dispostos a entenderem como eram as práticas de educabilidade, as relações sociais, as condições de vida, os comportamentos das crianças em variadas temporalidades e espaços. Neles, as crianças são constantemente marcadas como sujeitos de cuidado, de proteção, de assistência, de correção, de formação intelectual, moral, política e social e de salvação. Deste modo, reafirmamos a ideia de um campo discursivo presente e contínuo nos estudos da História da Educação. Tal campo favorece a interpretação de racionalidades, dos mecanismos e das práticas que historicamente envolveram o cálculo e a formatação do que entendemos e conceituamos como infância ou de sujeitos infantis.

Os quadros, que foram aqui apresentados, além de demonstrarem que os estudos individuais dos autores, sobre a infância, são temporais (tem duração de somente dois ou três encontros, possivelmente essas apresentações são oriundas das pesquisas desenvolvidas durante iniciação científica, mestrado ou doutoramento), também demarca a presença da autoria de orientadores que atuam nos principais programas de pós-graduação das universidades dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, extrapolando os limites de uma associação unicamente gaúcha.

A reduzida média de trabalhos sobre a infância apresentados nos encontros da ASPHE, uma média de cerca de somente dois trabalhos



apresentados por evento, indica que a temática não se constitui como um *eixo temático* próprio. É importante explicar que as apresentações realizadas nesses encontros são alocadas por sessões, nas quais, em algumas ocasiões, foram divididas em eixos temáticos (I. História da Educação, Gestão e Políticas, II. Etnias e Movimentos Sociais na História da Educação, III. Fontes e Métodos em História da Educação, IV. Histórias das Instituições e Práticas Educativas, V. História, Memória e História da Educação, VI. Escritas, impressos e intelectuais da e na História da Educação e VII. Patrimônio Educativo e Cultura Escolar).

No âmbito da História da Educação, distinguimos claramente algumas linhas/correntes investigativas que diferem bastante entre si. Como a história da infância percebida nas instituições de ensino infantil, na educação doméstica de crianças, no gerenciamento dos comportamentos e das aprendizagens escolares das crianças, nos tratados de métodos pedagógicos e diretrizes didáticas, entre outros que nos proporcionam diferentes modos de pensar esta etapa da vida. Evidentemente que tais tendências de pesquisa se entrelaçam se constituindo um campo discursivo, todavia, e necessário ressaltar, exigem bibliografias, fontes e métodos próprios.

Nossa intenção nesse balanço historiográfico do campo da historiografia da infância nos encontros da ASPHE foi a de oferecer um sentido/significado para os elementos discursivos que vamos agregando nestas investigações. Ao observarmos a existência de um campo discursivos específico, indagamos sobre a possibilidade de novas investigações, que cotejem as múltiplas imagens e representações dos infantis nos seus distintos lugares, tempos e contextos.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Sobre a problemática das imagens e representações na história da infância, sugere-se como leitura: PANCERA, Carlo. Complejidad y dificultades en la reconstrucción de imágenes y representaciones de la infancia em la historia social

## Referências bibliográficas

- Anais dos Encontros da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação. UNIPAMPA. **Repositório Digital Tatu**. Repositório Digital de História da Educação. Disponível em:  
<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/asphe-anais-encontros/>
- CORAZZA, Sandra Mara. **História da infância sem fim**. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.
- DEL PRIORE, Mary (Org.). **História da criança no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1992.
- DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999.
- DEMAUSE, Lloyd. **Historia de la infancia**. Barcelona: Alianza Universidad, 1982.
- FREITAS, Marcos Cezar de; KUHLMANN JR., Moisés (Orgs.). **Os intelectuais na História da Infância**. São Paulo: Cortez, 2002.
- FARIA FILHOS, Luciano Mendes de; ARAÚJO, Vania Carvalho de (Orgs.). **História da educação e da assistência à infância no Brasil**. Vitória: EDUFES, 2011.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de; FERNANDES, Rogério (Orgs.). **Para a compreensão histórica da infância**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- FRANCO, Renato. **A piedade dos outros: O abandono de recém-nascidos em uma vila colonial, século XVIII**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.
- KULLMANN JR., Moisés. **Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 2015.
- LEITE, Miriam L. Moreira. A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **História Social da Infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2011, p. 19-52.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1997.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- MARÍN-DÍAZ, Dora Lilia; LEÓN-PALENCIA, Ana Cristina. **Infancia. Balanço de um campo discursivo**. Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional, 2018.
- MONARCHA, Carlos (Org.). **Educação da infância brasileira: 1875-1983**. Campinas: Autores Associados, 2001.

---

de la educación. In: GARMENDIA, Luis María Naya; BALSERA, Paulí Dávila. **La infancia en la historia: espacios y representaciones**. San Sebastián: Erein, 2005.

MONTEIRO, Alex Silva. **Anjos ou Hereges?** Infância e Inquisição Portuguesa na Época Moderna. Curitiba: Editora Prismas, 2014.

ROSEMBERG, Flúvia. Criança pequena e desigualdade social no Brasil. CONGRESSO DE EDUCAÇÃO INFANTIL – EDUCADORES DA INFÂNCIA. São Paulo: Sindicato de Educação Infantil, 2006.

SOUZA, Laura de Mello e. O Senado da Câmara e as crianças exposta. *In*: DEL PRIORE, Mary (org.). **História da criança no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1992.

WARDE, Mirian Jorge. Repensando os estudos sociais de história da infância no Brasil. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 21-39, 2007.

## Sobre Autoras e Autores

### **Andrea Gonçalves dos Santos**

Graduada em Bacharelado em Arquivologia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM – Santa Maria/RS) e Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel – Pelotas/RS). Especialista em Gestão em Arquivos pela Universidade Aberta do Brasil/Universidade Federal de Santa Maria (UAB/UFSM – São João do Polêsine/RS). Mestre em Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM – Santa Maria/RS) e doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel – Pelotas/RS). Integrante do Grupo de Pesquisa do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE/UFPel).

E-mail: *dea.goncalves.santos@gmail.com*

### **Chéli Nunes Meira**

Graduada em Bacharelado e Licenciatura em História pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel – Pelotas/RS). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel – Pelotas/RS). Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel – Pelotas/RS). Integrante do Grupo de Pesquisa do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE/UFPel).

E-mail: *cheli.meira@gmail.com*

### **Clarice Rego Magalhães**

Doutora em Ciências da Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE/UFPel). Pós-Graduada em Metodologia do Ensino na Educação Superior pela Uninter-Curitiba. Graduada em Artes Visuais – Pintura, Artes Visuais – Escultura e em Arquitetura e Urbanismo pela UFPel. Membro do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE) do PPGE/FaE/UFPEL. Professora do Curso de Artes Visuais – Licenciatura do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (CAV-LIC/CA/UFPEL).

E-mail: *maga.clarice@gmail.com*

### **Daiane Dala Zen**

Licenciada em História, especialista em Educação de Jovens e Adultos, mestra em História (PPGHIS) e doutoranda em Educação, bolsista CAPES/PROSUP modalidade II (PPGEdu) pela Universidade de Caxias do Sul – UCS. Integrante da coordenação do GT Estudos de Gênero da ANPUH RS (Gestão 2020-2022) e professora da rede pública municipal de Flores da Cunha.

E-mail: *ddzen@ucs.br*

### **Diogo Franco Rios**

Licenciado em Matemática pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Mestre e Doutor em Ensino, Filosofia e História das Ciências pelas Universidade Federal da Bahia e Universidade Estadual de Feira de Santana (UFBA/UEFS). Professor do Departamento de Educação Matemática do Instituto de Física e Matemática da Universidade Federal de Pelotas (IFM/UFPel), docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e da Licenciatura em Matemática, ambos da UFPel.

E-mail: *riosdf@hotmail.com*

### **Eliane Peres**

Professora Titular Aposentada da UFPel. Colaboradora do Programa de Pós-graduação (Mestrado e Doutorado) em Educação, PPGE, da Faculdade de Educação da UFPel. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Londrina (1989), Especialização em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (1992), Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1995) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (2000), com Estágio no Exterior (PDEE) na Universidade de Lisboa. Realizou estágio de pós-doutorado (com bolsa CAPES) na University of Illinois at Urbana-Champaign (USA) em 2011-2012. Foi Fulbright Visiting Professor na University of Texas at San Antonio, USA, em 2018. É líder do grupo de pesquisa HISALES (História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares, CNPq) desde 2006.

E-mail: *eteperes@gmail.com*

### **Elisabete Zardo Búrigo**

Licenciada em Matemática (UFRGS), Mestre em Educação (UFRGS) e Doutora em Educação (USP). Pós-doutorado no Service d'histoire de l'éducation de l'Institut national de recherche pédagogique, França. Professora Titular do Instituto de Matemática e Estatística da UFRGS, docente nos programas de pós-graduação em Educação e em Ensino de Matemática. Pesquisadora do GHEMAT Brasil – Grupo Associado de Estudos e Pesquisas sobre História da Educação Matemática.

E-mail: *00009949@ufrgs.br*

### **Elias Kruger Albrecht**

Possui graduação em História Licenciatura pela Universidade Federal de Pelotas (2017). Mestrado em Educação pelo Programa da Universidade Federal de Pelotas (2019). Especialização em Metodologia de Ensino de História pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci (2020). Doutorando em Educação pela UFPEL na Linha de Pesquisa Filosofia e História da Educação.

E-mail: *eliask.albrecht@gmail.com*

### **Estela Maris Reinhardt Piedras**

Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas, especialista em Desenho e Gráfica Computacional e em Formação Pedagógica de Docentes, mestre e doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas. Professora do Centro de Artes (UFPel). Integrante do Grupo de Pesquisa do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE/UFPel).

E-mail: *estelapiedras@hotmail.com*

### **Fernando Ripe**

Graduado em Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e em História pelo Centro Universitário de Maringá (Unicesumar). Especialista em Educação Matemática pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e doutor em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) com período sanduíche na Universidade de Lisboa (ULisboa). Docente na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (FaE/UFPel).

E-mail: *fernandoripe@yahoo.com.br*

### **Giana Lange do Amaral**

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com estágios pós-doutorais em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e pela Universidade de Lisboa (ULisboa). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2 no CNPq. Líder do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (Ceihe/UFPel).

E-mail: *gianalangedoamaral@gmail.com*

### **Jaqueline de Gaspari Piotrowski**

Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM – Santa Maria/RS). Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar – São Carlos/SP). Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel – Pelotas/RS). Integrante do Grupo de Pesquisa do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE/UFPel).

E-mail: *jaqueline.degaspari@gmail.com*

### **Jeane dos Santos Caldeira**

Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela universidade Federal de Pelotas (UFPel) e em História pelo Centro Universitário de Maringá (Unicesumar). Mestre e doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Atualmente é professora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de Pelotas.

E-mail: *jecal@yahoo.com.br*

### **Joseane Cruz Monks**

Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Educação (FaE) na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e doutoranda do mesmo programa. Docente dos Anos Iniciais da Rede Municipal de Ensino de Pelotas/RS. Integrante e pesquisadora do centro de memória e pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos livros escolares (Hisales).

E-mail: *joseanemonks@gmail.com*

### **José Edimar de Souza**

Historiador, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Mestre, Doutor com estágio de pós-doutorado pela mesma universidade. Pedagogo pelo Centro Universitário Claretiano, Geógrafo pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) e acadêmico do curso de bacharelado em Biblioteconomia pela mesma universidade. Especialista em Gestão da Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade FEEVALE; Especialista em Supervisão Escolar e em História do Brasil pela Faculdade Internacional Signorelli. Professor da área de Humanidade, do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Programa de Pós-Graduação em História da UCS. Vice-líder do grupo de pesquisa GRUPHEIM.

E-mail: *jesouza1@ucs.br*

### **Julia Tomedi Poletto**

Graduada em Pedagogia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Mestre em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Vice-diretora do Colégio Sagrado Coração de Jesus, de Bento Gonçalves/RS.

E-mail: *ju.t.poletto@gmail.com*

### **Karen Laiz Krause Romig**

Formada em Geografia (Licenciatura) pela Universidade Federal de Pelotas. Possui também graduação em Pedagogia e especialização em Metodologia de Ensino de Geografia e História. Mestra em Educação (UFPel) e atualmente é Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pelotas na Linha de pesquisa Filosofia e História da Educação/UFPel.

E-mail: *karenlaizromig@gmail.com*

### **Leonardo Capra**

Graduado em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Educação (FaE) na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Docente dos Anos Iniciais da Rede Municipal de Ensino de Pelotas/RS. Integrante e

pesquisador do centro de memória e pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos livros escolares (Hisales).

E-mail: *leonardocapral@hotmail.com*

### **Lisiane Sias Manke**

Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), mestre e doutora em Educação pelo PPGE da mesma universidade. Realizou estágio de pós-doutorado (com bolsa CAPES) no PPGE da Universidade Federal de Minas Gerais, em 2015-2016. É professora do Departamento de História e do PPGH da UFPel, coordena o Laboratório de Ensino de História (LEH/UFPel), é líder do Grupo de Pesquisa HEDUCA (História e Educação: textos, escritas e leituras).

E-mail: *lisianemanke@yahoo.com.br*

### **Lislaine Sirsi Cansi**

Graduada em Bacharelado e Licenciatura em Desenho e Plástica – Artes Visuais pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e em História pelo Centro Universitário de Maringá (Unicesumar). Especialista em Cultura e Criação – Artes Visuais pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC). Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas (PPGAV/UFPel) e doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (PPGE/UFPel). Integrante do Grupo de Pesquisa do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE/UFPel).

E-mail: *lislaine.art@gmail.com*

### **Liziane Nolasco Fonseca**

Graduada em Bacharelado em Artes Visuais – Habilitação em Pintura (UFPel), Formação Pedagógica em Arte, Educação Artística/Licenciatura (Claretiano). Especialização em Metodologia do Ensino de Arte (Uninter). Mestranda em Educação (UFPel). Integrante do Grupo de Pesquisa do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE/UFPel). Bolsista CAPES.

E-mail: *lizi.fonseca@gmail.com*

### **Lucas Costa Grimaldi**

Graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

E-mail: *lucasgrimaldi@gmail.com*

### **Lucas de Souza Pedroso**

Graduando em Licenciatura em História na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), atua como bolsista PBIP/UFPel de iniciação à pesquisa, membro do Grupo de



Pesquisa HEDUCA (História e Educação: textos, escritas e leituras) e do Laboratório de Ensino de História (LEH/UFPel).

E-mail: *lucas.souzapedroso@gmail.com*

### **Márcio Avila Barreto**

Na área da educação possui os seguintes títulos: Universidade Federal de Pelotas – UFPel – (2018) – Pedagogo – Licenciatura em Pedagogia; Instituto Federal Sulriograndense – IFSUL (2016) – Mestre – Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia (MPET). Doutorando do PPGE/FAE – UFPel Universidade Federal de Pelotas.

E-mail: *intergi11@gmail.com*

### **Marcos Luiz Hinterholz**

Graduado em Licenciatura Plena em História pelo Centro Universitário Metodista (IPA). Especialista em Rio Grande do Sul: História, Memória e Patrimônio pela Faculdade Porto-Alegrense (FAPA). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

E-mail: *hinterholz.marcos@gmail.com*

### **Maria Angela Peter da Fonseca**

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Doutorado e Pós-Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Pelotas. Membro do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE).

E-mail: *mpeterdafonseca@gmail.com*

### **Maria Stephanou**

Licenciada em História, Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FACED/UFRGS). Líder do SÉPIA UFRGS/CNPq.

E-mail: *mastephanou@gmail.com*

### **Patrícia Weiduschadt**

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e Doutorado em Educação pela Universidade do Vale dos Sinos. Professora efetiva do Departamento de Fundamentos da Educação da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Vice-líder do CEIHE (Centro de Estudos e Investigações em História da Educação).

E-mail: *prweidus@gmail.com*

### **Raquel Azambuja Santos**

Graduada em Artes Plásticas – Habilitação Gravura e Pintura pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Licenciada em Artes Plásticas – UFPel. Doutora e Mestre em Educação – UFPel. Integrante do Grupo de Pesquisa do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE/UFPel). Professora do Centro de Artes – UFPel.

E-mail: *raquel.ufpel@gmail.com*

### **Simone Gomes de Faria**

Formada em Letras/ URCAMP. Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade da Região da Campanha/ URCAMP. Especialista em Produção de Material Didático para a Diversidade no ano de 2013 pela Universidade Federal do Rio Grande/FURG e especialista em Rio Grande do Sul: Sociedade, Política e Cultura pela Universidade Federal do Rio Grande/ FURG em 2014. Mestre em História pela FURG. Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pelotas/ UFPel. Atualmente trabalha como professora estatutária de Língua Portuguesa na Prefeitura Municipal de Hulha e de Bagé.

E-mail: *simonegomesdefaria@gmail.com*

### **Simôni Costa Monteiro Gervasio**

Graduada em Bacharelado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo pela Universidade da Região da Campanha (Urcamp – Bagé/RS) e Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS – Bagé/RS). Especialista em Linguagem e Docência, e em Educação e Diversidade Cultural pela Universidade Federal do Pampa (Unipampa – Bagé/RS), e em Gestão em Orientação e Supervisão Escolar pela Faculdade Educacional da Lapa (FAEL – Lapa/PR). Mestre em Ensino pela Universidade Federal do Pampa (Unipampa – Bagé/RS) e doutoranda em educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel – Pelotas/RS). Integrante do Grupo de Pesquisa do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE/UFPel).

E-mail: *simone.cm87@gmail.com*

### **Tânia Nair Alvares Teixeira**

Graduada em Educação Física pela Escola Superior de Educação Física e em História pelo Centro Universitário de Maringá (Unicesumar). Técnica em Secretaria Escolar pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense. Especialista e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (PPGE/UFPel). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Integrante do Grupo de Pesquisa do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE/UFPel).

E-mail: *tanielvares@yahoo.com.br*

### **Tatiane de Freitas Ermel**

Tatiane de Freitas Ermel é licenciada e bacharel em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), mestre e doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGE/PUCRS), com período de doutorado sanduíche na Universidad Complutense de Madrid (UCM). Investigadora pós-doutoral contratada pela Universidad Complutense de Madrid (UCM).

E-mail: *tatiane.ermel@gmail.com*

### **Terciane Ângela Luchese**

Licenciada em História (UCS), mestre em História (PUC/RS), doutora em Educação (UNISINOS) e pós-doutorado pela Università degli Studi del Molise e Università degli Studi di Macerata. Professora na Universidade de Caxias do Sul, atua nos Programas de Pós-Graduação em Educação e Programa de Pós-Graduação em História. Pesquisadora PQ CNPq e Pesquisadora Gaúcha FAPERGS. Líder do Grupo de Pesquisa História da Educação, Imigração e Memória (GRUPHEIM).

E-mail: *tercianeluchese@gmail.com*

### **Vanessa Barrozo Teixeira Aquino**

Graduada em Museologia, Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Docente do Curso de Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FABICO/UFRGS). Vice-Líder do SÉPIA UFRGS/CNPq.

E-mail: *vanessa.barrozo@ufrgs.br*

### **Vania Grim Thies**

Pedagoga, Especialista em Alfabetização e Letramento, Mestra e Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas. Professora do Departamento de Ensino da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Vice-líder do grupo de pesquisa Hisales e coordenadora do centro de memória e pesquisa Hisales.

E-mail: *vaniagrim@gmail.com*

### **Zita Possamai**

Licenciada, Mestre e Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente do Curso de Museologia, do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Líder do GEMMUS UFRGS/CNPq.

E-mail: *zitapossamai@gmail.com*

Durante o ano de 2020, momento em que comemoraríamos os 25 anos de existência da Associação Sul-rio-grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE), fomos impetuosamente atingidos por uma doença infecciosa causada por um Coronavírus recentemente descoberto. Uma pandemia que provocou na população medo, ansiedade, insegurança e escancarou no país fragilidades sociais e de ordem econômica. Como forma de resistência, buscamos minimizar o distanciamento e isolamento, estreitando laços de amizade e de parcerias. Para isso, procuramos celebrar o vigor e maturidade desta Associação, criando uma coletânea de artigos produzidos por jovens e experientes pesquisadores associados à ASPHE. Composta por dois volumes, a obra *História da Educação no Rio Grande do Sul: 25 anos de ASPHE, entre memórias, trajetórias e perspectivas* pretende não somente enaltecer a iniciativa dos membros fundadores, como também dar visibilidade aos grupos e às linhas de pesquisas atuantes nos encontros e constituir um panorama das comunicações apresentadas ao longo destes 25 anos. Decerto, essa publicação se torna, desde já, uma contribuição para a historiografia da educação brasileira.



ISBN 978-65-5807-112-9

